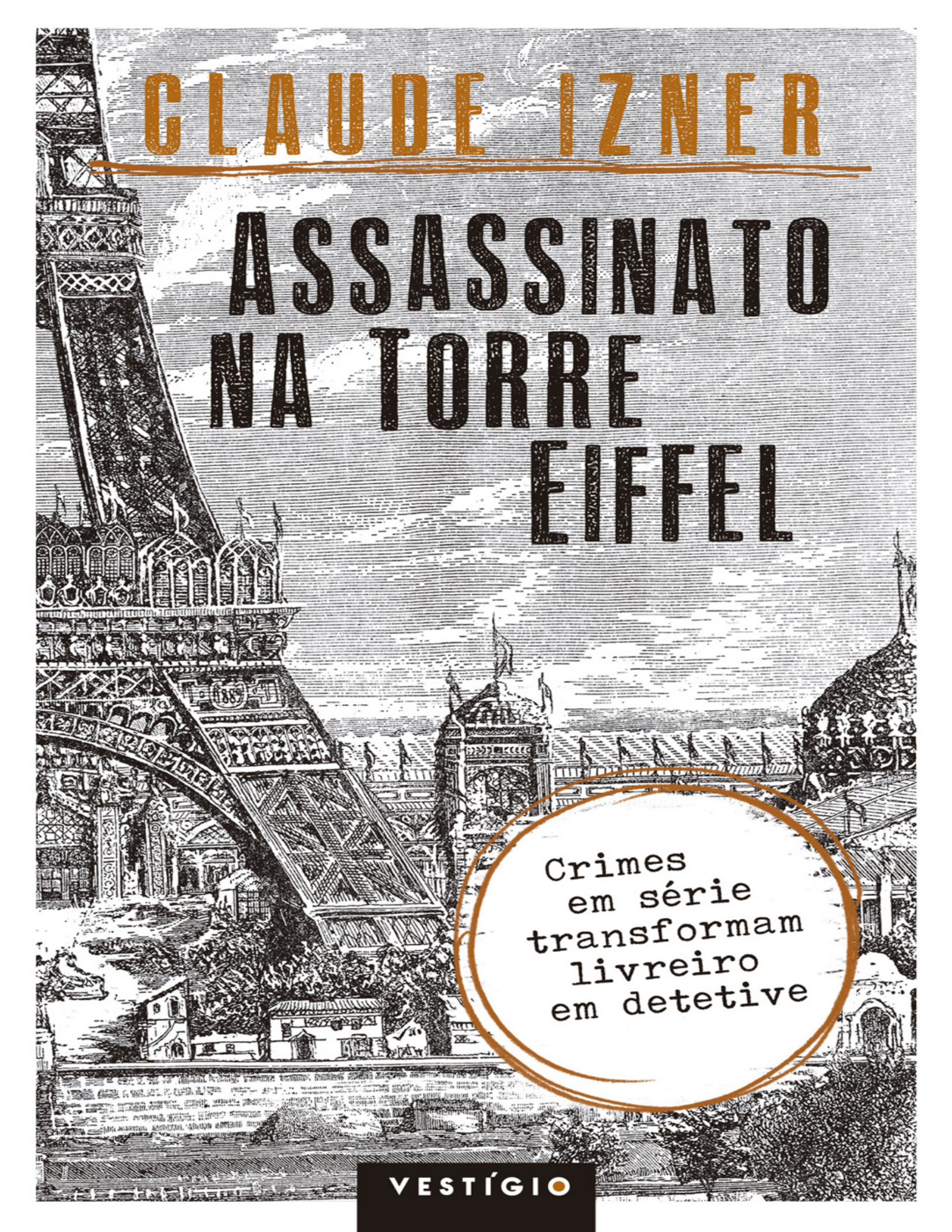




CLAUDE IZNER

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL

Crimes
em série
transformam
livreiro
em detetive

VESTÍGIO



CLAUDE IZNER

**ASSASSINATO
NA TORRE
EIFFEL**

Crimes em série transformam
livreiro em detetive

Tradução
Elisa Nazarian

VESTÍGIO

TÍTULOS DA VESTÍGIO

.....

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

Tradução: Fernando Scheibe

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Tradução: Salma Saad

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Tradução: Fernando Scheibe

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Tradução: Márcia Guimarães

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

Tradução: Elisa Nazarian

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Tradução: Vinicius Carneiro

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Tradução: Zéfere

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner

Crimes em série transformam livreiro em detetive

Tradução: Elisa Nazarian

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Alguns garotos nunca perdoam...

Tradução: Fernando Scheibe

Paris ergue sua torre
como uma grande girafa inquieta
sua torre
que, quando chega a noite,
teme os fantasmas.

Pierre Mac Orlan (*Tel était Paris*)

Para Etia e Maurice
Jaime e Bernard
Jonathan e David
Rachel

Prólogo

12 de maio de 1889

Nuvens de tempestade corriam sobre a estepe imprensada entre as fortificações e a estação de mercadorias de Batignolles. A vasta extensão de relva pestilenta exalava um cheiro de esgoto. Agrupados em torno das carroças de lixo doméstico, os catadores nivelavam, a golpes de gazuva, uma maré de detritos, levantando turbilhões de poeira. Ao longe, um trem avançava, parecendo crescer lentamente. Um bando de garotos precipitou-se pelos morros, gritando:

– Olhe lá! Búfalo Bill está chegando!

Jean Méring endireitou-se, pôs os punhos nas ancas e se inclinou para trás para aliviar as dores musculares. A colheita fora boa: uma cadeira de três pernas, um cavalo de balanço estripado, um guarda-chuva velho, uma dragona de soldado e um pedaço de bacia com filete de ouro. Virou-se para Henri Capus, um homenzinho magricelo, de barba desbotada.

– Vou ver os Peles-Vermelhas, você vem comigo? – perguntou, ajustando o cesto de vime nos ombros.

Pegou sua cadeira, passou pelos carros da agência Cook e se misturou aos curiosos amontoados nas cercanias da estação: operários, pequeno-burgueses, gente da alta sociedade vinda em fiacres.

Assobiando a todo vapor, uma locomotiva, puxando um comboio interminável, freou ao longo do *quai* em uma confusão de fumaça. Jean Méring viu parar diante dele um vagão coberto com lona, no qual cavalos nervosos, com a crina alvoroçada, pisoteavam. Homens de tez queimada, com chapéus de feltro amassados, índios de rosto pintado, coroados de plumas, se debruçavam nas portinholas. Houve um atropelo. Jean Méring levou rapidamente a mão à nuca: alguma coisa o havia picado. Com passo trôpego, escorregou de lado, titubeou e cambaleou contra uma mulher que o empurrou, chamando-o de bêbado. Suas pernas fraquejaram, a cadeira lhe escapou, ele dobrou os joelhos e caiu por terra,

arrastado pelo peso de seu cesto. Tentou levantar a cabeça, mas estava fraco demais. Ouviu a voz abafada de Henri Capus:

– O que aconteceu, meu velho? Fique firme, vou te ajudar. Qual é o problema?

Um estertor irrompeu de seus brônquios e ele conseguiu articular:

– Ab... a-belha.

Seus olhos lacrimejavam, a vista se embaralhava. Ficou espantado que seu um metro e setenta e três de carne e osso pudesse, em alguns minutos, ficar tão largado quanto um trapo. Já não sentia os membros, seus pulmões sofriam em busca de uma golfada de ar. Num último rasgo de lucidez, soube que estava prestes a morrer. Fez um último esforço para se agarrar à vida, desistiu de lutar, escorregou para o abismo, mais baixo... mais baixo... mais baixo. A última coisa que viu foi a flor desabrochada de um dente-de-leão entre o calçamento, amarela como o sol.

LE FIGARO, 13 DE MAIO DE 1889 (página 4)

MORTE SINGULAR DE UM TRAPEIRO

Um trapeiro da rua da Parcheminerie faleceu de uma picada de abelha. O acidente se deu ontem pela manhã, na estação dos Batignolles, quando da chegada a Paris do bando de Búfalo Bill. Os presentes tentaram, em vão, reanimar a vítima. A investigação revelou que se trata de Jean Méring, quarenta e dois anos, antigo membro da Comuna deportado para Nova Caledônia, tendo voltado a Paris após a anistia, em 1880.

Alguém amassou o jornal numa bola e o jogou numa cesta de papéis.

I

Quarta-feira, 22 de junho

Apertada num espartilho novo que estalava a cada passo, Eugénie Patinot descia a avenida dos Peupliers. Já se sentia cansada no início de um dia que prometia ser exaustivo. Importunada pelas crianças, tinha deixado de má vontade a frescura da varanda. Se seu porte chegava a transmitir a ilusão de uma imponente dignidade, por dentro era uma confusão: pulmões comprimidos, estômago contorcido, uma dor surda nos quadris e, ainda por cima, palpitações.

– Não corra, Marie-Amélie. Hector, pare de assobiar. É falta de educação.

– Tia, nós vamos perder o ônibus! Hector e eu vamos no andar de cima. Você pegou as entradas?

Eugénie parou, abriu a bolsinha e verificou se lá estavam as entradas compradas por seu cunhado alguns dias antes.

– Depressa, tia – apressou-a Marie-Amélie.

Eugénie lhe lançou um olhar sombrio. Aquela garota tinha o dom de deixá-la nervosa. Hector não era muito melhor, um galinho caprichoso. Só o mais velho, Gontran, era suportável, desde que ficasse calado.

Uma dezena de passageiros esperava na estação da rua de Auteuil. Eugénie reconheceu Louise Vergne, a arrumadeira dos Le Masson. Carregando uma cesta, levava roupa para a lavanderia, provavelmente a da rua Mirabeau. Sem o menor pudor, enxugava o rosto com a ajuda de um lenço tão grande quanto um lençol. Impossível evitá-la. Eugénie engoliu sua contrariedade. Aquela empregada a tratava de igual para igual, com uma familiaridade fora de propósito; no entanto, nunca teve coragem de colocá-la no devido lugar.

– Ah, madame Patinot, que mês de junho! De derreter.

Isso não te faria mal, murmurou Eugénie para si mesma.

– A senhora vai longe, madame Patinot?

– À exposição. Esses três diabos imploraram à minha irmã que os levasse até lá.

– Ah, pobrezinha, a senhora está cansada! Não tem medo? Todos aqueles estrangeiros...

– Eu queria ver o circo do Búfalo Bill, em Neuilly. Lá tem peles-vermelhas de verdade, que atiram flechas de verdade!

– Hector, basta! Ah, que bonito, ele colocou meias de dois pares, uma branca e uma cinza.

– Está chegando, tia, está chegando!

Puxado por três cavalos fleumáticos, o ônibus A parou ao longo da calçada. Hector e sua irmã correram para o andar de cima.

– Dá pra ver sua calçola – gritou Hector.

– Estou pouco ligando! Lá de cima é perfeito – retorquiu a menina.

Sentada junto de Gontran, que não saía de perto dela, Eugénie pensava que a gente passa os piores momentos da vida nos transportes públicos. Detestava se locomover, estar só, perdida, como uma folha morta flutuando ao sabor de qualquer vento.

– A senhora comprou uma roupa nova? – perguntou Louise Vergne.

A maldade da pergunta não escapou a Eugénie.

– Foi um presente da minha irmã – respondeu secamente, alisando a seda do vestido vermelho-vivo que a fazia parecer um salsichão de Lyon.

Deixou de contar que a irmã já a havia usado em duas estações, e acrescentou num som suave:

– Atenção, querida, vai perder seu ponto.

Depois de calar a boca da intrometida, abriu seu porta-moedas e fez as contas, satisfeita de ter preferido o ônibus ao fiacre. Aquela economia iria aumentar suas reservas; valia o sacrifício.

Louise Vergne levantou-se muito rígida, como uma governanta ofendida.

– Se eu fosse a senhora, esconderia a bolsa, parece que todos os ladrões de Londres emigraram para o Champ-de-Mars – disse, antes de descer.

Gontran a substituiu imediatamente:

– Sabia que foi preciso fabricar dezoito mil peças nos ateliês de Levallois-Perret, e que bastaram duzentos operários para montá-las no local? Foi previsto que ela desmoronaria depois de duzentos e vinte e oito metros, mas ela aguentou firme.

– Do que você está falando?

– Da torre, é claro!

– Endireite o corpo e asse o nariz, tem uma sujeira.

– Se quisessem transportá-la sobre rodas para outro lugar, seriam necessários dois mil cavalos – emendou Gontran esfregando o nariz.

Hector e Marie-Amélie desceram rapidamente do andar de cima.

– Chegamos, veja!

Erguida em direção ao céu, do outro lado do Sena, a torre cor de bronze de Gustave Eiffel lembrava um lampadário gigante, coroado de ouro.

Apavorada, Eugénie procurou um pretexto para não ter que subi-la. Sem encontrar nenhum, colocou a mão sobre o coração disparado.

– Se eu sobreviver – prometeu –, vou rezar cinquenta padre-nossos na Notre-Dame de Auteuil.

O ônibus parou em frente ao palácio do Trocadéro, uma enorme fábrica de gás ladeada por minaretes. Lá embaixo, além da faixa cinza do rio cruzado por barcos, estavam os cinco hectares da Exposição Universal.

Com os dedos crispados sobre a bolsa, os olhos fixos nas crianças, Eugénie deu início a sua descida aos infernos. Desceu rapidamente a colina de Chaillot, passou sem ver a mostra de frutas do planeta, os bonsais torturados do jardim japonês, a entrada escura da *Viagem ao Centro da Terra*. As barbatanas de seu espartilho lhe serravam as costas, seus pés pediam misericórdia, e ela prosseguia sem relaxar a aparência. Queria andar o mais rápido possível, chegar a um terreno plano...

Por fim, entregou as entradas e empurrou as crianças sob a tenda da ponte de Iéna.

– Ouçam-me bem – disse, enfatizando cada sílaba. – Se vocês se afastarem um centímetro, estou dizendo um centímetro, vamos embora.

Depois, mergulhou em pleno sabá. O mundo todo se acotovelava em meio aos quiosques multicoloridos. Um rio humano afluía: franceses, estrangeiros, negros, brancos, amarelos. Os menestréis de Leicester Square, com os rostos cobertos de fuligem, entretinham-nos na margem esquerda em um cortejo ritmado por banjos.

Com o coração naufragado, os ouvidos agredidos, Eugénie se aconchegava a Gontran, que se mostrava imperturbável diante de toda essa confusão.

A exposição parecia se jogar sobre eles de todas as direções. Sacudidos entre os vendedores ambulantes, os puxadores vietnamitas de riquixás, os condutores egípcios de burros, conseguiram se juntar à fila de espera em frente ao pilar sul da torre.

Renunciando a qualquer vontade, Eugénie olhava disfarçadamente e com inveja as moças elegantes confortavelmente instaladas em poltronas com rodas, puxadas por empregados de boné. *Era disso que eu precisava...*

– Tia, você viu?!

Levantando a cabeça, ela descobriu uma floresta de treliças e vigas de ferro, no meio das quais cintilava um elevador. Foi tomada por um irreprimível desejo de fugir com a maior rapidez, e para o mais longe que suas pernas cansadas suportassem. Através de uma muralha de algodão, percebeu a voz monocórdica de Gontran:

– ...Trezentos e um metros... levam diretamente ao décimo andar... quatro elevadores... Otis, Combaluzier...

Otis, Combaluzier. Esses nomes estranhos se materializaram repentinamente em projéteis-vagões de um romance de Júlio Verne, cujo título lhe escapava.

– Quem preferir subir os mil setecentos e dez degraus precisará de uma hora...

O título lhe voltou à memória: *Da Terra à Lua!* E se os cabos se soltassem...

– Tia, estou vendo um balão! Um balão de gás! Azul! Me dê um soldo, tia, um soldo!

Um tapa, isso sim!

Ela se controlou. Um parente pobre, hospedado por pura caridade, não pode liberar seus impulsos. Contra a vontade, entregou um soldo a Hector. Impassível, Gontran continuava a recitar o pequeno guia da exposição.

– ...em média, onze mil visitantes por dia, e a torre pode acolher dez mil pessoas ao mesmo...

Parou de repente, consciente do olhar gelado que lhe lançava o homem na frente deles, um japonês de meia-idade, muito elegante. O homem encarou-o sem piscar até que ele baixasse os olhos; depois, satisfeito, virou-se lentamente.

Ao chegar ao guichê, Eugénie experimentou tal sentimento de pânico que não conseguiu encadear duas palavras. Marie-Amélie afastou-a para o lado, ficou na ponta dos pés e pediu:

– Quatro entradas para a segunda plataforma, por favor.

– Por que tão alto? A primeira já seria suficiente – balbuciou Eugénie.

– Queremos assinar o Livro de Ouro no pavilhão do *Figaro*, esqueceu? Papai já fez isso. Ele quer ler nossos nomes no jornal. Pague, tia.

Empurrada para o fundo do elevador contra um japonês cuja expressão revelava um encantamento infantil, Eugénie se deixou cair sobre uma banquetela de madeira, encomendando a alma a Deus. Um anúncio visto no *Jornal da Moda*

monopolizava seu pensamento: “Falta de ferro, anemia, palidez? O ferro Bravais reconstitui o sangue das pessoas cansadas”.

– Bravais, Bravais, Bravais – entoava à meia-voz.

Um choque. Com o coração na boca, viu passarem as malhas vermelhas de um viveiro de aves. Foi o tempo de pensar: *Meu Deus, o que estou fazendo aqui?*, e o elevador parou no segundo andar, a 115,73 metros da terra firme.

Encostado na grade do primeiro andar da torre, Victor Legris observava o vaivém dos elevadores. Seu sócio havia marcado um encontro entre o restaurante flamengo e o bar anglo-americano. A galeria estava abarrotada; sentia-se vibrar uma corrente excitante, as mulheres soltando pequenos cacarejos nervosos, os homens se lançando em discussões animadas. Os que vinham pela segunda vez exibiam uma expressão *blasée*.

Os elevadores paravam, despejavam sua carga, carregavam, tornavam a partir. Uma procissão colorida se estendia ao longo das escadas.

Victor afrouxou o nó da gravata, desabotoou o colarinho. O sol batia forte, estava com sede. Com o chapéu na mão, entrou na loja de lembranças. Um balão azul roçou sua testa, uma voz ardida exclamou:

– Pois eu te digo que era um caubói! Ele assinou o Livro de Ouro atrás de nós, ele vem de Nova York!

Victor observou os dois meninos e a garotinha com o nariz grudado na vitrine.

– Isso é que é bonito! O broche com a torre Eiffel em cima, os leques e os lenços bordados...

– Por que você nunca acredita em mim? – gritou o pequeno com o balão. – Tenho certeza que ele faz parte do grupo do Búfalo Bill!

– Estou cheio do Búfalo Bill! Melhor admirar aquilo lá.

O mais velho dos meninos apontava para o horizonte.

– Podemos ver Chartres, perceberam? Cento e vinte quilômetros. Lá estão as torres de Notre-Dame, as do Saint-Sulpice. E depois o domo do Panthéon, o Val-de-Grâce... É impressionante, somos gigantes, como no *Gulliver*!

– O que são aqueles grandes ovos cozidos?

– O Observatório. Ao fundo, Montmartre, onde construíram a basílica.

– Parece um pedaço de pedra-pomes – resmungou o pequeno. – Diga, Gontran, se eu soltar meu balão, ele vai até a América?

Eu adoraria ter a idade deles, seu entusiasmo, pensou Victor. Mesmo que vivam mais cinquenta anos, jamais vão conhecer excitação maior.

Percebeu seu reflexo na vitrine da loja: um homem de estatura mediana magro, na faixa dos trinta anos, rosto atormentado, bigode espesso.

Aquele sou eu? Por que estou com um ar tão desanimado?

Aproximou-se da grade, deu uma olhada lá embaixo, no formigueiro que se dispersava em torno do Palácio das Belas- Artes, se espremia pela rua do Caire, subia precipitadamente no trenzinho Decauville, se aglutinava perante o imenso Palácio da Indústria. Bruscamente, sentiu-se mergulhado num meio hostil.

– Tia, guarde o meu balão.

Grudada a seu banco como uma concha num rochedo, Eugénie Patinot evitava se mexer. Deixou que Hector amarrasse o cordão do balão no seu pulso sem protestar. Uma leve brisa agitava os festões das bandeiras do restaurante flamengo, acentuando sua tontura. Um fragmento de uma canção lhe veio à memória:

*A doce vertigem do amor
às vezes sopra sobre nossos velhos dias...*

Sentiu-se invadida pela náusea.

– Marie-Amélie, fique perto de mim.

– Ah, isso não é justo! Os meninos...

– Obedeça.

Essa espera interminável sobre a segunda plataforma, enquanto os signatários do Livro de Ouro se acotovelavam, a tinha deixado aniquilada. Com as faces congestionadas, as mãos trêmulas, ela se perguntava onde encontraria coragem para suportar o elevador pela terceira vez. Deu uma arrumada desajeitada em uma mecha grisalha que lhe escapava do chapéu.

Alguém se sentou perto dela, levantou-se, tropeçou e apoiou-se pesadamente sobre seu ombro sem pedir desculpas. Ela soltou um gritinho: alguma coisa a tinha picado na altura do pescoço. Uma abelha? Com certeza, era uma abelha! Agitou os braços com repulsa, deu um pulinho, perdeu o equilíbrio, suas pernas se recusavam a carregá-la. Conseguiu voltar ao banco. Um entorpecimento apoderou-se lentamente de seus membros, sentiu dificuldade para respirar. Deixou-se tombar sobre a divisória da galeria. Queria dormir. Esquecer o medo, o cansaço. No limite da inconsciência, lembrou-se de uma frase dita pelo padre após a morte de seu filho: “A vida aqui embaixo não passa de uma espécie de prelúdio, isso está escrito na Bíblia, e a Bíblia é o livro de Deus”. Viu Marie-

Amélie se afastar, se perder na confusão; não teve forças para chamá-la, algo lhe pesava sobre o peito. Diante de seus olhos lacrimejantes, a multidão se escoava em uma roda indolente que se fechava sobre ela, mais perto, sempre mais perto...

Na entrada do bar anglo-americano, Victor se abanava com o chapéu, esperando avistar seu amigo Marius Bonnet entre o mosaico de sobrecasacas escuras e os vestidos claros. Alguém lhe deu um tapinha no ombro, e ele se virou para um homenzinho gorducho, próximo dos quarenta, que disfarçava uma calvície avançada sob um chapéu-panamá inclinado na orelha.

– Marius, você perdeu a cabeça? Por que escolheu um lugar desses? Em nome de quê? Não entendi nada do seu recado.

– Pare de reclamar. O mundo visto do alto parece ridículo, isso fortalece. Onde está seu sócio?

– Vai chegar. Agora responda: do que se trata?

– Estamos comemorando o 50º número do meu jornal. Ele nasceu no dia 4 de maio, véspera da celebração do centenário de abertura da Assembleia dos Estados Gerais em Versalhes. Eu me contento com uma torre de trezentos metros e faço questão que você esteja na festa.

– Você não é mais repórter do *Temps*?

– Larguei o *Le Temps*. Aconteceram coisas desde minha última visita à livraria! Você esqueceu nossa discussão?

– Tenho que confessar que não levei seu projeto a sério.

– Ah, bom, meu velho, você vai ficar espantado. Se eu resolvi agir, seu sócio tem parte nisso.

– Kenji?

– É. O senhor Mori me irritou com suas caçoadas sobre minha hesitação. Dei o grande passo: você tem à sua frente o diretor e redator-chefe do *Passe-Partout*, um jornal diário cheio de futuro. Aliás, tenho uma proposta excelente para lhe fazer.

Victor considerou, cético, o rosto rechonchudo de Marius. Tinha conhecido o jornalista na casa do pintor Meissonier¹, alguns anos antes, e se deixara seduzir pela eloquência desse entusiasmo meridional. Marius possuía um senso inato para a réplica, entremeava seu discurso com citações literárias, encantava homens e mulheres com sua candura fingida, mas poderia se mostrar tão afiado quanto uma navalha, não hesitando jamais em dizer publicamente o que cada um guardava para si.

– Venha, você vai conhecer minha equipe. Somos em pequeno número, o jornal está longe de se igualar aos oitenta mil exemplares do *Figaro*, mas Alexandre, o Grande, era pequeno em tamanho.

Abriram passagem até uma mesa onde dois homens e duas mulheres bebiam.

– Queridos, aqui está Victor Legris, o amigo livreiro de quem falei a vocês. Um erudito, sua colaboração será preciosa para nós. Victor, apresento-lhe a senhorita Eudoxie Allard, secretária preciosa, contadora, coordenadora e bode expiatório.

Eudoxie Allard, uma morena lânguida de pálpebras pesadas, avaliou-o da cabeça aos pés, considerou que ele não representava mais do que um interesse limitado, restrito ao âmbito profissional, e lhe dirigiu um sorriso nem lá, nem cá.

– Este grande cara, vestido como um dândi, é Antonin Clusel, um ás da informação! – emendou Marius. – Aliás, você já o conhece, estive com ele na livraria. Não larga o osso de jeito nenhum.

Victor notou um jovem cordial, de cabelos ruços, cujo nariz tinha a particularidade de se desviar para a esquerda. Perto dele, um sujeito grande, desiludido, contemplava seu copo com uns olhos redondos.

– À sua direita, Isidore Gouvier, desertor da central de polícia. Os meios mais fechados não são nenhum mistério para ele. Enfim, a senhorita Tasha Kherson, compatriota de Turgueniev, nossa ilustradora e caricaturista.

Victor cumprimentou as pessoas, mas só guardou o primeiro nome da ilustradora, Tasha, cabeleira ruiva recolhida num coque sob um chapeuzinho enfeitado de margaridas, rosto bonito, sem maquiagem. Ela o observou com delicadeza. Uma onda de calor percorreu-o. Esforçou-se para acompanhar a conversa de Marius, mas cada movimento esboçado pela jovem desviava sua atenção.

Tasha o observava furtivamente. Tinha a vaga sensação de conhecê-lo. Ele dava a impressão de estar na defensiva, reservado, mas nem sua voz, nem suas maneiras demonstravam timidez. Onde é que já tinha visto aquela figura?

– Pronto, aí está o senhor Kenji Mori, enfim! – exclamou Marius.

Victor levantou-se. Repentinamente, Tasha se lembrou: ele lembrava um personagem pintado por Le Nain.

– Por aqui, senhor Mori!

O recém-chegado, muito à vontade, inclinou-se, enquanto Marius se encarregava novamente das apresentações. Ao chegar a vez de Eudoxie e de Tasha, Kenji Mori tirou seu chapéu-coco e beijou a mão delas.

Fez-se um instante de silêncio. Marius perguntou se gostava de champanhe. Kenji Mori respondeu que aquela bebida borbulhante não podia competir com o saquê, mas que ali ele aceitaria.

Eudoxie Allard, subjugada pela atração viril daquele asiático de educação requintada, reviu rapidamente suas ideias preconcebidas. Os outros pareciam esperar alguma coisa, alguma coisa que viesse de Kenji Mori. À sua revelia, ele acabava de romper o equilíbrio do grupo.

– O sócio de meu amigo Victor, senhor Mori, é japonês – anunciou Marius em triunfo.

Victor notou o sorriso imperceptível de Tasha. Os olhos dos dois se encontraram e ela notou a mudança nos dele. *Ele gosta de mim*, pensou. Teve vontade de desenhar seu rosto: *A boca é interessante, sensual...*

Eudoxie, inclinada na direção de Kenji Mori, perguntou:

– O senhor visitou o pavilhão japonês?

– Não gosto das japonices fabricadas em série para terminar em um bazar – ele respondeu, sem deixar a amabilidade de lado.

– No entanto, há belíssimas peças expostas – observou Tasha. – Particularmente as gravuras...

– No Ocidente, poucos amadores compreendem essa arte pictórica. Não passam de imagens bonitas e exóticas com as quais se decoram os salões Henri II. Vocês se atravancam com tal quantidade de objetos, que acabam por não reparar mais neles.

Tasha protestou com energia:

– O senhor está enganado! Por que é que coloca todo mundo no mesmo saco? Tive a chance de ver a exposição de gravuras japonesas organizada pelos irmãos Van Gogh. *A Onda*, de Hokusai, me impressionou muitíssimo.

– Em matéria de impressão, daria para se imaginar no tombadilho de um transatlântico – deixou escapar Isidore Gouvier, num tom sinistro. – Só o que falta é um bom vagalhão para pôr abaixo esta torre avermelhada onde vocês me obrigaram a subir.

Eles riram.

– Não critique a torre do senhor Eiffel. Trata-se da apoteose técnica de nosso século XIX – decretou Kenji Mori. – Saibam que estas sete mil toneladas de ferro não pesam mais sobre o solo do que um muro de dez metros de altura.

– Principalmente se esse muro for tão extenso quanto a muralha da China – retorquiu Tasha.

Fez-se silêncio. Victor analisou a bela ruiva. Vinte e dois, vinte e três anos, não mais. Possuía uma autoconfiança que a tornava provocante. Sentiu seu coração se acelerar e depois retomar o ritmo normal.

Antonin Clusel levantou-se, murmurando:

– Vou fumar na galeria.

Marius pigarreou para limpar a garganta:

– Queridos, brindemos ao futuro próspero do *Passe-Partout*, e a seu novo cronista literário, Victor Legris.

– Ei, alto lá, isso é uma armadilha. Eu preciso pensar! – exclamou Victor, rindo.

– Chefe! Uma urgência!

As cabeças se voltaram para Antonin Clusel.

– O que houve?

– Lá fora, uma mulher. Está morta.

Marius levantou-se de um pulo.

– Ao trabalho, gente. Tasha, quero dois croquis, rápido. Eudoxie, vá para o jornal, vamos fazer uma edição especial. Rápido, rápido! Você, Isidore, vá para a central. Trate de saber as causas exatas da morte. Antonin, venha comigo.

Dirigiu-se a seus convidados:

– Senhor Mori, Victor, sinto muito, a informação não espera. Pense na minha proposta! – disse ele antes de se precipitar para fora.

O elevador do pilar sul estava preso no andar. Marius Bonnet, Antonin Clusel, e Tasha Kherson atravessaram a cotoveladas a muralha humana formada por curiosos e chegaram ao banco onde jazia o corpo de uma mulher de vestido vermelho, boca aberta, pele arroxeadada. Suas pupilas dilatadas fixavam um balão azul que flutuava na extremidade de um fio enrolado no seu pulso. Movida por uma força que lhe ditava os gestos, Tasha tirou um bloco da bolsa e traçou um rápido esboço da cena: a morta, seu chapéu caído no chão, as fisionomias entristecidas e ávidas dos curiosos amontoados ao redor dela.

– Alguém notou alguma coisa? – perguntou Marius.

– O senhor é da polícia?

– Sou jornalista.

– Eu estava lá! – exclamou uma mulher simpática. – Veja que infelicidade, a morte por quarenta soldos! Muito caro, senhor, dois francos para subir no primeiro andar desta torre, principalmente porque aqui não é muito mais alto do que o topo da Notre-Dame. Quando a gente soma ao preço da entrada da

exposição, dá cem soldos, um dia de trabalho. Agora, se for pra terminar desse jeito...

– Seu nome?

Marius segurava uma agenda.

– Simone Langlois, costureira. Observei esta senhora, quando passava. Tinha um ar sofredor, eu também sou sujeita a tonturas. Pensei que não devia ser muito grave. Além disso, os filhos estavam perto dela.

– Os filhos?

– É. Os dois meninos e a garota, lá. O menorzinho lhe havia entregado um balão para tomar conta. Eu tinha entrado nesta loja de lembranças só pra dar uma olhada. É bonita, mas é cara.

– São aqueles?

Marius mostrou três crianças grudadas umas nas outras. Simone Langlois levantou o queixo.

– Quando saí, a mulher estava adormecida. A filhinha a sacudia, choramingando: “Vamos embora agora, estou com fome, quero uma maçã do amor”. A cabeça da mulher sacolejava pra direita, pra esquerda...

A costureira falava com gestos teatrais, visivelmente excitada por ser alvo da assistência.

– Eu me aproximei, podia ser que ela estivesse doente de verdade. Foi só encostar nela, ela desmoronou, caiu como uma pedra, uma verdadeira boneca de serragem. Acho mesmo que gritei. Uns senhores acudiram, a endireitaram. Quando vi seu rosto, pensei que fosse desmaiar.

Antonin Clusel estava agachado, à altura das crianças. A garotinha choramingava em silêncio.

– Quero a mamãe... Mamãe!

– Onde você mora?

– Na avenida dos Peupliers, em Auteuil... Ela foi picada por uma abelha.

– Uma abelha? Tem certeza?

– Tenho, ela soltou um “Ai!” e disse: “Uma abelha, ela me picou”.

– Como é que você se chama?

– Marie-Amélie de Nanteuil, quero voltar para casa.

– Vocês são irmãos? – perguntou Antonin ao menino mais velho.

– Sim, senhor.

– Vamos avisar seu pai.

– Não, ele trabalha no ministério. Precisa avisar a mamãe.

Antonin lançou um olhar pasmo para o cadáver. Marius veio em seu socorro.

– Aquela senhora não é sua mãe? É sua governante?

– É nossa tia Eugénie, ela mora com a gente.

– Eugénie de Nanteuil?

– Eugénie Patinot, é... era irmã de mamãe – gaguejou Gontran, cujos olhos se embaçaram.

– Afastem-se! Abram espaço!

Houve um rebuliço, exclamações. Um inspetor de polícia, seguido por dois padioleiros, abriu caminho no ajuntamento.

– Tenho o endereço, chefe – murmurou Antonin, que tinha acabado de interrogar Hector.

– Pegue um fiacre, interrogue a família, os empregados, o cachorro! Quero saber tudo sobre a vítima, seu passado, suas relações, a cor de sua anágua, mexa-se para ter um material bem farto! Desta vez, *Le Matin* não vai ser o primeiro a ser informado! Vamos, voe!

Debruçados sobre o terraço do bar anglo-americano, Victor e Kenji observavam os padioleiros, mais abaixo, levando o corpo de uma mulher de vermelho.

– Estou com medo de a gente ter que descer a pé – comentou Kenji.

Surpreendeu Victor inclinado sobre a balaustrada, subjugado pela impertinente ruivinha que discutia com Marius Bonnet.

– Vamos, aproveitemos o fato de não haver muita gente na escada – disse, impaciente. – Não me incomoda que a reunião tenha terminado antes da hora. A desenhista não tem educação, e seu amigo jornalista é um manipulador. Você vai mesmo aceitar fazer a crônica literária?

– Não sei de nada – respondeu Victor, distraído. – Você fica aborrecido se eu ficar aqui mais um pouco?

– Na torre? Está seduzido por sua arquitetura?

– Não, não, na exposição. Tem uma seção de fotografia no Palácio das Artes Liberais. Gostaria de ver os últimos modelos de máquinas.

Ladearam o restaurante francês e pegaram a escada. À sua frente, um pai de família ensinava à prole o método ascensionista preconizado por Gustave Eiffel.

– Lentamente, crianças, com a mão colocada sobre a rampa, isso. Agora balancem o tronco para um lado, depois para o outro, não tenham pressa.

– Perdão, perdão, me desculpe – disse Kenji, acrescentando entre dentes para Victor: – Tem gente que não bate bem! Alguns sobem de joelhos, outros de pernas de pau ou de costas.

Quando chegaram ao térreo, os policiais afastavam os curiosos para abrir caminho para os padioleiros, que saíam do elevador. Victor teve tempo de perceber uns dedos sobressaindo de um lençol jogado sobre o corpo.

– Vou voltar para a livraria – disse Kenji. Não gosto muito de deixar Joseph entregue a si mesmo. Sabe como ele apelidou a condessa de Salignac? A mocreia. Uma de nossas melhores clientes!

– Aquela que só acredita na Zénaide Fleuriot?²

Atravessaram o jardim clássico que se estendia ao pé da torre, cheio de cascatas e bosques.

Victor levantou a cabeça. Um ponto de exclamação ao contrário vagueava em direção ao Palácio da Indústria: o balão azul.

– Kenji, um minuto! Você esqueceu?

– Esqueci o quê?

– A data. Hoje é dia 22 de junho. Tome, é pra você.

Com ar misterioso, Victor lhe estendeu um pacotinho. Surpreso, Kenji desamarrou o cordão dourado, e o papel de seda lhe revelou um relógio de bolso.

– Foi minha mãe quem me deu – continuou Victor, – pertenceu a meu pai, agora é seu. Feliz aniversário.

Eu tinha esperança de que você não se lembrasse disso – disse Kenji rindo. – Cinquenta anos, já pensou nisso?!

Voltou-se para contemplar o relógio, incapaz de falar.

– Obrigado – murmurou, por fim.

Enfiou o relógio no colete e foi embora apressado, sem notar que um papel havia caído de seu bolso.

– Ei, Kenji, você perdeu...

Já estava longe. Victor sorriu. Kenji não mudava: sempre que se emocionava, preferia fugir. Abaixou-se para pegar um jornal de pequeno formato, impresso em quatro páginas.

Exposição Universal 1889

LE FIGARO

Edição especial impressa na Torre Eiffel

*Este número foi confiado ao senhor Kenji Mori,
como lembrança de sua visita ao Pavilhão
do Figaro, na segunda plataforma
da torre Eiffel, a 115,73 metros
acima do solo do Champ-de-Mars.*

Paris, 22 de junho de 1889.

Victor não pôde reprimir um sorriso. Era por isso que Kenji tinha chegado atrasado ao bar anglo-americano. Arrumou o jornal com cuidado. Daria um jeito de deixá-lo discretamente na casa de Kenji. Não valia a pena seu amigo saber que seu segredinho fora descoberto.

Dirigiu-se para os pavilhões da América Central, contornou as plantações exóticas da Bolívia e do Chile. Uma inglesa magricela, membro da Temperance Union, colou nele e o intimou a comprar uma brochura que estigmatizava o álcool, veneno dos hereges. Mal conseguiu se safar, um homem-sanduíche lhe colocou nas mãos um prospecto anunciando “O grande desfile do coronel Cody, o célebre Búfalo Bill”. Carregado de papéis, Victor transpôs o suntuoso vestíbulo do Palácio das Artes Liberais e se perdeu em um labirinto de salas, à procura da famosa máquina Kodak de George Eastman³.

“*Você aperta o botão e a Kodak faz o resto*” – esse reclame foi um achado, – dizia ele consigo mesmo ao descer uma escada, quando deu de cara com o horror: escapelos, lancetas, trocartes, fórceps, aparelhos acústicos. *A saída, rápido!* Investiu de cabeça baixa a fim de não ver as pranchas realistas que ilustravam os malefícios da morfinomania. Apareceu uma saída, enveredou por ela e se viu cercado de moldes anatômicos de uma precisão terrível. Precipitou-se para a rotunda central e parou bruscamente: tinha acabado de reconhecer a desenhista russa do *Passe-Partout*, com um caderninho na mão e luvas de renda. Seu pulso se acelerou. Que energia! Aquela mulherzinha de saia cinza perolado e casaquinho acinturado parecia querer tomar a vida nos dentes e na ponta do lápis.

– Estou perdido – ele confessou.

– Eu também. Queria admirar a maquete do grande templo de Ava consagrado a Buda, e me vi na seção de próteses. Você viu? – ela perguntou, rindo.

– Quem? Buda?

– Não, o feto de duas cabeças! Salve-se quem puder!

– Sorvete! Sorvete! Sorvete de baunilha!

– Aceita um? – perguntou ele. – Para refazer as emoções.

– Tenho que trabalhar e... queria ver a rua do Cairo.

– Então, é preciso um sorvete duplo. Faz calor no país das pirâmides.

Ao longo da avenida de Suffren, enfileiravam-se um pavilhão chinês, um restaurante romeno, um isbá. Atravessaram o bairro marroquino e, sem transição, se viram no coração do bazar egípcio.

– Esta maneira de percorrer o planeta é um pouco abrupta – disse Victor, que, mesmo com a agitação ambiente não conseguia se distrair de seu interesse por Tasha.

Ela mal lhe chegava aos ombros, e às vezes precisava acelerar o passo para ficar perto dele. Os dois enveredaram por entre os jumentos reunidos debaixo das sacadas com muxarabiês. Parando, de repente, diante de uma exposição de cigarros do Khédive, Tasha tirou um caderninho e um lápis. Debruçado sobre ela, Victor viu o esboço de um corpo alongado sobre um banco, perto do qual havia três crianças de feições contraídas.

– O que é isto? – perguntou, com o olhar atraído pela curva da face dela.

Ela fechou energicamente o caderninho, com uma expressão preocupada.

– Aquela mulher, lá na torre... Morrer durante uma festa... Tenho que ir.

– Posso levar a senhorita? Eu também estou indo.

– Onde é que fica a sua loja?

– Na rua dos Saints-Pères, número 18. É fácil de achar. Tem uma placa: “Elzévir, livraria antiga e moderna”.

– Vou para o lado oposto, rua Notre-Dame-de-Lorette.

– Vem a calhar. Tenho um encontro no boulevard Haussmann – ele comentou precipitadamente.

Ela lhe lançou um olhar divertido e concordou, depois de fingir hesitação.

Victor tinha chamado um fiacre na avenida de Suffren. Sentados lado a lado, permaneceram em silêncio. Victor sentia-se constrangido: aquela moça era tão diferente das mulheres que conhecia! Seria compreensível se não conseguisse fazer com que ela falasse.

– Há quanto tempo a senhorita está em Paris?

– Logo fará dois anos.

– Gosto do seu sotaque cantado, tem um sabor do Midi.

Ela virou a cabeça, pretexto para detalhar o perfil de Victor, e esperou um pouco antes de responder, forçando seu leve sotaque de propósito.

– “Ah, a senhorita é de Odessa”, dizem em Moscou, assim como dizem, em Paris: “Ela é de Marselha!”.

Ele pareceu desconcertado, mas logo continuou:

– Odessa, Crimeia, Pequena Rússia, porto no mar Negro, cidade cosmopolita celebrada por Pushkin. O duque de Richelieu, descendente do famoso cardeal, foi seu governante no começo deste século. Ele tem uma estátua lá, estou enganado?

– Não, está certo. Ele reina numa roupa ridícula de romano no alto dos cento e noventa e dois degraus da escada que liga o porto à cidade alta. Marius tem razão, o senhor é um poço de cultura, senhor Legris – constatou impassível.

Ele disse com ar modesto:

– Respeite os eruditos. Eu me contento em ler as narrativas de viagem que me caem nas mãos. A senhorita mesmo domina perfeitamente as sutilezas da língua de Molière. Teria tido uma governante francesa?

Ela caiu na risada.

– Minha mãe é de família de comerciantes franceses, meu pai é filho de colonos alemães. Aprendi de berço a fazer malabarismo com essas duas línguas.

– Faz tempo que a senhorita trabalha para o Marius?

– Três meses. Consegui convencer o senhor Bonnet de que tenho o dom da caricatura.

– Quer me mostrar? – perguntou ele, estendendo-lhe o prospecto de Búfalo Bill.

– Com prazer. Não gosto dele.

Com alguns traços a lápis, ela transformou o janota coronel Cody em um picador de opereta, cavalgando um pangaré, apontando um fuzil com baioneta para um bisão implorando clemência.

– Nossa! A senhorita acabou com ele! – exclamou Victor, escandalizado.

Como ele não fazia menção de retomar o prospecto, ela o colocou na bolsa, constatando:

– Foi um prazer. Acho esse carniceiro muito antipático. Sabia que em 1862 existiam cerca de nove milhões de bisões entre o Missouri e as Montanhas Rochosas? Desapareceram completamente. Também havia perto de duzentos mil Sioux, cujos sobreviventes estão recolhidos nas reservas.

– Talvez eu seja idiota – disse Victor, ansioso por mudar de conversa –, mas tenho dificuldade em entender o interesse por ilustrar romances. Isso duplica o texto.

– Um bom desenho, às vezes, diz mais do que um capítulo inteiro. Agora estou ilustrando uma adaptação francesa das tragédias de Shakespeare. Estou atrás de modelos para as bruxas de Macbeth. A exposição de cirurgia não me inspirou muito – ela disse, rindo.

– A senhorita deveria consultar *Os Caprichos* de Goya.

– O senhor tem?

– A primeira edição, um *in-quarto* soberbo, com oitenta pranchas, sem uma manchinha – ele murmurou, lançando-lhe um olhar enfático. Tinha acabado de perceber o volume dos seus seios sob o corpete branco. Ela se afastou um pouco.

– Pertence a meu amigo Kenji – retomou ele, recompondo-se.

– O senhor japonês de opiniões decididas?

– Seja indulgente. A moda do japonismo lhe dá nos nervos.

– Parece que o senhor gosta muito dele.

– Ele me criou. Perdi meu pai aos oito anos. Vivíamos em Londres. Sem a dedicação de Kenji, minha mãe jamais teria se saído bem. Ela não entendia nada de negócios.

– Isso faz muito tempo?

Aquilo era uma estratégia para ficar sabendo a idade dele?

– Vinte e um anos.

– Entendo...

Ela retornou ao mutismo.

– Quando é que a senhorita virá à livraria? – ele perguntou, num tom desenvolto.

– Tenho que me organizar. Meu emprego me toma muito tempo.

Ele franziu o cenho. Um homem? Talvez vários. Com aquele tipo de mulher era difícil saber.

– A senhorita é muito ocupada – constatou ele, fingindo um interesse súbito pela pavimentação de madeira do bulevar dos Capucines.

– Eu me vendo pra sobreviver.

Ele teve um sobressalto.

– Raramente a gente se nutre com aquilo que satisfaz o espírito. *Le Passe-Partout* e a ilustração de livros me permitem pagar minhas refeições e o aluguel.

– E o que satisfaz seu espírito?

– A pintura. Meu pai me iniciou muito jovem na gravura de talho doce e na água-tinta. Minha mãe, na aquarela e no desenho. Eles dirigiam uma escola de arte, eram verdadeiros artistas. Meu pai pintava e...

Ela sacudiu a cabeça.

– Vamos deixar que o passado enterre o passado. A única coisa que tem valor, para mim, é a criatividade. Não sei se tenho talento, não sei se o que faço tem a chance de tocar alguém, mas não posso deixar de pintar, tanto quanto um

alcoólatra não pode deixar de beber. É isso que me interessa, o objetivo é secundário.

– Com certeza – concordou Victor, que não tinha certeza de ter compreendido.

Sua namorada, Odette, o inebriava com suas férias em Houlgate, suas últimas toaletes, suas fofocas mundanas. Repentinamente, ele se sentiu infeliz por ter uma companheira tão insípida, que não se parecia em nada com essa moça!

– E o senhor?

– Eu?

– O senhor tem alguma paixão?

– Amo os livros e... a fotografia. Comprei uma Acmé em Londres, no último inverno. É uma câmera escura minúscula, manual, também chamada de câmera detetive, e eu... Ah, estou te aborrecendo.

– Não, não, juro que não, não é por ser mulher que a técnica me é incompreensível.

– Perfeito. Então, vou falar sobre as placas de gelatina e brometo, que logo serão superadas pela película maleável de celuloide.

A consternação dela o fez rir.

– Está vendo?

– Não vejo coisa nenhuma.

Será que a tinha deixado envergonhada? Quis se recuperar.

– Assim como o seu, meu passatempo comporta certa dose de teoria, mas depois que a gente assimila os termos princi...

– Não se trata de um passatempo – ela o interrompeu secamente.

– Como?

– A pintura. Não se trata de um passatempo. Quando pinto, me sinto viva, percebo cada parcela de mim mesma. Não tem nada a ver com... bordar uma toalhinha!

Ela se recostou contra o vidro da janela. Ele queria se esbofetear.

– A senhorita está zangada? Desculpe, fui um idiota.

Ela fez um esforço para se virar para ele e esboçar um sorriso.

– Estou cansada agora, com os nervos à flor da pele.

Preso no meio de um engarrafamento no bulevar de Clichy, o fiacre ficou um bom tempo parado.

– Vou descer aqui. Está bem perto de casa. Até logo! – despejou ela, abrindo bruscamente a porta.

– Espere!

Não conseguiu detê-la; já tinha saltado para a rua. O cocheiro de outro fiacre a xingou, estalando o chicote. Victor se apressou em pagar a corrida e seguiu Tasha, que subia a passos rápidos a rua Fontaine. *Contanto que ela não se vire...* A moça parou na beira da calçada, ele se escondeu atrás de uma coluna Morris. Ela tornou a andar, atravessou a rua Pigalle, seguiu pela rua Notre-Dame-de-Lorette até o número 60, onde empurrou a porta de uma pesada construção haussmaniana.

Ao alívio por conhecer o endereço, seguiu-se uma inquietação: e se fosse a casa de um de seus amantes? Era preciso verificar, perguntar a Marius. Portanto, rever Marius e, sem dúvida, aceitar sua proposta de crônica. *Amanhã, irei amanhã. E se é lá que ela mora, mandarei flores como pedido de perdão.*

Perdão pelo quê? Não seria ela quem teria que se desculpar? Ela nem mesmo lhe tinha agradecido pela corrida. Deu de ombros. As mulheres sempre tinham razão!

Enquanto flanava pela rua Le Peletier imaginando seu próximo encontro com ela, um jornaleiro atropelou-o, anunciando uma edição especial:

– A morte por quarenta soldos! Peçam *Le Passe-Partout*! Morte misteriosa no primeiro andar da torre de trezentos metros! Todos os detalhes por cinco centavos!

¹ Jean-Louis Ernest Meissonier (1815-1891) é conhecido por seus afrescos militares. (N.A.)

² Escritora francesa (1829-1890), autora de inúmeras narrativas destinadas a jovens. Foi colaboradora no *Journal de la Jeunesse* e na *Bibliothèque Rose*. (N.A.)

³ George Eastman (1854-1932) comercializou em 1888 a Kodak, máquina fotográfica leve e prática graças ao modo de carregá-la. Eastman substituiu a placa tradicional por uma bobina de papel fotossensível. (N.A.)

II

Quinta-feira, 23 de junho

Victor seguia pela rua Croix-des-Petits-Champs. Tinha passado o tempo do almoço em uma *brasserie* dos bulevares, antes de se decidir. Sua encenação estava na ponta da língua: *Estava passando por aqui, então tive a ideia de vir discutir sua proposta*. Pelo menos, era o pretexto que se dava para rever Tasha e fazer as pazes com ela. Tinha esboçado um começo de artigo intitulado “O francês tal como é escrito”, não poupando nem Balzac, nem Lamartine, nem Vigny.

Ultrapassou a sede do jornal *L'Éclair* e seguiu pela galeria Véro-Dodat, procurando descobrir a placa do *Passe-Partout*. Nada. Deu meia-volta, empurrou ao acaso uma grade que se abria para uma sequência de pátios. Uma música flutuava no ar, dava para sentir o aroma das madressilvas e de bosta de cavalo. Desviou-se de uma charrete cheia de forragem, estacionada em frente a um armazém de grãos, ladeou as estrebarias e ficou por um momento observando dois moleques que empurravam um barquinho de papel na água da sarjeta.

A redação do *Passe-Partout* ficava no final de um beco sem saída. Era uma construção decrepita, em um andar imprensado entre uma gráfica e um ateliê de gravura. Victor entrou, subiu uma escada em espiral, deu de cara com Eudoxie Allard e Isidore Gouvier, à espreita atrás de uma porta entreaberta.

– A ruiva subiu nas tamancas – tagarelou Isidore, piscando para ele com o cigarro na boca.

– A ruiva? – perguntou Victor.

Eudoxie se voltou e o encarou com frieza.

– O senhor deseja...?

– Posso falar com o senhor Bonnet?

– Ele já está com visita – ela respondeu.

– E... a senhorita Tasha?

– Não veio. Se quiser esperar...

Indicou-lhe um divã baixo, ao lado de uma pilha de jornais. Embaraçado, Victor sentou-se, cruzou as pernas e pegou um exemplar do *Passe-Partout*. A primeira página estava quase completamente tomada por um desenho satírico representando a torre Eiffel castamente recoberta por uma saia rodada. Uma grande e ameaçadora abelha girava em torno de seu campanário, que portava um chapéu com plumas. Não conseguiu reprimir um sorriso ao decifrar a assinatura do artista: *Tasha K*.

Baixou os olhos e divisou a grande manchete:

MORTE ACIDENTAL OU

MORTE PROGRAMADA?

Digo a vocês, com um pé atrás,

que a pobre Eugénie Patinot

sabia um pouco demais.

Após o recebimento da mensagem acima, anônima, sentimo-nos no direito de perguntar: estaremos falando de um apicultor homicida que acerta suas contas por intermédio de um himenóptero? Ontem, ao final do dia...

Victor teve um sobressalto. Vozes em tom elevado irrompiam do escritório de Marius.

– Estou avisando, Bonnet, mais um artigo da mesma laia e...

– Mas, inspetor, a liberdade de imprensa está em vigor há oito anos, se não me engano.

– Quer sabotar a exposição? O desenho da primeira página é repugnante.

– Não é essa a opinião do público. Sabe quantos exemplares nós vendemos nesta manhã, e quantos vamos vender à tarde, amanhã e depois de amanhã?

– Vocês deram muita importância para um fato pitoresco e banal! O que é que lhe permite afirmar que a morte da Patinot é suspeita?

– Não estou afirmando nada, estou me perguntando.

– Vejamos, Bonnet, você sabe tão bem quanto eu! A polícia fica inundada de cartas anônimas sempre que alguém bate as botas em circunstâncias insólitas. Me passe a mensagem.

– Você já tem a do *L'Éclair*, deveria bastar. Não lembro o que fiz com a minha.

A porta abriu-se repentinamente, dando passagem para um homem alto, com expressão furibunda. Isidore e Eudoxie, de um pulo, voltaram a seus lugares.

Victor levantou-se e enfiou o jornal no bolso.

– Inspetor! – exclamou Marius da entrada do escritório. – Se essa mulher sucumbiu por causa de uma parada respiratória, por que é que lhe confiaram a investigação? Ah, Victor, você está aí? Ouviu?

– Vagamente. Quem era ele?

– O inspetor Lecacheur. Não é mau sujeito, mas é do gênero bruto. Você leu as últimas novidades?

– Não.

– Os jornais receberam uma carta anônima, levando a supor que se trata de um assassinato, quando os médicos concluíram ter sido morte natural.

– Você está falando da mulher de ontem, lá na torre?

– Estou. Das duas, uma: ou essas rimas de segunda são obra de algum gozador, ou ela foi assassinada. Como? Mistério. Provavelmente, a polícia sabe mais do que quer deixar perceber. Quanto aos motivos... Eugénie Patinot, viúva piedosa e respeitável... será que estava fazendo alguma chantagem? Será que foi testemunha de alguma coisa que não deveria ter visto?

Marius puxou o colete sobre a barriga, mordeu e cuspiu a ponta do havana.

– Coloquei a caricatura da Tasha na primeira página, me pus à margem da imprensa “séria”, que proclama aos quatros ventos sua suposta imparcialidade e sua pretensa integridade! Corro um risco enorme, mas sei que tenho razão. Venha comigo, vou te mostrar minhas instalações. Cuidado, a escada está bichada. Pensou na minha proposta?

– Estou em dúvida. Se escrever aquilo que penso, tenho medo de atrair problemas e de cansar seus leitores.

– Ora, ora, ora! Encontre uma maneira original de expor suas ideias! Você será lido, isso é o essencial. Siga meu exemplo, não fique em dúvida. Veja só, um jornal é efêmero, os artigos impressos acabam na peixaria, na vendedora de batatas fritas ou nas latrinas. Aquilo que é publicado hoje amanhã terá caído no esquecimento. É preciso que todos os dias haja notícias frescas para alimentar os curiosos. O que quer o leitor em troca de suas moedas? Assuntos terra a terra, dramas, escândalos, coisas água com açúcar, assassinatos.

– É muito deprimente.

– Não tem escapatória, meu velho, o crime e os folhetins são clichês que alimentam a caixa registradora.

– Você é de um cinismo!

– De jeito nenhum, o público pede isso. Olhe, está vendo a diferença?

Marius agitava no ar um exemplar do *Passe-Partout* e um do *Gaulois*.

– De um lado, um diário sem ambição política, do outro, um pasquim saturado de fórmulas estudadas, solenes. Veja este artigo sobre o general Boulanger: que sentido tem isso? A república não tem mais que temer um golpe de Estado da parte dele, as paixões fracassaram. Os franceses são volúveis, substituíram seu ídolo loiro e saltador por uma torre de trezentos metros. Você sabe, o populacho está pouco ligando para a gazeta parlamentar, o jornal de variedades, a revista financeira. Ele prefere um folhetim insípido que prenda sua atenção. Eu aplico a única regra que vale a pena, agradar ao maior número para conseguir um único objetivo: aumentar as tiragens. Flaubert disse: “Não existem assuntos bonitos, Yvetot vale Constantinopla!”⁴.

Arrastou Victor para detrás de uma divisória, onde um homem corria os dedos sobre o teclado de uma estranha máquina de ar comprimido, lançando baforadas de vapor.

– Esta pequena maravilha me custou uma fortuna. Foi inventada por um emigrante alemão nos Estados Unidos, Ottmar Mergenthaler, guarde esse nome, um gênio. Veio em linha direta do outro lado do Atlântico. Sou o único na França que possui uma dessas.

Acariciou a máquina como se fosse uma mulher amada.

– Grande linotipo⁵. Ela funde seus próprios caracteres e reproduz uma linha tipográfica pronta para ser impressa. A velocidade, meu velho, a velocidade, tudo se baseia nisso! Posso tirar duas, três edições por dia! Logo me instalarei sobre os bulevares, aumentarei minha equipe, tenho grandes projetos. A partir da semana que vem, lanço uma série de artigos: “Um dia na exposição com...” personalidades do mundo das ciências, das letras, das belas-artes, da moda. O primeiro será Savorgnan de Brazza, ele já aceitou. Numa época em que a imigração faz ranger os dentes, é interessante lembrar que aquele que nos deu o Congo é um italiano naturalizado francês, depois de ter defendido as três cores em 1870. Posso te oferecer uma bebida?

– Não, obrigado, tenho que fechar uma compra de livros.

– Não esqueça minha crônica literária.

– Vou pensar nisso. Ah... Prometi emprestar um livro a sua ilustradora, Sacha...

– Tasha Kherson?

– É. Queria mandar pelo meu empregado, mas perdi o endereço dela.

– Rua Notre-Dame-de-Lorette, 60. Tome cuidado com a proprietária, uma alemã de óculos, um monstro.

Victor apressou-se a sair. Sentia-se leve, um verdadeiro colegial que escapou da escola. Que flores levaria? Rosas? Lírios? Pegou um fiacre na rua de Rivoli e fechou os olhos para pensar melhor no assunto.

Um fiacre encostou diante do hospital da Caridade, na rua dos Saints-Pères. Dele desceu um homem maduro, vestindo um redingote escuro e usando cartola. Atravessou, parou por alguns minutos em frente à boutique Debauve et Gallais, *fabricantes de produtos finos e higiênicos*, salivou ao ler o anúncio de um *chocolate carminativo com angélica*. Ultrapassou a rua Jacob, celeiro de editores tão famosos quanto Firmin-Didot e Hetzel, para chegar ao número 18, ocupado pela livraria Elzévir. Atrás das vitrines, encaixados em *boiseries* verde-bronze, alinhavam-se, em encadernações antigas, romances de Maupassant, Huyssmans, Paul Bourget e Júlio Verne, cujo último título, *Dois anos de férias*, figurava em lugar de destaque.

Com a mão como viseira, o homem examinou o interior da loja, que parecia vazia. Em um canto, distinguiu Kenji Mori sentado a uma pequena escrivaninha, concentrado em escrever. Cercado de estantes cobertas de volumes e de pilhas de obras que esperavam para ser colocadas nas prateleiras, copiava fichas com a dedicação de um aluno fazendo lição. Às vezes dava uma interrompida, contemplava um busto de Molière no centro de uma lareira de mármore negro, tornava a abaixar a cabeça e molhava sua pena em um tinteiro.

O homem sorriu, alisou a barba em ponta, empurrou a porta. Ao toque do carrilhão, Kenji Mori voltou-se, ao mesmo tempo que aparecia um balconista de camisa cinza.

– Senhor France! – gritaram os dois juntos.

O homem cumprimentou-o, depois se aproximou de uma mesa retangular coberta por um pano verde.

– Mas... onde estão as cadeiras? – perguntou com expressão divertida.

– Tornei a guardá-las – resmungou Kenji Mori. – Victor não entende isso. Os que vêm aqui só para ocupar lugar e incomodar os verdadeiros clientes.

– E eu?

– O senhor é diferente. Joseph, ofereça uma das cadeiras do fundo da loja ao senhor France!

– Já, já! – exclamou o balconista.

Assim que os dois homens se viram instalados lado a lado diante da escrivaninha, e Kenji, empurrando seus papéis, expôs, para apreciação do ilustre visitante, uma seleção de belos livros, Joseph Pignot – apelido Jojo – voltou a se

empoleirar em sua escadinha atrás do balcão. Todos os dias, após o almoço, ele se permitia uma curta pausa para leitura. Sentia-se agradecido ao senhor Mori por lhe conceder esse tempo de descanso, porque em seguida ficaria ocupado até a noite, classificando os volumes comprados nos dias precedentes pelo senhor Legris, em casas de leilão ou de particulares. Tinha também que atender os clientes, embalar livros, às vezes entregá-los a domicílio. Quando as tarefas se acumulavam, o senhor Mori falava em arrumar mais um empregado, mas Joseph afirmava poder dar conta de tudo, não querendo ter um rival naquele reino do papel que considerava seu paraíso pessoal.

Fruto do amor ilegítimo de uma vendedora ambulante de frutas e verduras e de um vendedor de livros usados no *quai* Voltaire, criança magrela, um pouco corcunda, criado pela mãe numa redoma até os quinze anos, Joseph tinha se alimentado de maçãs e romances. Quatro anos antes, num dia de outono, a senhora Euphrosine Pignot entregava peras e figos na livraria Elzévir, quando Ernest Labarthe, o velho balconista, desabara atravessado de viés sobre a mesa, vítima de um ataque apoplético. A senhora Pignot tinha ajudado o livreiro, Victor Legris, profundamente pálido, a estender o morto no chão, e tomara a liberdade de fazer umas alusões aos conhecimentos do seu filho. Na semana seguinte, Joseph estava contratado.

O rapaz era uma aquisição preciosa. Tinha lido tudo, lembrava-se de tudo, era imbatível quanto ao conteúdo das obras e sua data de publicação, o número da tiragem, a quantidade de edições em papel de qualidade e até o nome do impressor. Sua cabeça grande, redonda e bonachona, abrigava, sob uma cabeleira amarelo-palha que nenhuma chuvarada conseguia encrespar, um mundo de informações. Além disso, ele afirmava que seus incisivos de coelho, muito separados, davam sorte. Victor reconhecia, aliás, que depois de sua chegada à livraria, os negócios tinham aumentado.

De início hostil ao garoto, Kenji já não conseguia prescindir dele, e mesmo maltratando-o um pouco, adorava-o, tendo só uma ressalva a lhe fazer: ainda não ser capaz de amarrar corretamente os cordões em volta dos pacotes de livros.

Joseph tornou a mergulhar na leitura do momento, *Sobre a água*, de Maupassant, mas as letras se misturavam. Não conseguia deixar de espreitar o visitante sentado perto de Kenji. Morria de vontade de lhe externar a admiração que tinha por seus romances e suas críticas literárias, mas não se atrevia. Para se acalmar, desdobrou o *L'Éclair*. Uma manchete avantajada ocupava o alto da primeira página:

O DRAMA DA TORRE

O MISTÉRIO PERMANECE ABSOLUTO

Ontem à tarde, uma mensagem enigmática chegou pelo correio à redação de nosso jornal. Dizia respeito à mulher morta ao meio-dia sobre a primeira plataforma da torre de trezentos metros da Exposição Universal. Segue sua reprodução fiel:

Digo a vocês, com um pé atrás,
que a pobre Eugénie Patinot
sabia um pouco demais.

Joseph soltou um assobio.

– Isto vai agradar ao senhor Legris.

Uma grande dama majestosa, de cabelos grisalhos, entrou na livraria. Joseph dobrou o jornal, levantou-se.

– Senhora condessa...

Ela fez um gesto de impaciência.

– Não se incomode comigo. Vou bisbilhotar um pouco. Estou procurando alguma leitura para minha tola sobrinha. Onde você escondeu Georges Ohnet?⁶

– Ah, a senhora tem certeza que seria uma boa escolha? Seus livros estão cheios de erros. Um escritor capaz de atribuir a uma criança nascida no Primeiro Império um pai guarda-cancela...

A condessa encarou Joseph através do seu lornhão.

– É mesmo? Então, o que você me aconselha?

– A senhora conhece *O crime de Silvestre Bonnard*? – arquejou ele com uma rápida olhada para o escritório.

– Um crime? Ah, não vou me render a essa nova moda. Os jornais já estão suficientemente recheados de fatos abomináveis. Você soube do caso acontecido ontem na torre do senhor Eiffel?

– Soube. Eu justamente...

Interrompeu-se para admirar a ruiva mais bonita que já vira. Parada na beira da calçada, ela examinava a loja com ar perplexo. O homem de cartola despediu-se de Kenji e se dirigiu para a porta com um pequeno aceno amigável para Joseph. No momento em que saía, a moça ruiva resolveu entrar. Ele lhe deu passagem elegantemente.

A condessa deixou o balconista falando sozinho para se encaminhar para Kenji que, tendo percebido sua presença, tentava se esconder nos fundos da loja.

– Senhor Mori, que prazer, eu gostaria de lhe perguntar...

Tasha deu alguns passos em direção ao esquisito garoto loiro que a comia com os olhos.

Parece um mujique..., pensou ela.

– Me diga uma coisa, esse homem que acabou de passar não era...?

– O senhor Anatole France em pessoa! A senhora deseja...?

– Gostaria de falar com o senhor Victor Legris.

– Sinto muito, ele não está. Posso ajudá-la?

– O senhor Legris me disse para passar que ele iria me mostrar uma obra. Azar. Volto num outro dia.

– Espere um pouco, não vá embora! Conheço esta livraria a fundo. Vou descobrir o livro para a senhorita.

– Eu esqueci o título, são umas águas-fortes de Goya, reunidas em um volume.

– Goya? Está na mão!

Joseph fez deslizar uma escada corrediça até a seção Pintura e subiu nela com a rapidez de um esquilo.

– Eu me lembrei, o título é *Os Caprichos* – disse Tasha.

– Não adianta remexer em tudo, Joseph, nós não temos.

Tasha virou-se para Kenji Mori, que tinha acabado de acompanhar a condessa até a saída e a examinava com frieza.

– Bom dia, como vai o senhor? Seu sócio me falou desse livro ontem, porque...

Kenji continuou imóvel, franzindo ligeiramente o cenho ao vê-la, como se tivesse esquecido o encontro da véspera. Voltou-se para o balconista, que continuava remexendo nas obras de pintura, e ordenou:

– Joseph, vá logo embalar os livros escolhidos pelo senhor France. É preciso levá-los para ele às dezessete horas. Aproveite e leve *Le Maître de Forges* para a condessa de Salignac.

– Já sei! Vou ver no estoque! – gritou o menino.

– Mas eu te disse que nós não...

Mas Joseph já tinha disparado para o subsolo. Kenji voltou à escrivaninha, para retomar a redação de seu catálogo. Tasha resolveu esperar o retorno do empregado e entrou na sala onde a condessa havia encontrado o japonês, poucos minutos antes.

Também forrada de livros, era dedicada aos périplos em terra estrangeira. Tasha percorreu rapidamente uma fileira de guias Baedeker com lombada

vermelha, quase não deu atenção aos inúmeros volumes do *Journal des Voyages, Découvertes et Navigations Modernes*, estacou diante de um armário de vidro, fechado a chave, contendo maravilhas: em pé, aberto, o *Second Voyage du Père Tachard au Royaume de Siam*, datado de 1689, mostrava uma gravura representando umas estranhas plantas com bulbos. Bem próximo, reluzia o marroquim cuidadosamente encerado da *Relation des Îles Pelew*, lançado em 1788, precedendo os quatro *in-quarto* da *Troisième Voyage de Cook*. Outras coletâneas consagradas à Ásia, notadamente a narrativa de uma expedição na Tartária, no Tibete e na China, em 1845, estavam próximas a mapas traçados sobre velino com tinta colorida, e curiosidades etnográficas lembrando as que Tasha recentemente admirara na exposição colonial da esplanada dos Invalides. Braceletes de conchas e cornalinas contornavam aljavas e zarabatanas acima de uma série de pequenos pentes de aço e hastes metálicas de ponta aguçada. Tasha recuou um passo para admirar dois escudos de madeira com desenhos gravados. Alguém tossiu às suas costas.

– Hã, senhorita, sinto muito, o senhor Mori tinha razão, não temos o seu *Caprichos*.

– Você está querendo dizer os de Goya – observou Tasha, sorrindo. – Falando em capricho, será que eu poderia ver esta obra mais de perto?

Estava se referindo à *Voyage dans l'Intérieur de l'Afrique*, de Damberger. Corando de confusão, Joseph tirou uma chave do bolso.

– Em princípio, eu só abro para os clientes assíduos, mas a senhorita é tão amável... – sussurrou ele.

Era a primeira vez que se atrevia a fazer tal cumprimento a uma moça. Suas mãos tremiam. Colocou o livro sobre uma mesa redonda e se afastou para que Tasha pudesse folheá-lo.

– Vê-se que a senhorita está acostumada, não faz abas nas páginas.

– Joseph!

– O patrão me chama. Sim, senhor?

– Onde é que você meteu o registro das encomendas?

– Estou indo. Desculpe-me senhorita, me dê uma licencinha.

Ao voltar sem fazer barulho, ficou por um momento contemplando a moça debruçada sobre o livro. Ela se endireitou e lhe sorriu.

– É magnífico – disse, fechando o volume. – Me diga, como é que se chamam esses escudos?

– Talawangs. Vêm de Bornéus. O senhor Mori os valoriza muito. É ele quem os traz.

Tasha mordiscou a unha do polegar.

– Veja só – continuou Joseph baixinho, girando a chave na ferradura –, normalmente ele é menos antipático. Não sei o que tem, deve estar preocupado com alguma coisa.

Tasha teve vontade de responder que o humor sombrio de Kenji já lhe fora apresentado, mas se calou. Ao voltar para a livraria, apertou a mão do menino, que ficou púrpura, agradecendo-lhe enfaticamente pela gentileza.

– Senhor – murmurou, encarando os ombros de Kenji.

Ele girou sua cadeira e, sem se levantar, lhe fez uma breve saudação.

Joseph precipitou-se para abrir a porta a Tasha e a seguiu com os olhos, enquanto ela se afastava em direção ao Sena.

– Joseph, estou subindo – avisou Kenji da escada estreita em caracol. Ao chegar ao primeiro andar, seguiu à direita. O lado esquerdo do andar estava reservado para Victor Legris.

O apartamento de Kenji Mori consistia em duas peças e um banheiro em sequência. O primeiro cômodo era consagrado ao trabalho; o segundo, ao repouso. Separados por um *fusuma*, divisória móvel formada por uma moldura de madeira com ripas quadriculadas entre as quais é colado um papel opaco, eles constituíam uma mescla curiosa do estilo Louis XIII com o mobiliário japonês.

Na sala, destacava-se uma arca de nogueira com dois corpos superpostos enfeitados de losangos, uma mesa de carvalho com pés torneados e uma poltrona de encosto reto, revestida com um tecido estampado de flores. O quarto de dormir era ocupado por uma alcova ligeiramente elevada, coberta por uma esteira onde estavam colocados uma grossa colcha de algodão e um travesseiro de madeira. Havia pouquíssimos objetos decorativos, todos japoneses: máscaras do teatro nô, kakemonos, taças em laca vermelha, vasilhas de porcelana destinadas à cerimônia do chá.

Kenji estava furioso. Victor havia reencontrado aquela mulher, depois de tê-lo deixado sob a torre! Pior: tinha dado um jeito de atraí-la à livraria. E ela tivera a audácia de vir!

Tirou o paletó e vestiu um quimono de seda. Sentou-se à mesa e seu olhar caiu sobre *Le Figaro de la Tour*, colocado à frente de uma fileira de tinteiros. Perplexo, olhou atentamente o jornal. Não se lembrava de tê-lo colocado ali. Deu de ombros. Tirou de uma gaveta o guia da *London and Dower Railway* via Calais. Hesitou: trem diurno ou noturno? Finalmente, assinalou o noturno com lápis vermelho. Levantando-se, aproximou-se da arca e abriu suas portas, revelando uma biblioteca. Pegou um *in-quarto* e leu o título com um sorriso:

Colección de estampas de asuntos caprichosos, inventadas y grabadas al aguafuerte por don Francisco de Goya y Lucientes, Madrid, 1799.

Contornou o *fusuma*, ajoelhou-se perto da alcova, puxou a esteira e a colcha, desencaixou uma das pranchas do somiê, embrulhou *Os Caprichos* com um tecido estampado e o introduziu no fundo do esconderijo, onde guardava seus papéis pessoais. Recolocou tudo no lugar e retornou à sala. Selecionou mais três volumes encadernados, hesitou um instante e despregou da parede duas estampas de Utamaro. Fez dois pacotes, um com os livros, outro com as gravuras; depois foi arrumá-los em um baú japonês de madeira escura, com ferragens, que ficava em frente à cama.

Entrou no banheiro. O imóvel onde ficava a livraria Elzévir e os apartamentos de Victor e Kenji possuía água corrente e vaso sanitário havia apenas dois anos. Kenji apreciava esse luxo, mais ainda que a iluminação a gás e os aquecedores, porque adorava mergulhar todos os dias em um banho no qual, às vezes, se demorava tanto que Victor lhe perguntava, rindo, se não tinha medo de derreter.

– Caso em que não lhe restaria grande coisa! – acrescentava ele, fazendo alusão à magreza de Kenji.

Enquanto a banheira de cobre se enchia com água fumegante – apesar do calor do verão –, Kenji se despiu e se examinou no espelho. A prática diária do jiu-jítsu lhe havia permitido conservar um corpo jovem e vigoroso. Apesar dos cabelos grisalhos e de algumas rugas de expressão, seu rosto não era muito marcado pela idade. Debruçou-se sobre uma foto enquadrada por uma moldura trabalhada colocada sobre uma prateleira de mármore. Uma jovem morena apertava contra si um menino de doze anos muito parecido com ela. Os dois o olhavam com ar terno e divertido. *Daphné e Victor, Londres, 1872*, era a anotação abaixo da foto, numa caligrafia pequena e angulosa.

Kenji entrou lentamente na água, estendeu metade do corpo, esticou as pernas com prazer. Sentia-se apaziguado, livre da angústia que sentira havia pouco, ao ver a ruivinha.

Encarou a foto. Daphné não desviava o olhar dele. Será que ela sabia que jamais, durante todos aqueles anos desde sua morte, ele não esquecera a promessa que lhe havia feito? “Preste atenção, meu velho amigo, para que ele seja feliz, não deixe que se una a uma mulher que não o mereça.” Até o presente, Kenji não julgara nenhuma das mulheres de Victor digna dele. A mais recente, Odette de Valois, uma cabeça-fresca que teimava em achar que ele era chinês e o tratava como empregado, era sem dúvida a pior de todas. Mas pelo menos Victor

respeitava um acordo tácito pelo qual nem Kenji, nem ele, deixavam que a vida privada se intrometesse na sociedade dos dois. Aos olhos do mundo, eles formavam uma dupla estranha, da qual a mulher era excluída. Aliás, pouco lhes importava o que os outros pensavam. Eles se gostavam demais para deixar que fofocas estragassem aquela afeição.

E eis que aquela desaforada ameaçava pôr tudo a perder! Ao pensar nisso, Kenji se sentiu invadido pela raiva. Um poema de Baudelaire, “A uma mendiga ruiva”, lhe veio à memória: “Tu vais cobiçando em segredo, enfeites de vinte e nove soldos”, ele recitou. Será que deveria pagar para se livrar da garota? Pouco importava: estava disposto a tudo.

Kenji vai ficar contente, arrebatei o lote por um preço razoável, pensava Victor Legris, no *quai* Malaquais, cumprimentando de passagem os sebistas que conhecia. Levava ao ombro uma lona verde cheia de livros raros, dos quais o *Commentaires* de César, anotados por Napoleão, era o mais importante.

Cansado, mas contente, cumprimentou o balconista com um:

– Bom dia, Jojo! Onde está o senhor Mori? – e depositou a lona sobre o balcão.

– Bons achados, senhor Victor? – perguntou o garoto.

– Nada mal. Deixe-me ver o jornal.

Pegou o *L'Éclair* e mergulhou na leitura do artigo da primeira página. Assim que Kenji apareceu, recendendo a lavanda, Victor agitou o jornal sob seu nariz.

– Você viu? Quando estávamos na torre, ontem, uma mulher morreu. Segundo uma mensagem enviada à imprensa, parece que foi assassinato!

Sem se alterar, Kenji abriu a lona e começou a selecionar os livros.

– A morte, às vezes, é maior do que uma montanha e menor do que um fio de cabelo.

– Eu conto pra ele sobre um assassinato e ele me oferece um de seus provérbios japoneses!

– O provérbio pertence à sabedoria das nações – replicou Kenji. – Use-o para o seu bem e não se preocupe com as especulações jornalísticas: elas semeiam a dúvida e o medo no coração dos leitores. Bela compra. Quanto?

⁴ Significa que não existem assuntos mais ou menos belos para a literatura, o que importa é a maneira como se escreve. No caso, Yvetot era uma cidade horrível e degradada, enquanto Constantinopla era capital do Império Otomano. (N.T.)

5 A primeira linotipo começou a funcionar no ateliê de composição do New York Herald em 1886, e foi introduzida na Europa em 1889. (N.A.)

6 Romancista e autor dramático parisiense, Georges Ohnet (1848-1918) consagrou-se como historiógrafo da burguesia. Escreveu, entre outros: Serge Panine, 1881; Le Maître de Forges, 1882; La Grande Marnière, 1885. (N.A.)

III

Sexta-feira, 24 de junho

Como todas as manhãs, Victor foi despertado por Jojo, que retirava os contraventos de madeira que escondiam as vitrines da livraria. Como de hábito, o balconista desafinava, assobiando os primeiros compassos de "En revenant de la revue", única ária que julgava digna de iniciar um dia de trabalho. Parado no começo da escada, berrou:

– Senhor Legris! Senhor Mori! São oito horas!

Victor resmungou, empurrou o lençol, vestiu um *robe de chambre* de seda, foi até a janela. As cortinas puxadas revelaram um céu azul.

– Sol, ainda! Isso está se tornando cansativo.

– O que você tem contra o tempo bom? – perguntou Kenji, já atarefado na cozinha.

Victor juntou-se a ele arrastando os chinelos.

– Acho que dura demais, me aborrece.

– Nesse caso, você deve estar mais do que saciado da minha presença.

– Kenji, pelo amor de Deus, não leve tudo o que eu digo ao pé da letra!

– O sábio mastiga sete vezes suas palavras antes de falar – soltou maliciosamente o japonês, fugindo com sua chaleira.

– Ah, tenha dó!

Enquanto Kenji, em seus aposentos, se dedicava ao seu chá, Victor usava sozinho a cozinha, contígua à sala de jantar e aos dois cômodos que compunham seu apartamento. Esquentou um pouco de café puro, preparado na véspera por Germaine, a faxineira também responsável pelas refeições, mordiscou um biscoito e foi se fechar no banheiro para deixar de ouvir Joseph esfolar a estúpida cantilena de Paulus.

Descendo para o térreo, Kenji encontrou o balconista debruçado sobre o balcão, lendo um jornal.

– Não é hora – resmungou.

– Todos os jornais receberam a notícia, não foi um simples incidente, é um verdadeiro acontecimento!

– Você está se referindo a quê?

– À mulher Patinot, aquela que bateu as botas na torre!

– Joseph! Veja lá como fala! Preciso de você. Preciso que me arrume um lugar para os setenta volumes deste Voltaire.

– Seu desejo é uma ordem!

Enquanto o balconista se ocupava na escada, Kenji viu o jornal, uma edição especial do *Passe-Partout*. Com uma caretta, meteu o diário sob um grande livro de registros preto.

Fazia meia hora que Victor tinha se reunido a seu sócio, quando a porta se abriu para Marius Bonnet e Antonin Clusel, que fumavam charutos. Kenji precipitou-se:

– Senhores, sinto muito, mas...

Apontava para os charutos.

– Desculpe, onde eu estava com a cabeça? – observou Marius, apagando o charuto em um cinzeiro. – Victor, senhor Mori, preciso de uma luz! Antonin deve preparar para nós um artigo sobre o Congo. Pensei que os senhores poderiam nos mostrar algumas obras relativas a esse país em seu pequeno cômodo de maravilhas.

– Deixe-me pensar. É, devemos ter o que você precisa – respondeu Victor.

– Por que o Congo? – resmungou Kenji. – O *Passe-Partout* vai se dedicar ao turismo?

– O *Passe-Partout*! – exclamou Joseph, que quase caiu da escada. – Os senhores trabalham para o *Passe-Partout*?!

– Sou o diretor.

– Ah! Então os senhores devem ter algumas dicas sobre o caso Patinot?

Marius lançou um olhar de triunfo a Antonin.

– Está interessado?

– Tenho paixão pelos assassinatos!

– Não foi provado que é este o caso, rapaz.

– No entanto, essa mensagem...

– Joseph, faltam quinze volumes do Voltaire para serem arrumados – lembrou Kenji, secamente.

Passando a mão em torno dos ombros de Victor, Marius impeliu-o para os livros de viagem, com Antonin em seu encalço.

– Será que você teria os escritos de Brazza, publicados por Napoléon Ney há dois anos?

– Acho que não. Vou abrir para você o santo dos santos. Temos obras sobre a África, mas menos recentes. Não tire da ordem, Kenji não gosta nem um pouco que vasculhem o seu armário.

– Entendeu, Antonin? – perguntou Marius. – Vou deixar você. Tenho coisas para conversar com nosso amigo.

Voltou para a livraria. Victor seguiu-o, intrigado.

– Gostaria que você colocasse um encarte publicitário nas páginas do *Passe-Partout*. Não fica caro, ajuda o jornal e produz bons resultados para o anunciante.

– É isso que se chama meter a mão no que não se conhece – resmungou Victor. – Tudo bem, vou redigir um texto. Quantas linhas?

– Ah, curto, o mais curto possível. Você sabe, tenho grande necessidade de concisão.

– Então é como se fosse para suas notícias de primeira página.

– Mas claro, os textos longos são vazios! O que quer o homem comum? Coisas sensacionais que o peguem pelo estômago, a vulgarização científica que lhe dê a ilusão de saber das coisas, folhetins divididos em capítulos que o façam sonhar com a hora do absinto, reclames que cutuquem o nervo olfativo. Um dos meus colegas soltou uma máxima genial: “Tenhamos a coragem de ser estúpidos”.

– A maioria dos jornalistas não precisa se esforçar, são idiotas de nascença – murmurou Kenji, indo receber um cliente.

Marius caiu na gargalhada.

– Parece que o senhor Mori não tem a menor simpatia por mim!

Antonin voltou todo excitado, com uma folha cheia de rabiscos na mão. Marius arrancou-a dele e a examinou, franzindo o cenho.

– Um verdadeiro hieróglifo! O que está escrito aqui? Opoé? Não, Ogoé?

– O rio Ogooé, com dois *o*.

– Tem certeza de que não é Ogooué, com um *u*?

– Foi o que me pareceu.

– Vou verificar.

Assim que Marius sumiu no cômodo do fundo, Joseph, que esperava ansiosamente por esse momento, pulou sobre Antonin.

– Diga-me, senhor, essa mensagem que a imprensa está publicando... o senhor a viu pessoalmente?

– Perfeitamente. Nossa secretária abriu-a e depois me entregou.
– Como é que estava escrito? Da maneira habitual?
– O que quer dizer com isso?
– Bom, com letras recortadas de um jornal.
– Isso mesmo. Mas como é que você sabe disso?
– É por causa dos romances que o senhor Legris lê. Ele tem uma coleção, e sempre me empresta: *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe, *O Dossiê 113*, de Émile Gaboriau, *O Desconhecido de Belleville*, de Pierre Zaccane... Tem tantos! Mas meu preferido é *O Caso Leavenworth*, de Anna Katherine Green. Eu adoro essa mulher dete...

– Eu tinha razão, é mesmo Ogooué – interrompeu-o Marius, estendendo a folha a Antonin.

– Vou fechar o armário – resmungou Joseph, envergonhado.

– Victor, nós vamos embora. Não se esqueça de levar seu texto.

– Eu poderia arrumar isso com sua colaboradora, a senhorita Tasha Kherson – sugeriu Victor, retorcendo a ponta do bigode.

– Ela te interessa muito, não é? Você não é o único! Mas, infelizmente, a moça é intocável. Além disso, nestes dias, mal a temos visto! – disse ele com um piscar de olhos para Antonin.

– Claro que não, a sortuda passa os dias na exposição colonial. Para a próxima entrevista de Brazza, ela se diverte desenhando, enquanto eu gasto minha saúde tomando notas!

– Você só tem que trocar sua pena por um carvão! Até a próxima, Victor, até logo, senhor Mori!

Kenji lhes dirigiu uma saudação protocolar.

Sem perder tempo vestindo um paletó, Victor precipitou-se para a porta.

– Vai sair? – perguntou Kenji.

– Vou, eu... Esqueci de perguntar uma coisa a eles – disse, atrapalhado.

– Eu também preciso sair, vou avaliar uma biblioteca na rua do Ódeon.

– Não vou demorar muito! – gritou Victor. – Que Joseph tome conta da livraria!

Sem notar o ar contrariado de Kenji, Victor saiu desabalado atrás de Marius e Antonin, que já viravam a esquina da rua dos Saints-Pères. Tinha acabado de perceber que a exposição colonial ocupava toda a esplanada dos Invalides, e que se quisesse encontrar ali certa ruivinha, deveria saber precisamente onde procurá-la.

– O Palácio das Colônias, o Palácio das Colônias – cantarolava ele alguns minutos mais tarde, voltando sobre o *quai* Malaquias. Fez uma parada na loja do padre Caillé, comerciante de óculos e de instrumentos óticos, único comércio aberto àquela hora da manhã. Embora não vendesse livros, Victor gostava da sua conversa.

– Como vai a saúde?

– Responderei do mesmo modo que o senhor de Fontenelle ao morrer: “Ela não vai, vai-se...” – respondeu o velho de camisa cinza, sem abandonar sua fleuma.

Rindo com a resposta, Victor recuperou bruscamente a seriedade ao perceber na outra calçada uma silhueta familiar num terno quadriculado cinza, enfeitado com uma gravata rosa, o chapéu-coco bem apumado. Não era o caminho mais curto para se chegar à rua do Odéon. Kenji tinha, sem dúvida, vontade de desfrutar o sol. Andava rápido, com dois pacotes debaixo do braço. Victor seguiu-o com os olhos, esperando que ele ladeasse o *quai* Malaquais. Qual não foi sua surpresa ao vê-lo atravessar e seguir pela ponte do Carrousel! Rendendo-se a uma curiosidade irreprimível, seguiu-lhe os passos.

Até então, nunca tinha surpreendido Kenji num flagrante delito de mentira, e se divertiu ao pensar que, afinal de contas, aquele que ele considerava quase um pai, também possuía recantos obscuros. O que estaria escondendo? Uma amante? Várias vezes Victor havia se perguntado sobre sua vida privada. Seria possível que ele tivesse renunciado completamente às mulheres? No passado, ele quase não tinha assumido relacionamentos; no entanto, Victor pressentia que não fosse indiferente ao belo sexo. Em inúmeras ocasiões, Kenji havia se mostrado muito solícito junto a clientes sedutoras, e Victor sabia – por tê-las admirado na ausência do amigo – que ele possuía, em sua arca, uma enorme coleção de gravuras eróticas.

Um rebocador que puxava uma fileira de barcas apitou. Victor estacou, certo de que Kenji iria olhar para trás. Mas ele não diminuiu o passo: na verdade acelerou, ansioso por chegar ao jardim das Tulherias. Poucas pessoas nas alamedas, a não ser algumas babás empurrando carrinhos e dois ou três homens de barba bem aparada lendo jornal em um banco. Um deles disparou um olhar indignado para Victor, cujo vestuário deixava a desejar. *Mas para onde dispara desse jeito, o animal?*, perguntava-se este, ofegante, continuando a seguir Kenji, que acabava de chegar à rua Rivoli.

Se soubesse que seu amigo o levaria de uma ponta a outra da avenida de l’Opéra, talvez tivesse desistido de segui-lo. Mas quanto mais avançavam, mais

Victor cerrava os dentes, aturdido pela barulheira dos fiacres e dos ônibus que atravancavam a avenida, incapaz de largar Kenji, cujo comportamento não entendia. *Por que ele não pegou uma charrete? Teria sido muito melhor! E o que estará levando?*

Rua Auber, enfim. Ignorando a Opéra, Kenji chegou a uma livraria com cujo proprietário Victor cruzara algumas vezes nas salas de leilão. *Incrível! Quer dizer que ele visita a concorrência! Estava certo de que não gostava desse sujeito!* Parado perto da vitrine, semiescondido por um poste de iluminação, observou a atitude de Kenji. O livreiro, um homenzinho de quepe, apoderou-se dos três volumes encadernados, folheou-os, depois estendeu a Kenji um maço de notas azuis. Victor teve tempo apenas de esconder o rosto nas mãos, fingindo um acesso de tosse. Sem reparar nele, Kenji fez meia-volta, aparentemente apressado para chegar à Opéra. *Será que ele ficou louco, ou quer mesmo admirar a grandiloquência desse “bolo de noiva”?* Victor, que esperava uma pausa, decepcionou-se. Ensopado de suor, morto de sede, teve que se arrastar até o bulevar dos Capucines, onde, protegido por uma banca de jornal, sofreu ao ver o amigo bebericar um refresco no terraço do Café de la Paix. Um homem corpulento, portando um monóculo e vestido com um terno claro, veio quase que imediatamente sentar-se à mesa próxima a ele. Kenji cumprimentou-o e abriu o segundo pacote. O homem examinou de perto o que pareciam ser obras emolduradas, fez comentários, tirou do paletó uma carteira. *O que está acontecendo com ele? Dívidas? Porque está se livrando de livros e gravuras?*

Na rua da Chaussée-d’Antin, Victor teve, por fim, a resposta para o mistério. Atrás da vitrine da loja de artigos femininos La Reine des Abeilles, onde lenços bordados, echarpes e bijuterias se enrolavam em torno de frascos de cristal com perfumes, Kenji se entretinha a escolher diversos objetos caros, que uma vendedora embrulhava cuidadosamente em papel de seda. *Eu tinha razão! Uma mulher! Kenji está apaixonado! Eis que ele se arruína por causa de uma amante!*

Surpreso por constatar que, sob uma aparência quase de pedra, Kenji escondia um coração de homem, e um pouco assustado com essa descoberta que levava a supor outros segredos, Victor ficou feliz. Embora tivesse afeição por Kenji, às vezes se sentia intimidado por ele. De agora em diante, os dois estariam em pé de igualdade.

Quem poderá ser? Só pode ser alguém que conheceu na loja, ele sai tão raramente! Seu olhar demorou-se na saia de uma moça que passava, depois foi

atraído por um tapume recoberto de cartazes. Caubóis amarelos perseguiram a cavalo um bando de peles-vermelhas.

Essa imagem levou a outra, a do coronel Cody caricaturado por Tasha. Bruscamente, Victor se lembrou do motivo de ter deixado a livraria em mangas de camisa. Tasha! A exposição colonial! Correu até o ponto de fiacres mais próximo, excitado pela perseguição que terminara em uma boutique de luxo e pelo céu sereno do qual emanava a monotonia.

– Rua dos Saints-Pères! – gritou ao cocheiro sonolento sob o chapéu de oleado negro.

Victor desceu do fiacre em frente ao Ministério das Relações Exteriores. Tinha comido rapidamente uma porção de batatas Pont-Neuf no *quai* Conti, depois fora se trocar no apartamento e pegar sua máquina fotográfica. Se tivesse a sorte de encontrar Tasha, usaria o pretexto de querer tirar umas fotos da esplanada.

A exposição colonial compunha-se de numerosas construções isoladas ou agrupadas em aldeias indígenas. Victor não perdeu tempo em contemplar os sete frontões sobrepostos do templo de Angkor, apressando-se em direção à estrutura vermelha do Palácio das Colônias, uma confusão arquitetônica de estilos norueguês, chinês e renascentista francês, coberta por telhados verdes. O barulho era ensurdecedor. Artesãos árabes, gesticulando, vendiam sua mercadoria, clientes negociavam, flautas polinésias e gongos anamitas misturavam-se aos cantos canacos. Crianças aos berros arrastavam as mães para as bancas de doce de abricó, de goiaba, de cana de açúcar.

Victor se furtou ao espetáculo das dançarinas lascivas dos Ouled Naïl e à apresentação mais casta das hieráticas javanesinhas. Chegou, enfim, à porta monumental do palácio, mas antes de atravessar a soleira, teve que saborear o pedaço de abacaxi oferecido por uma negra com a cabeça coberta por um xadrez multicolorido.

Três grandes salas compartilhavam o andar térreo. Indeciso, Victor não sabia para onde se dirigir. Contornou uma pirâmide de budas em madeira laqueada, erigida sob um buquê de bambus gigantesco. Nada de Tasha. À esquerda e à direita, empilhavam-se produtos dos territórios colonizados pela França. Tapetes, peles, tabaco, café, móveis, sedas – essa maré disparatada de gêneros alimentícios e objetos evocava mercados enlouquecidos. Victor se sentiu tão desanimado como quando acompanhava Odette ao Bon-Marché. Jamais encontraria Tasha! Suspirou e se jogou na multidão.

Admirou os cassetetes canacas, os machados de pedra esverdeada, os fuzis conchinchinos. Um conjunto de instrumentos musicais prendeu sua atenção. Eles o faziam lembrar aqueles que Kenji havia guardado no subsolo da livraria.

– Esta cabaça se chama *thléthé* – murmurou uma voz doce em seu ouvido.

Victor se voltou e deu de cara com um homem esguio de cabelos grisalhos, pele escura, envolto numa longa túnica azul.

– De que país ela vem?

– Do Senegal, como eu. Está vendo as joias atrás daquele vidro? Foram feitas por mim e por meus filhos em nosso ateliê de Saint-Louis. Eu me chamo Samba Lambé Thiam. Estudei com os maristas.

– E eu sou Victor Legris. Muito prazer.

– Victor! Com esse nome, o senhor só pode ser corajoso.

– O que tem o meu nome?

– É o nome de um grande homem, o escritor mais generoso que vocês têm. Eu li *Os Miseráveis*.

– Integralmente?

– O que o senhor acha? Não somos selvagens. Lá em Saint-Louis, temos escolas, livros, estradas de ferro, casas. Aqui, em contrapartida...

Samba baixou a voz.

– ...fomos colocados em uma aldeia de cabanas feitas com lama seca, e dormimos em esteiras. Os visitantes desta exposição não terão uma boa opinião de nós. Preste atenção: é mútuo.

– Como assim?

– Não estou dizendo por sua causa, o senhor tem o ar inteligente, mas alguns dos seus compatriotas que me trataram como macaco, imaginando que eu não entendia, para nós são como javalis, esses porquinhos estúpidos que investem sem saber aonde vão. Veja, por exemplo, a família que nos convidou para jantar, a mim e a meu filho mais velho. Fingia querer nos conhecer melhor. Na verdade, queria nos exibir para os amigos. Os homens estavam tolhidos em ternos cinza de botões dourados, as mulheres, vestidas com vestidos tão justos que mostravam aquilo que deviam esconder, porque eram muito feias!

Interrompeu-se para indicar com o queixo uma mulher elegante que o encarava sem pudor. Victor aproveitou a pausa para acionar sua Acmé. A luz não era ideal, mas, com um pouco de sorte...

– Está vendo? Essa mulher tem medo de mim, diríamos que é uma cabra aguardando a chegada do leão. Voltando àquela noite, nos serviram carne de

porco, e lamentaram não estarmos vestidos com nossos trajes de cerimônia – entenda por isso nossas peles de pantera e nossas lanças!

– E o que o senhor está achando da exposição?

Samba arreganhou os dentes numa expressão de desprezo.

– Um mercado de grandes proporções, onde tudo é muito caro e onde metade dos objetos é igualzinha às quinquilharias dos exploradores. Quanto a essas galerias de alimentação que foram construídas ao longo do rio, quase morri de tédio ali: pense, quilômetros de queijos!

Victor voltou-se bruscamente. Lá, no meio de um grupo que conversava animado, esticando o pescoço, imaginou ter reconhecido Tasha!

– Desculpe-me, tenho que deixá-lo – disse, estendendo a mão a Samba.

Mas este segurou seus dedos e o olhou com ar irônico

– Da próxima vez que quiser me fotografar, me avise, vou fazer uma pose.

– Eu... me desculpe... não queria...

– Confesso que esta nova mania me parece bem estranha: meter as pessoas em uma caixa para fixar a imagem delas.

Victor estava desesperado. O grupo havia se dispersado, não havia mais uma cabeleira ruiva à vista, e Samba não o soltava.

– Adoro recriar a realidade que nos circunda. Um pouco como se fosse um... um pintor.

Lembrar-se dessa frase, dizê-la para Tasha quando a revisse. Soltou-se com um gesto seco e puxou um cartão de visitas do bolso.

– Tome, aqui está meu endereço, caso passeie por Paris. Adeus, talvez até logo!

Partiu correndo. Samba ficou, sem novas reclamações, o cartão de visitas na mão.

– Decididamente, esses brancos são loucos, sempre correndo atrás de seu destino! Alguma coisa me diz que aquele lá talvez não corra em vão...

Grande, corpulento, a tez vincada, a juba prateada sob um chapéu de fibras naturais, o homem contornava os tanques cruzados por pirogas, juncos e sampanas. Virou em uma alameda entulhada por uma multidão barulhenta. Naquele dia, como lhe acontecia com frequência, sentia-se totalmente fora de seu elemento. Seu espírito estava alerta, enquanto sua carcaça lutava contra a ferrugem. Há muitos anos, as turnês de conferências e os artigos lhe vinham garantindo uma existência decente sem preencher sua vida. Sua presença em Paris não passava de uma concessão às honras – porque facilmente se concedem

subvenções a um homem condecorado. Estava cansado e não achava o sucesso divertido. Os oficiais lhe sorriam, lhe estendiam a mão, cumprimentavam-no por seu mérito. Pessoas importantes que nunca tinha visto, que nunca mais veria, giravam em torno dele, “um verdadeiro circo”, pensava. Mais algumas semanas de discursos, de inaugurações, de brindes, e escaparia a essa farsa para desfrutar novamente as alegrias da descoberta em sua verdadeira pátria: a aventura.

Rejeitou educadamente a bandeja de abacaxis que lhe estendia uma martinicana, contemplou o Palácio das Colônias. Teve vontade de voltar ao hotel, de fechar suas malas. Mais uma vez, desamassou o telegrama assinado por Louis Henrique, comissário especial da exposição colonial, impaciente para conversar com ele sobre um projeto importante. Empertigou-se e se juntou à massa humana amontoada em torno dos arbustos de primavera.

Os visitantes chocavam-se contra ele, empurravam-no. Sentiu uma dor contundente na nuca e jogou a cabeça para trás. O frio lhe pinicava os membros, respirava com dificuldade, a boca aberta. Começou a sentir medo, não podia acreditar naquilo. Não, com certeza não iria desmoronar ali, naquele bazar de quinquilharias! Escorregou lentamente para o chão. Acima dele, flutuava um rumor intenso; seus pensamentos se esgarçaram e a sombra da noite envolveu os arbustos de primavera.

Victor usava os cotovelos para se livrar da confusão. Cego pela luminosidade intensa, perscrutou as cercanias do Palácio das Colônias. De repente, vinda dos tanques, apareceu Tasha com passo decidido, o chapeuzinho oscilando sobre o coque vermelho. Victor teve o reflexo de disparar o obturador de sua Acmé antes que ela desaparecesse por detrás de um arbusto de primaveras, de onde os clamores irromperam quase que de imediato.

– Ar! Deem-lhe ar!

– Afastem-se! Afastem-se!

– Um médico, rápido!

Victor precipitou-se para o pé da escada e se deparou com um ajuntamento.

– O que está acontecendo? – gritou, agarrando um curioso.

– Alguém caiu em cima das maçãs.

– Quem?

– Ah, me largue, como quer que eu saiba?

Contornando os curiosos, Victor esforçou-se para localizar Tasha. De repente, viu-a dirigir-se rapidamente para a estação da pequena estrada de ferro Decauville, que possibilitava chegar ao Champ-de-Mars. Sua tensão relaxou e

ele se deixou cair sobre um banco. A emoção o havia deixado febril. Devia segui-la? Duas perseguições em um dia estavam acima de suas forças. Amanhã? Poderia voltar, passar no jornal, ou melhor, ir até a casa dela, na rua Notre-Dame-de-Lorette, com um buquê de flores.

Na altura da agência de correio, cruzou com dois padioleiros e três policiais.

– Decididamente, isso se tornou um hábito.

Essa palavra, hábito, despertou nele uma visão que tinha esquecido: Odette de *peignoir*. Na ausência do marido, ele devia passar o fim da tarde e a noite na casa dela. Não sentiu nenhum prazer.

Consultou o relógio. Tinha tempo de sobra para revelar seus negativos antes de ir ao encontro de Odette.

Victor tinha montado seu laboratório no fundo do depósito que ficava no subsolo da livraria. Para chegar lá, era preciso ultrapassar montanhas de livros. A peça exíguas continha uma mesa, uma cadeira, uma pia, uma lanterna a querosene tingida de vermelho, algumas cubas em faiança e em zinco. Sobre uma prateleira, uma balança com sua série de pesos e um escorredor. Penduradas nas divisórias, suas obras recentes: Kenji duro como um pau na frente da loja, a senhora Pignot dando o braço ao filho e se empertigando a ponto de ficar com um queixo triplo, Kenji conversando com um vendedor de livros usados e uma desconhecida de casaco de bouclê, captada na passagem da rua de Rennes. Ali era sua torre de marfim, onde criava à vontade. Ninguém podia entrar lá sem ser convidado.

Tirou seu redingote, vestiu um casaco surrado, preparou os banhos aspirando com prazer o perfume acre dos produtos químicos. Depois de duas horas, os negativos das fotografias que tinha tirado à tarde estavam quase prontos. Examinou dois que lhe pareciam mais contrastados que os outros, apresentando detalhes de grande nitidez. No primeiro, Samba, o senegalês, observava uma mulher que passava e que tinha a fisionomia de um camundongo. No segundo, Tasha parecia querer mergulhar em um arbusto de flores. Seu rosto tinha uma expressão absolutamente encantadora, misteriosa e provocante ao mesmo tempo.

IV

Sábado, 25 de junho

Encostado em um travesseiro, numa grande cama com dossel, Victor olhava para a mulher de cabelos loiros espalhados que dormia perto dele e cujo braço sobre seu torso o mantinha prisioneiro. Mudou bruscamente de posição e pegou o despertador colocado sobre uma mesinha.

– Durma, meu doce – articulou Odette com um bocejo. – Veja, ainda é noite.

– É claro, as cortinas estão fechadas. São dez e vinte.

– Huum, é muito cedo, meu doce... – murmurou ela, puxando o lençol e se enrodilhando nele. – Me abrace.

Victor beijou-a rapidamente na nuca e foi puxar as pesadas cortinas de veludo. O sol dourou o peito opulento de Odette. Ela soltou um gritinho, cobrindo o rosto.

– Você vai estragar minha pele! Me passe o peignoir.

Ela vestiu um peignoir de musselina com babados que lhe dava o aspecto de um abajur e foi, trôpega, até o banheiro.

– Devo estar horrorosa. Não se mexa, volto logo. Vamos tomar o café da manhã na cama.

– Tudo bem – ele resmungou. – E eu vou derrubar a metade do café nos lençóis!

Apesar de sua exasperação, ele se esticou de atravessado na cama. Não gostava de se irritar logo de manhã. A noite tinha sido melhor do que pensara. Odette sabia despertar seu desejo, e na escuridão, por um momento, ele imaginou ter Tasha nos braços. Mas agora era preciso trocar carinhos e palavras com uma mulher que a claridade não permitia que fosse tomada por outra, e o único desejo que tinha era fugir.

Victor contava os buquês de violetas espalhados sobre o tecido malva que cobria as paredes quando Odette voltou com os cabelos presos num coque e uma bandeja nas mãos.

– Decididamente, tenho que despedir essa Denise. Ela não sabe fazer chocolate, joga o cacau no leite, em vez de despejar lentamente o líquido por cima, como ensinei. Quer um *croissant*, meu doce?

– Basta um café.

De ceroulas, Victor se levantou e se aproximou da janela.

– Você me faz companhia, faz, meu doce?

– Tenho que trabalhar.

– Ah, você não pode tirar uma folga? Não se esqueça de que logo vou partir pra longe. Seu chinês te substituirá. Queria tanto que você me acompanhasse nas provas! Encomendei a mesma toalete da senhorita Réjane, em seda leve, num azul envelhecido absolutamente encantador, salpicado de filetes rosa. O chapéu é totalmente plano, em palha Eiffel, creme. Você vai adorar.

– Com certeza – resmungou Victor, procurando as meias.

– Então, você vem? Em seguida, tenho que passar na Violet para comprar pó de arroz Tsarine, e também...

Com um suspiro de desânimo, Victor entrou no banheiro. Derrubou a água de um jarro em uma bacia, cobriu o rosto de creme e começou a se barbear, olhando-se no espelho oval. Entrevia Odette num segundo plano, arriada sobre um canapé, acima do qual pendia uma palmeira que transbordava de um grande pote de porcelana. Tinha aberto um jornal e virava as páginas sem ler.

– Estou contente de ter alugado em Houlgate aquela grande vila à beira-mar para o verão. É hora de deixar Paris, todas as mulheres na moda fazem isso. A senhora Azam acaba de criar uns espartilhos para equitação e tênis de gramado. Encomendei três, bem como uma sombrinha enfeitada de rendas; o cabo é de marfim. Você vai se encontrar logo comigo?

– E seu marido?

– Você sabe muito bem, meu doce, que Armand está no Panamá e não volta antes de setembro. O canal, sempre o canal. Não entendo nada dos negócios dele. Ele me escreve que existem uns probleminhas, mas que para nós tudo está o melhor possível. Se você não vier, vou morrer de tédio. Então, responda, meu doce.

– Tá bom, tá bom – ele articulou em voz baixa, abrindo com o barbeador um grande sulco no creme.

Odette fechou o jornal, fez que ia jogá-lo sobre uma mesinha de centro redonda, reconsiderou e se debruçou sobre a primeira página.

– Meu Deus, é uma epidemia... Escute isso: “Ontem à tarde, na esplanada dos Invalides, um naturalista americano faleceu de uma...” Naturalista? Como o

senhor Zola, meu doce?

– Émile Zola morreu? – exclamou Victor, que esfregava vigorosamente as orelhas com uma toalhinha.

– Você não me ouve! Como é que pode usar essas camisas horrorosas? Está parecendo um... pintor!

Encantado com a brincadeira, que o aproximava de Tasha, Victor assumiu uma expressão ofendida. Vasculhando seu redingote, pegou uma cigarreira e um isqueiro, depois chegou ao balcão que contornava o apartamento e se projetava sobre o bulevar Haussmann. Do mar de verdor que coroava as árvores, emergia a perspectiva esbranquiçada dos imóveis, os telhados cinzentos dos quais se projetavam chaminés vermelhas, evocando um enorme navio prestes a levantar voo. A barulheira da rua se misturava à interminável ladainha de Odette. Os fiacres trepidavam sobre a pavimentação de madeira, os terraços dos cafés devoravam as calçadas, os vendedores ambulantes recitavam seu pregão monótono: *Tam tam tam, sou eu que conserto panelas... Vidraceiro, vidraças quebradas... Alegrem-se, senhoras, aqui está o prazer... Oito soldos a minha cebola... Ele tosa cachorros de pelo crespo, dos quais ele é o terror!*

E por trás de tudo isso, Odette falava de *surah* verde, echarpes drapeadas, *lait antéphilique*, abajures ornados por uma cúpula em gaze amarela e com franja de pérolas, da bolsa Francillon para o teatro, com espaço para o leque e o binóculo...

Com a cabeça exausta, Victor apagou o cigarro e enfiou rapidamente o redingote.

– Tenho que ir – disse.

Consternada, Odette lançou um olhar desvairado para o tapete coberto de roupas e catálogos.

– Mas... e minha prova? Você não me ama mais, meu doce! – gemeu ela, pendurando-se no braço de Victor.

Ele lhe deu um beijo na têmpora.

– Claro que sim, minha pequena, você sabe muito bem.

– Pelo menos, prometa que vai me levar à estação no dia de minha partida. Vou te buscar na livraria.

– Juro – disse ele, soltando-se com delicadeza e seguindo para o corredor.

Fez um sinal de cumplicidade para Denise, jovem bretã de olhos tristes, recém-chegada de sua Quimper natal, prisioneira de uma cozinha estreita e de uma patroa irascível.

Odette consolou-se ao pensar que após o café da manhã iria a La Reine des Abeilles abastecer-se de caixas de juventude e creme Farnèse.

O ar leve lembrava mais abril do que junho. Victor vagou até a rua de Rivoli. Na véspera, em vez de ir encontrar Odette, preveniu Kenji de que não entraria na livraria antes do meio da tarde. Tinha a impressão de estar de férias e desfrutava ainda mais de sua liberdade porque a seu redor tudo era agitação. Era hora da saída dos ateliês de costura situados na rua de la Paix e na Saint-Honoré. Sob as arcadas se espremiavam as aprendizes, tomando de assalto os restaurantes de sopas ou as leiterias. Outras, com menos sorte, carregavam seu almoço e, como uma nuvem de passarinhos, se dispersavam pelas Tulherias, para se apossar de bancos e cadeiras. Um órgão da Berbéria tocava a quadrilha de *Orfeu nos Infernos*. Crianças vestidas de escocês corriam atrás de uma bola que Victor aparou com o pé. Vendedores circulavam com um maço de jornais debaixo do braço, gritando a plenos pulmões:

– Peçam *L'Évenement*! Drama na exposição colonial!

– *Le Passe-Partout*, última edição! Mais um morto na exposição, testemunhos inéditos!

Victor parou um adolescente magro, cuja cabeleira embaraçada aparecia por debaixo de um boné, para comprar o *Passe-Partout*.

“E SÃO DOIS!”, leu na primeira página, acima de um desenho de Tasha de uma abelha sinistra, armada com uma espada, atacando a multidão reunida na entrada do Palácio das Colônias. Um soldado anamita de dentes escuros, sorrindo sob um chapéu reto de palha trançada, apontava um sabre ameaçador para o monstro, enquanto um guarda municipal assustado se apressava a subir num coqueiro. Victor não pôde deixar de rir. Com o jornal debaixo do braço, atravessou a rua, comprou uma libra de cerejas de uma vendedora ambulante e entrou no jardim das Tulherias.

Todos os bancos de pedra estavam ocupados, a maioria por mocinhas que, com folhas de jornal estendida sobre os joelhos, comiam, entre dois ataques de riso, batatas fritas, rabanetes ou meias-baguetes recheadas de produtos à base de carne de porco.

Victor conseguiu encontrar um lugar sobre o pátio do Jeu de Paume, à sombra de um castanheiro, perto de duas modistas aprendizes que se inclinaram com risinhos para melhor enxergá-lo e depois trocaram comentários em voz baixa.

- Merda, hoje à tarde tenho que ir aos atacadistas.
- Você se queixa! Eu tenho que escovar todos os chapéus de plumas. A patroa disse que estão todos empoeirados. Acho que não vamos vendê-los, agora todas querem chapéus com flores.
- Você viu? Ele está prestando atenção na gente!
- Ele é, acima de tudo, bonito! Bem vestido desse jeito! Um verdadeiro sonho recheado. Eu comeria!

Victor cumprimentou-as, levantando o chapéu. Elas tornaram a rir. Assim que ele mergulhou na leitura do jornal, a atenção das moças se voltou para dois suboficiais animados, que passavam e tornavam a passar perto do banco, lançando-lhes olhadas insistentes. Elas acabaram por se levantar para segui-los, se requebrando. Victor aproveitou para colocar as cerejas a seu lado, saboreando-as lentamente, e jogando os caroços para os pardais desiludidos.

O homem que encontrou a morte ontem à tarde, em frente ao Palácio das Colônias, também teria sido picado por uma abelha. Trata-se de um explorador naturalista americano cuja identidade ainda não foi revelada. Chegado há pouco a Paris, estava hospedado no Grand Hôtel. Levado ao local, o procurador procedeu a uma investigação sumária. Segundo os testemunhos recolhidos por nosso repórter, pessoas teriam visto a vítima levar a mão ao pescoço, caindo logo depois. Uma vendedora martinicana de abacaxis confirmou a presença de vespas nas cercanias das bancas de doces. Já estaria na hora de o Conselho de Higiene e Saúde tomar medidas enérgicas a fim de garantir a segurança do público. Mas como...

Victor interrompeu bruscamente a leitura para espantar uma mutuca que voava ao redor de sua cabeça. Montado por uma garotinha de expressão tensa, um burrico trotava resignado, precedido por uma nuvem de moscas. Mais ao longe, as operárias que haviam terminado seu piquenique brincavam, como crianças que ainda eram, de gato empoleirado², de pular corda, numa revoada de vestidos e saiotes.

Abandonando as cerejas, Victor resolveu terminar a leitura do artigo em um restaurante sob as arcadas, onde se lembrava de ter comido um excelente frango ao agrião, seguido de um sorvete de café. Antes de enrolá-lo, deu uma última olhada no *Passe-Partout*. Que história esquisita: ele e Tasha presentes no local daquele acidente na véspera, nos Invalides...

Tasha dobrou *Le Passe-Partout*, enfiou-o na sacola de palha entre um maço de cenouras e um quilo de nabos e empurrou uma porta-cocheira. Depois que entrou no corredor, a animação da rua Notre-Dame-de-Lorette se atenuou em um rumor vago, logo dominado por um rangido irregular. Tasha parou no meio do pátio para observar as evoluções ciclísticas da proprietária. Vestida com uma saia-calça e botinas, as panturrilhas rechonchudas acionando os pedais, a esportista girava em círculos sobre as pedras do calçamento, entre as quais, às vezes, as rodas de sua bicicleta se entalavam, quase a fazendo cair.

– Bom dia, senhorita Kherson! – exclamou a mulher, visivelmente aliviada pelo pretexto para se conceder uma pausa.

Desceu com dificuldade de seu engenho, que apoiou contra o muro.

– Você não acha que eu progredi?

– Enormemente, senhorita Becker. Se continuar assim, a senhorita vai poder passear no parque Monceau.

– Em público? Nem sonhando! Nossos costumes misóginos não estão preparados para aceitar tal revolução no comportamento e na maneira de se vestir! E, no entanto, acredite em mim, a calça é o futuro da mulher! Que liberdade de movimentos! A propósito, parabéns pelos desenhos. Li o jornal. Sinto inveja da senhorita por exercer uma profissão tão bonita! Como deve se divertir, com todos esses mortos!

– Me desculpe, tenho que subir, tenho trabalho... Amanhã de manhã sem falta eu acerto o aluguel.

– Ah, não se preocupe, sei que a senhorita é séria, não como alguns... O sérvio, por exemplo: estou de olho nele!

Tasha atravessou o pátio e empurrou uma porta de vidro para subir os seis andares que a separavam de seus aposentos sob o telhado. Sua porta era a quarta à direita, em um longo corredor escuro, cuja claridade vinha apenas de uma opaca janela trapeira. Colocou a sacola sobre a fonte que precedia seu capacho, procurou a chave no bolso. No momento em que ia girar o trinco, a porta vizinha se abriu, dando passagem a um gigante barbudo em mangas de camisa, segurando um jarro.

– Bom dia, senhor Ducovitch.

– Senhorita Tasha! Que prazer! Viu a Senhora Abutre pedalando no pátio? Ela não tem outro deus a não ser o Deus Aluguel, e estou sem dinheiro.

– Ela está treinando, não tenha medo; logo vai entrar, porque é hora do chucrute.

– A peste! A cada três meses, é sempre o mesmo drama. Não me atrevo nem a descer pra comprar fumo pro meu cachimbo.

– É preciso se colocar no lugar dela, senhor Ducovitch. Dois dos seus inquilinos já foram embora na calada da noite, ela fica de vigia.

– Me faça um favor, me chame de Danilo. E saiba que me coloco o menos possível no lugar dos outros, pra não correr o risco de perder meu lugar! No entanto, Deus sabe que não gosto da minha situação!

– O senhor continua como figurante em uma daquelas casas reconstituídas por Charles Garnier na entrada da exposição? Esqueci qual delas.

– A senhorita tinha prometido ir me ver, isso não é delicado. Escute, é fácil lembrar: eu encarno um daqueles homens pré-históricos, vestidos de peles de animais, que vivem em uma caverna e soltam uns grunhidos que pretendem evocar os primeiros balbucios da linguagem humana. Eu, que sonho interpretar a obra de Modest Moussorgski!

– Ah, bom, mas continue, o efeito surpresa lhe trará o sucesso!

– Com uma clava na mão?! A senhorita não pensa isso! Ah, por que não consegui um papel de fantoche na mansão medieval ou na morada renascentista! Pelo menos, lá eu poderia entoar o *ritornelo*, enquanto que na minha gruta não posso nem mesmo ler o romance que a senhorita me emprestou. A senhorita imagina um homem de Cro-Magon mergulhado na leitura de Tolstói? Que vida indigna! Quarenta trabalhos, cinquenta desgraças! Nos dez anos em que estou nesta cidade, não consegui senão pequenos bicos sem envergadura, quando tenho a voz sonora de um barítono! O corpo de um Golias, a alma de um nanico, é assim que eu sou.

Ducovitch escancarou a boca. Assustada, Tasha pensou que fosse dar uma de barítono, mas ele não emitiu mais que um gemido, apiedado de sua sorte miserável. Ela o consolou vagamente e apanhou sua sacola, ansiosa por escapar àquelas jeremiadas. Ele notou os nabos.

– A senhorita gosta desses legumes? – perguntou, bruscamente consolado.

– Não muito, mas é econômico. Com eles faço purê, misturando-os com cenouras e acrescentando sal e creme.

Um lampejo de avidez cintilou nos olhos de Danilo Ducovitch.

– Trarei um prato para o senhor – prometeu Tasha, escorregando para dentro de casa.

– Obrigado, senhorita Tasha, a senhorita é muito boa! Ah, em que miséria estou, quarenta trabalhos, cinquenta desgraças! – murmurou ele, entrando em seu cubículo com o jarro na mão.

A mansarda de Tasha era parcamente mobiliada com uma cama de ferro, duas arcas de viagem contendo suas roupas, uma estufa de faiança, que no inverno esquentava mal e no verão desaparecia sob os esboços pendurados em suas bordas com pregadores de roupa. Também havia um aparador, uma mesa redonda cujo pé bambo era calçado com um tijolo, duas cadeiras que estavam perdendo a palha, um tapete surrado até a trama e, luxo supremo, um nicho embutido em uma parede, onde se empilhava uma vintena de livros. O papel, cor de chocolate, descascava em alguns lugares; em outros, era escondido por telas que, em sua maioria, representavam os telhados de Paris em todas as horas do dia e da noite. Isso porque, subindo num tamborete claudicante, Tasha via, de sua trapeira, um mar de telhados vermelhos ou cinzentos que iam em direção às nuvens, e tinha resolvido se dedicar, por enquanto, unicamente a esse tema.

Tasha entrou no minúsculo quatinho que funcionava, ao mesmo tempo, como cozinha e como banheiro; as privadas ficavam no fundo do corredor e eram compartilhadas por todos os locatários do sexto andar. Empilhou as cenouras e os nabos perto de um pequeno fogareiro a carvão, mergulhou as mãos na bacia que havia tido o cuidado de encher antes de sair, molhou o rosto e o pescoço, esforçando-se para não ouvir os exercícios vocais de Danilo no cômodo contíguo. Foi para a peça principal, desamarrou suas botinas, que esperava que durassem até o fim do verão, despiu-se rapidamente, jogando sobre a cama chapéu, luvas, casaco, saia, saiote, culote, meias, corpete; desenrolou a faixa de algodão que lhe servia para sustentar o peito, uma vez que não suportava o jugo de um espartilho. Nua, cabelos soltos, sentou-se na cama suspirando de bem estar. Colocou as mãos sobre os seios. Queria reencontrar a sensação das carícias de Hans. Hans com quem gostava tanto de fazer amor.

– Esqueça isso, minha querida.

Pegou uma grande blusa cinza manchada, vestiu-a e foi se postar diante de um cavalete no qual estava colocada a tela na qual estava trabalhando: dois telhados de ardósia onde ciscavam uns pombos iluminados pelos últimos raios de sol. Pegou um pincel e, depois de um momento de hesitação, começou a retocar uma calha. Uma ideia estapafúrdia não lhe saía da cabeça. Imaginou, surgindo do lado esquerdo daquela chaminé, um enxame de abelhas vingativas, desejosas de livrar a cidade daqueles indivíduos estúpidos que não entendiam nada de arte e só se interessavam por dinheiro. Não pôde resistir à tentação: com a ponta do pincel, colocou minúsculas pintas amarelas e pretas sobre a calha. Pensou, de repente, em seu pai. Será que Pinkus ainda estava em Berlim? Um

ano sem notícias. *Contanto que ele não esteja de novo metido em alguma atividade política sombria.* Deu de ombros. Estava errada em se inquietar. Ele sempre escapava.

Uma rápida olhada através do vidro foi o bastante para Victor constatar que a livraria estava vazia. Havia apenas Joseph, sentado em sua escadinha, mergulhado como todos os dias à mesma hora na leitura de um romance. De tempos em tempos fazia uma pausa para morder uma maçã. Ao toque do carrilhão, levantou os olhos.

– Senhor Victor! O senhor Mori esperou-o para o almoço, porque a senhorita Germaine tinha preparado uns escalopes à milanesa, mas como o senhor não chegava, ele saiu.

– Eu tinha avisado ontem que não voltaria antes das quinze horas. Ele disse aonde ia? – perguntou Victor, franzindo o cenho.

– Ele falou sobre um encontro com um colega.

Victor pensou que o colega em questão devia usar saia e botinas, e estar ocupado em abrir com risadinhas de alegria vários pacotes provenientes da Reine des Abeilles.

– Você vendeu alguma coisa?

– Ontem à tarde tudo correu à perfeição. Pena que o senhor não estivesse aqui. Consegui vender a *Encyclopédie* de Diderot incompleta – o senhor sabe, aquela que se acabou com a umidade naquele porão da rua Le Regrattier – para um marchand do interior, e depois eu...

– Bom, bom. O que está lendo?

– *Monsieur Lecoq*, foi o senhor que me recomendou, é cativante.

Victor sorriu.

– Os romances populares não alimentam, e é preciso se alimentar, Joseph, de alguma coisa além de maçãs. E se você se servisse do meu escalope à milanesa?

– Prefiro alimentar as meninges a ter o estômago pesado, senão tenho acidez. Mamãe sempre diz que três quartos das doenças vêm da azite, e eu...

– Com certeza você quis dizer azia.

– E depois, é muito emocionante, essa investigação policial! Ah, o Lecoq é esperto, as deduções que ele consegue tirar de indícios tão pequenos... Imagino o que ele diria se pegasse minha caderneta!

Joseph puxou do bolso uma caderneta encadernada em moleskine preto que servia para anotar as encomendas e a jogou sobre o balcão.

– O que você anota aí? Os nomes dos clientes ou suas conquistas amorosas?

– Muito melhor do que isso! Tenho interesse pelos fatos insólitos, pelos enigmas não resolvidos. Corto os artigos dos jornais e colo em seguida. Dê uma olhada!

Victor folheou a caderneta, lendo páginas ao acaso.

Chuva de rãs em Montauban... Um crime num vagão... A mulher sem cabeça de Bondy... Uma garoupa encalhada no canal do Ourcq... Joias merovíngias encontradas em saco de acendalhas... Abelha assassina em Paris.

Debruçou-se sobre o artigo datado de 13 de maio.

Ontem pela manhã, na estação dos Batignolles, entre os curiosos que foram receber Búfalo Bill e seu bando, Jean Méring, de profissão trapeiro, residente à rua da Parcheminerie, sucumbiu em consequência de uma picada de abelha.

– Esta nota vem do *L'Éclair* de dois meses atrás. O senhor também acha isso curioso, não é? Ninguém fez uma ligação entre a morte desse catador e as que aconteceram na exposição. No entanto, isso é digno de um romance de Gaboriau. Ah, se pelo menos eu fosse capaz de escrever!

Victor sorriu. O nome de Búfalo Bill lembrou-o de seu encontro com Tasha.

– Isso o diverte, senhor Victor? Ah, eu bem sei, não tive nenhuma instrução. Mas de livros... disso eu entendo!

– Não estou caçoando de você, Joseph. É Búfalo Bill, ele me faz pensar em alguém que...

– Senhor Legris! Enfim eu o encontro! Passei duas vezes ontem, mas o senhor tinha dado no pé – esbravejou a condessa de Salignac, fechando a porta com grosseria.

Victor teve um sobressalto, rodeou Joseph piscando-lhe o olho e enfiando a caderneta no bolso de seu redingote.

– Não se esqueça de me pedir de volta – soprou-lhe, seguindo para o fundo da loja.

– Mas que mosca te picou?! – exclamou a condessa.

– Não é com as moscas que é preciso tomar cuidado hoje em dia, é com as abelhas... – constatou Joseph, devorando o talo de sua maçã.

– Enfim, meu rapaz, pode me dizer para onde foi o senhor Legris?

– Acho que desceu para seu ateliê, lá embaixo, ao lado do estoque. É lá que ele revela suas fotografias. Está vendo a lampadazinha vermelha sobre a lareira, atrás do busto de Molière? Funciona por eletricidade. Quando está acesa, é porque o senhor Legris está fechado em sua câmara secreta e faz questão de não ser perturbado.

– Perturbado, é isso que ele é – resmungou a condessa. – Queria saber se, enfim, ele encontrou *Aigle et Colombe*!

– Um livro sobre aves? – perguntou Joseph, em tom de ironia, rolando o cabo da maçã entre o polegar e o indicador.

– Nada disso! É um romance de Zénaïde Fleuriot!

Fechado em seu laboratório, Víctor recolheu as cópias reveladas na véspera, anotou com cuidado o lugar e a data da tomada nas costas de cada uma, depois as enfileirou à sua frente. Decididamente, aquela máquina portátil Acmé superava em precisão tudo o que ele conhecia: tirar fotos sem o conhecimento do fotografado em um quinquagésimo de segundo! Decerto os clichês de Samba, o senegalês, de real valor artístico, teriam ganhado se tivessem uma luz melhor, mas os de Tasha eram um sucesso. Depois de retocados, ficariam perfeitos. Preparou seu material: um pincelzinho, um vidro de nanquim, e se instalou junto à mesa. O pincel saiu intacto do tinteiro: não tinha mais tinta. Enfiou o conjunto de fotos em um envelope, e depois de vestir o redingote atravessou o estoque, onde se viu tentado a examinar uma pilha de livros, mas o envelope lhe queimava os dedos. Subiu e se arriscou com cuidado para dentro da livraria. Ninguém. Empunhando um espanador, Joseph tirava o pó das prateleiras. Víctor assobiou baixinho. Jojo acudiu.

– A moçreia já foi?

– O senhor também se refere a ela desse jeito? Fui eu quem deu a ideia ao senhor Mori – disse valentemente Joseph. – Cuidado, ela vai voltar. Avisou que não vai voltar pra casa sem os livros.

– Se perguntar por mim, diga que estou no topo da torre.

Víctor dirigiu-se para a escada que levava ao primeiro andar, mas voltou atrás bruscamente para dar um tapinha no crânio de Molière, seu amuleto desde que se tornara proprietário da livraria.

Entrou nos aposentos de Kenji sem fazer barulho, com uma desculpa já na ponta da língua. O apartamento estava vazio. Procurou em vão *Os Caprichos* no interior do baú. Também faltavam outros volumes. Tornou a fechar as abas. Será que Kenji havia vendido o Goya? Gostava tanto dele! Ao se reerguer, constatou

que faltavam duas gravuras de Utamaro na parede. Rememorou a visita de Kenji ao livreiro da rua Auber e seu encontro no terraço do Café de la Paix. A Reine des Abeilles tinha, em seguida, devorado o dinheiro dessas vendas. Esse nome o deixou pouco à vontade. Sem dúvida, era preciso ver nisso apenas um acaso, mas as abelhas andavam assombrando sua vida um pouco demais, há algum tempo.

Aproximou-se da mesa protegida por um grande mata-borrão verde, sobre o qual estavam alinhados pincéis de caligrafia, um maço de papel-arroz, tinteiros de diversas cores. Apossou-se da tinta preta. Seu olhar caiu sobre *Le Figaro de la Tour*, datado de 22 de junho, aquele que havia escorregado do bolso de Kenji no dia de seu aniversário. À margem, anotada com uma caligrafia angulosa que não teve nenhuma dificuldade em reconhecer, uma frase obscura: “ENC.J.C. em 24/6 12h30 Grand Hôtel, quarto 312. J. C.”.

J. C. de Jesus Cristo?, pensou com humor, quando outro pensamento lhe veio à mente. Puxou do bolso *Le Passe-Partout* e releu o artigo intitulado: “E SÃO DOIS!”. O naturalista morto em frente ao Palácio das Colônias estava hospedado no Grand Hôtel.

Coincidência estranha, pensou. *Não mais do que se encontrar, como você, duas vezes seguidas nos locais de uma morte*. Deu de ombros, mais incomodado do que queria reconhecer. Contornando a mesa de carvalho, percebeu, ao pé da poltrona, uma bolsa de couro entreaberta, de onde apontavam vários pacotes embrulhados com papel de seda malva. Ajoelhou-se, enfiou os dedos pela abertura para examinar o conteúdo: uma caixa de pó de arroz, uma echarpe, uma pequena torre Eiffel e um frasco de perfume *Jasmin de Provence*. Todos esses presentes traziam a marca da Reine des Abeilles, uma elegante etiqueta dourada no formato de um escudo.

Assobiou entre dentes:

– Puxa, ele mima sua Dulcineia! Daria tudo para conhecê-la!

– Pois afirmo que o senhor Legris me garantiu que poderia me arrumar os dois! *Aigle et Colombe* e *Les Mauvais Jours*! Valentine pode confirmar isso, ela estava comigo! – disse com veemência a condessa de Salignac para Kenji, ocupado em copiar umas fichas.

– A mocreia late, a caravana passa – comentou consigo mesmo Joseph, morrendo de rir.

A sobrinha da condessa, uma moça magra, com um nariz grande demais e o rosto salpicado de espinhas, retorcia sua sombrinha com uma expressão

constrangida.

– Deixe, tia, a gente volta – ela murmurou.

– Que nada! Não tenho só isso pra fazer! E aí, senhor, que me diz?

– Que aqui não é uma venda de livros de estação de trem, mas uma livraria – soltou Kenji com secura.

A condessa ficou escarlate e abriu a boca, mas, antes que pudesse protestar, a voz de Victor se fez ouvir atrás dela.

– Meu caro Kenji, você não entende nada disso! Esses romances são tão refrescantes! Eles nos permitem suportar os calores do verão e deixar as vulgaridades do senhor Maupassant e do senhor Zola!

Recompondo-se, altiva, enquanto sua sobrinha contemplava Victor com adoração, a condessa não se deixou adoçar com tanta facilidade.

– Vulgaridade é uma palavra fraca. Podridão parece-me mais apropriada. É como este pasquim no qual um desenhista que se acha espirituoso achincalha a autoridade! Aí está quem nos conduz diretamente à bagunça e ao desastre – concluiu ela, jogando sobre a escrivaninha a última edição do *Passe-Partout*.

Kenji apanhou calmamente o jornal, desdobrou-o e percorreu a primeira página, demorando-se no desenho e na assinatura atravessada sobre um coco, Tasha K.

– Muito instrutivo. Eu não sabia que os tiras eram tão bons para subir em árvores.

Dobrou o diário e retomou seu trabalho. Victor tossiu de leve.

– Sinto muito, senhora condessa, ainda não encontrei os dois Zénaïde Fleuriot. Posso lhe propor Raoul de Navery⁸, é tão agradável de ler quanto ela e vai dar muita satisfação à senhorita sua sobrinha.

Valentine encarou Victor agradecida, antes de fingir um interesse súbito pelo cabo de sua sombrinha.

– Joseph, vá até o estoque: Raoul de Navery, a obra completa, seção *drouille*⁹.

– *Drouille*? O que significa essa palavra? – perguntou a condessa.

– É... hã... é uma maneira de...

– É como nós, livreiros, denominamos a fina flor de nossas compras – interveio Kenji, vindo em socorro de Victor.

– É mesmo? É um termo bizarro – retorquiu a condessa, desconfiada.

– Com certeza ela vem do inglês, como *clown* – arriscou Valentine, atraindo uma piscada agradecida de Victor, e corando subitamente.

– Não vejo relação.

– Aqui estão, senhora mo... condessa! – exclamou Joseph em triunfo, voltando com uma caixa de papelão nos braços.

Enquanto as duas mulheres examinavam os livros empoeirados, Victor aproximou-se da escrivaninha e se inclinou em direção ao jornal.

– O que você acha? Isso começa a ficar inquietante.

– Não tenho medo dos insetos. Quanto era pequeno, meu pai me ensinou a esmagá-los com a palma da mão.

– Se comprarmos todos os seus Navery, o senhor nos fará um desconto, está claro? – resmungou a condessa.

– Isso já está implícito – respondeu Victor, ansioso para se ver livre das obras e da mulher.

– E o senhor mandará entregar?

– Joseph tratará disso e vai entregá-los esta tarde – prometeu Kenji, esforçando-se para recuperar suas boas graças.

Ela se dignou a lhe sorrir e saiu, majestosa, com a sobrinha seguindo seus passos. O nariz pontudo de Valentine demorou um pouco mais do que devia atrás da vitrine, mas Victor não lhe deu a honra de uma olhada. Aproximando-se de Joseph, disse, divertindo-se:

– Atenção, num desses dias sua língua vai se atrapalhar, você vai chamá-la de “senhora mocreia”!

– Nesse dia, você será despedido! – disse Kenji com ar severo. – Victor, espero que esteja livre amanhã, vamos fazer o inventário. Você esqueceu? – acrescentou, abaixando a cabeça.

Será que ele quer que eu esteja ausente?, cogitou Victor, que contra-atacou:

– Claro que não. A propósito, você não me contou nada: é interessante a biblioteca da rua do Odéon?

– Não, muito cara, cara demais.

Que talento! Ele mente melhor do que um arrancador de dentes!, pensou Victor.

– Enquanto penso nisso, será que você poderia me emprestar seu exemplar dos *Caprichos*, de Goya?

Kenji se curvou ainda mais sobre o fichário e respondeu com voz neutra:

– Que azar! Recentemente, eu o confiei ao encadernador da rua Monsieur-le-Prince. Ele está lotado de trabalho, corre o risco de levar certo tempo.

[7](#) Em francês, chat perché, brincadeira de pega-pega na qual, para evitar se tornar o pegador, a pessoa tem que montar em quem for pegá-la. (N.T.)

[8](#) Pseudônimo de Marie de Saffray, senhora Chervet (1831-1885). Essa mulher de letras escreveu um número considerável de romances marcados pelo mais ardente catolicismo. (N.A.)

[9](#) Expressão que designa, no jargão dos livreiros franceses, os livros sem o menor valor de mercado. (N.A.)

V

Segunda-feira, 27 de junho, manhã

A jornada da véspera havia sido cansativa: inventário da livraria, arrumação das novidades – “Isto dá o que pensar”, tinha observado Kenji, “todos estes livros de que se fala hoje e que amanhã vão encalhar nos *quais...*” Com os rins doloridos, Victor percorria a passos largos, mais uma vez, a rua Croix-des-Petits-Champs, onde, àquela hora da manhã, só trafegavam alguns carros de verduras e frutas.

Apesar do cansaço, na noite anterior ele se obrigara a redigir a crônica literária e o pequeno anúncio prometidos a Marius, tudo com a única esperança de rever Tasha. Percebeu, então, com surpresa, que sua mente não estava tão entorpecida quanto seu corpo: fora até mesmo capaz de certo virtuosismo. *Será que eu deveria escrever?*, tinha pensado ao reler seu artigo. Depois se lembrara da frase de Kenji: “*Isto dá o que pensar...*”.

Oprimido pelo ar pesado – uma tempestade se formava –, parou por um instante em frente a uma floricultura, onde duas mulheres arrumavam cravos em alguns vasos. Se Tasha não estivesse no jornal, levaria um buquê à casa dela e colocaria na sua porta, com um bilhetinho engraçado convidando-a para jantar. *Não, imbecil, você vai bater à porta, você...* Deu de ombros. Cedo demais para se entregar a tais perspectivas.

A efervescência que reinava no *Passe-Partout* o fez lembrar o ambiente de uma sala de cirurgia. Cercando o diagramador, como enfermeiros com um cirurgião, Eudoxie Allard e Isidore Gouvier permaneciam atentos no meio do vaivém dos tipógrafos em volta da linotipo.

Victor teve que bater no ombro de Gouvier para que o vissem. O velho homem levantou o rosto de buldogue com olhos redondos. Seu volumoso bigode tremia sob o cigarro apagado.

– Bom dia, senhor Lenoir.

– Legris.

– Me desculpe, é o excesso de trabalho, a gente acaba com o cérebro em espiral. Eudoxie...

A secretária, com um vestido de *faille* escuro que acentuava seu lado “viúva fatal”, olhou para Victor com indiferença e lhe fez um aceno com a cabeça.

– Vou terminar de redigir a correspondência – avisou a Gouvier, que não a escutava.

Afastou-se para uma porta lateral, voltou, examinou Victor com o olhar de uma dona de casa avaliando uma mercadoria em exposição e pareceu refazer seu julgamento. Ajeitou com uma mão a cabeleira de asa de corvo, remexeu com a outra um broche sobre o peito, retardou-se na soleira. Sentindo-se observado, Victor a observou também. Ela esboçou um meio sorriso e fugiu como uma virgem assustada.

– Quer que eu lhe explique como funciona? – murmurou Gouvier. – Ali fica o mármore, que na verdade não passa de uma base de ferro fundido polida. Ele tem quatro fôrmas com as dimensões de uma página de jornal. Dentro dessas fôrmas são dispostas as linhas de chumbo, os títulos grandes e os clichês do desenho.

Victor observou, distraído, o diagramador dar algumas voltas na chave para agrupar as linhas: as fôrmas se precipitaram sob a prensa. Gouvier pigarreou:

– Bom, agora colocamos as folhas de papelão molhado sobre as...

– Marius está lá? – interrompeu Victor.

– Espere, não terminei – resmungou o velho. – A folha de papelão seca sai da prensa, está vendo? Ela traz, rebaixada, a impressão da página. Agora, atravessamos o pátio e levamos isto para o impressor. Clusel está lá, substituindo Bonnet, que foi a uma recepção em honra do príncipe de Galles. Venha comigo.

Encostado à rotativa, vestindo um terno inglês da Etheridge, Antonin Clusel conferia a primeira página mordiscando seu charuto.

– Excelente peça de resistência, essa dupla de mortos, não há como negar, tiramos a sorte grande! – disse ele a Victor que lhe estendeu em silêncio as duas folhas de sua crônica literária.

Clusel correu os olhos sobre ela, soltou um riso constrangido, jogou o charuto no chão e o esmagou com o bico do sapato.

– Excelente diatribe contra as discussões escolares! Muito engraçada essa sua sugestão de se livrar dos “ismos” da literatura no istmo do Panamá. Mas

sinto muito, é tarde demais para a edição de hoje: só vai dar pra sair amanhã.

– Junte com isto aqui.

Clusel deu uma olhada no pequeno anúncio:

LIVRARIA ELZÉVIR

V. LEGRIS – K. MORI

Fundada em 1835

Livros antigos e modernos

Edições originais

Catálogo sob pedido

18, rua dos Saints-Pères, Paris VI^e.

– Perfeito, perfeito. Eudoxie vai abrir uma conta pra vocês.

– Alguma novidade?

– Aos montes! O morto da exposição colonial foi identificado. Ele se chama Cavendish, era americano. Também foi picado por uma abelha. Gouvier investigou na prefeitura, seu contato não sabe mais nada. A polícia não emite opinião, assim como o exército! Eles preferem, prudentemente, se apegar à versão das abelhas assassinas. Está pensando o quê? Essas coletoras têm as costas largas!

– É preciso desconfiar das simplificações – aprovou Gouvier. – Dois defuntos no mesmo lugar, em três dias... E depois, há essa carta anônima, santo Deus!

– Ah, querem destilar a informação aos pouquinhos. Bom, eles vão ver, tenho novas informações para lhes dar, e não vai ser por conta-gotas! – continuou Clusel, entusiasmando-se. – Fui bisbilhotar na faculdade. Descobri coisas muito interessantes.

Pegou a primeira página e leu em voz alta:

Observa-se, às vezes, que alguns indivíduos com saúde frágil podem estar sujeitos a crises de epilepsia como consequência de uma picada de himenóptero. O único caso mortal foi mencionado por um médico de colônia há três anos: duas crianças africanas sucumbiram ao tétano que se seguiu a picadas de abelha.

– Tétano? – repetiu Victor franzindo o cenho. – Não sou especialista, mas... Essa infecção se revela com tanta rapidez depois do traumatismo?

– Aí está onde quero chegar! A incubação do tétano varia de algumas horas a uma quinzena de dias, antes de aparecerem os primeiros sintomas. Ora, nossos dois mortos da exposição bateram continência ao rufar dos tambores. Portanto, o tétano está fora! Então, das duas uma: são assassinatos, e Gouvier tem razão, a carta anônima incita a pender para essa hipótese, ou estamos lidando com as premissas de uma misteriosa epidemia. Tanto num caso, como no outro, as autoridades temem inquietar a opinião pública por causa da exposição. Minimizam propositalmente os acontecimentos, jogando a culpa nas moscas do mel! Não vai ser a primeira vez que os interesses da comunidade vêm depois dos interesses dos figurões que nos governam.

– Acho suas palavras, antes de tudo, cínicas – observou Victor, seco.

– Alimentar a polêmica, senhor Legris, essa é a lei da imprensa! Tudo está registrado aqui! – exclamou Clusel, agitando *Le Passe-Partout*.

A MORTE RONDA ENTRE A TORRE EIFFEL E O PALÁCIO DAS COLÔNIAS

– Que título, não? As tiragens vão explodir. Escute isto: “Chegado de Londres em 20 de junho, John Cavendish estava hospedado no Grand Hôtel, quarto 312. Quatro dias depois, no começo da tarde, ele...”

As palavras de Clusel se embaralharam. De olhos fixos, Victor tentava clarear suas lembranças: *J. C... Grand Hôtel... Quarto... J. C., John Cavendish? Não, impossível!*

Inclinou-se abruptamente para a frente.

– O Grand Hôtel? Qual? – perguntou, com voz alterada.

– Só existe um, no boulevard des Capucines, quartel general dos ianques de passagem – enfim, dos que têm uma conta bem polpuda no banco, porque, pelo preço de uma noite, posso viver quinze dias!

– Preciso ir. Diga a Marius que volto.

Clusel estendeu-lhe a mão, mas Victor deixou a sua no fundo do bolso. Tremia muito. Sem nem ao menos dizer “até logo” a Gouvier, esquivou-se. Os dois homens trocaram um olhar de conivência.

– É preciso ser do ramo para captar os bastidores do jornalismo – comentou Gouvier.

Quarto... quarto... que número, o quarto?, perguntava-se Victor, apressando-se pela galeria Véro-Dodat, onde repercutiam estrondos de trovão. A tempestade

explodiu quando ele desembocava na rua Croix-des-Petits-Champs. Só havia uma maneira de ter certeza: voltar à livraria. Com isso, esqueceu Tasha.

Pela primeira vez em dias, os clientes se acotovelavam em torno de Joseph que, não sabendo mais o que fazer, tinha chamado Kenji em seu auxílio. Quando a porta se abriu para um Victor encharcado, os dois lhe dirigiram um olhar cheio de esperança, mas, sem lhes dar atenção, ele se precipitou para o primeiro andar, murmurando uma vaga desculpa sobre um guarda-chuva.

Tirou os sapatos úmidos, entrou nos aposentos de Kenji e foi direto para a mesa de carvalho: *Le Figaro de la Tour* havia sumido.

Descontente consigo mesmo, Victor ia e vinha pelo cômodo. Resolveu abrir uma das gavetas, fechou, abriu uma segunda, sem conseguir superar suas reservas. Que diabo! Não ia agora se meter a espionar Kenji! Mesmo que estivesse apenas tentando se certificar, sentia repugnância. Prestes a desistir, teve um último gesto de impaciência e levantou o mata-borrão. O jornal estava lá: *ENC. J.C. em 24/6 12h30 Grand Hôtel, quarto 312*.

3, 1, 2. Com os olhos fixos nos três números, Victor cerrou os punhos, abalado. Quarto 312: não era um engano, todos os fatos se juntavam para levar a uma conclusão em forma de abismo. Kenji tinha encontrado John Cavendish.

Victor recolocou o mata-borrão no lugar e deixou o apartamento do amigo para entrar no seu.

Se o mobiliário de Kenji testemunhava um esforço por adotar certo estilo francês circunscrito ao século de Luiz XIII, o de Victor Legris estava totalmente voltado para a nostalgia do país onde ele havia crescido, a Inglaterra.

Da sala de jantar, ocupada por uma mesa maciça com seis cadeiras, ao quarto de dormir, onde se achavam instalados, confortavelmente, uma cama com cabeceira, um armário e uma cômoda, passando pelo escritório, munido de uma escrivaninha de esteira, um gaveteiro de notário e uma estante envidraçada, o mogno reinava como senhor absoluto.

Lustres a querosene pendiam do teto; tapetes com motivos vagamente orientais cobriam o assoalho. Nas paredes, aquarelas de Constable e dois retratos de Gainsborough, herança de seu pai, Edmond Legris, que não entendia nada de arte, mas seguia os conselhos da esposa, Daphné, para investir seu dinheiro. Um belo retrato sanguíneo da jovem mulher estava pendurado sobre a cama, numa moldura oval. A única concessão à França: uma série de gravuras alinhadas de um lado e do outro da escrivaninha, representando o falanstério de Fourier,

desenhadas a pena sob diferentes ângulos. Antes de legar a livraria Elzévir para o sobrinho, tio Émile, verdadeiro utopista, tinha feito com que Victor – que tinha ido assisti-lo em seus últimos momentos – jurasse que por nada no mundo se separaria daqueles croquis, bem como de uma confusão de objetos e livros armazenados no subsolo.

Sentado à escrivaninha no pequeno cômodo mal iluminado pelo céu carregado, Victor resolveu estrear a lamparina de Rochester que lhe fora dada por Odette. Virando um botão, liberou a gasolina e acendeu a mecha. Uma luz fraca, mas viva e azulada, invadiu o abajur e por um instante acalmou sua inquietação. Lembrou-se de uma manhã de inverno, pouco depois do enterro de seu pai, uma libertação. Reviu o rosto fechado para a vida do homem que ele chamava de senhor. Tinham decorrido vinte e um anos, mas a fria lembrança de Edmond Legris nunca tinha se apagado. Kenji o havia libertado do medo. Dia após dia, na companhia dele, tinha descoberto o gosto pela vida. À luz dos candelabros brilhando com todas as velas, no pequeno salão do primeiro andar sobre a livraria de Sloane Square, Kenji lia para ele narrativas de aventuras, ensinava-lhe a arte da dobradura e da caligrafia, enquanto que do andar térreo se elevava a voz melodiosa de Daphné, cantarolando *Green Sleeves*. Uma noite, Victor tomou consciência de que pela primeira vez ouvia sua mãe cantar.

Vagamente nauseado, pegou uma caderneta sobre a mesa para copiar a frase do *Figaro de la Tour*. Com a ponta do lápis, traçou em seguida uma linha de pontos de interrogação cada vez mais grossos. A luz da lamparina vacilou por um instante. Proteger Kenji. O que quer que ele pudesse ter feito, cuidar dele como ele tinha cuidado da criança que Victor era, desde aquele dia de fevereiro de 1963, quando o senhor seu pai havia contratado como ajudante o jovem japonês recém- chegado a Londres. Antes de tudo, verificar, tirar aquilo a limpo, saciar as dúvidas provavelmente mal fundamentas. Repentinamente, uma nova ideia se impôs. O Café de la Paix fazia parte do Grand Hôtel. O homem barrigudo, de monóculo, que tinha vindo comprar as gravuras de Kenji... seria Cavendish? A que horas Victor tinha assistido à cena? Dez e meia, onze? De qualquer modo, não era meio dia e meia. Lembrou-se de ter comido uma porção de batatas Pont-Neuf no *quai* Conti, antes de ir para a esplanada dos Invalides.

Tirou o redingote molhado, vestiu um paletó de *tweed*, calçou sapatos secos e desceu. Intrigado, Kenji se afastou de um casal abastado, entretido em folhear um atlas do século XVIII, e se colocou diante de Victor para lhe impedir a passagem.

– Algum problema?

- Está tudo bem, um compromisso urgente, almoce sem mim.
- E o guarda-chuva?
- Não vai chover mais!

Kenji aproximou-se da vitrine para seguir, com os olhos, o rapaz que ia a passos largos em direção ao bulevar Saint-Germain.

Não era um palácio: era uma verdadeira vila. Seus oitocentos quartos luxuosos se espalhavam por cinco andares, nos quais se movimentavam mensageiros, arrumadeiras, garçons, todos encarregados de uma única missão: assegurar o conforto da clientela rica e cosmopolita. O Grand Hôtel desfrutava de uma enorme reputação além-mar: boa comida, bom vinho, salão de festas esplêndido, salas de leitura, de música, bar americano – onde o cliente era embalado por violinos de uma orquestra cigana –, guichê de câmbio, cabeleireiro para senhoras e cavalheiros. Parecia possível ficar lá pelo resto da vida, ainda mais que a natureza estava ali representada sob a forma de uma selva de palmeiras e de um exército de figueiras-brancas em vasos.

Entrando nesse caravanchará, Victor teve a impressão de embarcar em um transatlântico. Seria quase impossível ele não sofrer uma ligeira tontura, mas atribuída à emoção e não ao balanço. Parou em frente à recepção e esperou que um dos funcionários de uniforme preto se virasse para ele. Perguntou pelo senhor Belot, Antoine Belot, chegado naquela mesma manhã de Lyon. O nome foi devidamente procurado em um registro, repetido várias vezes; olhares perplexos se cruzaram, cabeças abanaram.

– Sinto muito, senhor, não temos ninguém com esse nome. Um instante, vou verificar as reservas... Não, não, nenhum senhor Belot.

– O senhor tem certeza? – perguntou Victor. – Isso é demais! Recebi um telegrama ontem à noite. O senhor Belot marcou um encontro neste hotel, quarto 312. É para almoçarmos juntos no Café de la Paix.

– O 312? Impossível, senhor.

– Como assim, impossível? Quarto 312, senhor Belot, negociante de destilados. Quer ver o telegrama?

Victor falou com tanta segurança que quase conseguiu se convencer da existência de Antoine Belot. Sem esperar resposta, tirou a carteira. O empregado deu uma piscada imperceptível para um colega, que interveio prontamente.

– Deixe, senhor, não temos nenhuma dúvida, deve ter havido um engano. Não temos mais nenhum quarto vago, está tudo reservado há meses. A

exposição, o senhor entende. O 312 estava... está ocupado por um americano, senhor Cavendish, que...

– Estava? O senhor Cavendish? O John Cavendish de quem falam no jornal?
– exclamou Victor. – Está parecendo coisa de louco... O senhor está querendo que eu engula que Antoine divide o quarto com um... com um morto?

O empregado olhou em torno com inquietação, debruçou-se por cima do balcão e disse em voz baixa:

– Hã... Veja, senhor, nós não queremos divulgar essa notícia deplorável. Perdoe-me por insistir, senhor, tem certeza que seu amigo não foi para o Grand Hôtel dos Capucines? Fica a dois passos e... se o senhor puder ter um pouco de paciência, podemos telefonar...

– O senhor sem dúvida está certo. Devo ter confundido. É estúpido demais!

Afastando-se ligeiramente, Victor abriu sua carteira e fingiu consultar um papel enfiado lá dentro.

– Meu Deus, é demais, vou ter que usar óculos! De fato, é no Grand Hôtel dos Capucines.

Aliviado, o empregado assumiu uma expressão profundamente compadecida, e indicou a porta com um gesto vago.

– É um pouco mais acima, senhor, número 37.

Victor tornou a subir o bulevar, depois pegou rapidamente a rua Daunou. Na avenida de l'Opéra, entrou em um restaurante e pediu o prato do dia, coelho à caçadora com mostarda. Fechou os olhos e viu em pensamento o cadáver de um caubói de monóculo, rodeado por uma guarnição de vagens. Caubói, caubói, quem havia mencionado essa palavra? Recompôs-se e se encostou à cadeira. *Kenji, que confusão é essa? Quem você encontrou no Café da la Paix? Por que se encontrou com John Cavendish poucas horas antes da sua morte? Você só o viu? Você sabe, evidentemente, que ele foi morto. Por que não me fala sobre isso? Eu poderia te tranquilizar, te ajudar a forjar um álibi...*

O garçom colocou à sua frente um prato fumegante e um jarro de vinho tinto. A visão da carne lhe deu nojo. Victor contentou-se em cutucar as batatas com a ponta do garfo. *Uma batata, Kenji não é um assassino, outra batata, como ter certeza disso? Uma terceira batata, Kenji tem segredos, uma amante, um passado que você ignora completamente, mais uma batata, faça força pra comer, o garçom está olhando.*

Conseguiu comer o acompanhamento; quanto ao coelho... Aproveitou um momento de distração do garçom para colocá-lo em um lenço e mandá-lo passear sob a banquetta.

– O senhor aceita um sorvete? Está incluído no menu.

Com a colher enfiada em uma cassata, Victor virou a cabeça para seu vizinho da direita e se esforçou para ler a primeira página do *Événement*, aberto à sua frente.

O MORTO DO PALÁCIO DAS COLÔNIAS NÃO ERA NINGUÉM MENOS QUE O EXPLORADOR JOHN CAVENDISH, anunciava um dos títulos em tipos graúdos. O homem abaixou o jornal, jogou algumas moedas no pires e se levantou.

– Boas notícias? – perguntou Victor.

– O general Boulanger se recusa a deixar Londres. No entanto, ele tem numerosos partidários na França. Se quisesse... O que nós precisamos é de um homem como ele: o senhor viu, ainda tem suicídios por causa do Panamá. O mais triste é que são os pequenos poupadores que ficam na pior. Sempre a mesma história. Eles colocaram tudo o que tinham nessas ações, o canal quebrou, eles afundaram. Ah, não tem graça, senhor – disse o homem, colocando o jornal à frente de Victor. – Tome, fique com ele.

– O senhor aceita mais alguma coisa? – perguntou o garçom, olhando com desaprovação para o sorvete quase intacto.

– Um cafezinho e a conta.

Victor percorreu o artigo que falava de Cavendish. Convidado à Exposição Universal pelo ministro das Relações Exteriores, o naturalista americano deveria ser promovido a Cavaleiro da Legião de Honra e Membro da Sociedade Geográfica no próprio dia da sua morte. Seus inúmeros relatórios de explorações, traduzidos para o francês, haviam sido publicados regularmente no *Tour du monde – Nouveau journal des voyages*, sendo que os primeiros datavam do início de 1857.

Seguia-se uma biografia do homem. Nascido em Boston em 1828, havia percorrido, de 1852 a 1860, a Malásia, o Camboja, o Sião e a Birmânia, tendo coletado amostras de plantas destinadas à farmacopeia. Em 1863, esteve em Londres para uma série de conferências. Passou uma temporada na Inglaterra até 1867, ocupado em redigir várias obras relatando suas expedições. Ao voltar para a América, foi encarregado por seu governo de inventariar a flora e a fauna do Alasca, vasto território russo recentemente comprado pelos Estados Unidos...

Victor pousou o jornal. Kenji havia sido contratado por seu pai em 1863. Portanto, encontrava-se em Londres no período em que Cavendish ali estava. Antes dessa data, ele também havia viajado muito pela Ásia. A juventude de Victor fora alimentada por relatos dessas perambulações, cujos destinos e cronologia acabaram confundidos por ele. Além disso, o próprio Kenji se

encarregava de misturar as pistas, cativando o inglesinho com o suspense de uma caça ao tigre ou com um naufrágio no mar da China. Victor abriu a agenda e anotou, sob a frase do *Figaro*: *Kenji, Cavendish, viagens, antes de 1863?* Intuíra ter farejado uma boa pista, e estava ao mesmo tempo excitado e angustiado. Pagou e saiu.

VI

Segunda-feira, 27 de junho, tarde

No boulevard Haussmann, Victor se acalmou. Tudo aquilo era um mal-entendido. O recepcionista provavelmente tinha razão, tratava-se de outro Grand Hôtel. Quantos havia em Paris? Vejamos... O do boulevard dos Capucines... O do Trocadéro... E também o Grand Hôtel de l'Athénée, na rue Scribe... O Grand Hôtel Paris-Nice, no *faubourg* Montmartre... Kenji tinha tido um encontro no quarto 312, com um certo J. C. A menos que se tratasse de uma mulher: Joséphine C., Jeanne C., Judith C. Para ter certeza, seria preciso perguntar aos recepcionistas de todos os Grand Hôtel da capital e de seus arredores... Pare! Perigo. A mente pode pregar peças de mau gosto. Ele mesmo não tinha se convencido de ser portador de uma doença grave no ano anterior, porque os sintomas gástricos de que sofria combinavam perfeitamente com os de um tumor maligno? Que vergonha quando o doutor Reynaud lhe havia anunciado, sorrindo, uma reles helmintíase, recomendando que tomasse um vermífugo! Por mais impassível que fosse, Kenji não teria conseguido se controlar a ponto de fingir indiferença quando a condessa de Salignac esfregara o jornal em seu nariz. Se não reagira, é porque não estava interessado. Aquele sujeito, Cavendish, fora vítima de uma simples crise cardíaca; o mesmo acontecera com a mulher da torre. “A verdade, algumas vezes, pode não ser verossímil.” Quantas vezes esse verso de Boileau fora constatado no passado, quantos erros judiciais não tiveram inocentes como vítimas, por causa da imaginação demasiadamente fértil de um investigador qualquer? Kenji havia viajado, Cavendish também, grande coisa! 1863, Londres; e depois? Além disso, a data de contratação de Kenji pelo senhor Legris, encontrada por acaso em um livro de contabilidade, não provava que o japonês já não estivesse na Inglaterra há um bom tempo. Tudo era verdadeiro e falso ao mesmo tempo, os fatos mudavam de sentido.

Meio convencido pela própria argumentação, Victor avançou. A buzina de um bonde o trouxe à realidade; foi preciso se agarrar a um poste. Arrumando o

chapéu e alisando o bigode, ele finalmente levantou a cabeça e avistou a igreja Notre-Dame-de-Lorette. Acaso ou ato falho? Precipitou-se para a primeira floricultura.

Pequenos sóis brancos com o miolo amarelo – cerca de trinta –, margaridas envoltas em papel rendado, seguras por uma mão masculina. Um rosto um pouco crispado, dotado de um bigode e de olhos negros, encimado por um chapéu de aba larga. Ele.

Ela fez um movimento de recuo.

– Desculpe minha roupa, estou horrorosa, estava pintando.

Victor conteve o riso. Horrorosa. Bem coisa de mulher. Odette havia empregado essa expressão ao despertar. Mesmo estranhamente vestida com um avental grande demais, os pés descalços, os cabelos recolhidos por pentes, Tasha estava adorável. Mais adorável ainda porque ele a imaginou nua, ou quase, sob o tecido de algodão.

– Está calor. A senhorita aceitaria tomar alguma coisa comigo?

Ela mordeu o lábio. Aquele era um homem complicado, dava para ver pela atitude de segurar as flores, em vez de simplesmente entregá-las.

Prudência. Lembre-se de sua decepção com o bom e velho Hans.

– Estou incomodando a senhorita – ele acrescentou com ar sombrio.

Ela se decidiu e pegou o buquê.

– Concordo com uma ida ao café, mas não mais de uma hora. É o único dia da semana em que posso pintar. Vou me vestir.

– Espero a senhorita lá embaixo.

Sem dizer uma palavra, ela o puxou pela manga para o interior do cômodo e fechou a porta. Apanhou as roupas espalhadas pela cama. A visão da anágua e dos *caleçons* forçou Victor a se virar e fingir um interesse súbito pela estufa de faiança. Tasha jogou as roupas sobre uma das cadeiras de palhinha, sendo que a outra estava cheia de telas. Victor examinou o lugar, notou o papel descascado das paredes, os livros amontoados no nicho. Os quadros pelo chão, sobre os móveis, sobre o cavalete, telhados por toda parte, o cinza azulado do zinco acentuando a palidez do céu pintado em textura, esse céu de Paris reconhecível entre todos, porque, mesmo quando sorria, parecia querer chorar.

– Não é muito elegante, mas só tenho isto – ela disse, colocando as margaridas em um jarro esmaltado.

Ela o examinou às escondidas: ereto como um I, as mãos nos bolsos, parecia um manequim.

– Fique à vontade, fico pronta em cinco minutos.

Tasha indicou-lhe a cama, único assento disponível. Ele se sentou na beiradinha, sentia-se desajeitado, ridículo. Do quartinho onde ela havia se fechado, veio o barulho de água sendo despejada num recipiente, depois um marulhar. Ela estava se lavando. Enquanto, em se tratando de Odete, essa atividade o deixara indiferente, agora ela lhe provocava visões eróticas. Fosse ele o homem seguro de si que sonhava ser, teria aberto a porta e contemplado a jovem com ar de conquistador. Talvez tivesse até mesmo levado a audácia um pouco adiante. Mas hesitava em correr esse risco: provavelmente, seria a melhor maneira de afastá-la para sempre.

Ao mesmo tempo ateliê e moradia, o cômodo continha o dobro de objetos que poderia conter. Tudo indicava que Tasha não era uma mulher ordeira: mais provavelmente, era uma dessas boêmias cujos altos e baixos Victor adorava ler nos romances-folhetins, mas que na vida real o assustavam. Sobre um aparador entulhado de pincéis e tubos coloridos, notou uns restos de presunto e um purê ressecado num prato lascado, e uma ponta de pão amanhecido. Ela se alimentava mal. Um grande frasco de vidro iridescente chamou sua atenção. Um perfume caro, com a tampa ainda lacrada. Presente de um admirador? De um amante? Pensou imediatamente que ela o tinha deixado entrar em casa com muita facilidade. *Deixado entrar, não, você quer dizer agarrado.* Quase contra a vontade, ele se levantou, aproximou-se do nicho, começou a arrumar os livros e classificá-los por ordem alfabética: Hugo, Tolstói, Zola... Avistou uma reprodução em preto e branco presa à parede com percevejos: um homem arriado sobre uma cama. Não se poderia dizer se dormia ou se estava esgotado. Ao seu redor, quase tocando-o, esvoaçava uma nuvem de pássaros noturnos ameaçadores. Abaixo, escrito a lápis, um comentário: “O sono da razão cria monstros”. *Conheço isso*, ele disse consigo mesmo, *onde foi que já vi?*

Ela gritou através da porta:

– Como é que o senhor conseguiu meu endereço?

Ele se sobressaltou e voltou a se sentar.

– Marius Bonnet me deu. A senhorita ficou brava?

– Por quê? Deveria?

Sua cabeça sorridente apareceu pela fresta.

– Poderia me passar as roupas que estão sobre a cadeira? Obrigada.

Um braço nu apossou-se da trouxa de tecidos. Houve um farfalhar, um pisoteio...

– Nossa! Que aborrecimento ter que calçar meias! Invejo o senhor por ser homem; não conhece a tortura dessa moda inventada pelos homens para estragar a nossa vida! Sabe qual é o futuro da mulher, segundo minha proprietária? Os culotes!

– Deus do céu, espero que não, seria um pesadelo.

– Uma bênção, o senhor quer dizer. Vou me pentear.

Barulho da escova em seus cabelos: pior ainda que o da bacia e dos fru-frus. Para esquecer, Victor pegou um bloco de croquis sobre a mesinha de cabeceira. Folheando-o pelo final, teve a surpresa de descobrir vários esboços de seu próprio rosto. Portanto, ela pensava nele. Estava errado em ser tão reservado. Encontrou o desenho que ela havia contemplado na rua do Caire: a mulher morta na torre, um corpo estendido sobre um banco, três crianças com o olhar amedrontado. Depois, três belos estudos dos Pele-Vermelhas. O último croqui despertou nele uma vaga lembrança que, no entanto, não se ligava a nada real. Os mesmos Pele-Vermelhas, desta vez de corpo inteiro, de pé em frente a um vagão de estrada de ferro, observavam um homem estendido e um outro ajoelhado perto dele, em meio a objetos disparatados, trouxas, cestas, cavalo de balanço estripado, cadeira de três pernas. Antes que ele pudesse pensar mais a respeito, Tasha saiu do banheiro-cozinha e rodopiou pelo cômodo à procura de bijuterias.

– Estou quase pronta.

Ele escondeu o bloco sob um jornal que também estava na mesa de cabeceira.

– Mas... onde estão minhas luvas?

Tasha virou-se bruscamente para Victor, observou sua mão sobre o jornal, riu.

– É, eu sei, é ridículo, mas um camarada queria muito assinar o Livro de Ouro, pediu que eu o acompanhasse, cedi. Bom, azar, não são as luvas que estão faltando!

Ele apanhou um jornal onde estava impresso:

Exposição Universal 1889

LE FIGARO

Edição especial impressa na torre Eiffel

Este número foi entregue à senhorita Tasha Kherson

como lembrança de sua visita ao Pavilhão

do Figaro na segunda plataforma

da torre Eif...

– Ah, deixe isso, é idiota! – ela disse, tirando *Le Figaro* das mãos dele.

Jogou o jornal sobre a cama e se pôs a remexer em uma das arcas de vime.

– A propósito, o senhor escreveu sua crônica literária pro *Passe-Partout*?

– Escrevi, mas não sei se meu tom rabugento agradará aos leitores. Eu me insurjo contra a multiplicação de correntes literárias, romantismo, naturalismo, simbolismo, e lamento o abastardamento da língua.

– O senhor é um nostálgico. E Victor Hugo, o que faz com ele?

– Não faço nada, gosto do homem que ele era, deploro seu tom às vezes enfático demais, em resumo, não sou hugólatra.

– Hugólatra? Não conhecia esse adjetivo. Ele está no *Littré*?

– No ritmo em que a língua evolui, não demorará para...

– Achei!

Tasha agitava, triunfante, vários pares de luvas de renda. Escolheu um, jogou-o junto com os outros na arca, deixando cair o fecho.

– Não são as boas.

– É uma coleção? – ele perguntou, divertido.

– Não, eu não teria condições. Minha herança materna. Minha mãe adorava os belos trajes...

A imagem de Djina, sua mãe, enchendo uma mala na casa sem conforto da rua Voronov invadiu sua mente. Revivia constantemente aquele dia do inverno de 1885, do qual conservava uma lembrança precisa. “Parta, minha pequena Tasha, parta, viva seu sonho. Vá a Berlim, tia Hannah te ajudará. De lá você chegará a Paris. Aqui você não tem futuro.” A separação dos pais, o fechamento da escola da Pouchkinskaïa, a mudança para a casa da avó naquela aldeia hostil de Jitomir, que exalava ódio, tudo a impelia a fugir. Sentia-se culpada por deixar a mãe e a irmã para trás, mas o desejo era forte demais. Apalpou, no bolso, a última carta de Djina. Quatro longos anos sem se ver.

A presença de Victor a reconduziu bruscamente ao presente. Estava diante dela, observando-a, perplexo.

– Puxa! Não encontro mais as luvas que uso normalmente. Quando deixei a Rússia, não pude carregar bagagem, me contentei em trazer as luvas. É por isso que minhas mãos estão em melhor situação que meus pés! – concluiu ela, mostrando a botina direita, cuja ponta estava deformada pelo dedão.

Os dois riram, e Tasha acertou o chapéu, observando-se no espelho rachado pendurado perto do nicho. Fascinado pelos cachos em sua nuca, Victor teve que

se conter para não colocar os dedos ali.

– O senhor conhece Marius há muito tempo? – perguntou ela, abrindo a porta.

Como ele não se mexia, encarando-a com uma expressão quase dolorosa, ela caminhou em sua direção.

– E aí, o senhor vem? Ah, minhas luvas, aí estão! O senhor estava sentado em cima delas!

A tempestade havia passado, deixando um frescor agradável. Victor não se atrevia ainda a pegar no braço de Tasha. Ela o levou pela rua dos Martyrs, onde conhecia uma cervejaria frequentada por Baudelaire.

– Conheci Marius há oito anos, no ateliê de Ernest Meissonier – ele disse, respondendo com atraso à pergunta.

– O ilustríssimo especialista em afrescos militares?

– Eu não estava lá para admirar sua pintura, e sim para ver uma projeção de fotografias animadas. A senhorita já assistiu a uma sessão de zoogiroscópio?

– Que bicho é esse? – exclamou ela, entrando no café e logo cumprimentando o garçom com um sinal amigável. – O senhor sabe que as mocinhas como eu não entendem nada das novas técnicas...

Ele não notou a ironia dessa observação.

– Uma espécie de lanterna mágica aperfeiçoada. Ela dá a ilusão do movimento – explicou ele, oferecendo-lhe uma cadeira.

A cortesia divertiu-a: não tinha o hábito de ser tratada com tanta consideração.

– O que a senhorita bebe?

– Eles fazem uma limonada ótima – declarou ela, como frequentadora.

Ele pediu um conhaque. Marcel, o garçom, sugeriu os doces da casa. Victor não aceitou, mas Tasha teve um segundo de hesitação, que ele notou.

– Não resista, sou eu que ofereço.

– Nesse caso... O senhor tem baba ao rum? – ela perguntou a Marcel, os olhos brilhando de cobiça.

– A senhorita é uma *gourmand* – disse Victor.

– Muito. E depois, em dias de miséria ou de preguiça, eu me alimento de pudim. Isso sustenta.

Ele se sentia mais relaxado. Aquela garota o divertia com suas maneiras descontraídas, sua linguagem familiar; tinha a impressão de conhecê-la há algum tempo.

– Então, vocês ficaram amigos, Marius e o senhor? – ela perguntou com a boca cheia.

– Isso a deixa espantada?

– Um pouco. O senhor é tão diferente dele! Parece dar muita importância às pequenas coisas da vida. É claro que é só uma impressão. Marius está pouco ligando para tudo que não seja seu jornal.

– A senhorita tem razão, talvez eu leve a vida a sério um tanto além da conta. Enquanto a senhorita... é muito independente, original, gosto demais dos seus qua...

Ele não teve tempo de terminar. Um gigante hirsuto e barbudo, com um olho roxo, tinha se precipitado sobre eles.

– Senhorita Tasha!

– Danilo! O que aconteceu?

– Vocês permitem?

Sem esperar resposta, o recém-chegado sentou-se perto de Victor que, furioso, se afastou.

– Você brigou?

– Ontem, na exposição, durante o intervalo do almoço, fui ensaiar perto do Sena a grande área de *Boris Godounov*. Naturalmente, eu não tinha me trocado, ainda estava vestido com a pele de Cro-Magnon. Para dar mais amplitude à minha tessitura, levantei a clave, quando uma mulher gritou: “Prendam o exibicionista!”. Imediatamente, três representantes da lei me jogaram no chão com toda a força. Desde que dois imbecis tiveram a má ideia de morrer nas proximidades, o Champ-de-Mars está recheado de policiais. Eles me acertaram direitinho! Ah, não deixei por isso, acredito até que acertei um. Em seguida, eles reconheceram o erro, pediram desculpas, garantiram que reembolsariam minhas despesas médicas. Amanhã volto para minha gruta – concluiu, em tom fúnebre.

Tasha fez as apresentações. Ao saber que Victor era livreiro, Danilo se animou.

– O senhor não está precisando de um balconista, por acaso? Entendo bastante de literatura.

– Obrigado, já tenho um.

– Um chope, e sem falso colarinho! – anunciou Marcel, colocando um copo na frente de Danilo, que murmurou, pensativo:

– Quarenta trabalhos, cinquenta desgraças, é isso que me cabe.

– Tenho que ir – disse Tasha – tenho muito trabalho.

Aliviado por deixar o serviço, Victor se apressou a segui-la.

– A senhorita o conhece bem?
– É meu vizinho de andar.
– A senhorita o deixa entrar em sua casa?
– Nunca, teria muito medo que ele cantasse a grande área do *Fausto* para mim!

Uma ideia germinou em Victor. E se alugasse um apartamentinho? Tinha meios para isso. O que ela diria? Sondou o terreno:

– A senhorita não está cansada de viver nesse cômodo exíguo e de se privar de alimentação?

Ela parou para encará-lo com ironia.

– É óbvio que eu preferiria a suíte real do Grand Hôtel!

– Por que esse lugar? – ele se perguntou, subitamente na defensiva.

– Só que tenho que considerar minha situação sob um ponto de vista prático – completou ela, voltando a andar. “Enquanto eu não for uma artista reconhecida, terei que me contentar com a mansarda de Helga Becker. Pelo menos, ali eu tenho uma bela vista dos telhados.

– Quando a senhorita pensa passar na livraria? Ontem fizemos o inventário. Reservei uns livros ilustrados por Gustave Doré e reproduções de Jérôme Bosch para a senhorita. Quanto aos *Caprichos*, é preciso ter paciência, estão no encadernador.

Tasha lhe dirigiu um olhar de viés e não respondeu. Avançaram em silêncio até o número 60. Victor já não sabia se ela o atraía ou lhe dava medo. Mas quando ela lhe estendeu a mão enluvada, prometendo ir à rua dos Saints-Pères assim que tivesse tempo, ficou feliz. Viu-a desaparecer no fundo do pátio, depois voltou lentamente até a igreja da Trinité. Parando à altura de uma mercearia fina, teve vontade de lhe dar um presente. Pensou num frasco de perfume. Bastariam uns doces, ela ia gostar mais. Biscoitos rosa de Reims? Ia empurrar a porta da loja quando uma silhueta miúda se refletiu na vitrine. Ele se voltou. Na calçada oposta, Tasha se apressava em direção ao ponto de fiacres. Soprou algumas palavras a um dos cocheiros e subiu. Sem refletir, Victor se precipitou.

– Siga aquele carro – gritou, entrando apressado no fiacre seguinte.

Tasha desceu em frente à rotunda do parque Monceau. Depois de acertar a corrida, tocou a sineta de uma mansão particular com jeito de palácio hindu. Victor esperou que ela entrasse para descer do fiacre. Seu pulso batia como se tivesse corrido. Deu alguns passos ao longo da grade, sem se atrever a se aventurar sob a frescura das árvores e sem tirar os olhos da porta de entrada

maciça. Não gostava muito daquele bairro novo da planície Monceau, celeiro de casas principescas, construídas por novos ricos, mesmo que se contassem, entre seus ocupantes, alguns artistas talentosos. Sinal dos tempos. O terreno, que em 1870 valia 45 francos o metro quadrado, tinha passado de 300 francos, e não se sabia até onde iria essa febre especulativa. *Aqui, até mesmo os lacaios se julgam superiores ao comum dos mortais*, pensou ele ao ver se aproximar um criado de colete listrado, muito rígido, que levava dois galgos afegãos ao parque. Victor colocou-se no meio da calçada, obrigando-os a parar.

– Desculpe-me, vim de Limoges, estou um pouco perdido. De quem é essa casa? – perguntou, com o dedo apontado para uma mansão situada no lado oposto ao palácio hindu.

– É a residência do senhor Pointevin e de seu primo, o senhor Guy de Maupassant.

– Guy de Maupassant, o escritor?

– Sim, senhor – respondeu o criado, num tom ligeiramente entediado.

Ele quis continuar seu caminho, mas Victor o reteve pelo braço.

– Minha mulher garante que é um gênio. Ela me fala o tempo todo de uma história de bola de cinzas. E aquela casa lá?

– *Bola de sebo*, senhor. É a mansão do senhor Dumas Filho.

– Ah, *A dama das hortênsias*...

– *Das camélias*, senhor – retificou o criado, enquanto se esforçava para acalmar os cachorros, que puxavam suas guias.

– Uma última pergunta. Essa construção rebuscada? A residência de um nababo?

– A mansão do senhor Constantin Ostrovski, um grande colecionador de obras de arte – respondeu o criado com uma fungadela de desprezo.

– Ah, a arte! Não existe nada tão verdadeiro! Existem pintores por aqui?

– O senhor Meissonier não mora longe, do outro lado do velho bulevar exterior, logo ao lado do castelo de tijolos do senhor Gaillard, a quem tenho a honra de servir. Calíope! Policarpo! Vamos voltar!

Victor voltou sua atenção para o palácio hindu. Teve que esperar um bom tempo até que Tasha saísse. Ela atravessou o bulevar de Courcelles. Ele hesitou. Devia segui-la? Não. Um encontro com o nababo com certeza lhe daria mais informações.

Victor entregou seu cartão de visitas a uma criadinha jovial que o deixou no vestíbulo, depois de lhe ter oferecido uma cadeira professoral, onde ele se

recusou a sentar. Muitas semelhanças com a sala de espera de seu médico. Pôde examinar à vontade uma coleção de armas antigas, sabres, mosquetões, pistolas, pendurados nas paredes entre quadros de cenas campestres. O proprietário do lugar parecia gostar das paisagens, vistas à distância, do busto de graciosas leiteiras. No meio dessa barafunda, enquadrado como um diploma e em destaque para que cada visitante o notasse, *Le Figaro de la Tour*. A matéria principal começava com estas palavras:

A PERSONALIDADE DO DIA:

CONSTANTIN OSTROVSKI

Foi com vivo interesse que acompanhamos...

Victor não conseguiu saber mais. A porta do vestíbulo acabava de dar passagem a um quinquagenário corpulento, usando monóculo, o crânio raspado, rosto jovial. Com a velocidade de um clarão, Victor reviu Kenji desembalar suas gravuras no terraço do Café de la Paix. Reconheceu seu comprador.

– Em que posso servi-lo, caro senhor... Legris? – perguntou Constantin Ostrovski, com os olhos voltados para o cartão de visitas.

Victor fez um esforço para controlar sua emoção.

– A personalidade do dia é o senhor? – ele perguntou, apontando *Le Figaro*.

– Eu mesmo! Meu ego incha tanto quanto a rã de La Fontaine. Faço força para acalmá-lo, de medo que ele estoure.

Victor aproximou-se do quadro, pulou as linhas voltadas ao colecionador, leu a lista dos signatários do Livro de Ouro, impressa sob o artigo:

Si-Ali-Mahaoui, Fez. Aiker, redator do Berliner Zeitung. G. Collodi, Turin. J. Kulki, redator do Hlas Navoola, de Praga. Victorin Alibert, líder de banda. Madeleine Lesourd, Chartres. Kenji Mori, Paris. Sigmund Pollock, Viena, Áustria...

A borda da moldura escondia o resto.

– O senhor não me respondeu, senhor Legris.

Com esforço, Victor desviou o olhar e balbuciou:

– Venho da parte de... Kenji Mori.

– Kenji Mori? Desculpe-me, não consigo guardar nomes. Um asiático?

Victor concordou:

– Japonês.

– Isso não me diz nada. Talvez eu o tenha conhecido em casa de Siegfried Bing, rua de Provence, o senhor sabe, o *marchand* de arte oriental.

– Ele me garantiu ter lhe vendido as gravuras de Utamaro.

– É possível, compro a torto e a direito. O senhor tem algo para me propor?

– Ah, bom, é delicado, veja o senhor, eu...

– Não me venha dizer que comprei mercadoria roubada!

– Não, não! Na verdade, possuo certas obras raras das quais adoraria me livrar sem alarde, o senhor compreende...

– Venha, ficaremos mais à vontade na sala. O senhor tem alguma coisa contra o chá? Com este calor, um chá fervendo é a bebida ideal.

Ostrovski conduziu-o por cômodos entulhados de bibelôs chineses, antiguidades gregas, pratos de Sèvres, móveis renascentistas, animais empalhados. Foram dar em uma peça com grandes vãos envidraçados, invadida por uma vegetação luxuriante que subia, imperiosa, até o teto. Nas paredes, guarnecidas de ladrilhos de faiança de cores vivas, estavam pendurados dezenas de quadros cujas cores destoavam da decoração. O mais modesto representava um cacho de uvas; o maior, a batalha de Sebastopol. Ladeados por dois ícones dispostos sobre a prateleira de um aparador, alinhavam-se pequenos vasos de barro hermeticamente fechados. Um sofá de canto, quatro cadeiras e uma mesa de ratã, agrupados em torno de uma fonte que jorrava, completavam o mobiliário.

Victor estacou diante do sofá encimado por uma pintura a óleo de belas dimensões: uma dançarina oriental nua, envolta em véus transparentes, girava sob o olhar concupiscente de um xequie.

– A umidade... não faz mal para as suas telas?

– Pintores de domingo! – disse Ostrovski, rindo. – Eu me vingo de todos esses cretinos pretensiosos que construíram à minha volta, os Duez, os Gervex, os Escalier, os Clairin... Esses barões da paleta não hesitam em me vender o menor estudo a preço de ouro, para se presentear com japonices compradas na loja do Louvre! Eles se vangloriam de estar expostos com destaque na minha casa. O que ignoram é que este salão não foi concebido para eles, mas para minhas plantas queridas. Vamos nos sentar.

Constantin Ostrovski bateu palmas. A criadinha jovial apareceu imediatamente.

– Sônia, chá. O senhor disse “obras raras”? – retomou ele, voltando-se para Victor.

– Manuscritos... Antifonários... Um livro de horas colorido do século XIII.

– Ah, livros? – disse Ostrovski com uma careta. – Sinto muito. Não tenho grande interesse por livros, principalmente se falam de religião.

– Aquele é muito precioso. Pertenceu a Luiz IX, sua encadernação é uma pequena maravilha.

Ostrovski entrecruzou os dedos, apoiando o queixo.

– E, com certeza, o senhor quer nele uma boa soma.

– Nada excessivo, é uma peça muito bonita!

– Neste momento, estou apaixonado por objetos exóticos. Esse arco e essa aljava, ali, à sua esquerda, tomados do inimigo, um presente de meu amigo Nate Salsbury, o empresário, como ele se denomina, de Búfalo Bill. Mas livros... devo confessar que...

Victor sentia-se mal. Aquela selva de formas torturadas lhe lembrava a estranha confusão de uma estufa quente concebida por um artista vítima de paranoia. O feto arborescente desdobrava seu leque à sombra dos bambus; a palmeira da Índia ladeava os cactos do México; as zâmias e as cicas da África misturavam-se às orquídeas do Brasil. Essa aproximação incongruente de espécies vegetais, violando as leis da geografia botânica, provocavam nele uma sensação de sufocamento. Reparou numa vitrine cheia de frascos de boca larga, onde germinavam monstros evocando fetos conservados em álcool. Lembrou-se de seu encontro com Tasha no Palácio das Artes Liberais. Tasha... O que é que a havia retido por tanto tempo na casa desse homem? Será que ela havia se estendido no sofá, sob a dançarina nua? Teriam as mãos gorduchas desse indivíduo explorado seu corpo? *Ela se livrou de você. Ela mentiu.*

– Senhor Legris? Senhor Legris, está me escutando?

– Me desculpe, estava admirando seu laboratório, ali, sobre o aparador, um conjunto tão belo de vasos...

– Um de meus menores pecados. Quando criança, sonhava ser um boticário: não um imbecil como esse Homais, caricaturado por Flaubert, não: um técnico que perceberia todos os segredos das plantas e saberia extrair delas tanto os princípios bons como os ruins. Aí está: sabe o que poderia me interessar? Um código farmacêutico antigo. O senhor não tem um para me vender? Não? Que pena...

Empurrou uma caixa de charutos para Victor.

– Aqui está uma planta benéfica. Sirva-se.

– Não, obrigado, não fumo senão cigarro.

Sônia lhes trouxe o chá, um líquido preto, fumegante, onde boiavam rodela de limão. Ostrovski roeu uma pedra de açúcar, sorveu ruidosamente um gole do

líquido quente, pousou o copo, fez um amplo gesto circular designando as plantas.

– Sabe por que elas me fascinam, senhor Legris? Elas se parecem conosco. Veja o senhor, nas florestas tropicais, as menorzinhas dentre elas não podem sobreviver por falta de luz. Esperam que uma árvore gigantesca caia para abrir espaço para o sol. É lógico que muitas não terão essa chance, é uma corrida para o topo. As primeiras a conseguir desenvolverão galhos laterais, relegando as perdedoras à sombra e à morte. Encontramos também espécies que dispensam a luz, as saprófitas, as parasitas: elas se alimentam de substâncias em decomposição. Aqui em casa, todas desabrocham, cuido para que isso aconteça. O senhor gosta de plantas, senhor Legris?

– Hã... Gosto, pelo menos das que não são perigosas – respondeu prudentemente Victor, que começava a ter dúvidas sobre a saúde mental de seu anfitrião.

– Perigosas? Tudo depende da utilização que se faz delas. Só o homem é perigoso, o senhor não acha? Bom, tenho seu cartão; a bola, portanto, está comigo, entrarei em contato. Tive muito prazer em conhecê-lo.

Constantin Ostrovski levantou-se, indicando assim que a visita havia terminado. Trocaram um aperto de mãos. Concedendo-lhe um sorriso esperto, Sônia acompanhou Victor até a porta.

Ele entrou no parque respirando fundo. Sentia-se, ao mesmo tempo, decepcionado e aliviado. Tasha e Kenji haviam encontrado Constantin Ostrovski: o que havia nisso de extraordinário? Ostrovski colecionava tudo e qualquer coisa; Tasha pintava; Kenji convertia suas gravuras em dinheiro a fim de alegrar uma amante.

Sentou-se em um banco perto do laguinho e contemplou a bagunça das criancinhas com pás e peneiras, esforçando-se por organizar as ideias. E se a mulher a quem Kenji destinava suas bugigangas não fosse outra senão Tasha?

– A que ponto chegaram as coisas... Não!

Uma babá de sentinela ao lado do tanque de areia se voltou para encarar o homem que falava sozinho. Incomodado, Victor se levantou.

– Não, absurdo!

Rejeitou o pensamento. Ia acabar perdendo o controle dos nervos. Quando chegava ao ponto dos fiacres, visualizou a página do *Figaro de la Tour* exposta na casa de Ostrovski. Será que John Cavendish também figurava entre os signatários do Livro de Ouro? E Eugénie Patinot? *Faltam-me provas, provas precisas.*

Victor verificou mais uma vez se Kenji não tinha subido atrás dele; não, ele devia estar ainda sentado à escrivaninha com suas fichas, mal tinha reagido ao escutar o carrilhão. Levantou o mata-borrão, descobriu a manchete do *Figaro de la Tour*:

A PERSONALIDADE DO DIA

CONSTANTIN OSTROVSKI

– seguida da lista dos signatários do Livro de Ouro:

...Madeleine Lesourd, Chartres. Kenji Mori, Paris. Sigmund Pollock, Viena, Áustria. Marcel Forbin, tenente do 2º batalhão de encouraçados. Rosalie Bouton, tintureira, Aubervilliers. Senhora de Nanteuil, Paris. Marie-Amélie de Nanteuil, Paris. Hector de Nanteuil, Paris. Gontran de Nanteuil, Paris. John Cavendish, Nova York, Estados Unidos...

As letras ficaram borradas, fundiram-se em uma mancha cinza. Victor ficou um bom tempo imóvel, cabeça vazia, ouvidos zumbindo. Conseguiu se controlar. Forçou-se a reler desde o começo, seguindo as linhas com o dedo. Estavam todos os três lá: Ostrovski, Kenji, Cavendish. E Eugénie Patinot? Em nenhuma parte. Totalmente desconhecida. Eugénie Patinot tinha se contentado em subir ao primeiro andar. Victor recolocou o jornal no lugar, alisou o mata-borrão. Será que tinha caído no pesadelo de um louco? Reconstituindo-se, percebeu que os dois retângulos vazios que marcavam a localização dos Utamaro haviam sido recobertos por duas novas gravuras, duas paisagens noturnas de Hiroshige. Uma dor surda tomou conta de sua testa. Em uma moldura prateada, Kenji o observava, numa mescla habitual de seriedade e ironia. *Como desconfiar que um homem que ri com os olhos seja um assassino?*

Novamente tomado pela dúvida, abriu uma gaveta e descobriu um guia de estradas de ferro, o *London and Dower Railway*. A porta do apartamento rangeu às suas costas. Fechando a gaveta, ele se virou de um pulo. Kenji o contemplava, surpreso.

– Estava procurando alguma coisa?

– Estou com enxaqueca. Esperava desencavar a *cérébrine* não acho mais nenhuma em casa.

– Você sabe muito bem que eu nunca tomo remédio. Vou mandar o Joseph à farmácia. Então, vá se deitar.

– Deixe o Joseph. Ainda devo ter um pouco de noz-de-cola. E aí? Você mudou as gravuras – disse Victor num tom que se esforçava por parecer natural.

– O hábito é semelhante a uma velha amante, é bom sacudir seu jugo.

Irritado com o provérbio que provavelmente Kenji acabara de inventar, Victor voltou para seu apartamento, com Kenji no seu encalço.

– Andei pensando, conheci um amante de gravuras, louco pela obra de Hokusai. Está disposto a comprar não importa o preço, principalmente se forem desenhos de animais. O nome dele é Ostrovkine, alguma coisa assim. Você o conhece?

Rápido, deitar, fechar os olhos.

– Não sou comerciante de gravuras. Vou preparar um chá pra você.

Victor quis recusar, mas Kenji já tinha desaparecido. Lembrou-se das aventuras do rei dos macacos, Souen-Wou-Kong, herói de lendas chinesas que Kenji lia para ele em tempos passados. *Ele é mais esperto do que um macaco, não tem como encurralá-lo. Será que conhece Tasha? Serão amantes?*

Kenji voltou trazendo uma bandeja redonda sobre a qual havia uma chaleira, uma xícara e um frasco de *cérébrine*.

– Estava perto da sua bacia. Estou surpreso que você não a tenha visto. Tome enquanto está quente.

Victor esforçou-se para bebericar o chá verde, apesar dos protestos de seu estômago. Quando ia pousar a xícara, Kenji bateu palmas bruscamente. Victor se sobressaltou e quase derrubou tudo.

– O que deu em você?

– Um mosquito – respondeu Kenji, esfregando a palma das mãos. – Quando eu era pequeno, era craque nisso.

Saiu em direção à cozinha. Victor aproveitou para esvaziar a chaleira no banheiro.

– Não vou jantar! Vou me deitar – ele gritou.

Estava com fome, mas uma refeição cara a cara com Kenji estava acima de suas forças. Fechou a porta do quarto, sentou-se na beirada da cama com a caderneta sobre os joelhos e anotou: *Qual é a ligação entre Tasha e Kenji? Tasha e Ostrovski? Kenji e Cavendish? Será que Patinot foi assassinada, como sugerem Gouvier e Clusel? Cavendish teve a mesma sorte?*

Deixou-se cair sobre os travesseiros. *Onde enfiei o jornal com sua biografia?... Ele escreveu artigos para Le Tour du Monde...*

Suas pálpebras se fechavam. Antes de se afundar, ele se perguntou a que horas poderia esvaziar o guarda-comida sem correr riscos.

VII

Terça-feira, 28 de junho, manhã

Incomodado com o calor, Victor levantou-se cedo. Depois de se assegurar que Kenji ainda dormia, roubou um pedaço de pão na cozinha e deixou a livraria às escondidas. Andou até o Sena.

– Um trago! Um trago! Quem quer um trago? Dez centavos a xícara!

Sobre a margem, um vendedor de cafezinho, com um fogão de folha de flandres sob o braço, oferecia sua bebida amarga aos tosadores de cães e aos fazedores de colchões, que já trabalhavam perto da ponte do Carrousel. Victor pediu um quarto de café e o engoliu de uma vez. Depois, mastigando seu pão, ladeou o rio, onde o céu nebuloso desenhava um mosaico de mica. Milhares de partículas luminosas reuniam-se e se desagregavam, rodopiando. *Como esta história em que estou enredado. Não devo me precipitar, preciso estudar os indivíduos um por um, Tasha de um lado, Kenji do outro. Principalmente Cavendish.*

Quando parou em frente ao número 77 do boulevard Saint-Germain, a livraria de L. Hachette et Cie, sede do *Tour du Monde*, acabava de abrir as portas. Foi até a recepção e expôs o objetivo de sua pesquisa a uma secretária, que o introduziu na sala dos arquivos. O encarregado anotou seu pedido. Alguns minutos depois, colocou sobre a mesa várias caixas de papelão contendo as publicações dos anos 1857-1860, ilustradas com inúmeras gravuras. Victor folheou o primeiro fascículo. Um artigo reteve sua atenção:

RELATO DE VIAGEM AO SIÃO,
O PAÍS DO ELEFANTE BRANCO,
por John Ruskin Cavendish

Eu me encontrava em Bangkok em dezembro de 1858, quando um amigo me propôs acompanhá-lo ao Laos ocidental, para assistir a

uma cerimônia de tatuagem. Essa operação, muito dolorosa e voluntariamente suportada pelos homens jovens para agradar os...

Victor virou as páginas. O sudeste da Ásia desfilava à sua frente? Camboja, Malásia, Filipinas, Bornéus, Java... Duas palavras retiveram sua atenção: “montanhas azuis”. Leu:

Em Java, as montanhas azuis elevam seus picos de granito até a 12.000 pés. Suas encostas encobrem ouro e esmeraldas.

Nítido como numa foto, o rosto de Kenji surgiu, debruçado sobre seu leito de criança. Contava uma história: “As montanhas azuis são o país dos dragões voadores. Quando o sol brilha, eles voavam qual morcegos ao redor das fortalezas erigidas sobre as encostas dos vulcões. Os javaneses lançam flechas contra eles, para afastá-los. Acontece que um dos monstros enfrenta suas flechas e pega um humano entre as garras. Foi assim que a princesa Surabaja foi levada, há um bom tempo. Ela era mais bela do que a aurora, tão esperta quanto o esquilo e cantava melhor do que a cigarra. Seduzido por sua graça, o dragão Djepu levou-a para seu ninho sobre o Krakatau. É preciso dizer que esse Djepu era, na realidade, um valente guerreiro, vítima dos sortilégios de uma feiticeira. Então...”.

Naquela noite, Victor jurou para si mesmo que um dia subiria o Krakatau. Treze anos mais tarde, a terrível explosão do vulcão tinha acabado com seu projeto.

VIAGEM PELA ILHA DE JAVA,
por *John Ruskin Cavendish, 1858-1859*

Victor não conseguia tirar os olhos desse título. Fez um cálculo rápido. Kenji tinha nascido em Nagasaki em 1839. Aos dezenove anos, depois de estudar história e geografia, tinha se dedicado a um périplo de vários meses pelo sudeste da Ásia. O conto das montanhas azuis levava a supor que tinha visitado Java. Aquilo batia com a presença de Cavendish na ilha, em 1859. *Eles se conheciam, talvez, há trinta anos! Em 1863, ano em que o senhor meu pai contratou Kenji, Cavendish estava em Londres...* Transtornado, Victor se recusava a acreditar em sua descoberta. Tentou alterar as datas: impossível, elas coincidiam.

Prosseguiu na leitura. A continuação da narrativa obrigava-o a se colocar questões perturbadoras. Fez algumas anotações na caderneta, mas, oprimido pela apreensão e pelo calor, parou.

Saiu, deixando para mais tarde a leitura dos outros fascículos. Avançou num passo incerto até o bulevar Saint-Michel, subindo em direção ao jardim de Luxemburgo. A calçada estava cheia de aprendizes de modista, de indolentes, de empregados apressados. Nos terraços dos cafés, misturavam-se estudantes em animada discussão e velhos melancólicos. Uma vendedora de balões de gás vinha no sentido inverso, apregoando seu cacho multicolorido. Victor se afastou para deixá-la passar.

– Compre meus lindos balões! Tem para todos os gostos: vermelhos, verdes, azuis, eles vão te deixar feliz!

Azul. Uma bola azul amarrada no punho da mulher morta na primeira plataforma da torre. Reviu a cena com perfeição. Essa imagem trouxe uma outra, e ele lembrou o garotinho com o balão azul visto no mesmo dia, no mesmo andar. A criança abriu a boca e disse: “Era um caubói, ele vem de Nova York”, e em seguida: “Ele pertence ao grupo do Búfalo Bill”. Nova York!

Resolveu, repentinamente, ir à casa daquela mulher. Como é mesmo que se chamava? Eugénie Pa... Não se lembrava nem de sua identidade, nem de seu endereço, mas estava tudo anotado no jornal que comunicava sua morte. Contanto que Joseph o tivesse guardado!

Como o nome indicava, a avenida dos Peupliers, em Auteuil, era ladeada de árvores esguias, atrás das quais se esguiam vilas elegantes. Victor passou uma primeira vez em frente ao número 35, sobre o qual uma placa informava: Senhor e Senhora de Nanteuil. Concluiu que Joseph lhe havia dado um endereço errado. Alguns metros adiante, deu meia-volta e refez lentamente seus passos. Ia passar novamente pelo 35, quando avistou na calçada oposta uma mulher corpulenta, se esforçando por recolher uns damascos caídos na sarjeta. O físico impedia-a de se abaixar. Correu em seu socorro. Ela se virou para pousar a sacola e aproveitou para beliscar as faces pálidas e lhe agradecer, dengosa.

– É preciso inclinar-se muito, e, por causa do tempo, meu reumatismo me ataca. Ainda bem que só um se estragou. Eles estão num preço exagerado, nesta época!

– A senhora é do bairro?

Ela deu uma risada boba e se contorceu, de um jeito malicioso.

– Se eu disser que não, seria uma mentira.

– Estou procurando a residência de uma certa Eugénie Patinot.

– Eugénie? Espere, espere, por acaso o senhor é da polícia?

Sua expressão afável tinha desaparecido; agora ela estava desconfiada.

– Sou. Eu... eu trabalho para a central.

– Não me interrogaram depois da morte dela; é uma pena, porque com certeza sou a melhor amiga que teve por aqui.

– Onde é que ela morava?

– É sério? O senhor não sabe?

– Me disseram para ir ao 35, mas a placa diz “Nanteuil”.

– O senhor está começando, é?

Ela o mediu com um pouco mais de benevolência. Victor esforçou-se para parecer estúpido.

– Eles são duros com a gente, os novatos, não nos dão todas as informações quando nos delegam uma investigação...

– Uma investigação? Já sei! A carta anônima mencionada nos jornais! Ela dizia que a pobre Eugénie sabia na certa um pouco demais. Não vejo de fato o que ela poderia saber. Era sempre a última a saber das fofocas do bairro. Em todo caso, sua família teve uma reação péssima, uma vergonha! É sobre isso que existe a suspeita?

– Não, não, eles só querem avaliar minha capacidade.

– Bom. Eugénie trabalhava na casa dos Nanteuil. Ela se julgava superior, mas não tinha motivo pra isso: afinal de contas, fazia o papel de empregada, como eu – meu nome é Louise Vergne. O senhor de Nanteuil trabalha no ministério. Na verdade, não passa de um burocrata, que vive em grande estilo graças à herança da mulher. Eugénie era meia-irmã da madame, uma parente pobre, uma viúva acolhida por caridade, encarregada de distrair as crianças. Eu a tinha prevenido: ir à exposição, com todos esses estrangeiros!

– Os estrangeiros não têm nada a ver com isso, ela foi picada por uma abelha.

– É o que dizem, é o que dizem, mas um dia, no mercado, vi um indiano que tocava flauta para encantar sua cobra. Já imaginou se a cobra se instala na casa da gente? Ah, com as abelhas é parecido. Quem prova que elas sejam mesmo francesas?

– Agradeço à senhora, vou fazer algumas perguntas aos Nan...

– Eles não estão, foram encomendar o mármore para a tumba. Cá entre nós – acrescentou ela em voz baixa –, seria capaz de apostar que se contentarão com o granito, são um pouco sovinas.

– Como?

– Avarentos, ora. Pagavam Eugénie com a maior má vontade. Eu abri a mão pra levar um lindo gerânio ao cemitério, mas eles colocaram sempre-vivas, que duram muito mais, o senhor entende. Pode tocar a campainha, a governanta está lá, vai recebê-lo. Fique alerta, é uma raposa, tinha antipatia pela pobre Eugénie. Chama-se senhorita Rose. Pra cima de mim? Da rosa ela só tem os espinhos!

Victor cumprimentou-a e atravessou a rua.

– Se o senhor quiser me interrogar depois, moro no 54, na residência dos Le Masson!

Victor tocou a campainha. O portão de ferro se abriu e ele atravessou um jardim cheio de buxos e salvas. Uma empregada o esperava à soleira.

– Gostaria de falar com a senhorita Rose, sou da central de polícia.

A governanta recebeu-o no salão. Grande, ossuda, rude, mais um cacto do que uma rosa – ainda mais porque tinha pelos no queixo.

– O senhor e a senhora estão ausentes, só voltarão à noite.

– Talvez a senhora pudesse me dar algumas informações sobre a senhora Patinot.

– Já respondi à polícia. Eu mal a conhecia. Só entrei para trabalhar com os Nanteuil a partir de...

Três crianças, dois meninos e uma menina, surgiram intempestivamente, gritando e rindo. O mais novo, armado com um revólver de papelão, perseguia os outros dois. Puseram-se a correr em volta da governanta.

– Marie-Amélie! Um pouco de compostura! – gritou ela, esforçando-se por fazer a menina parar.

Victor reconheceu os garotos que tinha visto no primeiro andar da torre.

– Hector! Venha cá!

– Não posso. Estamos brincando de Búfalo Bill. Eles são a Lontra Saltadora e o Lobo Vermelho, uns índios ferozes! – respondeu o menino, ofegante.

A governanta conseguiu acuá-lo contra a parede e o segurou com firmeza pelo pulso.

– Gontran, estou mandando você vir aqui.

Lobo Vermelho desacelerou e endereçou um olhar desolado à irmã, que correu para o corredor.

– Com sua licença, senhor, tenho que ter uma conversinha com estes senhores no quarto deles – falou a senhorita Rose entre dentes.

– Fique à vontade.

Ela saiu da sala, levando os meninos pela mão.

– Como se não bastasse, agora que sua tia está no céu! Vou pedir ao inspetor para prender vocês a pão seco e...

Victor não ouviu o resto. Uma porta se fechou. Um ruído o fez virar a cabeça. Com os cabelos em desordem e a boca aberta, a menina tinha se esgueirado para a sala e o examinava.

– O senhor é um policial de verdade?

Ele fez que sim com a cabeça.

– O senhor veio por... minha causa?

– Isso depende, senhorita.

– Eu não quis pegar aquilo, entende? Mas era muito bonito, e eu coloquei na minha bolsinha, não roubei nada.

– Conte pra mim.

– No outro dia, na torre Eiffel, tinha muita gente, eu queria ver tudo. Pegamos o elevador até o segundo andar, entramos na fila pra assinar o Livro de Ouro, vi como é que se faz um jornal. Depois, descemos pro primeiro pra comprar um presente pra mamãe, nas lojas. Minha tia estava cansada e se sentou. Hector deu seu balão pra ela guardar e foi passear com Gontran. Ela não queria que eu a deixasse. Pra mim, foi demais. Os meninos podiam fazer o que quisessem, e eu, não. Fiquei observando-os à distância. De repente, minha tia gritou “Ai!”. Alguma coisa tinha picado seu pescoço. Ela disse que era uma abelha. Exatamente na hora da picada, alguém caiu em cima dela, isso me fez rir. Minha tia se levantou de um pulo, foi engraçado, parecia um diabo saltando da caixa. Ela tornou a se sentar. Vi que dormia e fui bem devagar até a vitrine de uma loja ao lado. Quando voltei, ela ainda dormia, mas eu estava com fome, queria uma maçã do amor. Sacudi-a pra que acordasse, e depois vi uma coisa a seus pés, parecia o cabo de uma lixa de unha, mas estava quebrado. Catei aquilo... Foi isso, não fiz nada de mal.

– Gostaria muito de ver esse objeto.

– Na frente da senhorita Rose, não. É ela quem deveria confessar, uma verdadeira dedo-duro, repete tudo pra mamãe. Cuidado, olha ela aí!

– Dê um jeito de ir ao jardim, me encontro com você perto da grade da entrada.

A governante avançou para cima de Marie-Amélie, querendo pegá-la, mas a menina já tinha se abalado para fora do cômodo.

– Vá imediatamente para o seu quarto!

– Em cinco minutos! Antes, vou passear com minha boneca.

– Não!

Marie-Amélie tinha desaparecido. A governante soltou um suspiro.

– Ela é infernal.

– Não vou mais aborrecê-la, volto outra hora – disse Victor, pedindo licença.

Ela não o acompanhou. No final do jardim, quando ele chegava ao portão, Marie-Amélie apareceu, com a boneca nos braços.

– O senhor não vai contar nada pra mamãe?

– Cruz de madeira, cruz de ferro, se eu minto, vou pro inferno.

– Olhe aqui.

A menina colocou na mão de Victor uma haste metálica incrustada em um cabo de mármore afunilado, vincado com estrias profundas e nitidamente, entrecortado no meio.

– O que é isto? – ela perguntou.

– Não faço a menor ideia. Isso parece... Não, não sei. Vou levar até a central para análise, mais tarde devolvo. No futuro, evite pegar o que cai no chão.

– Pã! Pã! Você está morta, Lontra Saltadora! Búfalo Bill te matou! – gritou Hector, que tinha escapado e galopava em direção a eles, a governanta atrás.

Victor escapou, enfiando o objeto no bolso. Concentrou-se na informação fundamental que a menina acabara de lhe fornecer: Eugénie Patinot havia assinado o Livro de Ouro em 22 de junho. *Patinot. Kenji. Cavendish... Tasha? Seu nome não consta da lista, mas ela subiu até o pavilhão do Figaro, vi ontem em sua casa um exemplar desse jornal. Ela o arrancou de minhas mãos antes que eu pudesse ler a data. Será que era 22 de junho?*

A mancha amarela de um ônibus surgiu na esquina da rua de Auteuil. Ele correu, agitando os braços.

Quando atingiu a segunda plataforma, estava esgotado. Uma multidão particularmente densa se comprimia nas cercanias do monstro metálico, ansiando pela chegada do tenente russo Azeef, vindo de Pultava a cavalo em um mês, cavalgando onze horas por dia e oito quilômetros por hora. Anunciava-se, igualmente, a subida na torre de seis britânicas bombeiros. Para sua grande felicidade, ninguém se preocupava com a visita de Victor Legris, o que fez com que pudesse se esgueirar até o quiosque que abrigava os correspondentes locais do *Figaro*. Através das paredes de vidro, viu a movimentação dos revisores, dos impressores, dos estereotipistas. Um auxiliar empurrou a porta intempestivamente. Victor abordou-o.

– Sou repórter do *Passe-Partout*. Precisaria de algumas dicas referentes ao Livro de Ouro.

– Não tenho tempo, estou com pressa, o cossaco vai chegar.

Victor mostrou uma moeda de cinco francos que teve um efeito imediato. O rapaz murmurou:

– Como é linda esta rodela! – e embolsou-a.

– O senhor não poderia ter chegado numa hora melhor. Vamos nos esconder. Se brigarem comigo, responderei: nada à vista.

– Quantos signatários a cada dia? – perguntou Victor.

– Muitas centenas. Ficam horas na fila! Eles rubricam, escrevem o nome, o prenome, o sobrenome, a ocupação, o domicílio. No começo, era este idiota aqui que copiava essas informações num caderno. Eu ficava com câibras no punho! O senhor compreende, o Livro de Ouro é inamovível, pesa mais do que o anuário do Bureau des Longitudes. Eu era um verdadeiro capacho, manipulava o calhamaço, e dá-lhe, anotava numa letra redonda bem torneada: senhor Coisa, morador de Coisalândia, chefe de seção no magazine Coisa, e dá-lhe, corria pra levar aquilo pra composição, um suplício! Agora vivo numa boa.

– Por quê?

– Puseram folhas soltas à disposição do público. Elas são entregues diretamente ao impressor e, em seguida, acrescentadas ao Livro de Ouro. Logo vou incluir ali as desta manhã.

– Pode haver algum esquecimento nisso? Nomes deixados de lado?

– É raro, mas acontece.

– Quero consultar o dia 22 de junho.

– Ah, isso eu não sei se... Em princípio, não tenho o direito.

Victor colocou no côncavo de sua mão uma segunda moeda, agarrada imediatamente pelo rapaz.

– Que morram os princípios – soprou ele. – Venha, precisamos ser rápidos.

Entraram no santuário. Um volumoso livro de registros repousava sobre um console, como uma bíblia sobre um atril. Victor debruçou-se, folheou as páginas, acabou por encontrar as do dia 22 de junho e se pôs a decifrar os nomes um por um. Primeira, segunda, terceira página: nada. Alguns signatários haviam acrescentado um comentário ou um desenho. Atacou a quarta, e lá...

*...Marcel Forbin, tenente do 2º batalhão de encouraçados.
Rosalie Bouton, Tintureira, Aubervilliers. Senhora de Nanteuil,
Paris...*

Aliás, Eugénie Patinot.

...Marie-Amélie de Nanteuil, Paris. Hector de Nanteuil, Paris. Gontran de Nanteuil, Paris. John Cavendish, Nova York, Estados Unidos...

Seus olhos foram para a página seguinte:

Constantin Ostrovski, coleção...

Ostrovski! Ele assinou, ele também!

Durante alguns segundos, Victor permaneceu imóvel, as mãos trêmulas. Não conseguia se controlar. Debruçou-se sobre a assinatura:

Constantin Ostrovski, colecionador de arte, Paris. B. Godounov, Eslavônia...

Mas onde está Kenji?, seu coração se acelerou.

– O que é isto?

Com o choque, quase tinha gritado. Uma bola pesava sobre seu estômago.

– Ah, não se abale – disse o rapaz. – Tem alguns que fazem uns rabiscos, acham que são artistas. Naturalmente, isso não é reproduzido por nós.

Victor inclinou-se mais, não conseguia acreditar no que via. Logo depois da assinatura de Cavendish, uma torre Eiffel caricaturada, vestindo *tutu*, de pernas finas, fazia o espacate sobre o Sena. Nenhum nome – mas tinha reconhecido a assinatura de Tasha. Passou febrilmente à sexta página. Kenji deveria estar em algum lugar, ele não tinha sonhado!...

Si-Ali-Mahaoui, Fez. Udo Aiker, redator do Berliner Zeitung. G. Collodi, Turin. J. Kulki, redator do Hlas Navoola de Praga. Vicotrin Alibert, líder de banda. Madeleine Lesourd, Chartres. Kenji Mori, Paris. Sigmund...

Alguma coisa não batia: no *Figaro de la Tour*, Kenji aparecia antes de Cavendish, tinha certeza disso.

– Os nomes dos signatários são impressos cronologicamente?

O rapaz soltou um bufo de exasperação.

– Não vale a pena perguntar demais. Pode acontecer que o impressor tenha invertido as folhas, ele está sobrecarregado, o que interessa é que todos apareçam no jornal, né? O senhor terminou?

– Um minuto. Me deixe fazer algumas anotações.

Victor quase não conseguiu pegar o elevador. Houve uma agitação, e uma mulher o desacatou sem dó:

– Assim o senhor esmaga pés, e isso não dá pra desculpar! Seu grosso!

Tasha, Tasha... Tasha, Kenji, juntos na torre no dia da morte de Eugénie Patinot!... Para a casa de Tasha!

Quando ele finalmente conseguiu se desvencilhar dos curiosos que aclamavam o tenente Azeef, tinha recuperado a calma.

Ela havia saído. À porta, um bilhete preso por um percevejo:

Caro Danilo,

Estou na Chapelle de Thélème. Venha me encontrar por volta das vinte horas no Café des Arts, na exposição, em frente ao Pavilhão da Imprensa (ao longo do Palácio das Belas-Artes). Meu chefe conseguiu uma audição para você amanhã, para entrar nos coros do Opéra.

Tasha

Victor não podia esperar até a noite, havia questões demais o atormentando. Desceu os andares perguntando-se em que igreja poderia ficar aquela capela. No patamar do primeiro, surgiu de um apartamento uma mulher de calça comprida empurrando uma bicicleta.

– Desculpe-me, senhora, conhece a senhorita Kherson?

Ela o avaliou por cima dos óculos.

– É minha locatária.

– Sou um dos seus amigos. Ela marcou um encontro comigo na Chapelle de Thélème, mas se esqueceu de deixar o endereço.

– Um amigo, é? Ela tem muitos amigos... Quem é o senhor? Um pintor? Jornalista? Cantor?

– Cronista.

– Ah, então o senhor deve conhecer detalhes inéditos das mortes da exposição! Sonho à noite, de tanto que adoro isso, o mistério.

– Não, não posso dar informação nenhuma, meu negócio é a literatura. Por outro lado, a senhora...

– A senhorita Kherson não me mantém ao corrente de suas idas e vindas. Pergunte ao vendedor de tintas, rua Clauzel, ele é o confidente de todos os pintamonos do bairro!

Sem entender exatamente o que a ciclista queria dizer com aquilo, Victor se pôs a caminho. Não lhe foi difícil encontrar a loja minúscula, que oferecia aos artistas tintas, brochas, pincéis e acessórios diversos.

Foi recebido por um homem de uns sessenta anos, atarracado, cabelo curto, que o examinou com expressão cordial.

– A Chapelle de Thélème? Claro, eu conheço. Rua Lepic, lá no alto. Não poderia lhe dizer o número, mas quando o senhor sair do boulevard de Clichy, fica na calçada da direita, subindo em direção ao outeiro.

– É uma instituição religiosa?

– De jeito nenhum! – exclamou o bonachão, rindo. – O senhor conhece a famosa Abadia de Thélème, imaginada por Rabelais no seu *Gargantua*? Então, A Chapelle é um cenáculo misto de artistas que compartilham as mesmas convicções pictóricas, daí esse nome evocando um clã, uma casta. O senhor veja, não há nada de monástico lá dentro, ainda mais que a capela em questão é a sala dos fundos de um bistrô, Le Bacchus. Foi fundada por Maurice Laumier, um jovem pintor promissor. Seus membros se reúnem toda semana para trabalhar com um modelo. A primeira vez que Laumier entrou aqui, eu o levei até a porta. Ele se atrevera a pedir um tubo de tinta preta. Preta! Logo eu, que sou partidário convicto da paleta luminosa dos impressionistas! Depois ele voltou, e isso foi resolvido, eu até troquei tintas por um de seus estudos.

Indicou uma das paredes da loja coberta de retratos, paisagens, naturezas mortas. Perturbado, Victor se aproximou de um quadrinho delicado. Aquele busto de mulher nua, prendendo os cabelos na frente de um espelho, braços levantados, seios implantados altos, redondos e firmes, era Tasha!

– Está à venda? – perguntou em tom neutro.

– Estão todos! Laumier e seus colegas têm talento, mas nada suplanta estas obras-primas que, infelizmente, não encontram comprador. Este, por exemplo.

O homem apontou o dedo para uma pequena tela quadrada, representando um vaso contendo gladiólos. Vermelhas, amarelas, brancas, as flores pareciam querer se soltar do fundo azul.

– Vincent Van Gogh, um gênio, tão incompreendido quanto todos os gênios. Aposto que o senhor nunca ouviu falar nele. As flores, veja, ninguém faz isto

melhor do que ele. É tão lindo! Cada vez que as admiro, levo um choque. E dizer que ele não vende nada! Nem uma tela! Tratam-no como louco. Um louco assim seria maravilhoso receber à mesa. E Cézanne! Outro rejeitado. É de acreditar que todos aqueles que eu admiro e que me deixam suas obras em troca de tintas não me renderão o mínimo trocado. Por mim, tudo bem, um homem que vive com mais de cinquenta cêntimos por dia é um canalha! Falando sério, o senhor já viu maravilhas como estas?

Victor deu uma olhada distraída nas pinturas, peras ou maçãs em compoteiras, casas atravessadas, montanhas de formatos geométricos. Essa riqueza de tons não conseguia desviá-lo do retrato de Tasha. O *marchand* suspirou.

– Ah, o senhor é como os outros! Veja, isso não tem importância: um dia, esses dois serão famosos, as pessoas se atropelarão para dissertar sobre suas criações, não importa que isso só aconteça depois que eles morrerem. Então, é o Laumier que lhe interessa? Não é caro. Vinte francos... Quinze. Vá lá, dez, para lhe agradar.

– Não se trata de uma questão de dinheiro, não estou discutindo o preço, é só que... estou em dúvida.

– É justamente este o problema: todos hesitam. O senhor vai ver, logo os museus vão brigar pelo privilégio de expor estas telas. Acredite em mim, senhor.

No bulevar de Clichy, feudo dos bazares, dos cabarés e dos cafés-concerto, Victor estacou diante de um bar batizado de Les Frites Révolutionnaires. Um mendigo de sentinela perto da entrada lhe informou que o estabelecimento era administrado por um artista de variedades, ex-coronel da Comuna, e aproveitou para lhe tirar alguns centavos.

– Diga, meu amigo, Le Bacchus fica no alto da rua Lepic?

– Faz trinta anos que ando por aqui, explorei cada boteco, mas Le Bacchus eu não conheço. Será que não seria Bibulus?

– O quê?

– Bibulus. Bom, o dono é nativo de Flandres, um belga como o rei Leopoldo. Bibulus é o nome de um cachorro em um livro, e esse tal cachorro adora cerveja com um amor de bêbado. Só falta dizer que quem escreveu a história também é belga.

– *Till, l’Espiegle*¹⁰.

– Desconheço.

– É o título do livro. Esse bistrô fica longe?

– O senhor sobe a rua Lepic até a rua Tholozé; lá, o senhor vira à direita e verá a placa. Não dá pra se enganar.

Traçada por ordem de Napoleão I, a rua Lepic havia recebido o nome de um general do Império. Mais larga do que as vielas tortuosas do bairro, ela ressoava a balbúrdia dos fiacres e dos carros de aluguel, que os cavalos penavam para puxar na subida que levava ao outeiro Montmartre. Depois do cruzamento das Abbesses, Victor passou por imóveis altos e novos, que esmagavam, com sua brancura imaculada, os casebres de dois andares, os moinhos de vento, os botecos com venezianas de madeira. Dominando esse estranho conjunto, erguia-se o canteiro de obras da basílica de Sacré-Coeur, cuja construção havia começado quatorze anos antes.

Le Bibulus, que chamava a atenção dos consumidores com a placa *Ao cão que mama*, era um bar enfumaçado, de teto baixo, com tonéis fazendo o papel de mesas. O taverneiro, um homem gordo, de tez cor de tijolo, enxaguava os copos por detrás do balcão, em solilóquio.

– Sou um amigo de Laumier – disse Victor, – eu...

– No fundo, à direita – falou o homem entre dentes, sem lhe dirigir o olhar.

Victor seguiu por um corredor estreito, fedendo a couve. No fundo, uma porta envidraçada. Grudou o nariz no vidro embaçado e descobriu um cômodo no sentido do comprimento, cheio de cavaletes. Uma dezena de jovens pintava com dedicação. Em pé sobre uma mesa montada, um homem posava como veio ao mundo. Chocado, Victor avistou Tasha, muito à vontade, entretida em estudar o modelo de todas as maneiras. Um sujeito grande, cabeludo e barbudo aproximou-se dela, envolveu-a pela cintura murmurando alguma coisa que a fez cair na gargalhada.

Os ombros de Victor se afundaram. Uma desavergonhada, era isso que ela era! Umas dessas meninas fáceis, que se deitam com todo mundo. Ele a desejava com tanta intensidade que não suportava ver outro homem aproximar-se dela. Imaginou-se claramente batendo no grande sujeito barbudo, que observava Tasha com uma expressão de proprietário.

Victor precipitou-se para fora do bar e se viu parado no meio da calçada. *Que ela vá pro inferno!* Com o rosto afogueado, andava com passo apressado, a respiração rouca. Em seu íntimo, dizia que ela estava pouco ligando para ele. Mas o fato é que a queria. *Vinte horas, Café des Arts...*

Sem que percebesse, a caminhada o levava à rua Clauzel, em frente à loja do vendedor de tintas. O homenzinho conversava com dois estudantes.

– Eu compro o seu Laumier – disse Victor. – Aqui estão vinte francos.

– Não, ele não vale isso. Não quero enganar o senhor.

– Vale sim. Tome.

– Tem certeza que não prefere um Van Gogh?

– O senhor pode embrulhar pra mim?

O *marchand* deu de ombros e pegou um jornal velho.

– Até a próxima, senhor Tanguy, nós voltaremos – disseram os jovens ao sair.

Victor enfiou o quadrinho no bolso do redingote.

[10](#) Romance de Charles de Coster, publicado em 1868. (N.A.). Em português, a tradução seria Till, o Malandro. (N.T.).

VIII

Terça-feira, 28 de junho, noite

Quando Victor chegou à exposição, a tarde chegava ao fim. O tiro de canhão desferido da segunda plataforma da torre fez com que todos os rostos se levantassem. Ele quase deu um encontrão em uma vendedora ambulante, que oferecia pãezinhos, salsichões, arenque frescos. Consultou o relógio: 17h45, duas horas para gastar. Afastou-se, perguntando a si mesmo onde diabo se conseguiria um peixe frito. No *habitat* troglodita, sem dúvida.

Perambulou por uma floresta de postes e construções pretensiosas. O fluxo dos visitantes que voltavam para casa cruzava com o dos curiosos que tinham ido assistir a uma festa noturna. Munidos de cestos cheios de víveres, eles invadiam a História da Habitação, instalavam-se sobre as ruínas antigas, transformavam os dólmens em salas de jantar. Os viajantes do trenzinho Decauville, na rota para a esplanada dos Invalides, desferiam-lhes gozações, em sua passagem.

Victor foi em direção à torre, mas lá também a área estava ocupada por pessoas fazendo piqueniques, tomando de assalto os degraus inferiores das escadas. O Pavilhão da Imprensa lhe ofereceu um refúgio, fazendo com que se precipitasse lá para dentro. No primeiro andar, abria-se uma biblioteca flanqueada por duas grandes salas: a primeira, reservada aos correspondentes estrangeiros; a outra, aos jornalistas franceses. Uma poltrona lhe estendia os braços. Ia sentar-se quando reconheceu Antonin Clusel, mergulhado na leitura de um dicionário. Deu meia-volta rapidamente, voltou ao andar térreo e, depois de ter atravessado o *hall* dos telefones, chegou a um restaurante lotado. Sobrepujando as conversas e os risos, uma orquestra tocava um *allégre* de Offenbach. Um *maître* aproximou-se:

– O senhor é jornalista?

Victor sacudiu a cabeça.

– Sinto muito, senhor, este restaurante é reservado aos membros da imprensa e às pessoas que os acompanham.

– Victor! Que surpresa, você por aqui!

Marius Bonnet e Eudoxie Allard entregavam chapéus e casacos no vestiário. Ela passou os dedos pelos cachos negros e fixou-o, arredondando os lábios.

– Georges – disse Marius ao *maître*, – adoraria jantar longe da orquestra.

– Sem problema, senhor Bonnet. Por favor, me acompanhe.

Conduziu-os para uma mesa afastada e aguardou a aprovação de Marius.

– Perfeito, George, perfeito.

– É uma honra, senhor Bonnet. Compro seu diário, partilho de suas opiniões: é preciso perguntar o que faz a polícia, esses mortos são uma má publicidade para a exposição.

Puxou as cadeiras, espanou a toalha, entregou os *menus*.

– Vou mandar o *sommelier* – disse, afastando-se.

– Deus do céu! – exclamou Victor. – Você é acionista da casa?

– Tenho a fórmula secreta: tudo se compra, tudo se vende, até mesmo as pessoas. Junta-se a nós?

– Não, tenho que ir.

Marius puxou-o de lado.

– Fique, você vai me fazer um favor. Eudoxie está de olho em você, não sou mais do que um quebra-galho. E depois, ela não é o meu tipo, prefiro as mais...

Suas mãos eram eloquentes.

– Desculpe-me, velho, não estou à venda – e tenho um encontro.

– Loira ou morena? – perguntou Marius.

Victor retirou-se, a cabeça ocupada em arquitetar planos. O que diria a Tasha? *Olhe só que surpresa, mal posso acreditar! Veio assistir aos fogos de artifício?* Que lugar comum!

Fazia um calor opressivo. Empurrou o chapéu para trás e passou um lenço no rosto. À entrada do restaurante, viu-se preso no meio de um grupo tagarela, em frente aos toaletes femininos.

– Certamente, senhor Ostrovski, é um prazer, por favor, me acompanhe...

Pego de surpresa, Victor deu meia volta. Percebeu, dirigindo-se para o fundo do salão, o paletó branco do *maître* precedendo um crânio raspado.

Ostrovski? Lembrou-se do mal-estar que havia sentido quando o visitara. Conseguiu se desvencilhar e examinou as mesas. Um grupo de festeiros encurralou-o contra o balcão do guarda-chapéus, impedindo-lhe a visão. Um

torpor, uma profunda lassidão o invadiu subitamente. Dirigiu-se para a porta giratória.

O ar lhe fez bem. Acendeu um cigarro e ficou por um momento contemplando a multidão, mais densa do que nas primeiras horas da noite. *Ostrovski! Com quem iria se encontrar?*

Sobre um fundo listrado de vermelho e branco, um cartaz anunciava:

GRUPO IMPRESSIONISTA E SINTETISTA

CAFÉ DES ARTS

Diretor: Volpini

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL, CHAMP-DE-MARS.

Em frente ao Pavilhão da Imprensa

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS

<i>Paul Gauguin</i>	<i>Émile Schuffenecker</i>	<i>Émile Bernard</i>
<i>Charles Laval</i>	<i>Louis Anquetin</i>	<i>Louis Roy</i>
<i>Léon Fauché</i>	<i>Daniel</i>	<i>Nemo</i>

Irritado com os “istas”, desgostoso com os nomes de artistas desconhecidos, Victor se limitou a transpor a soleira do Café Volpini. No centro da pista excessivamente iluminada, uma princesa russa de cabelos cor de ouro regia uma formação de moças violinistas em trajes moscovitas. À procura de um coque ruivo, ele passou ao longo dos bufês, das bombas de chope e se chocou com o balcão, de onde emergia o busto imponente da moça do caixa. Um garçom apressado precipitou-se da copa, deu de encontro com um segundo, que ali entrava, e duas bandejas se espatifaram no chão. A mulher-tronco se içou acima da caixa registradora, apanhou um saleiro e salpicou os infelizes garçons. Victor esgueirou-se, prudentemente, entre um grupo de pessoas entusiasmadas, que gesticulavam e falavam alto.

– Vocês não entenderam nada! A iniciativa individual tenta realizar aqui o que a incomensurável imbecilidade administrativa jamais teria concordado em fazer!

– Mas o Palácio das Belas-Artes...

– Não me venha com o Palácio das Belas-Artes!

– O museu dos horrores! – ganiu um homenzinho de lábios grossos, usando um chapéu-coco e empunhando um lornhão. – Eles arrumaram uma maneira de se livrar de Cézanne, penduraram sua *Casa do Enforcado* no alto de uma parede, perto do teto, ninguém repara nela. Por outro lado, as pessoas correm para ver os oficiais. Ah, *A Entrada de Joana d’Arc em Orléans*, de Scherrer! Ah, *A Morte de Ivã, o Terrível*, de Makowsky! Senhores, aquilo é digno das caças ao mamute de Cormon.

– Meu querido Henri, você tem toda a razão. E dizer que é graças a um dono de café que conseguimos criar uma concorrência para essa exposição!

Que crime cometi pra vir cair aqui?, pensou Victor. Tinha a impressão de ter acordado bruscamente no cenário de um *vaudeville*, tentando adivinhar o papel que cada conviva interpretava.

Emoldurados por um simples filete de madeira, centenas de quadros cobriam as divisórias forradas de grená. Alguns lembravam vitrais: sua paleta quente compunha uma divisão estranha, suas linhas acentuadas delimitavam motivos que não procuravam, de modo algum, reproduzir a realidade objetiva de uma paisagem ou de um modelo.

O que ele quis exprimir?, perguntava-se Victor diante de uma tela assinada por Gauguin: *O Mar*. Uma mulher nua, os cabelos vermelhos soltos, entregava-se à carícia das ondas. Aqueles tons insólitos, aquela simplificação de formas provocavam um prazer sensual. O velho da rua Clauzel tinha razão, era físico. Fixou um ponto no assoalho, mas a sensação não desapareceu. Levantou a cabeça em direção ao quadro: a emoção persistia.

– Parece que Gauguin foi remoer sua amargura na Bretanha.

– É sua nova paixão, a Aremorica, normal, rima com Martinica: lá, ele pintou *As Mangas*. Você viu o quadro, à esquerda?

Por que não calam a boca? Por que não calam a boca?

Victor saiu furtivamente para escapar àqueles comentários.

– O que é isto? Pintura a óleo. Por que não a carvão? E quem é Nemo?

Victor retirou-se para o fundo da sala. Sentia a imperiosa necessidade de um estimulante.

– O senhor?!

De braço dado com o pintor barbudo que ele tinha visto em Montmartre, Tasha não disfarçava sua surpresa.

– Maurice, te apresento o senhor Legris, livreiro e fotógrafo amador. Senhor Legris, este é Maurice Laumier, pintor e gravador.

Victor apertou a contragosto a mão estendida. Foi invadido por uma aversão imediata por Laumier. Tasha tratava-o com intimidade, chamava-o de “Maurice”!

Nesse momento, ela avistou Danilo Ducovith perdido no meio das mesas.

– Já volto, vão se conhecendo – disse, enquanto se afastava.

Laumier deu uma risada de desprezo.

– Livreiro-fotógrafo, é? Homens como o senhor não nascem da noite pro dia!

Victor sentiu que Laumier estava decidido a provocá-lo. Acalmou-se, esforçando-se para parecer gentil.

– Passo mais tempo nas bibliotecas e câmaras escuras do que nas galerias. Por isso sou bem ignorante em matéria de vocabulário artístico. O que o senhor entende por *sintetismo*?

Laumier jogou para trás as mechas que lhe cobriam a testa.

– O senhor conhece Berthelot? Não? Ele realizou as primeiras experiências de síntese em química orgânica. Hoje em dia se diz que não existe nenhum corpo natural que a ciência não possa reconstituir. Alguns pintores, entre os quais me incluo, utilizam essa descoberta. Assim, conseguimos recompor a realidade exterior, utilizando técnicas modernas.

– Perdoe minha ingenuidade, mas onde está a inovação? A única verdade do artista não é afirmar: “Olhe como vejo e sinto as coisas em tal momento da minha vida”?

Laumier não se dignou a responder.

– A despeito dos novos procedimentos, meus últimos clichês limitavam-se a reproduzir aquilo que eu percebia através do meu visor – prosseguiu Victor. – Eles estavam impecáveis, nítidos, artificiais, não consegui insuflar-lhes a menor centelha de vida e...

– De todo modo, o senhor não pretende alçar a fotografia ao nível da pintura!

– Eu não ousaria me aventurar a estabelecer analogias, uma e outra seguem caminhos diferentes.

– O senhor joga com as palavras! A criação de uma obra pictórica exige meses de trabalho! A mão, o coração, o espírito participam de sua realização. O senhor... o senhor não tem mérito algum, basta-lhe apertar um botão!

– O botão, bobagem! Antes de tudo, é preciso saber o que se quer exprimir, inteirar-se do assunto, ser sensível à sombra, à luz, encontrar um ângulo bom num bom momento, esperar. Às vezes, ao revelar minhas fotos, me acontece de sentir uma alegria brutal, digo comigo mesmo: esta mulher, este homem, trazem em si uma verdade profunda. Não é apenas a expressão de um rosto, a atitude de

um corpo que me tocam, é o que eles me sugerem e o que minha visão pessoal filtrou, acrescentando-se a isso meu próprio toque de sensibilidade. Esse instante fugidio pode ter um significado diferente para um, dez, cem outros fotógrafos, e para o público...

– O público! Ele sempre está com trinta anos de atraso! Quando ele enfim compreender a revolução artística dos anos 1880, a pesquisa pictórica terá avançado de tal maneira que os pintores acadêmicos cobertos de láureas e de comendas parecerão homens pré-históricos!

– Quando os pintores contemporâneos admitirem que a fotografia também é uma arte, já serão quase fósseis!

Eles se provocaram e se deram as costas. Laumier afastou-se a passos largos.

– E então, simpatizaram um com o outro?

Victor baixou os olhos sobre um decote. Nada mais encantador do que o começo daqueles seios, meio escondidos, meio revelados.

– A senhorita estava perto? – murmurou.

Tasha levantou o queixo.

– Depois de alguns minutos. O senhor me fez pensar em um espadachim a ponto de cutucar seu adversário com a ponta do florete.

– A senhorita acha que eu o feri?

– Ele tem o couro duro, vai se refazer. O senhor se interessa pelo sintetismo?

– Não, eu tinha um encontro no bar para tratar de negócios com um amante de incunábulo, um russo. Será que a senhorita já ouviu falar nele?

– Vivem muitos russos em Paris. Tenho fama de conhecer todos?

– Não, evidentemente, mas esse é um excêntrico. Ele ocupa uma mansão particular no bairro de Monceau, cheia de bibelôs, antiguidades, quadros, plantas, o clima lá é asfixiante.

– Como se chama essa ave rara?

– Constantin Ostrovski.

– Ostrovski? Quem não o conhece! Ele passou várias vezes no ateliê. Laumier lhe vendeu algumas telas.

– E a senhorita? – perguntou ele, com a voz estrangulada.

– Ah, eu... eu tateio, ainda. Estou longe de estar pronta para mostrar minhas produções pessoais.

– Até mesmo suas ilustrações de *Macbeth*?

– Não passam de um ganha-pão.

– Mesmo assim, adoraria vê-las. A senhorita conseguiu trabalhar ontem, depois de nossa escapada para o café?

– Pinte até o comecinho da noite.

Victor se sentiu sufocado pelo sangue-frio dela. Mentia com tal segurança! Tasha dirigiu-lhe um inatacável olhar de inocência.

– Temos um ponto em comum, senhor Legris: a luz, não é verdade?

Em seus olhos havia um brilho ambíguo. Victor pousou a mão sobre o braço dela e a sentiu retesar-se. Ficou nervoso. Sua desenvoltura indolente desapareceu. O perfume que emanava do corpo de Tasha, tão próximo, avivava seu desejo.

– Tasha... talvez isso possa parecer... meu Deus, é, imagino que seja idiota...

Ele embatucou, confuso com o rumo que tomava, e continuou, bem rápido:

– Qual é o nome de seu perfume?

Ela pareceu não acreditar no que tinha ouvido: pediu-lhe para repetir e soltou uma risadinha.

– *Benjoin* – disse. – Também chamam de *Encens de Java*.

Ele acentuou a pressão dos dedos. *Java, Kenji! Benjoin...* Qual era o nome escrito na etiqueta do frasco encontrado na casa de Kenji? Uma sonoridade idêntica...

– O senhor me dá licença? Tenho que cumprimentar alguns amigos.

Ele soltou o braço, tocou o bolso de seu redingote, deformado pela telinha comprada na rua Clauzel. Ouviu-a através de um nevoeiro.

– Pense nos meus *Caprichos*, senhor Legris.

Não a reteve. Estava aliviado por ela ter caído fora com aquela mudança brusca de assunto. Em contrapartida, seu ciúme só aumentou.

Sua cabeça girava. Resolveu deixar o maldito café. Procurava uma saída, quando alguém lhe tocou no ombro. Vacilou.

– Senhor livreiro! Que alegria! Está de saída? Eu o acompanho. Gente demais. A senhorita Tasha é minha Providência. Graças a ela, vou cantar no Opéra! O Opéra-Garnier, já pensou? Vou passar por uma audição amanhã. Se minha voz servir, e servirá, adeus quarenta trabalhos, cinquenta desgraças! O senhor vende partituras de óperas?

– Não, só livros – Victor apressou-se a responder. – O senhor vai encontrá-las nos sebos dos *quais*.

– O senhor tem absoluta certeza de que não precisa de um segundo balconista? Li muito, sabia? A senhorita Tasha me emprestou umas obras. Ah, Balzac, Tolstói, Dostoiévski! Essas histórias de sangue e loucura! Onde fica sua livraria?

– Na rua dos Saints-Pères.

– Passarei lá, passarei lá.

– Faça isso – resmungou Victor.

O frescor da noite surpreendeu-o. Teve um arrepio.

– Que delícia! – exclamou Danilo, aspirando o ar.

Como a lâmina cintilante de um punhal, a torre rasgava o céu escuro.

Ladearam o jardim francês. Projetores coloridos iluminavam uma fonte monumental, concebida como uma alegoria. Ao redor da Humanidade, sentada nua sobre uma esfera, estavam dispostas cinco figuras femininas, cada uma delas simbolizando um continente: a Europa sonhadora, a América decidida, a Ásia voluptuosa, a África submissa e medrosa, a Austrália selvagem. Apoiado na coxa da América, um velho de túnica observava o desfile dos passantes.

– Boa noite, senhor fotógrafo, lembra-se de mim?

– Lembro... lembro... Lamba...

– Samba Lambé Thiam. O senhor está com os meus retratos?

– Estão em casa. Trarei para o senhor. Apresento-lhe o senhor Danilo...

– Ducovitch, artista lírico – completou o sérvio, esmagando a mão de Samba dentro da sua. – De que país o senhor vem?

– Do Senegal. Moro em Saint-Louis.

– Tem um *opéra* em Saint-Louis?

– Temos a casa do governador, casernas, o hospital, a igreja, e mais de quinhentas lojas. Duas escolas, uma... Ah, parece que ela está pegando fogo!

A torre Eiffel emitia lampejos vesuvianos. Vivas, aplausos.

– O senhor subiu lá? – perguntou Samba. – Não tive coragem.

– Várias vezes. Tenho tíquetes gratuitos. Até assinei o Livro de Ouro, embora o fato de escalar essa atração para usufruir a vista não seja um título de glória! Acho que se força um pouco demais a consum...

Victor havia ficado de orelha em pé. O mundo todo parecia ter rubricado aquele livro maldito! Mergulhou os dedos no tanque, e o frio da água transmitiu-se a seu corpo. Não estava no clima para suportar a companhia dos dois homens, mas ficou lá, sonhando com Tasha, lembrando sua atitude, interpretando cada resposta, cada batida de pálpebra. *Ela vai acabar saindo, vai passar aqui perto, vou abordá-la e... Se pelo menos esse imbecil pudesse parar com essas lenga-lengas idiotas!*

– ...e vendem medalhas àqueles que querem se mostrar – continuava Danilo –, bronze para os visitantes da primeira plataforma, prata para os da segunda, ou da terceira, só que elas não servem pra nada, podem ser encontradas pela metade do preço nos bulevares!

– Então, é a mesma coisa que a Legião de Honra – constatou Samba. – Parece que ela também pode ser comprada. Me contaram que o genro do antigo presidente da república tinha traficado...

– Psiu. Não se deve espalhar isso por aí, as paredes têm ouvidos – segredou Danilo –, a exposição está cheia de dedos-duros e de policiais, e à noite eles têm reforços.

– Sábia precaução – aprovou Samba. – As riquezas atraem os ladrões, assim como o mel atrai as moscas. No meu país, elas são um grande problema, as moscas.

– Imagine se um idiota tira a vida do príncipe de Gales ou do xá da Pérsia! Os policiais seriam capazes de pôr a culpa do crime nos estrangeiros, e é na França que eu quero fazer carreira. Sabe-se lá, talvez sejam os niilistas ou os anarquistas que adestraram abelhas assassinas para eliminar as pessoas.

Victor sentiu sua tensão aumentar: aquele estúpido lhe dava nos nervos. E dizer que Tasha se preocupava com ele!

– O senhor tem excesso de imaginação e uma maneira de pensar esquisita, senhor Ducovitch – soltou ele, sacudindo a água da palma da mão.

– Ah, eu sei o que digo e digo o que sei. Já me tomaram por um sátiro, logo eu, que professo o maior respeito pelo sexo frágil!

– O sexo frágil? O que é isso? – perguntou Samba.

– As mulheres – resmungou Victor.

– Frágeis, as mulheres?! Entre vocês, talvez, mas entre nós, no Senegal, elas carregam cargas que uma mula não conseguiria!

– Senhores, boa noite – disse Victor.

Depois de alguns metros, ele reconsiderou.

– Senhor Ducovitch, há quanto tempo o senhor conhece a senhorita Kherson?

– Desde que moro lá na alemã. Vejamos... nove meses e cinco dias. Ah, a senhorita Tasha... Essa ninfa adorável, meu anjo da guarda! Ela lava minhas camisas, me dá de comer, aprecia meus exercícios vocais, acho que está apaixonada por mim. A propósito, já lhe disse que graças a ela vou ser contratado pelo Op...

Victor havia sumido.

– Op? O que é o Op?

Danilo voltou-se para Samba.

– O Opéra. Então, o senhor afirma que Saint-Louis não tem um templo lírico? Vai ser preciso dar um jeito nisso.

O tiro de canhão dado na torre às vinte e três horas surpreendeu Victor no *quai d'Orsay*. A exposição estava fechando as portas. Ele avançava balançando os braços, os passos ritmados pela frase de Danilo. *Eles adestraram abelhas assassinas para eliminar pessoas*. Abelhas assassinas. Patinot, Cavendish, picados por uma abelha? Antonin Clusel tinha razão, não se morre de uma picada de abelha... Com exceção daquele horrível Livro de Ouro, o que é que poderia ligar uma viúva sem dinheiro, um *globe-trotter* americano, um livreiro japonês, um colecionador russo... e Tasha? Imaginá-la em seu vestidinho cinza despertou a tristeza que ele havia sentido ao vê-la entrar na casa de Ostrovski.

Chegou à ponte de Iéna. Na mesma hora, o trem Decauville passou apitando. Um rastro de fumaça irrompeu em direção ao feixe tricolor projetado pelo farol da torre. Victor ficou paralisado. Um trem, uma estação, com certeza... Lembrou-se do artigo que Joseph lhe havia mostrado em sua preciosa caderneta preta. A estação dos Batignolles, o artigo do *L'Éclair*, 13 de maio de 1889, *Abelha assassina em Paris*. O morto tinha o nome de um doce, *macaron*?... *Calisson*?... *Massepain*? *Meringue*... Méring, Jean Méring.

IX

Quarta-feira, 29 de junho, manhã

Victor acordou sobressaltado. Assim que abriu os olhos, seu sonho se desvaneceu, ficando apenas um ranço amargo. Foi abrir as cortinas. O dia já começava muito quente. Lavou-se rapidamente, vestiu uma camisa e uma calça limpas, escolheu um par de sapatos flexíveis. Seu redingote era pesado demais para a estação. Esvaziou a vestimenta, jogou sobre a cama caderninhos, carteira, moedas. Teve dificuldade para tirar a telinha embrulhada em papel jornal. Vestiu um redingote de verão, folheou os caderninhos, conservou o de Joseph, enfiou no bolso os diversos objetos espalhados na cama, depois entrou no escritório, onde colocou sua própria caderneta, bem como o quadrinho, no fundo de um dos compartimentos da escrivaninha de esteira. Ouviu Kenji fazer suas abluções do outro lado da divisória e se esquivou discretamente.

A água estava verde, mais escura sob as pontes. Victor se permitiu uma pausa, o tempo de observar a passagem de uma barca, sobre a qual corria um cachorro.

Os donos de sebo e os vendedores de partituras ainda não estavam expondo suas mercadorias, mas ao longo da margem os batedores de tapetes já se movimentavam, empunhando seus bastões.

Victor atravessou o cruzamento Saint-Michel, lotado de charretes, carretas, ônibus. Mal conhecendo aquele trecho da cidade, preferiu seguir em direção à Maube.

Abaixo do *quai* Montebello estendia-se o domínio dos carregadores. Com a coluna curvada, eles atravessavam, como equilibristas, as passarelas que ligavam os barcos à margem, levando sobre suas coifas de couro, que iam até o pescoço, cestas de vime carregadas de carvão ou de cimento. Uma poeira negra flutuava no ar. Victor esfregou as pálpebras inchadas pela insônia. Na rua da Bûcherie, onde as casas ameaçavam desmoronar, caminhou ao longo de uma

sucessão de hotéis ordinários e restaurantes baratos, que ofereciam, por quatro soldos, carne estragada. Pegou a direita em direção à praça Maubert. Um catador de guimbas fazia sua provisão na sarjeta.

– Por favor, onde fica a rua da Parcheminerie?

– O senhor acabou de passar por lá. É preciso pegar a Saint-Séverin. Tem dois soldos? Preciso tomar um cordial. Obrigado, meu príncipe! – exclamou o homem, embolsando a moeda. – Vou beber à sua saúde no Père Lunette!

Victor percorreu a rua Lagrange, recentemente aberta através dos pardieiros. Penetrando no emaranhado de ruas obscuras atrás da igreja Saint-Julien-le-Pauvre, deu-se conta de que existem nas grandes cidades, a dois passos dos bairros que respiram opulência, fronteiras invisíveis que se abrem para a degradação e a miséria. A rua Galande conservava o aspecto que devia ostentar na Idade Média. Vendedores de frituras e de comestíveis começavam a instalar suas bancas ao ar livre. Terrinas de beterrabas ficavam lado a lado com fatias de chouriço frio. Victor acreditava estar de volta a Whitechapel, em Londres. Aqueles bares vagabundos, aquelas portas baixas esburacando fachadas decrépitas, aquelas bancas de roupas usadas e de ferro-velho compunham um ambiente perfeito para um Jack Estripador parisiense. À noite, as calçadas deviam fervilhar de mulheres e de indivíduos suspeitos. Àquela hora matinal, apenas alguns vagabundos, mal refeitos de sua noite difícil, ocupavam o chão duro.

Victor se prometeu voltar com sua Acmé: os contrastes de luz certamente dariam efeitos interessantes.

Como as ruas vizinhas, a Parcheminerie era um lugar de pobreza e de sujeira. Um rato desapareceu em uma fenda. No fundo de um pátio, uma mulher descabelada lavava roupa em uma tina, indiferente ao choro de um recém-nascido. Victor perguntou por Jean Méring; ela indicou a alta silhueta de um imóvel em situação precária, um pouco mais abaixo. Ele voltou à rua, passou por cima de um monte de lixo, ultrapassou o casebre de um marceneiro e entrou em um corredor que levava a um segundo pátio.

– Onde é que o senhor vai? – perguntou uma voz engrolada.

Parada na soleira da portaria, a zeladora o examinava. O avental que a cingia do peito aos calcanhares lembrava uma armadura. O equipamento era completado por uma vassoura, destinada a afastar os intrusos tanto quanto os carneiros.

– Na casa do senhor Jean Méring.

– Neste caso, o senhor precisa ir ao cemitério.

– Ele morreu?

– Morto e enterrado. O que é que o senhor queria com esse bravo homem?

– Sou jornalista. Tinha perguntas a fazer.

– É um pouco tarde. O senhor ainda pode procurar o velho Capus, eles dividiam a casa. Quando o outro morreu, esse aí ficou, pra meu azar. É uma pena que não tenha sido o contrário.

– Por quê?

– Porque, apesar do seu ofício, o senhor Méring era cuidadoso e educado, enquanto que o Capus nos empesteiava com seus produtos, sem falar nas suas traficâncias nada católicas. Sempre tenho medo de que ele carregue Mac-Mahon, ele o atrai com bolinhas de carne, um dia acaba matando ele. Estou falando sério, não vi meu Mac-Mahon esta manhã. Mac-Mahon! Mac-Mahon! – berrou.

– E onde mora esse senhor Capus?

– No fundo, andar térreo, à direita. Mac-Mahon!

Será que o velho presidente Mac-Mahon teria uma garçonne neste pardieiro? Seja sério, Victor!, pensou ele, batendo à porta.

– Está aberta!

O cheiro, uma mistura de álcool e fenol, invadiu-lhe a garganta. No cômodo, disputavam o espaço mal iluminado por uma janela estreita: duas camas, uma bancada coberta de objetos estranhos, um longo cilindro de folha de flandres estendido no chão perto de umas botas de limpador de esgoto, peneiras, redes de pegar borboletas, um fogareiro, umas prateleiras com frascos, uns trapos pendurados em pregos. Sentado em uma cadeira diante de uma mesinha de madeira, um homem se ocupava em reconstituir um esqueleto minúsculo. Sem levantar os olhos em direção a Victor, apontou um tamborete.

– O senhor é da faculdade? Do que precisa?

Ocupado em inventariar o conteúdo do cômodo, Victor permaneceu mudo. Descobriu, sobre a bancada, fósseis, placas de cortiça sobre as quais estavam pregados insetos, um grande estojo de herborização, livros com páginas dobradas, romances, obras científicas.

– É colecionador, então? – retomou o homem. – Não me resta grande coisa agora, alguns belos espécimes de borboletas, um manto religioso. O senhor pode fazer uma encomenda.

Victor curvou-se, analisou o conteúdo dos frascos onde distinguia formas verdes e amarelas flutuando em um líquido turvo. Decifrou as etiquetas: *Rãs de Seinte-et-Marne, Lagarto de Chantilly, Serpente de Marly*.

– Na verdade, vim por um motivo totalmente diferente.

O homem pousou a pinça com que manipulava os ossos e olhou para ele. Podia ter entre cinquenta e sessenta anos, era magro e vincado; o bigode caindo sobre a barba grisalha lhe dava um ar triste.

– Ah, é? O quê?

– Preciso escrever pro meu jornal uma série de artigos sobre as indústrias insólitas da capital, e se o senhor concordar em me falar sobre o seu trabalho, eu lhe pagarei.

– Toque aqui! O que o senhor quer saber?

– Como é que uma pessoa se torna fornecedor de laboratórios?

– Cresci numa far...

Foi interrompido por um miado cavernoso. Um enorme gato tigrado acabava de sair de debaixo de uma das camas e se esfregava na porta.

– Mac-Mahon! Você estava de novo escondido aí, excomungado! Deve ter aproveitado quando fui levar a lata de lixo – resmungou.

Capus espantou o animal e voltou a se sentar.

– Onde eu estava? Ah, é. A farmácia. Não consegui me conformar em passar a vida atrás do balcão de uma farmácia. Então, me tornei fornecedor de pequenos animais para o Museu de História Natural e os professores de fisiologia. Isso dá pra cobrir os gastos, e a gente é livre. Também forneço para particulares. Estou sempre em tudo quanto é canto, pelo menos estava, porque já não posso ir e vir como antes, com esta droga de reumatismo nas pernas.

– O que é que o senhor caça?

– Larvas, insetos, víboras, sapos...

– E isso? – perguntou Victor, apontando o esqueleto.

– Morcego. Tem dentro das fortificações. Os coordenadores de curso nas universidades me escrevem das províncias, tenho fama, sou conhecido.

– Tenho certeza de que o senhor sabe tanto quanto certos professores, senão mais. Uma coisa me intriga, adoraria ouvir sua opinião. O senhor deve ter ouvido falar, trata-se dessas mortes brutais na exposição. Estão dizendo que as vítimas foram picadas por abelhas. O senhor acha que isso é possível?

– Besteira! Com o Méring foi a mesma coisa, eles não acreditaram em mim.

– Quem é Méring?

– Um colega meu. A gente morava junto, aqui. Às vezes eu ia com ele nas viagens, ele era catador. Quando havia algum achado, a gente dividia meio a meio.

– Que espécie de achado?

– Fósseis. Tem muitos apreciadores. Uma vez ele descobriu dois sílex entalhados, isso vale dinheiro.

– Ele se mudou?

– Não, morreu. Eu estava perto quando isso aconteceu. Eles me chamaram na polícia, eu disse pro comissário que aquilo não era uma morte natural. Ele me encarou rindo e me respondeu que era normal eu estar com algum grilo, já que faço um trabalho que tem a ver com os animais de pequeno porte. E depois, acrescentou: “As outras testemunhas juraram que seu amigo catador foi picado por uma abelha”.

Capus inclinou-se, pegou uma garrafa de vinho tinto e encheu dois copos.

– Saúde. Méring também achou que era uma abelha, coitado. Mas eu sei o que sei, entendo bem dessas coisas, Deus do céu, não era uma abelha.

Victor deu só um gole.

– Tem certeza?

– Claro, meu trabalho é esse! Vou lhe dizer uma coisa, senhor, prefiro a companhia dos animais de pequeno porte à de certos imbecis. Até mesmo a do gato da porteira. E estou pouco ligando se ela acha que vou entregar ele pra um laboratório pra vivisseção! Respeito os animais, e os que eu sacrifico são em número limitado, pra poder comer. Um grosseirão, esse comissário. Não quis escutar nada, assunto encerrado. Não vale a pena falar disso no seu jornal.

– O que aconteceu?

– Pode ser que eu saiba, pode ser que não. É tarde demais pra uma autópsia, o coitado do Méring está comendo capim pela raiz há um tempinho. Ah, se ele estivesse entre os eleitos da sorte, se fosse escriturário, comerciante, militar, aposto que o imbecil do comissário teria dado um jeito de abrir uma investigação.

Capus terminou a frase com um arreganhar desdenhoso dos lábios. Victor colocou sobre a mesa uma nota de 20 francos.

– Me fale sobre o Méring.

– Um bom sujeito, pouco falador, solitário. A mim ele suportava. Dez anos de trabalhos forçados na Nova Caledônia marcam um homem. Antes da Comuna, era marceneiro. Instalou-se no cômodo ao lado há três anos. Acho que foi casado, mas, lá em cima, ele preferia não falar nada. A gente se fazia companhia, e agora... Droga de vida!

– O que aconteceu com ele?

– Naquele dia, eu tinha ido atrás dele, estava precisando de grilos. Eles têm predileção pelos trilhos das estradas de ferro, a gente sempre encontra eles sobre

as vias secundárias, no final da linha, por causa do calor. Méring tinha enchido seu cesto e ido na frente, queria ver a chegada do Búfalo Bill. Quando me encontrei com ele, estava estendido de costas, as pessoas se aglomeravam em volta, não deixavam ele respirar.

Capus serviu-se de mais um copo.

– E aí, o senhor não bebe? – perguntou, contemplando o líquido. – É esquisito, os pensamentos que passam pela cabeça nesses momentos. Meu colega estava prestes a se sufocar no meio de um bando de selvagens, e eu reparava nuns detalhes insignificantes: os cascalhos sob os trilhos, a crina de um cavalo de balanço comida pelas traças, as botinas de uma pessoa que se achava útil dando conselhos, eu ouvia sua voz e só via seus sapatos, umas botinas amarelas de pelica. E depois o mundo voltou a se mexer. Jean murmurou: “Abelha”. Naturalmente, meu primeiro gesto foi tentar tirar o ferrão: nada. Depois, procurei o cadáver da abelha, ou de algum inseto qualquer: nada. O coitado não conseguia mais se mexer. Respirava muito devagar, com a boca aberta, babava, sua calça estava molhada. Eu conversava com ele e via em seus olhos que entendia o que eu estava dizendo, mas não conseguia responder. Examinei seu pescoço. Tinha sido mesmo picado, mas posso garantir que não por uma abelha, isso não! Sua pele estava vermelha em uma extensão tão grande quanto uma moeda de cem soldos. Com muita rapidez, as bordas da picada se incharam, fazendo uma espécie de cordão de dois centímetros de diâmetro, com uma coloração pálida. Apalpei com a ponta dos dedos: Jean não reagiu, não sentia nada. Uma picada de abelha é outra coisa, nota-se só uma pequena saliência branca de dois ou três milímetros com um ponto acinzentado no meio, o ferrão. O inchaço aumenta, a pele estica, a gente sente umas pontadas agudas, coça, dói.

– Tem certeza de que não havia nenhum vestígio de ferrão?

– Tenho. Era mais como um buraco, como se alguém tivesse enfiado uma agulha grossa bem fundo na carne. Os olhos dele ficaram vidrados, ele foi se asfixiando, o coração parou. Quando os guardas chegaram, estava morto. Eu disse pra eles que era tudo muito esquisito, ir embora com uma simples picada de abelha. Eles responderam que não era a primeira vez que um bêbado batia as botas em dois tempos.

Ele bebeu até a última gota e pousou o copo com um gesto rude.

– E é isso! Desde então, tenho pesadelos. Quer saber de uma coisa? Não foi um acidente.

Deu um murro na mesa.

– Deus do céu! Quem foi o canalha que fez isso? Por quê?
– Ele tinha inimigos?
– Não sei de nada. Pegue seu dinheiro. Não quero isso. Pra que jornal o senhor trabalha?
– *Le Passe-Partout*.
– Espero ler seu artigo logo. Senhor?...
– Victor Legris – ele respondeu, sem a presença de espírito de dar um pseudônimo.
– Vou anotar – disse Capus, pegando um lápis e um caderno escolar. – Assim, vou poder reclamar no jornal se o senhor deturpar o que eu disse.

Com o gato nos joelhos, a zeladora montava guarda. Victor viu que o corredor dava num outro pátio, que abria para a rua de la Harpe, em frente a um restaurante, Le Père Chocolat.

Surpreso com a claridade, abalado pelo que acabara de ouvir, foi até o bulevar Saint-Michel. Jean Méring havia morrido em condições análogas às de Patinot e Cavendish. Capus parecia convencido de que haviam envenenado seu amigo com a ajuda de uma agulha. Que veneno produzia um efeito tão rápido?

O bulevar se animava aos poucos, acalmando sua angústia. Parecia que tinha saído de um sonho ruim. Ainda conservava na boca o gosto acre do vinho servido por Capus. Na esquina do bulevar Saint-Germain, tomou um fiacre para chegar mais rápido à livraria.

Sozinho com sua maçã e seu livro, Joseph levantou-se para recebê-lo.

– Senhor Legris, seu artigo saiu no jornal. Eu li, está muito benfeito! Ah, pode-se dizer que o senhor levou vantagem sobre todos esses graúdos da pena! Sabe de uma coisa? O senhor deveria dedicar sua próxima crônica aos romances de suspense.

– O senhor Mori está aqui?

– O patrão foi almoçar na rua Drouot com uns amigos. Germaine deixou um *cassoulet* pro senhor.

– Com este calor? Mais tarde eu vejo isso. Se aparecerem clientes, atenda. Vou até o depósito.

– Ah, escute, senhor Legris, o senhor se esqueceu de me devolver a minha caderneta, por favor...

– Sua caderneta? Ah, é mesmo, aqui está – disse Victor, colocando-a sobre o balcão.

Saiu rápido, sem nem mesmo dar um tapinha no crânio de Molière.

– As tradições se perdem... E eles... eles me abandonam. Se continuar assim, sou eu quem vai se tornar chefe aqui – resmungou Joseph, tornando a mergulhar no *La Chambre du Crime*, de Eugène Chavette.

Victor não tinha encontrado o que procurava. No entanto, deveria haver nas prateleiras alguma obra tratando do assunto! Às vezes lhe acontecia, nos pregões das salas de leilão, de comprar lotes que ninguém queria, com a esperança de descobrir ali alguma raridade. Na maior parte das vezes, saía-se mal, e aquela mercadoria invendável ia cochilar nos recantos obscuros da reserva. Joseph havia lhe sugerido abrir um anexo com a placa: *Livros a metro*.

Curvando a coluna, Victor enfiou-se debaixo da escada, onde se empilhavam, sem qualquer critério, centenas de brochuras e de livros encadernados. O cheiro – couro, poeira, cera – subia-lhe à cabeça. Tinha quase chegado ao fim quando apalpou a lombada de um calhamaço, o *Dictionnaire des Drogues et des Poisons* – Dicionário das Drogas e dos Venenos. Enfim, encontrara esse livro diabólico!

Apagou a lamparina, subiu os degraus que levavam à loja, empurrou a porta apenas o bastante para inspecionar o lugar. Não havia clientes. Passou como um furacão por Joseph, que estava empoleirado em sua escada, e se precipitou para o primeiro andar.

Tendo chegado bem atrasado à estação da praça Maubert, Anselme Donadieu, cochilava no assento de seu fiacre. Seu chapéu de oleado havia escorregado para cima da orelha. Escondido atrás de um poste, um moleque atirou um seixo no chapéu, fazendo-o cair sobre os joelhos do cocheiro, que acordou com um sobressalto.

– Vagabundo! – murmurou, voltando a cobrir o crânio.

Observou os negociantes de guimbas encherem suas sacolas com pontas de charutos e cigarros consumidos pela metade. Olhou esperançoso para um casal hesitante, que preferiu subir no fiacre que o precedia. Praguejou entre dentes. Estava velho, cansado, atormentado por uma ciática insistente. Seu animal, uma jumenta esquelética de dez anos de idade, não prestava muito mais, e as pessoas acabavam escolhendo os cocheiros mais espertos e os cavalos de pelagem mais lustrosa. Anselme Donadieu via com inquietação aproximar-se o momento em que mais ninguém o quereria. Então, ele estaria bom para o asilo, e Polka, para o magarefe.

Fazia duas horas que estava parado quando um indivíduo com um chapéu de aba larga, ombros cobertos por um *macfarlane*¹¹, aproximou-se de seu veículo

com um papel na mão. Cego pelo sol, Anselme Donadieu não conseguiu distinguir seus traços. Pensou estar lidando com um estrangeiro que não falasse francês, provavelmente um britânico, e se inclinou em direção ao bilhete. Depois de lê-lo, fez um sinal de assentimento. Antes de pisar no estribo, o homem lhe passou a quantia da corrida, somada a uma generosa gorjeta. Suas mãos se roçaram. Anselme Donadieu notou que o estrangeiro usava luvas com uma textura ligeiramente áspera. Estalou seu chicote e soltou um “Eia, Polka!” que fez fremir as orelhas da bucéfala.

Desde que começou a ler o *Dictionnaire des Drogues et des Poisons*, Victor sabia, no fundo, que estava tomando um caminho perigoso. Ele mesmo não conseguia entender o motivo dessa obstinação em meter o nariz em tais assuntos. Será que queria se convencer de que estava errado em desconfiar tanto de quem lhe era próximo? Estaria tentando inocentar Kenji? Ou não seria, sobretudo, o desejo de brilhar aos olhos dos outros? Quando criança, tantas vezes havia sonhado em romper a indiferença rígida do senhor seu pai!

O ar estava sufocante. Entreabriu a janela.

Comprimido em sua escrivaninha, colarinho aberto, os cabelos despenteados, percorreu diversos artigos médicos bastante sucintos, mas suficientes para que pudesse ter uma ideia. Capus havia lhe afirmado que Jean Méring tinha morrido rapidamente, sem sintomas espetaculares. Que veneno produzia esse efeito fulminante? Prosseguiu na leitura. Em cerca de meia hora, já havia eliminado diversas substâncias tóxicas – cantárida, digitalina, arsênico – que agiam muito lentamente. Percorrendo um artigo dedicado ao *strychnos*, teve uma revelação.

O strychnos é uma trepadeira que se enrola nas árvores da América meridional. Os índios que habitam as terras entre o Orenoco e o Amazonas utilizam-na para endurecer a ponta de suas flechas. Ela também pode ser encontrada nas regiões intertropicais da Ásia, na Cochinchina e na ilha de Java. Os nativos envenenam suas armas de arremesso com o upas-antiar, extraído da casca do strychnos-tieuté.

Upas-antiar. As letras dançavam. Já tinha visto alguma coisa sobre esse assunto, até tinha copiado. Puxando sua caderneta do compartimento, folheou-a, chegando às notas tiradas do *Tour du Monde*.

VIAGEM PELA ILHA DE JAVA

Por John Ruskin Cavendish, 1858-1859

Assisti à morte de uma das infelizes vítimas do upas-antiar. De início, ele manifestou uma série de sintomas característicos desse veneno: ansiedade, agitação, arrepios, vômitos. Depois, a coluna vertebral se arqueou fortemente para trás, seus maxilares se contraíram, os músculos dos membros e do tórax se retesaram. Seu rosto congestionou-se. Os olhos do pobre homem estavam prestes a saltar das órbitas. Sucederam-se três crises de sufocamento antes que...

Havia parado no meio de uma frase, ansioso por deixar a biblioteca Hachette.

Enxugou o rosto com um lenço, afastou o caderninho. *Isso não bate com a narrativa de Capus. Eliminado o upas-antiar.* Retomou a leitura do dicionário.

Do strychnos também se extrai o ticuna ou curare, encontrados no Pará e na Venezuela. Esse preparado chega à Europa em pequenos potes de argila ou em cabaças. Apresenta o aspecto de um extrato sólido, resinoso, de um castanho enegrecido que lembra o alcaçuz, solúvel em água destilada e álcool. Da mesma maneira que a aconitina, a fava de Calabar e a cicuta, o curare paralisa as funções dos nervos motores. Mas enquanto essas três primeiras substâncias provocam reações fisiológicas violentas – espasmos, vômitos, contraturas musculares –, o curare age sem dor, e a morte vem, o mais tardar, na meia hora que se segue à injeção.

Em Le Maître du Curare, O Senhor do Curare, Alexandre de Humboldt registra o propósito dos índios: “O curare que preparamos é superior a tudo que o senhor sabe fazer, é o sumo de uma erva que mata em silêncio”. (Viagem pela América Central).

– O *curare* – murmurou Victor.

Estava convencido de ter encontrado a causa da morte de Méring, Patinot, Cavendish. Nenhuma prova, evidentemente. Apenas uma intuição. Releu a página em voz alta e parou bruscamente, no trecho: “em pequenos potes de

argila”. Reviu-se no palácio hindu. A batalha de Sebastopol. As plantas. O aparador coberto de... potes! Pequenos potes de terra cuidadosamente fechados.

– Ostrovski. Constantin Ostrovski... Eu lhe disse que amava as plantas que não são perigosas e ele me retorquiu: “Tudo depende da... Tudo depende da utilização que se faz delas, só o homem é perigoso...”. Será que está metido nisso? Ele também estava na torre...

Em sua mente, reinava uma enorme confusão. Precisava se deitar um pouco para refletir, decidir que conduta tomar. Fechou o dicionário.

Normalmente muito meticoloso, Víctor tinha jogado suas roupas ao acaso sobre os móveis e descansava na cama, usando apenas ceroulas e uma toalhinha úmida estendida na testa para conter um começo de enxaqueca. Chocado com a situação, entregava-se a uma apatia progressiva, e sem dúvida teria dormido se não tivesse contemplado a aquarela de Constable à sua frente. Por que não podia fugir para essa paisagem tranquila, longe da cidade de pedra e ferro, onde estava à mercê de um malefício?! Sentia nostalgia daquele campo verde-esmeralda, onde as palhoças prometiam noites sem pesadelos. Flutuava em direção à aquarela, penetrava nela... Pressionou a toalhinha contra a cabeça. Precisava se acalmar, rever os acontecimentos desde o começo até sua entrevista com Capus. Capus... Ele havia dito alguma coisa importante, que Víctor tinha se esforçado para anotar mentalmente, mas que agora lhe escapava. Lembrou-se do ensinamento de Kenji em relação à memória: “Nossa mente é uma sucessão de câmaras onde armazenamos nossas lembranças. Algumas são dispostas com bastante evidência sobre as prateleiras, outras são jogadas de qualquer jeito no fundo de sótãos empoeirados. Quando acontecer de você não conseguir capturar uma delas, sirva-se de seu olho interior como uma lâmpada, visite as peças uma por uma, observe atentamente o raio luminoso que você projeta em si mesmo. Aí acabará por chegar ao cômodo onde se encontra a lembrança desejada”.

Fechou os olhos e se concentrou. Ostrovski, os pequenos potes sobre o aparador: *curare*? O russo tinha assinado o Livro de Ouro – bem como Patinot, Cavendish, Kenji e Tasha. Dessas cinco pessoas, duas estavam mortas. Kenji e Tasha talvez se conhecessem. Kenji tinha comprado um perfume cujo nome parecia ser o mesmo usado por Tasha, *Benjoin*. Aparentemente, Kenji havia tido um encontro com Cavendish e vendido gravuras a Ostrovski. Ostrovski tinha recebido Tasha em sua casa. Tasha... Qual a ligação entre esses fatos, essas pessoas e as mortes – que nada, a não ser uma simples intuição, permitia afirmar

não terem sido naturais? Os fios se emaranhavam, a enxaqueca ganhou terreno. Gemeu.

– Tasha...

Encontrou forças para se levantar e pegar a pequena tela de Laumier, que desembrulhou e contemplou. Por que estava atraído por aquela mulher? O que ela tinha a mais do que as outras? Uma carinha bonita? Seios redondos como pêssegos? Ou seria sua personalidade? Reviu-a fazendo, com dois traços de *crayon*, o retrato caricaturado de Bill Cody, transformar seu puro-sangue em um ridículo bucéfalo. A excitação provocada por esta última palavra obrigou-o a se sentar. Acabara de abrir a porta certa! “Meu colega estava prestes a se sufocar no meio de um bando de selvagens, e eu reparava nuns detalhes insignificantes: os cascalhos sob os trilhos, a crina de um cavalo de balanço comida pelas traças...” As palavras de Capus ressoavam em sua mente, elucidando uma imagem semiesquecida: um desenho entrevisto há dois dias na caderneta de Tasha. Um trem, Peles-Vermelhas, um homem no chão, umas cestas, uma cadeira com três pés, um cavalo de balanço. Ela tinha visto a morte do catador! Não podia ser uma coincidência. Os índios... Búfalo Bill! “Méring queria ver a chegada de Búfalo Bill”, havia dito Capus. Tasha também. Será que ela tinha ido por conta própria, ou havia sido enviada pelo *Passe-Partout*? Nesse caso, seu desenho teria, sem dúvida, sido publicado. Ele devia ir ao jornal e consultar os números de 13 e 14 de maio.

Vestiu-se apressadamente. Na hora de sair, viu o quadrinho de Laumier atravessado na cama. Apoiou-o em um relógio sobre a cômoda, observou-o novamente com um sorriso contraído. Tasha estava presente no local de três mortes. Seria isso que a tornava tão perturbadora?

¹¹ Casaco amplo, na altura dos joelhos, tendo uma pelerine sobre os ombros, em vez de mangas. Sherlock Holmes e Arsène Lupin são geralmente representados com essa vestimenta. (N.T.)

X

Quarta-feira, 29 de junho, tarde

Como todos os dias, um homem qualquer, vestido de maneira qualquer, percorria, em grandes passadas claudicantes, a sede da polícia. Alguns anos antes, quando exercia a profissão de agente de segurança, um ladrão, no atropelo, havia despedaçado sua perna. Fora o fim das perseguições e das interpelações. Transferido para o Departamento de Pesquisas no Interesse das Famílias, Isidoro Gouvier tinha mofado ali por quase cinco anos. Depois de se demitir, tornou-se detetive particular antes de oferecer seus serviços ao *Temps*. Marius Bonnet tinha-o convencido a participar da aventura do *Passe-Partout*.

Isidore Gouvier convivia pouco com os outros jornalistas, que julgava *blasés* demais, cínicos demais, muito cheios de si. Nada o fazia sobressair, e era de espantar que fosse sempre o mais bem informado de todos. A explicação era simples: nunca apressado, imperturbável, perspicaz, encontrava-se, invariavelmente, no lugar certo no momento certo.

Naquele 29 de junho, ia de uma escrivaninha a outra, o nariz enfiado num lenço xadrez, que usava para abafar seus espirros. A febre do feno, de que sofria todos os anos na mesma época, ainda o estava afetando. Mancando e fungando, Isidore Gouvier esperava com paciência que um cocheiro de fiacre chamado Anselme Donadieu empurrasse a penúltima porta no fundo do corredor, no segundo andar da sede da polícia.

Le Passe-Partout estava fechado. Na porta, um bilhete rabiscado a lápis: “Isidore, encontre-nos no Jean Nicot”.

Decepcionado por não poder ter acesso aos jornais, Victor não teve dificuldade em localizar o café, bem próximo à galeria Véro-Dodat. No terraço, diante de aperitivos, estavam Marius, Eudoxie, Antonin Clusel e Tasha, além de dois tipógrafos, um pouco à parte.

– Victor! – exclamou Marius ao percebê-lo. – Venha brindar conosco!

– Vocês estão bebendo a quê? – ele perguntou, dirigindo um breve cumprimento aos membros da equipe e um olhar prolongado a Tasha.

– Ao sucesso de nossos artigos “Um Dia na Exposição com Brazza” e a nosso próximo convidado, Charles Garnier, arquiteto da História da Habitação Humana, que acabou de aceitar nosso convite. Colocaremos como epígrafe um de seus inúmeros trocadilhos, que bate perfeitamente com o nosso jornal: “O jornaleco tinha, portanto, a vantagem/ que o jornalzão não tinha”.¹² *Le Figaro* fará muitas caçoadas disso. Antonin começa as entrevistas amanhã. Tasha irá com ele. A propósito, muito bem-feita a sua crônica. Vai me fazer outra?

Victor, que acabava de pedir um cassis, franziu o cenho.

– Não tenho tido tempo de pensar no assunto. Estou com uma vaga ideia sobre romances que falam de crimes e assassinos. O que acha disso?

Marius lhe lançou um olhar surpreso.

– Não me passava pela cabeça que você se interessasse por esse gênero de literatura.

– Esse gênero de literatura remonta às calendas. Lembre-se dos Átridas – respondeu Victor, olhando para Tasha, que baixou a cabeça.

– O senhor não acha que existe violência demais na vida? Pense nas guerras, ou simplesmente nos diversos acontecimentos sórdidos, como os mortos da exposição – observou Antonin Clusel.

– A história dessas mortes dá nos nervos, mas também dá sabor ao cotidiano, obrigando as pessoas a se fazerem certas perguntas – disse Eudoxie, com um sorriso oblíquo dirigido a Marius.

– Não banquem crianças. Não esqueçam que por enquanto não temos a mínima certeza de que se trate de assassinatos, a não ser aquela carta anônima que pode ser obra de um doente. Nestes últimos anos, foram feitas muitas reclamações à central de polícia. Existe um número grande de abelhas selvagens em Paris, principalmente nas vizinhanças das refinarias de açúcar. Os ateliês, as moradias, os jardins estão infestados de abelhas, de maneira que o prefeito acaba de proibir a apicultura dentro da capital. Muitas pessoas foram picadas mais de uma vez. Foram notados casos de epilepsia entre as crianças pequenas, alguns adultos podem sofrer convulsões, algumas vezes a picada provoca perturbações de visão, e...

– Mas você está se contradizendo – objetou Antonin Clusel. – Você dizia...

– Ah, eu dizia, eu dizia, é preciso dizer qualquer coisa pra fazer subir as tira...

Marius interrompeu-se, os olhos fixos na calçada oposta. Sem fôlego, Gouvier atravessou correndo em direção ao Jean Nicot.

– Estou acabado! Preparem as penas: tem mais um cadáver!

A notícia foi acolhida com exclamações. Satisfeito, Gouvier foi em frente:

– Foi descoberto no começo da tarde, em um fiacre, durinho. Interroguei o cocheiro quando saía da central. Eu estava sozinho na hora, temos exclusividade até prova em contrário. Agora, é preciso não perder tempo!

– Eudoxie, lápis, bloco, você transcreve. Quem? – perguntou Marius.

Gouvier assoou o nariz, consultou suas notas espalhadas. Irritado, Antonin o observava, tamborilando na borda da mesa.

– Constantin Ostrovski, russo, grande fortuna, imensa fortuna...

Victor contemplou seu cassis de viés. Assassinado. Toda a sua atenção se concentrava nessa revelação inacreditável. Morto, Ostrovski se tornava um culpado bem pífio. Sua hipótese ruía. Era preciso voltar ao ponto de partida. Deu uma olhadela de lado para Tasha. As juntas de suas mãos, sobre a pasta de desenhos, estavam brancas. Gouvier continuava a decifrar calmamente seus pedacinhos de papel.

– Conhecido dos *marchands* de arte. À primeira vista, ataque cardíaco. Há um leve toque familiar com as mortes anteriores, só que desta vez existe um suspeito. O cocheiro que fazia ponto na praça Maubert levou um cliente até o parque Monceau. Lá chegando, um segundo sujeito, Ostrovski, juntou-se a ele, seguindo para as lojas do Louvre. O primeiro cliente desceu e o cocheiro seguiu até o Champ-de-Mars, na entrada da exposição ao lado do *quai* de Passy. A corrida havia sido paga adiantado. O cocheiro se chama Anselme Donadieu¹³, um nome predestinado. Sessenta e cinco anos. Mora em Ivry.

Victor não tirava os olhos de Tasha. Ela amarrava e desamarrava nervosamente os cordões da pasta de desenhos.

– Como é que se escreve Ostrovski? – perguntou Eudoxie, debruçada sobre seu bloco.

– Como se pronuncia, com *i*.

– O que diz a polícia?

– Limitou-se à versão “abelha”. Meu contato é quente, me passou a informação confidencialmente. Por enquanto não vai vazar nada, nenhuma declaração à imprensa; o assunto só está circulando pelos corredores, todo mundo está tenso. Mas, segundo meu contato, eles não têm uma pista séria, estão tentando ganhar tempo.

Gouvier terminou sua fala com um espirro estrondoso.

– Eu continuo a acreditar que se trata de assassinatos – afirmou Antonin. – Lecacheur sabe disso, não esqueçam que ele é um adepto do método Goron.

Victor, que se preparava para beber, interrompeu o gesto.

– Goron?

– O chefe da segurança. Quando Paris desperta com a notícia de uma morte suspeita, ele quer imediatamente um culpado. Em cinco dias, no 4 de julho, no quebra-mar de Grenelle, vai ser inaugurada uma miniatura da Estátua da Liberdade, oferecida à cidade de Paris, pela colônia americana, em sinal de amizade. Seria uma pena desperdiçar esse momento histórico com assuntos sórdidos. Não se esqueçam de que John Cavendish era cidadão dos Estados Unidos; portanto, silêncio total na linha de frente. Os policiais investigam em surdina e passam notícias falsas para a imprensa. Mais uma vez, o bravo Lecacheur incrimina as abelhas! Mas, repito, são assassinatos.

– Sem ferimentos aparentes? – surpreendeu-se Victor.

– Ah, é muito fácil envenenar qualquer um com a ajuda de uma seringa ou de uma agulha bem manejada! – resmungou Gouvier. – Lembre-se, Antonin, da história que você nos contou no ano passado.

– Que história?

– Você sabe muito bem, a da espanhola.

– O que a Espanha tem a ver com isso?! Essa febre do feno te subiu à cabeça...

Gouvier tornou a se assoar e tomou um gole de cerveja.

– Aconteceu em Sevilha, há uns cinquenta anos. A mulher chamava-se Catalina. Estava apaixonada por um belo fidalgo que rechaçava suas tentativas. Ela tinha o sangue quente: plantou-lhe no braço o alfinete do chapéu mergulhado numa substância venenosa, um extrato de heléboro branco, eu acho.

– Ele morreu?

– Ela aplicou através da manga do casaco, e as camadas de tecido absorveram parte do veneno. O sujeito escapou por um triz, depois de vários dias em coma.

Marius caçoou.

– *A Bela Adormecida* em versão moderna.

– Se quiser. Mas nossos mortos da exposição têm menos sorte, não vão comemorar o Ano-Novo.

– Vamos fazer uma tiragem especial! – exclamou Marius. – Isso vai causar sensação na saída dos teatros! Vamos, rápido, todos a postos!

Os dois tipógrafos levantaram-se e se afastaram. Marius pegou o bloco das mãos de Eudoxie e começou a redigir seu artigo. Fleumático, Gouvier desdobrou outro pedaço de papel.

– Quanto ao testemunho do cocheiro, está anotado aqui. Ele não viu o rosto do primeiro cliente: sol nos olhos. Achou que era um inglês: chapéu grande, *macfarlane*, luvas. Achou isso estranho por causa do calor.

– Só isso?

– O inglês não pronunciou uma palavra. O itinerário estava anotado numa folha. Ponto-final.

– É curioso. Acabei de me lembrar de uma coisa – disse Victor, pensativo. – No mês passado, um de nossos clientes contou que um homem havia sido picado por uma abelha. Acho que era um trapeiro, e tinha morrido. Mas outro catador, presente no momento da tragédia, jurou que seu colega havia sido envenenado, e não pelo veneno de um inseto.

– Quem? Onde? – perguntou Antonin.

– Não me lembro. Na hora, não prestei atenção: a gente ouve cada coisa em uma livraria!

Victor espiava novamente as reações de Tasha. Mas ela permaneceu encolhida, com os cotovelos sobre a mesa, o queixo nas mãos.

– Eu sei – murmurou Gouvier. – Foi no dia da chegada do Búfalo Bill.

Mergulhado em sua redação, Marius levantou a cabeça lentamente.

– Escutem, crianças, estou tentando me concentrar no meu texto. Do que vocês estão falando?

– Nada, nada, isso não tem qualquer relação – continuou Gouvier. – Fiz minha pequena investigação, como cabia ao caso. O sujeito estava doente, muito doente do coração. Isso não perdoa. Tinha passado dez anos na Nova Caledônia, feito parte da Comuna. Conversei com o médico que fez o exame nele.

– Pronto, terminei! – exclamou Marius. – “UM CRIME SOBRE RODAS”. Não é mau, hein?

– Grande achado, chefe – aprovou Antonin, percorrendo o artigo. – Mas o senhor nos disse que não existem provas, então sugiro que adote um tom mais neutro. É preciso tomar cuidado com as lambadas de volta.

– Bah, limitei-me a relatar os fatos. Ao trabalho!

Eles afastaram suas cadeiras, alisaram suas roupas. Apenas Tasha permaneceu sentada.

– O que tem de errado, minha pombinha? – perguntou Marius.

– Deve ser o sol. Estou... estou com uma ligeira vertigem. Encontro vocês em cinco minutos.

– Nem pensar. Volte pra casa e descanse. Precisamos muito de você na exposição. Posso dispensar um desenho esta noite, você só vai ter que me fazer um para a próxima edição. Ah, esses casquetes com flores! – acrescentou Marius, mostrando o chapéu de Tasha. – São decorativos, mas, em termos de proteção, zero!

Enquanto Tasha os deixava, num andar hesitante, Victor despediu-se da equipe.

– Tudo bem sobre os romances escritos em tinta vermelha, mas me escreva alguma coisa logo! – gritou Marius ao ir embora.

Onde ela estava? Lá embaixo, em frente à padaria. Por um instante, esteve tentado a segui-la, mas precisava ficar só para ruminar as novas informações. Andar lhe faria bem.

Desceu sem pressa até a rua de Rivoli, passou pelas lojas do Louvre, que anunciavam as liquidações e ofertas do verão. Muita gente na calçada. Atrás de uma vitrine voltada para artigos de viagem, um manequim masculino usando um chapéu de caçador encarava os curiosos com um olhar sem expressão.

Victor abriu espaço para um grupo de homens-sanduíche, arriados sob cartazes publicitários que lhes recobriam o peito e as costas. Leu maquinalmente:

LA GRANDE REVUE PARIS
& SAINT-PÉTERSBOURG
BIMENSAL - PUBLICADA NOS DIAS
10 e 25 de cada mês
DIRETORES: ARSÈNE HOUSSAYE
& ARMAND SILVESTRE
Poli...

São Petersburgo. Um rosto gordo e avantajado se superpôs ao do manequim. Constantin Ostrovski olhava-o com expressão de troça. Curioso, mesmo assim... Ostrovski tinha um encontro com seu assassino. Um parente? Um cúmplice? Será que esse cúmplice o tinha eliminado porque *ele sabia muito* e havia se tornado comprometedor? A considerar. Os pequenos potes sobre o aparador: o que continham? Curare? *Sinto que tenho alguma coisa... Provas. Você tem*

provas? A polícia adora esse tipo de artigo. A polícia! Esse inspetor... qual o nome dele? Lecacheur? Lecacheur tem uma pista, não tardará a estabelecer uma ligação entre os signatários do Livro de Ouro, chegará em Kenji, Tasha... e em mim! Deixei meu cartão de visitas na casa de Ostrovski.

Suas têmporas latejavam, a testa queimava. Atravessou a rua, foi até o jardim das Tulherias e se jogou sobre uma cadeira. Precisava se dar uma trégua, recuperar-se física e moralmente. Qual era o sentido de tudo aquilo? Quem suspeitaria de um livreiro associado a um colecionador?

Massageou a nuca. Sua imaginação trabalhava a todo vapor. Kenji estava comprometido, o mesmo acontecendo com Tasha. Uma mulher poderia facilmente perpetrar esse tipo de assassinato, a espanhola despeitada de Gouvier era prova disso. Uma simples agulha de chapéu! Fácil atingir sua vítima em meio a uma multidão, bastava provocar um encontrão. “De repente, minha tia gritou ‘Ai!’”... Quem tinha dito isso era a sobrinha de Eugénie Patinot... A pequena santa do pau oco tinha acrescentado: “Alguém caiu em cima dela, isso me fez rir”.

Alguém. Homem ou mulher?

Decidiu voltar à avenida dos Peupliers.

Kenji ficou um tempo parado em frente à livraria. Pela porta envidraçada, avistou Joseph ocupado com três clientes. Entrou discretamente e lhe fez um leve sinal.

– Onde está o senhor Legris?

– Não faço ideia, não sou vidente com extrapoderes: ele vai e vem, está com a dança de São Guido – respondeu Joseph em tom irritado.

– Ele veio almoçar?

– Ele detesta *cassoulet* no verão, e eu entendo. Fechou-se no depósito, depois subiu, sabe-se lá se desceu de novo... Saí por cinco minutos para ir buscar maçãs na casa de mamãe. Veja, senhor Mori, o senhor deveria falar com ele, porque eu não posso estar na cidade e no campo ao mesmo tempo.

– E hoje de manhã, você o viu na abertura da loja?

– Não. Quando ele quer dar no pé, sai à inglesa, pela escada do imóvel, conheço o truque. Ei, o senhor também não vai me deixar sozinho!

– Eu volto, atenda os clientes – disse Kenji, subindo a escada.

Percorreu o corredor que separava os dois apartamentos até a porta que se abria para o primeiro patamar do imóvel. Naturalmente, mais uma vez, Victor se contentara em fechá-la, sem passar a chave. Kenji puxou os dois ferrolhos na

chapa da fechadura e entrou nos aposentos de Victor. O quarto de dormir apresentava uma desordem incomum. As cortinas estavam puxadas pela metade, a cama desfeita, as roupas espalhadas pela peça. Notou um retângulo colorido apoiado no relógio de pêndulo, um nu a óleo de uma jovem ruiva que ele, de imediato, reconheceu com desgosto. Estava prestes a sair quando seu olhar passou pela escrivaninha. A tampa cilíndrica estava aberta. Ao lado de um cesto transbordando com uma correspondência em desordem – *entrada e saída* –, viu sobre um dicionário um envelope azul com os dizeres: “Fotos tiradas em 24 de junho na exposição colonial”. Estendeu a mão, levantou a aba, sua manga esbarrou em um objeto escuro, que caiu no tapete. Abaixou-se e pegou uma caderneta de encomendas. Na primeira página, leu: “ENC. J.C. em 24-06 Grand Hôtel, quarto 312”, seguido de uma sequência de pontos de interrogação. Puxou a poltrona e sentou.

Passava das dezesseis horas quando Victor tocou a campainha no portão dos Nanteuil. Uma mulher avantajada, de rosto lívido, veio atendê-lo. Reconheceu Louise Vergne.

– O senhor, de novo! Como se já não bastasse desenterrar uma cristã e cortá-la em pedaços! Quando penso que vocês são pagos por esse trabalho sujo... O senhor deveria ter vergonha, são piores que canibais!

– Não estou entendendo nada do que a senhora diz.

– Tem certeza de que o senhor faz parte deles?

– De quem?

– Da polícia! Porque se fizesse mesmo, estaria sabendo *da autópsia*!

Ela havia recuado para avaliá-lo melhor.

– Ah, isso! Claro, a autópsia – resmungou ele. – Pensei que a senhora estivesse falando de um novo assassinato!

– Por quê? Tem outros?

– Palavra de honra... Não posso dizer nada oficialmente, mas, oficiosamente...

– Durante o ofício! Não existe mais respeito por nada! Matar dentro de uma igreja!

– Hã... Não repita isso de jeito nenhum. Adoraria trocar uma palavrinha com a senhorita Rose.

– Vá esperando... A varapau pediu as contas, dizendo que não ficava nem mais um minuto numa casa onde se desenterravam os mortos do cemitério para examinar suas vísceras! Aí, os Nanteuil suplicaram aos Le Masson que me

emprestassem por alguns dias, o tempo de conseguirem outra governante, e eu aceitei. A senhora Nanteuil está fechada no quarto, não recebe ninguém.

– Nesse caso... Seria possível eu ver a filha?

– Quem? Marie-Amélie não, de jeito nenhum!

– Trata-se de um testemunho fundamental.

– Bom, o senhor está abusando. Interrogar uma menina...

– Só preciso de cinco minutos, e a senhora pode escutar.

Louise Vergne apressou-se em ir chamar Marie-Amélie, que veio logo, segurando uma tortinha, as faces sujas de doce.

– Já contei tudo pro senhor no outro dia.

– É, mas sem entrar em detalhes. Você me disse que no momento em que sua tia foi picada por uma abelha, alguém caiu em cima dela e que isso te fez rir.

– Nada me espanta nessa garota – murmurou Luise Vergne.

– É muito importante. Pense o tempo que precisar. Era um senhor ou uma dama?

Marie-Amélie franziu o cenho. Uma mosca veio pousar na tortinha, que ela sacudiu.

– Não sei de nada... Tenho quase certeza de que era um senhor... É, é isso mesmo, era um senhor! Posso ir embora?

Voltou para casa correndo. Louise Vergne levantou a cabeça.

– Sempre soube que, sob aquela aparência puritana, Eugénie provocava os homens!

A avenida dos Peupliers ganhou de repente um ar de festa: se a menina estava dizendo a verdade, se um homem tinha esbarrado em Patinot, Tasha era inocente... Victor sentiu um breve alívio, antes de compreender que, nesse caso, Kenji novamente assumia o papel de suspeito número um.

Mal entrou na livraria, sentiu-se pego numa armadilha. Sentadas como numa sala de espera, três pessoas levantaram os olhos para ele. Sobre sua escadinha, Joseph, que amarrava um pacote de livros, esboçou um sorriso constrangido. Em sua escrivaninha, Kenji, com a pena imóvel, endireitou os ombros, enquanto uma mulher loira, acomodada sobre um enorme baú de viagem, dava um pulo.

– Odette – murmurou, consternado.

– Meu doce, você tinha me prometido...

Kenji não lhe deu tempo para completar.

– E então, e esse leilão, conseguiu arrematar o negócio?

– Consegui, mas não foi fácil, foi por isso que me atrasei – respondeu Victor, pegando a bola no ar.

– Meu doce, com leilão ou sem leilão, você devia me levar à estação. Faz uma hora que estou aqui. Vou perder o trem para Houlgate. Você esqueceu!

Furiosa, Odette andava de cá pra lá em frente a seu baú, no qual batia regularmente com a ponta da sombrinha, na impossibilidade de atacar Victor.

– Não esqueci, estou no domínio perfeito da situação. Temos tempo de sobra – ele disse em seu tom mais calmo, consultando o relógio. – Joseph vai nos arrumar um fiacre.

Muito feliz por escapar à confusão, Jojo largou seu pacote mal amarrado e correu para fora.

– Será que pelo menos existe um lugar onde eu possa me empoar? – perguntou Odette, fungando. Seu chinês nem ao menos me ofereceu um refresco – acrescentou, em voz mais baixa.

– Tem, no primeiro andar, à esquerda, a peça do fundo.

Kenji esperou que ela subisse – maldizendo a escada estreita – para declarar:

– Raramente vi alguém mais desagradável. Pôs dois clientes pra correr. Garanta que ela suba no bendito trem. Seria uma pena privar a costa normanda de uma visitante tão encantadora...

– Você não gosta muito dela – constatou Victor, reprimindo um sorriso.

– Parece que é recíproco. Também tenho que partir. Um imprevisto.

– Aonde você vai?

– Para Londres, por dois dias. Vou hoje à noite.

A emoção deixou Victor mudo por alguns segundos.

– Mas o que você vai fazer em Londres?

– Negócio particular. Você tem os seus – acrescentou com um movimento do queixo em direção ao andar de cima –, eu tenho os meus.

– Nada de grave, espero?

– Não, está tudo bem, por quê?

– Uma ideia... Há algum tempo você parece preocupado.

– Já que você tocou no assunto, vou dizer o que me preocupa: você.

– Eu?

– Você está constantemente ausente. Joseph e eu não podemos dar conta de tudo. Tenho a impressão de que esta livraria parou de te interessar.

– De jeito nenhum. Acontece o contrário. Gosto muito das bibliotecas, como você, aliás...

Afastaram-se um do outro. Victor pensou que discutiam como um velho casal. Joseph voltou gritando:

– O carro de madame chegou!

O vestido de Odette farfalhou na escada. O cocheiro carregou o baú no ombro. Victor queria apertar a mão de Kenji, mas ele já tinha voltado para sua escrivaninha e se dirigia a Joseph:

– Faça a entrega imediatamente, eu fecho.

Pendurada no braço de Victor, Odette não parava de lhe dar beijinhos até subirem no fiacre, onde se enrodilhou nele.

– Verdade verdadeira, meu doce? Você não tinha se esquecido?

– Claro que não, faz dias que me preparo pra sua partida.

– Você não está dizendo isso pra me agradar?

Ele roçou sua têmpora com um beijo distraído, perguntando-se por que Kenji partia tão precipitadamente para Londres.

Parada sob o pórtico de um imóvel, Tasha viu o fiacre se afastar em direção ao Sena. Ficou pensativa por um longo momento depois que ele sumiu; em seguida, subiu a rua em direção à livraria Elzévir. Kenji preparava-se para fixar os contraventos de madeira. Os dois ficaram imóveis, olhando-se através da vitrine.

Fazendo uma expressão triste, cantarolando com a boca fechada *Le Chant du Départ*, Victor viu um rosto lacrimoso debruçado na porta do vagão e leu em seus lábios um último “Quando você vem, meu doce?”, engolido pelo uivo da locomotiva. Depois, tudo desapareceu numa nuvem de fumaça. A Normandia não se frustraria: Odette estava a caminho de Houlgate.

No *quai* lotado de bagagem, ele parou um jornaleiro ambulante para comprar a edição especial do *Passe-Partout*. A primeira página trazia estampado um grande título: UM CRIME SOBRE RODA.

Leu o artigo enquanto caminhava. Ao sair da estação Saint-Lazare, os postes se acendiam. Resolveu ir a pé até a casa de Tasha.

Uma multidão barulhenta e apressada lotava o *hall* da estação. Carregadores, com o uniforme da *Compagnie du Nord*, iam e vinham entre as partidas das linhas importantes e a fila de fiacres estacionados na praça de Douai. Encostado na parede próxima ao guichê de informações, Kenji desdobrou a edição especial do *Passe-Partout*.

UM CRIME SOBRE RODAS

AS ABELHAS ASSASSINAS

FAZEM NOVA VÍTIMA

Um colecionador bem conhecido entre os marchands de arte, senhor Constantin Ostrovski, sucumbiu dentro de um fiacre a algumas centenas de metros da torre Eiffel.

O artigo lembrava que duas outras pessoas haviam morrido, no espaço de oito dias, em circunstâncias análogas. A polícia recusava-se a dar qualquer declaração. A seguir, o testemunho de um cocheiro que havia descoberto o corpo.

Kenji não continuou a ler. Pegou sua bolsa e enfiou nela o jornal. Um contínuo de boné agalado, no qual se destacava a palavra *Intérprete* em letras douradas, ofereceu-lhe seus serviços. Kenji recusou, reconsiderou e murmurou algumas palavras, dando-lhe uma gorjeta. O homem se afastou e reapareceu pouco tempo depois trazendo um papel. Kenji enfiou-o no bolso, consultou o relógio: 22h15. Abriu caminho até o guichê de telegramas e escreveu uma mensagem:

*Impedimento imprevisto. Irei na próxima semana. Amor, Kenji.
Miss Iris Abott, aos cuidados da senhora Dawson, 18 Charing Cross
Road, Londres.*

Estendeu seu formulário ao empregado com a recomendação “urgente”, pagou, deixou a estação e subiu o bulevar Denain até o Hôtel du Chemin du Fer du Nord.

À recepção, apresentou o papel entregue pelo intérprete.

– Tenho um quarto reservado – ele disse.

A zeladora, uma mulher miúda com cara de doninha, deteve Victor na soleira de sua habitação.

– Ei, onde é que o senhor vai a esta hora? Sou responsável por tudo o que entra e sai!

Ele subiu de quatro em quatro. Sobre o patamar do sexto, inclinou-se sobre o corrimão. A noite invadia os andares, escurecia o corredor vazio.

Ela estava lá, do outro lado da parede, a quarta porta à direita. Ele escutou: silêncio. No entanto, achava ter percebido uma breve corrida sobre o piso. Aguardou, esperançoso. Ela ia puxar o ferrolho, ele a obrigaria a olhá-lo no rosto, a lhe dizer se sim ou não... Mas talvez ela estivesse ocupada brincando com outro... Uma onda de ciúme o invadiu e o deixou ofegante em frente ao capacho. *Seria melhor se eu fosse embora antes de perder o sangue-frio. Ela ainda não voltou: é, é isso.* O pensamento acalmou-o. Chocou-se rudemente contra a borda da fonte e soltou um grunhido. Uma porta se abriu. Um halo de luz.

– Senhor Legris? O senhor?! Eu pensava...

A mulher era bem real, bem perto, muito perto... A fonte, debilmente iluminada pela claraboia, pareceu se apagar; as paredes sumiram. Ela usava um peignoir de gola alta que se moldava ao corpo. Ele hesitou, gaguejou:

– Tasha... Eu estava inquieto... A senhorita foi embora do café há pouco, tão apressada, a senhorita... A senhorita não está doente?

– Só cansada. Trabalho quatorze horas por dia.

– A senhorita vai ficar com frio.

– Faz um calor infernal!

– Os ladrilhos...

Com os olhos voltados para o chão, ele fixava seus tornozelos. Avançou bruscamente, queria pegá-la pelos ombros. Ela saltou para trás.

– Não! – arquejou.

Ele se paralisou. Será que ela não percebia o esforço que fazia para resistir ao desejo de tocá-la? Ela deslizou em frente à lamparina sobre a mesa. No espaço de um segundo, ele viu claramente as curvas do seu corpo através do tecido leve.

– É o senhor que está doente! – ela exclamou, recuando para o interior do cômodo.

Victor aproximou-se dela a ponto de sentir o cheiro de sua pele.

– A senhorita o conhecia! A senhorita me disse isso – ele murmurou.

– Quem?

– O homem que foi encontrado morto em um fiacre. Ostrovski.

Ela demonstrou inquietação.

– Cruzei com ele várias vezes, e daí? O senhor também o conhece, o senhor tinha um encontro com ele no Volpini ontem à noite!

– Cruzou, simplesmente? Tem certeza?

– Como ousa?!

Victor pôs um dedo sob o queixo dela, forçando-a a erguer a cabeça.

– Quando a senhorita cruzou com ele pela última vez?

Ela se livrou com um movimento seco.

– Há dois dias fui levar um trabalho que ele me havia encomendado. Dois esboços dos Peles-Vermelhas. Por que essas perguntas, o senhor é informante da polícia?

– A morte dele é suspeita, cedo ou tarde a polícia vai querer conhecer a natureza de suas relações com ele. A senhorita estava na estação dos Batignolles no dia da chegada de Búfalo Bill?

Desconcertada, ela cruzou os braços sobre o peito.

– Qual a relação? O senhor acha que existe uma ligação entre esse caso e os da exposição? Foi por isso que tocou no assunto, no café?

– A senhorita estava nos Batignolles?

– Estava. Marius me mandou lá pelo jornal.

– Pelo menos não foi Ostrovski.

– O senhor está passando dos limites!

Fingindo não escutar, Victor fechou a porta. Ela estaria representando uma comédia? Muita veemência em suas respostas, pouca convicção.

– Aquele catador... a senhorita assistiu à sua morte?

– Não. Eu o vi cair. Pensei que tivesse um mal-estar, tive tempo de fazer um esboço antes da chegada dos guardas. Houve um atropelo, fui embora. Não me agradam os espetáculos mórbidos!

Pálida de raiva, ela o desafiava. Repentinamente, entendeu.

– Meu Deus, o senhor suspeita de mim! Está prestes a me acusar de ter assassinado todas essas pessoas? No entanto, Gouvier lhe disse, o trapeiro estava doente do coração. Quem colocou essas ideias na sua cabeça? Clusel?

– Não preciso dele – resmungou Victor, virando-se para não se deixar enternecer. – Andei refletindo. A senhorita estava na torre no dia da morte de Eugénie Patinot.

– Isso me torna culpada? Muita gente estava presente: a equipe do jornal, seu amigo japonês, o senhor mesmo... O senhor me acha capaz de fazer mal a quem quer que seja? Então, não tem nenhuma estima por mim?

– Pelo contrário! Tenho muita... estima pela senhorita. Estou simplesmente tentando protegê-la.

– De quem? Do quê?

– A senhorita conhecia Ostrovski. E depois... eu a vi na esplanada dos Invalides alguns instantes antes da morte de Cavendish.

- O senhor me espionava!
- Foi por acaso, garanto que...

Como confessar-lhe que, naquele dia, esperava reencontrá-la na Exposição Colonial?

- Vá embora. Estou cansada.

– Esse perfume caro que vi na sua casa anteontem: foi Ostrovski quem lhe deu?

– E se tiver sido, o que o senhor tem a ver com isso? Sou livre, convivo com quem quiser! – exclamou ela, tentando alcançar a porta.

Apoiado à maçaneta, ele lhe barrou a passagem. Ela soltou um suspiro.

– Este frasco não passa de uma amostra. No mês passado, desenhei umas etiquetas para um perfumista. Agora, vá embora. Não quero vê-lo nunca mais.

Ela enxugou rapidamente os olhos brilhantes de lágrimas. Ele segurou seu punho, levou-o aos lábios.

– Tasha, eu lhe peço... Me perdoe – disse, entre dois beijos. – Eu queria ter certeza... Tudo isso é tão complicado...

Debilmente, ela tentou se soltar.

– Complicado é o senhor – articulou, numa voz sufocada.

Victor atraiu-a para si e enfiou o rosto em seus cabelos, aspirando profundamente seu cheiro. Quando seus lábios tocaram os dela, Tasha se retesou, mas não se esquivou. Ele beijou sua testa, o nariz, o pescoço e a sentiu se entregar. O sangue lhe latejava nos tímpanos. Estreitou seu abraço, seus dedos percorreram a extensão das costas dela, que se vergaram. Com as faces subitamente afogueadas, ela se afastou dele, ficou na ponta dos pés e fez escorregar o redingote dos seus ombros, fixando-o intensamente. Guiou as mãos dele em direção a suas ancas. Ele a envolveu com paixão, antes de levá-la para a cama. Estendido ao lado dela, desamarrou o nó de seu peignoir, abriu a gola de babados, amarfanhou a renda. Ela se levantou para contemplá-lo sob a luz vacilante do abajur, e começou a desabotoar a fileira de botões que fechavam sua camisa. Sua respiração acelerou-se.

– Venha – ela cochichou.

Ele beijou seu pescoço, acariciou-lhe os seios, desceu para o calor do ventre. Seus corpos nus se harmonizavam com sensualidade. Ela combinou seus movimentos com os dele. Ele lutou contra o desejo de ir depressa demais.

[12](#) Em francês: Le canard bas avait donc l'avantage/que le canard haut n'avait. A palavra canard, em francês, tem vários significados, a começar por pato. Também pode significar boato, pasquim – no sentido de um jornal de má qualidade – e torrão de açúcar. (N.T.)

[13](#) Donadieu poderia ser lido como donna a Dieu, ou seja, entregou a Deus. (N.T.)

XI

Quinta feira, 30 de junho, manhã

Kenji espreguiçou-se para recobrar um pouco de energia. Não tinha podido tomar banho, o que lhe fazia falta. O quarto, com seu papel florido e móveis em série, era limpo mas sem conforto. Examinou o espelho como se procurasse uma resposta a sua inquietação. Não viu mais do que o rosto de um homem de traços abatidos. A cama muito mole, a barulheira do bulevar Denain, o vaivém do hotel haviam-no mantido acordado boa parte da noite, fazendo uma triagem de tudo o que descobrira. Agora, considerava friamente a conduta a seguir. Empurrou a mesa em frente à janela, pegou uma pasta e tirou dela os três clichês que tinha furtado de Victor, na véspera. Ajustou os óculos e reviu as fotos, observando minuciosamente cada detalhe. Pousou-as e se pôs a percorrer o quarto, pesando os prós e os contras. Não possuía grande coisa, tinha apenas uma impressão. Serviu-se de uma xícara de chá e releu o artigo do *Passe-Partout* que relatava as circunstâncias da morte de Ostrovski. É, uma impressão. Ela começava a ganhar forma em sua imaginação. Vestiu o paletó: tinha tomado uma decisão. Era melhor agir sem certeza absoluta do que ficar na dúvida.

Enrolado no lençol, com uma perna para fora da cama, Victor flutuava acima da cena do Opéra, onde um Mefisto chifrudo, vestido de escarlate, cantava a plenos pulmões *E Satã conduz o baile...* Soltou um gemido e mudou de posição. A voz de barítono prosseguia e aumentava de maneira inquietante, bem próxima. Desorientado, Victor entreabriu um olho e logo se viu ofuscado pela claridade que vinha de uma claraboia. Por que Mefisto insistia em invocar o bezerro de ouro? Zonzo de sono, apertou o travesseiro. O sonho se esgarçava, mas a voz permanecia e enchia o quarto, do qual se apossava. É o inferno que te chama, é o inferno que te segue! Eis que agora ela escapava de uma estufa de faiança coberta de esboços a carvão. Tasha! Será que tinha sonhado aquilo, ela também? O lugar a seu lado ainda estava quente, impregnado do perfume dela. Não, a

aventura da noite não era uma ilusão. Foi invadido por uma grande alegria, parecida com a que sentia quando criança assim que o pensionato de Richmond fechava as portas para o verão. Rolou sobre o ventre, enfiou a cabeça no travesseiro.

– Benjoin – murmurou.

Como se chamava a água-de-colônia de Odette? Héliotrope? Odette, que se fora apenas na véspera e já era mais inconsistente do que uma sombra. Decidiu reenviá-la ao nada. Apoiado sobre um cotovelo, teve dificuldade em decifrar o mostrador de seu relógio: 8h15. Viu um papel sobre a mesa. Um bilhete de Tasha.

Caro Victor,

O mundo pertence aos que se levantam cedo, é o que dizem; portanto, o mundo é meu! Ficarei feliz em ver você, se estiver livre. Esta noite, vinte horas, aqui. Tem café. Ao sair, enfie a chave sob o capacho.

Tasha

Atrás da divisória revestida com um papel marrom horroroso, Charles Gounod cederia lugar a Rossini, de *Fausto* para *O Barbeiro de Sevilha*. Contrariado com o *Caro Victor* – depois de uma noite daquelas! –, Victor se sentou na beirada da cama. Suas roupas de baixo estavam penduradas em um cavalete que apoiava um óleo inacabado, um teto, uma calha, um céu em sobretons. Com o olhar grudado na tela, Victor estendeu o braço em direção a suas meias. Tinha alguma coisa errada. Aqueles minúsculos pontos escuros, embaixo, à direita... manchas? Grudou o nariz no quadro. Os pontos decompueram-se em fusos listrados de preto e amarelo e dotados de asas. Abelhas. Improvável, esse voo nupcial acima de uma calha. Será que deveria interpretar aquilo como uma mensagem? Desconfortável, resolveu deixar essa questão em suspenso e teve que fazer várias tentativas antes de vestir a ceroula.

Entrou no cubículo que servia de cozinha. Não conseguiu acender o fogareiro a carvão, procurou em vão o açúcar no meio de uma floresta de potes em uma prateleira e se resignou a tomar uma xícara de café frio e amargo.

Desencavou sua camisa sob a mesa, perto de um tijolo que calçava o pé oscilante. Poeira e migalhas de pão forravam o chão. Tasha não era nada voltada para prazeres domésticos, pensou, ao se vestir. Diante dele, a reprodução de um homem atormentado por alguma mágoa terrível estava presa com percevejos

perto do nicho de livros. Provavelmente, um desenho de Grandville. Reconheceu seus traços, devia tê-lo visto em um antigo *Magasin Pittoresque*. Aquela nuvem de pássaros noturnos voando em torno do homem tinha uma ligeira semelhança com as aves caras a Goya. Sentiu vergonha de não haver emprestado *Os Caprichos* a Tasha.

A voz de Danilo Ducovitch explodiu subitamente através da parede.

Us kak na Rusi Carju Borisu slava!
Slava! Slava!

Silêncio. Depois:

Glória e longo reinado ao tzar Boris!
Glória, glória a Boris!

Será que o sérvio tinha conseguido ser contratado nos coros do Opéra? Estaria festejando sua vitória?

Uz kak na Rusi Carju Borisu!
Slava, slava, mnogaja leta!

Adeus, Fígaro, concluiu Victor. Sentia-se leve. A calça. Onde ela tinha enfiado sua calça? Ali, sobre um baú de vime, junto com a gravata, os sapatos e o redingote. Amarrou os cadarços. Os termos russos, cantados por Danilo, cavaram um ligeiro sulco em sua memória. Uma ideia germinava. Impossível defini-la. Vestiu o redingote, a mente sempre trabalhando. Uma porta bateu: o czar Boris deixava sua casa. A lembrança voltou a enervá-lo: tratava-se de um nome visto recentemente, um nome... Que nome? Ia sair quando percebeu que tinha se esquecido de vestir a calça. *Desisto, minha cabeça está como uma peneira.*

Girou a chave na fechadura e em seguida colocou-a sob o capacho. Tasha. Ele a veria naquela noite! Tinha vontade de cantarolar também, mas se conteve: era desafinado. Pensou em comprar flores, chocolates, pastilhas de violeta, chá. *Por que não camomila? Idiota!* Desceu precipitadamente as escadas.

No pátio, quase deu um encontrão em Danilo Ducovitch e Helga Becker. Com os olhos brilhantes e as faces vermelhas, a mulherzinha em trajes de ciclista e o gigante barbudo se agrediam com epítetos ternos.

– Chacal! – gritava o sérvio.

– Pirata! – replicava a alemã.

Victor cumprimentou-os ao passar. Pararam um instante para medi-lo de cima a baixo, depois retomaram a briga.

– Abutre!

Victor chegou à rua de Clichy, passou por uma boutique cuja placa sempre o intrigara: “Às Mães das Crianças Voltadas para o Azul e o Branco”. Deu meia-volta e, encorajado pelo bom humor, abriu a porta e gritou:

– E o Chapeuzinho Vermelho, então?

Com um riso bobo nos lábios, continuou seu caminho. Não muito longe, as grandes vitrines do confeitiro Prévost atraíram sua atenção. Não pôde resistir às Legiões de Honra em *nougat*.

Sacolejando sobre rodas guarnecidas de ferro, o Batignolles-Clichy-Odéon descia a ladeira. Ninguém fazendo sinal para que parasse. O condutor preparava-se para atizar seus cavalos quando surgiu um homem com o braço estendido, atrapalhado com uma torre Eiffel de chocolate.

Kenji levantou a cabeça em direção à estátua inaugurada um mês antes. De costas para a distante Notre-Dame, orgulhosamente erigido em *collants* e calção sobre uma base monumental, o escritor-impressor Étienne Dolet dominava a praça Maubert. Kenji dirigiu um olhar cúmplice a esse colega enforcado e queimado em 1546 por suas opiniões filosóficas julgadas heréticas, a alguns passos do atual bulevar Saint-Germain, onde estava estacionada uma dezena de fiacres. Esperando clientes à sombra das árvores, os cocheiros apostavam no retorno do general Boulager do exílio e reformavam o mundo. Kenji foi ao encontro deles, com a edição especial do *Passe-Partout* na mão.

– Bom dia, senhores, procuro o senhor Anselme Donadieu.

– Está na Guillotine. Conta sua aventura a quem quiser escutar e lhe oferecer uma taça de vinho. Tem gente que tem sorte, essa história nunca aconteceria comigo! – respondeu um cocheiro de rosto redondo e vermelho.

– La Guillotine?

– Le Château-Rouge, se o senhor preferir; rua Galande.

Kenji levantou o chapéu, sorrindo, e se afastou.

Sem se perturbar com o ar taciturno de Joseph, Victor precipitou-se para o estoque para colocar sua torre semiderretida num lugar fresco. Subiu de volta, sorrindo.

– Só preciso me trocar. E aí, Joseph, por que está me olhando com olhos de peixe frito? Não passa de um pouco de chocolate – ele disse, estendendo as mãos meladas.

– Tudo ficaria melhor se eu soubesse onde encontrá-lo, senhor Legris, agora que está famoso.

– Famoso? O que quer dizer com isso?

– Claro, as pessoas escrevem diretamente pro senhor, no jornal... Tem uma carta, um mensageiro me entregou esta manhã. Parabéns!

Victor decifrou o envelope que Jojo lhe estendia.

Senhor Victor Legris

Jornalista do Passe-Partout

Rua Croix-des-Petits-Champs

– Enfie-a no meu bolso, vou ler depois de lavar as mãos.

Começou a subir a escada em espiral.

– Me diga, senhor Legris, agora que o senhor faz parte da redação, deve ter detalhes sobre as mortes da exposição. Segundo o senhor, esse russo no fiacre morreu de morte natural ou não?¹⁴

– Como diria o senhor Mori, a morte só é natural para a poesia!

– Agradeço a informação – resmungou Joseph.

Na cozinha, Germaine, com os cabelos despenteados, o avental torto, remexia o conteúdo de uma panela com uma colher de pau. Victor cheirou, identificou o aroma da perdiz de leite com repolho, regada com conhaque. Quis ressaltar o inconveniente dos pratos com molho em época de calor, mas mordeu a língua. Trabalhando para Victor e Kenji há sete anos, Germaine, cozinheira excepcional, conscienciosa e pouco exigente, era dotada de uma suscetibilidade que era melhor não provocar. Porque, nesse caso, a brava mulher se transformava em harpia, capaz de atacar durante horas, e sua habilidade se ressentia disso.

Depois de enxugar as mãos, Victor rasgou o envelope. Em caligrafia precária, uma linha atravessava uma página arrancada de uma caderneta.

29 de junho

Preciso ver o senhor, é muito urgente, passe na minha casa antes do meio-dia.

Capus

Será que a carta havia sido enviada ao jornal na véspera? Era possível. Nesse caso, Capus o esperava hoje. Que horas eram? Onze e dez. Victor desistiu de se trocar. Fez uma pequena parada na cozinha, o tempo de cortar uma fatia de pão e um pedaço de emmental. Desceu sem ouvir Germaine resmungar:

– Lambiscar entre as refeições estraga o apetite!

Empoleirado em sua escada corrediça, Joseph procurava uma edição ilustrada das *Fables* de la Fontaine, destinada a um rapaz cheio de espinhas. Deu uma olhada preocupada para Victor, mas este correu para a porta.

– Senhor Legris! – gritou Joseph, que, vendo-se mais uma vez abandonado, pediu com todas as suas forças ao gênio dos balconistas para trazer imediatamente Kenji Mori à rua dos Saints-Pères.

Em frente à livraria, um pombo obeso ciscava grãos invisíveis. Levantou voo pesadamente. Victor acompanhou-o com os olhos até a calçada oposta, onde sua atenção foi atraída por uma silhueta corpulenta meio dissimulada na entrada de um imóvel. Aquela envergadura, a postura da cabeça, a cabeleira muito comprida lhe eram familiares. Danilo Ducovitch. O que estaria fazendo ali? Era, com certeza, a última pessoa que esperava ver. Não ficou ali perdendo tempo. Aquele sujeito era um descompensado, provavelmente estava apaixonado por Tasha. Estaria com ciúmes? Lembrava-se de lhe ter dado seu endereço no outra noite, ao sair do Café Vopini. *Bah, sem dúvida ele vem me pedir trabalho. Joseph que se vire.*

Havia poucos pedestres sobre o *quai* sem sombra. À altura do Instituto, Victor pensou ter ouvido passos atrás dele. Parou, o ruído cessou com um ligeiro atraso. “Bom, Ducovitch está me seguindo, está com ciúmes, mas pode ser que chegue a me atacar com violência!” Voltou-se: ninguém. Pessoas cansadas, empregadas com xales e sacolas cruzavam-se com indiferença. Victor continuou a andar sem ficar completamente tranquilo. A impressão de ser seguido não o deixava.

Enfim, chegou ao bairro da Maube, e viu um homem de grande estatura entrar num restaurante barato. Apressou o passo. Com as mãos como viseira, encostou-se contra o vidro sujo e distinguiu um sujeito com a estrutura física dos carregadores de Halles, cotovelos no balcão. Não era Danilo Ducovitch. *Estou ficando louco, não acredito: delírio de perseguição! Acho que não tenho comido o suficiente nestes últimos dias.* De fato, a cabeça lhe girava um pouco.

A zeladora de armadura devia estar varrendo nos corredores: o pátio estava vazio. Bateu à porta de Capus. Percebia o rumor da cidade, pontuado pelo choro de um bebê no andar. Bateu com a palma da mão na madeira rachada da porta, colou o ouvido na divisória.

– Senhor Capus... Senhor Capus, o senhor está aí? É o senhor Legris.

Hesitou e girou suavemente o trinco, esperando resistência. A porta abriu-se. No interior, as venezianas estavam semifechadas. Apenas uns poucos raios luminosos, nos quais dançavam partículas de poeira, animavam a peça.

– Senhor Capus, sou Victor Legris, do *Passe-Partout*... Tem alguém aqui?

Um rangido, um movimento imperceptível à esquerda. Victor permaneceu imóvel, esperando com ansiedade um novo ruído. Sentiu uma câibra na panturrilha.

– Desisto – murmurou.

O golpe atingiu seu ombro em cheio. Recuou cambaleante, seu braço se tornou um pedaço de pau. Caiu pesadamente. Um miado selvagem irrompeu repentinamente, modulando-se em um longo queixume. Uma forma surgiu, fugindo na maior pressa. Victor viu o quarto dilatar-se. Acima dele, uma sombra ameaçadora projetou-se no teto com a velocidade de uma aranha que sobe ao longo de seu fio. Instintivamente, rolou para o lado; sua cabeça bateu no ângulo de um móvel. Fechou os olhos, pronto para o pior. Seu sangue fazia tanto barulho que não ouviu a fechadura da porta sendo trancada. A dor arrefeceu, um véu negro caiu sobre ele.

Quando abriu as pálpebras, distinguiu um par de botas de sete léguas e cacos de vidro a alguns centímetros do seu rosto. Recorrendo a toda a sua energia, retesou os músculos doloridos e conseguiu se levantar agarrando a beirada de uma mesa. No tempo de se habituar à penumbra, notou, sobre uma das camas de ferro, uma protuberância coberta por um pano claro. Parou em frente ao estrado, debruçou-se, levantou ligeiramente o tecido, e se deixou cair, sufocando um grito. Havia tocado em alguma coisa fria. Por um curto espaço de tempo, tentou se convencer de que aquilo que tinha entrevisto não passava de um jogo de luz. Respirou fundo várias vezes e puxou o pano com energia. Henri Capus jazia de costas, a cabeça jogada para trás. Uma cutilada sangrenta estendia-se por sua garganta de um maxilar a outro. Uma grande mancha escura embebia o travesseiro.

Chocado, aterrorizado, Victor foi acometido por um tremor. Seus sentidos recusavam-se a aceitar a realidade.

– Mac-Mahon!

O grito lhe deu um arrepio. Ficou petrificado, o crânio comprimido, prendendo a respiração.

– Mac-Mahon! Onde você está, meu bichano? – gemia a zeladora atrás da porta. – Sei que você está aí, seu espantalho. Não adianta fingir. Me entregue o Mac-Mahon, senão... Espere um pouco, vou buscar o velho Chocolat, você vai ver o que é bom pra tosse!

Um estalido. A mulher não se mexia. Tempo demais, ela levou tempo demais para ir embora. Enfim, seus passos arrastados decresceram ao longo do corredor.

O cheiro acre do fenol ardia em seu nariz. Precisava escapar, rápido. Recuperar o ar, a vida. Com as mãos estendidas à frente, Victor andava às cegas. À beira da náusea, agarrou o trinco da porta. Ela resistiu. Nova tentativa, nada. Sacudiu-a freneticamente: inútil. Estava trancado com um cadáver! Se contasse o que tinha acontecido, quem acreditaria nele?

Em pânico, recuou. “Refleta, não se atire no fogo; frequentemente, existe uma saída de segurança”, aconselhou a voz de Kenji ao menino, reinventando o grande incêndio de Londres. Uma saída... A janela! Era óbvio que corria o risco de estar num beco sem saída, ou de ser apanhado por testemunhas: seu agressor devia ter pensado em tudo. Decidiu tentar a janela. Esbarrou em um objeto mole, as botas de sete léguas. Perdeu o equilíbrio, caiu sobre os cacos de um pote de vidro, segurou-se na última hora nos pés de uma cama. Contra a vontade, seu olhar pousou sobre a mortalha que escondia o corpo de Capus. Ele o viu enfiado em um enorme frasco com uma etiqueta indicando: *Habitante da rua da Parcheminerie*. Alçou-se sobre a borda estreita da janela, esfolou os dedos ao se esforçar para abrir a cremona, provavelmente emperrada pelos anos. Com os dentes cerrados, insistiu, batendo violentamente no vidro com o punho fechado. *Droga, abra pelo amor de Deus!* O vidro voou em cacos, seu punho atravessou a moldura. O sangue escorreu de sua palma. Possuído por uma raiva cega, puxou a cortina suja e a enrolou na mão boa. Com repetidos golpes, a madeira carunchada cedeu bruscamente, e a janela se abriu. Um pátio: à esquerda o imóvel, à direita uma passagem. Quando ia pular, dois moleques surgiram à esquerda.

– Bebum, bebum, a gente viu você, está todo sujo de sangue, vamos contar pra mãe Frochon que você papou o gato dela!

Soltando um grito terrível que assustou as crianças, Victor despencou sobre um monte de caixotes e disparou às cegas. Uma passagem estreita, com o teto tão baixo que teve que curvar a cabeça, outro pátio, lá embaixo uma rua. Correu perseguido por um cão, esquivando-se na última hora de um mendigo que

remexia no lixo. Uma ruela ziguezagueava entre casas corcundas. Escondeu-se no canto de uma porta, o coração a galope. Tinha que controlar seu medo, custasse o que custasse. Envolveu a mão machucada com o pedaço de cortina, que não tinha largado. O corte era superficial, o sangue ia secando aos poucos. Mexeu delicadamente o braço, nada quebrado, a dor tinha se atenuado. Rearranjou o redingote, esfregou as mangas, alisou os cabelos. Perto dali, guinchos de rodas sobre o pavimento, vozes, passos: o fluxo do bulevar. Jogou-se nele sem refletir, enfiando-se na massa de passantes, empurrado como um imbecil vulgar. Ao colocar o pé na margem, no *quai* Montebello, sentiu-se voltando a ser ele mesmo. Ao mesmo tempo em que recuperava sua presença de espírito e se apressava em direção ao *quai* Conti, a emoção represada durante sua louca corrida voltou a seus lábios e um soluço contraiu sua garganta: chorava.

O trovão rugiu. As primeiras gotas mornas espatifaram-se no macadame quando Victor chegava à rua dos Saints-Pères. Apoiou-se na parede e, com a cabeça jogada para trás, deixou a chuva fustigar seu rosto. Uma vendedora de hortaliças, atrelada à sua carriola, passou por ele correndo para se refugiar sob o alpendre da livraria. Avistou Joseph com o nariz colado à porta envidraçada e esperou que ele voltasse ao balcão, antes de atravessar a rua e entrar no imóvel. No alto da escada, apalpou os bolsos: nada de chaves. Teriam sido perdidas na hora da fuga ou dentro da casa de Capus? O molho estava marcado com uma etiqueta com o seu nome.

Desceu, resignado a passar pela loja. Joseph encerava uma série de livros encadernados. Ao toque do carrilhão, voltou-se, exibindo um sorriso comercial que logo se desfez.

– Nossa, patrão, o que foi que aconteceu? Passou debaixo de um ônibus? Sua mão! O senhor está sangrando!

– Não foi nada, um arranhão.

– O senhor está muito pálido, vai precisar descansar. Vamos, eu ajudo o senhor a subir. De qualquer maneira, com esse tempo, adeus clientes!

Muito abalado para protestar, Victor deixou-se levar até o primeiro andar. Joseph obrigou-o a se deitar, descalçou seus sapatos.

– Durma bastante, patrão, isso vai lhe levantar os ânimos. Quer que eu avise o doutor Reynaud?

– Não, por Deus, não! Vá cuidar da loja.

– Tudo bem, mas não vá reclamar se isto infeccionar. Aliás, sabe da última? Tem um terceiro morto na exposição, liquidado como os outros dois, e o jornal...

– Eu sei, Joseph, você já me disse.

– Vou deixar o senhor... Não foi nada bom ter beijado o chão, seria melhor ter beijado uma garota bonita. Ah, juro pro senhor, sou eu quem toca esta loja, sou eu! – resmungou bem alto para ser ouvido.

A porta bateu. Victor virou-se sobre o travesseiro. A janela alta circundava uma luz plúmbea, a chuva chicoteava os vidros. Fechou os olhos e logo os abriu para escapar à visão de um velho rígido, com a garganta escancarada. E aquele sangue, aquele sangue! Sentia uma dor surda no fundo do estômago: medo. Tomado pela náusea, só teve tempo de chegar ao banheiro. Um relâmpago riscou o céu. Maquinalmente, ele contou: um... dois... três... O estrondo abalou as paredes, um segundo espasmo dobrou-o em dois. Oprimido pelo calor, foi titubeando preparar um banho frio nos aposentos de Kenji e se sentou na beira da banheira, observando o nível da água que subia.

Havia escapado ileso. Ninguém o havia visto, exceto os moleques. Ninguém, a não ser o assassino. Quem, então, poderia ter raiva do velho Capus?

Acendeu o bico de gás, livrou-se das roupas. Na prateleira sobre o lavabo, destacavam-se duas fotos emolduradas. Uma mostrava um rapazinho encolhido contra uma jovem mulher: *Daphné e Victor, Londres, 1872*; a outra, um asiático de uns trinta e poucos anos, sério, rígido em seu redingote escuro.

Sem o gato, provavelmente eu estaria morto... Minhas chaves!

Não conseguia deixar de contemplar Daphné e o pequeno Victor. Arrumou a posição do quadro, fixou Kenji Mori fazendo pose.

Pela primeira vez, perguntou-se por que Kenji tinha se ligado a sua mãe e a ele a ponto de abandonar sua vida privada. Com o desaparecimento do senhor Legris pai, ele tinha, com toda a naturalidade, assumido o papel de chefe de família. Agiria por interesse? Tal ideia encheu-o de vergonha e desgosto de si mesmo. Desconfiar desse homem que o havia educado, protegido, cuidado dele dia e noite durante a terrível epidemia de difteria de 1869... Impossível.

Desgrudou o pedaço de cortina sujo que cobria o machucado. Não, não podia ser Kenji, ele não suportava ver sangue. Essa fobia remontava à sua infância, quando uma parte de seus parentes convertidos ao cristianismo havia sido massacrada sob a ditadura militar de Tokugawa. Um milagre que ele tivesse conseguido escapar.

Fechou a torneira, entrou na banheira e se agachou de uma vez. O contato com a água gelada lhe tirou o fôlego, e a imagem surgiu espontaneamente: a

mão de Capus fria como mármore. Tinha roçado nela ao levantar o lençol jogado sobre o cadáver.

Fria... fria... Sua mente se embalava. Quanto tempo depois da morte o corpo torna-se frio, levando-se em conta a temperatura ambiente? Oito, dez horas?

Percebeu que tiritava. Saiu do banho. Parado no meio do banheiro, tentou reconstituir o enigma. *Cheguei à rua da Parcheminerie por volta do meio-dia. Se meu cálculo estiver correto, Capus foi degolado em pleno sono por volta das três da manhã.*

Enquanto se secava, observou a prateleira que segurava as fotos, toda branca sob a luz crua do gás, e, por uma curiosa associação de ideias, essa matéria brilhante fez com que se lembrasse de uma mesa de bistrô. Viu o terraço ensolarado do Jean Nicot. *Mencionei a morte de Méring.* O que ele tinha contado? Que o colega do trapeiro, presente no momento da tragédia, tinha jurado que se tratava de um envenenamento intencional, não de uma picada de abelha. *Supostamente, eu não deveria conhecer esse detalhe... Tasha! Não! Não pode ser, passamos a noite juntos!*

Levantou a cabeça. Impassível, Kenji parecia espreitar suas reações. *Um cúmplice! Ela alegou um mal-estar, ela alertou um cúmplice!*

Travou os lábios para afastar a amargura. Alguma coisa lhe escapava. O assassino não poderia prever que ele viria; então, por que ainda se encontrava no local do crime mais de oito horas depois de ter cometido o assassinato?

A carta! A carta de Capus. Alguém havia tomado conhecimento dela no jornal, quando foi entregue pelo mensageiro. Tasha. “O mundo pertence aos que se levantam cedo.” *Maldita! O assassino voltou lá para me esperar.* Precipitou-se para seu quarto.

A tempestade tinha se acalmado, raios dourados perfuravam as nuvens. Puxou o envelope da carteira.

*Senhor Victor Legris
Jornalista do Passe-Partout
Rua Croix-des-Petits-Champs*

Sem selo. Sem carimbo. A carta havia sido entregue diretamente no jornal. Deixou-se cair na cama. O envelope rangeu entre seus dedos crispados. O cansaço e a emoção venceram sua resistência, e acabou por soçobrar. Sonhou.

Voava agradavelmente acima de uma longa serpente de aço. Pouco a pouco, desceu e pousou no meio de uma estufa de plantas, onde uns garotos brincavam

de roda cantando:

Fígaro, eu aqui
Fígaro, eu lá,
Fígaro cá, Fígaro lá.

Aproximou-se deles. Assim que o viram, romperam o círculo e correram em sua direção para rodeá-lo. Ele se confrontou com seus rostos estranhamente deformados, e soltou um grito de horror: suas gargantas sanguinolentas estavam cortadas de uma orelha a outra. Subitamente, enfiou-se em um túnel povoado de objetos anatômicos de cera, a mão fechada sobre uma lista de compras dada por Germaine. Um espartilho, tinha que comprar um espartilho para Odette, cujo tamanho havia esquecido. Cruzou com uma mulher de turbante que o cumprimentou com um “bom dia, meu doce!” e lhe estendeu um pedaço de abacaxi, que ele levou à boca. Mas sua mão começou a sangrar, então ela a mergulhou em um frasco onde freiriam centenas de partículas zumbidoras: abelhas. Elas escaparam e foram se espatifar contra um cartaz dos Peles-Vermelhas, que perseguiam um trem. Debruçado na entrada de um vagão, um grande gato listrado agitava a lista de compras, gritando sílabas incoerentes que significavam “Glória a Boris!”. Subitamente, o chão se levantou. Girando nos calcanhares, ele correu até perder o fôlego, convencido de que jamais escaparia. Teve um sobressalto violento e caiu da cama.

¹⁴ Em francês, “morrer de morte natural” é mourrir de sa belle mort; literalmente, “morrer de uma bela morte”, o que torna mais compreensível o jogo de palavras entre Joseph e Legris. (N.T.)

XII

Quinta-feira, 30 de junho, tarde

Victor já não sabia seu nome nem o lugar onde se encontrava. Por que estava nu? Sua vista clareou lentamente. Precisou se concentrar durante vários minutos antes de decidir que o retrato de Gainsborough pendurado à sua frente estava ligeiramente inclinado para a direita. *Meu quarto. O que estou fazendo no chão?*

Foi até o banheiro, jogou bastante água no rosto, apoiou-se na pia e refletiu intensamente. Para encontrar um indício revelador, tentou decifrar a colcha de retalhos que compunha seu sonho: os garotos, as gargantas cortadas, os manequins de cera, uma mulher de turbante, as abelhas, os Peles-Vermelhas, um trem, um gato. Palavras. *Fígaro, eu aqui... Bom dia, meu doce... Glória a Boris!* Em russo, o gato falava em russo! E... a lista. *Fígaro*: o importante era isso. A lista do *Figaro de la Tour*! Danilo Ducovitch figuraria entre os signatários do dia 22?

Victor precipitou-se para os aposentos de Kenji, abriu sem sucesso as gavetas, passou para o quarto de dormir, aproximou-se da alcova. Seu dedinho do pé chocou-se com a elevação no chão; xingou, seus olhos se embaçaram. Saltitando sobre um pé, perdeu o equilíbrio e desmoronou sobre a esteira, que escorregou para fora do estrado. Uma das ripas levantou-se, descobrindo uma cavidade. Victor ajoelhou-se, tirando um pacote envolto num tecido estampado, uma caixa metálica, dois grandes envelopes e o exemplar do *Figaro de la Tour*. Desdobrando-o, constatou que a nota “ENC. J. C.” tinha sido arrancada. Consultou febrilmente a lista.

Abaixo da primeira coluna:

...Madeleine Lesourd, Chartres. Kenji Mori, Paris. Sigmund Pollock, Viena, Áustria. Marcel Forbin, tenente do 2º batalhão de encouraçados. Rosalie Bouton, tintureira, Aubervilliers. Senhora de Nanteuil, Paris. Marie-Amélie de Nanteuil, Paris. Hector de

Nanteuil, Paris. Gontran de Nanteuil, Paris. John Cavendish, Nova York, Estados Unidos.

Segunda coluna:

Constantin Ostrovski, colecionador de arte, Paris. B. Godounov, Eslavônia. Guilleumos de Castro, estudante em Alicante. Tancrede Pendarus, padre em Bordeaux. Charline Crosse do Folies-Bergère.

Voltou para trás. B. Godounov. B. Godounov. Glória e longo reinado ao czar Boris... Danilo Ducovitch. As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. É ele. Ele me seguiu esta manhã...

Largando tudo, vestiu-se às pressas e saiu pela escada do imóvel.

Admirando mais uma vez a perspectiva alargada da rua de Tournon, Kenji diminuiu o passo em frente ao restaurante Foyot, onde se divertiu ao reconhecer os deputados sentados à mesa, em torno de um pernil. Alguns metros à frente, chegou à loja de seu amigo Maxence de Kermarec, antiquário especializado na venda de instrumentos de corda. A loja, adornada com *boiseries* Luís XV em branco e dourado, oferecia um amostragem maravilhosa de virginais, espinetas, cravos, a maior parte decorada com pinturas. Sobre as mesas incrustadas com marchetaria, estavam dispostos violões clássicos, violinos para principiantes, arcos, bem como balalaicas e bandolins. Uma harpa com a moldura esculpida montava guarda perto de um guarda-louça cheio de pratos de porcelana de Sèvres, representando tocadores de alaúde e de viola.

Magro, alto, a barba aparada em ponta, vestido com um estranho terno de veludo grená que o fazia parecer um diabo, o proprietário almoçava um sanduíche, andando de lá para cá. Vendo Kenji, apressou-se a recebê-lo com a mão estendida.

– Enfim uma visita agradável nesse deserto estival!

Empurrou-o literalmente para uma bergère.

– Sente-se, senhor Mori. Chá? Café?

– Chá, obrigado.

Enquanto o antiquário sumia nos fundos da loja, Kenji desamassou *Le Passe-Partout* e o colocou ostensivamente sobre uma mesinha redonda. O diabo não demorou a voltar, trazendo uma travessa de prata sobre a qual fumegava uma xícara cheia de um líquido claro.

– Jasmim puro. O senhor vai me contar as novidades.

– O senhor viu? É perturbador – observou Kenji, mostrando o jornal.

O antiquário deu uma olhada no título em destaque e alisou a barbicha.

– É, eu li, não valem nada: uma abelhinha e pimba, o grande salto. O senhor teve tempo de lhe vender os Utamaro?

Kenji aquiesceu.

– Eu sabia que ele se interessaria. Não teve tempo de aproveitá-los muito, o coitado. Acabei de comprar a coleção do duque de Frioul, um piano-forte soberbo, um arco de François-Xavier, uma espineta de Thomas Hancock. Aproveitei para “limpar” a biblioteca: séculos XVII, XVIII, o senhor vai se regalar.

Engoliu o último pedaço do sanduíche.

– É uma pena – articulou com a boca cheia. – Era um bom cliente. Já lhe contei que tinha conseguido convencê-lo a investir nos violinos?

– Contou, na última vez que nos vimos.

– Esses colecionadores, de todo modo uns sujeitos estranhos, são sempre muito engraçados! Um homem que não entendia nada de música! Deixe-me mostrar-lhe o que ele pretendia comprar, se assuntos mais urgentes não o tivessem chamado para o além.

Abriu uma pequena arca almofadada e, com infinitas precauções, retirou dali um violino.

– Um Guarnerius. Não é magnífico? Sabe o que é que, segundo dizem, torna seu som inigualável? Um bolor que absorve a umidade, a madeira se torna mais leve e mais seca. É interessante pensar que a beleza e o valor dependem dos cogumelos. Nosso amigo tinha me dado um bom adiantamento, vou ter que devolver aos herdeiros, se houver. Ele estava para resgatar uma grande soma no final da semana. Seu chá esfriou.

Kenji obrigou-se a esvaziar a xícara. Só gostava do *darjeeling*.

– Ele estava com pouco dinheiro? – perguntou.

– Imagine só! Emprestava a juros. Financiava alguns negócios por baixo do pano, seu nome não aparecia em nenhum lugar, é claro. Aquele tipo de empreendimento que comentei com o senhor na semana passada. Um jogo de esconde-esconde que o enchia de alegria, mesmo que de vez em quando tivesse algumas perdas – raramente, aliás, porque era um adversário temível. “Meu caro Maxence”, me dizia, “quem nunca arriscou nada, não viveu. Sou igual a esses apresentadores de teatro de sombra javanês: dos bastidores, puxo os barbantes. Mas cuidado com aqueles que embaraçam os fios. Prefiro cortar de uma vez a

desfazer os nós”. Cá entre nós, senhor Mori, o senhor acredita nessas histórias de abelhas assassinas?

– Não é certo que tudo seja incerto.

– Reconheço aí sua sabedoria oriental. Bah, pior para o Guarnerius – disse o antiquário, guardando o violino. – Sempre vou achar comprador para este tipo de artigo. O senhor quer ver os livros?

– Tenho um encontro. Eu volto. Ah, me diga, o que exatamente ele lhe contou sobre esse último negócio?

Ainda eram apenas quatro horas da tarde; no entanto, Victor não ouvia nenhum ruído. Abandonada no fundo do ateliê de composição, a linotipo tinha a aparência de um animal de tocaia, todos os dentes à mostra.

Retornou ao beco. Sentados à beira da calçada, dois sujeitos disputavam uma partida de dados.

– Não tem ninguém no *Passe-Partout*? – perguntou.

– A senhorita Eudoxie deve estar no primeiro andar.

Victor subiu a escada, fez uma pausa no patamar perto do divã coberto de papelada. Eudoxie não o havia escutado subir. Instalada em sua mesa, com as costas bem retas, batia à máquina com a velocidade de um pianista virtuose, enquanto comia amendoins. Seus dedos voavam de uma tecla a outra, o cilindro móvel girava sobre seu eixo. Eudoxie arrancava a página datilografada, punha-a à sua direita, engolia um amendoim, inseria uma folha em branco, e voltava ao ritmo acelerado de uma máquina de costura.

Victor bateu de leve na porta entreaberta. Eudoxie disfarçou rapidamente o pacote de amendoins.

– Ah, é o senhor! Faz tempo que está aí?

– Estava admirando sua destreza!

Ela deu uma risadinha, afofou os cabelos.

– Quer experimentar? É o modelo Hammond. Pode ser visto na exposição.

– Ah, não, receio ser muito desajeitado.

– Não é necessário diploma, só é preciso colocar os dedos na posição certa. Adoraria lhe ensinar meu método.

– Muita gentileza, mas...

– Suas mãos me parecem perfeitas, longas, sensíveis, habilidosas – ela observou, ajustando o corpete sobre o peito.

Ele limpou a garganta e sentiu vontade de apalpar sua cigarreira no bolso.

– Onde estão os outros?

– O senhor não podia chegar em hora mais acertada: estão todos zanzando. Gouvier está instalado na central, Marius foi ao médico.

– Está doente?

– Um pouco arreventado nestes últimos dias. Antonin não volta antes das seis. Tasha está na exposição. Podemos passar sem ela, não é?

Havia se levantado e percorrido os poucos metros que os separavam. Ele tirou o envelope da carteira.

– Preciso de uma informação. Talvez a senhorita possa me ajudar.

– Tudo o que quiser.

– Trata-se de uma carta. Um mensageiro entregou-a a meu empregado nesta manhã, por volta das oito. Suponho que *Le Passe-Partout* é que a tenha me encaminhado.

Ela o pegou pelo cotovelo.

– Então, entre um instante, senhor Legris, está mais claro lá dentro.

Com um sorriso à Monalisa nos lábios, levou-o em direção à escrivaninha.

– Deixe-me ver. Nada de desagradável, espero – disse, acentuando a pressão dos dedos.

Victor teve a sensação de estar sendo lentamente envolvido por uma serpente.

– Não, alguns insultos de um leitor descontente com a minha crônica. Foi a senhorita que a mandou para mim?

– Ah, senhor Legris, jamais me passaria pela cabeça insultar um homem da sua importância!

– Não, não, eu me expressei mal, queria saber se ela passou por suas mãos.

– Pode ter certeza de que, se fosse esse o caso, eu mesma a teria levado.

– Pode ser que tenha sido um dos membros da equipe...

– O senhor está brincando! A correspondência é minha prerrogativa. Sou a primeira a chegar todas as manhãs e começo fazendo a triagem. O senhor não quer mesmo que eu lhe ensine a utilizar a máquina? Ela seria útil na livraria. Em Nova York, nenhuma casa de comércio escreve mais com pena; um empregado...

Enquanto ela gabava os méritos da Hammond, ele tentava ordenar os pensamentos. Se a carta tinha sido deixada diretamente na livraria, seu autor não poderia ter sido Capus. *Tomei cuidado para não lhe revelar nem minha profissão, nem meu endereço.*

Não havia mais dúvida: tinha sido deliberadamente atraído para uma armadilha. *Como é que ele soube? Como esse sacana do Ducovitch conseguiu saber que eu tinha contatado Capus?* A resposta, no entanto, era evidente. Tinha

visto o velho escrever seu nome e o do *Passe-Partout* em um caderno escolar. “Para o caso do senhor distorcer o que eu disse.” Depois de degolar Capus, Ducovitch sem dúvida tinha voltado ao quarto dele e descoberto o caderno.

Victor foi tomado por uma súbita vertigem. Apoiou-se na parede. Há quanto tempo não fazia uma refeição razoável?

– O senhor está lívido... Está tudo bem? – perguntou Eudoxie, aproveitando-se de sua fraqueza para se aproximar e começar a desabotoar seu redingote.

Precisava encontrar um bom pretexto para se livrar dela. Mas antes era necessário esclarecer um último ponto: *Le Passe-Partout* tinha ou não coberto a chegada de Búfalo Bill?

– A senhorita faria a gentileza de me deixar consultar os primeiros números do jornal? – murmurou com voz rouca.

Surpresa, ela recuou um passo.

– Agora?

– Por favor.

– Não se pode recusar nada ao senhor – ela retorquiu, com evidente decepção. – Sente-se à minha mesa. Faz calor. Vou empurrar a máquina. Pronto.

Eudoxie colocou uma dezena de exemplares à sua frente e se debruçou por cima do seu ombro.

– Se me dissesse o que está procurando, senhor Legris, eu com certeza poderia informá-lo.

– Nada em especial. Só quero ter uma ideia do tom geral do jornal, saber a que tipo de leitor eu me dirijo.

Um peso nas costas, uma respiração na nuca, uma bola no estômago.

– A senhorita se aborreceria de...

Parou a tempo.

– De abrir a janela. Estamos sufocando aqui.

– Vou lhe trazer um copo de água. Tire seu paletó, nada de cerimônia entre nós.

Sem responder, ele virou ruidosamente as páginas do diário. Ela saiu, e ele a ouviu abrindo um armário. Rápido, rápido... Nada sobre Búfalo Bill. Nesse caso, o que fazia Tasha, naquele dia, na estação dos Batignolles? O número de 14 de maio era insípido, o de 13, quase todo dedicado a um parto acontecido em um dos... “elevadores da torre. A recém-nascida, Augusta-Effeline, assim chamada em homenagem ao construtor daquela esplêndida realização, receberá um dote de Gustave Eiffel, o próprio...”, leu ele em voz alta, para manter a compostura,

porque Eudoxie voltava com um copo, que lhe entregou. Virou-o de uma vez só, engasgou, tossiu. Ela bateu em suas costas.

– Que jeito de beber!

Sentou-se sobre o braço da poltrona, grudou sua coxa na dele.

– Vulgar, não é? Escalar esse farol no nono mês da gravidez! Tem mulheres que fazem qualquer coisa pra chamar a atenção.

– É mais insólito do que a chegada do Búfalo Bill – ele constatou, com falsa desenvoltura.

– Marius achou preferível não publicar nada sobre os Peles-Vermelhas, uma vez que todos os jornais estavam tirando proveito disso. Você sabe como ele é, nada contra a corrente. Eu também, aliás, adoro me distinguir dos outros. Peguemos a sedução masculina. Ao contrário da maioria das pessoas, sou indiferente ao aspecto físico dos loiros.

Novamente invadido por um torpor crescente, Victor se encolheu na poltrona até que o braço do outro lado lhe pressionou as costelas. Teve que apelar a suas últimas forças para dizer:

– Beberia com boa vontade um segundo copo de água.

Eudoxie se liberou com um ligeiro suspiro e novamente deixou a peça. Então, com mais rapidez do que fugira algumas horas antes dos aposentos de Capus, Victor escapou.

Uma nuvem de periquitos com penas eriçadas e gritos discordantes esvoaçava em torno do infeliz Joseph. Escapando por pouco de ficar caolho com a ponta de uma sombrinha, ele se refugiou atrás do balcão, de onde avaliou que o número de inimigos era grande demais para tentar uma nova saída. Única solução: urrar mais forte.

– Uma de cada vez ou chamo a polícia! – gritou.

Um silêncio perplexo caiu sobre as linhas contrárias. Depois de um rápido conciliábulo com suas amigas Raphaëlle de Gouveline, Mathilde de Flavignol, Blanche de Cambrésis e Adalberte de Brix, a condessa de Salignac agitou a bandeira branca e reiterou suas exigências.

– O romance se chama *Laquelle?*

– Nome do autor? – perguntou Joseph secamente.

– Georges de Peyrebrune.

– Editor?

Houve uma troca de olhares desolados entre as cinco mocreias enfileiradas diante do balcão.

– Bom, vamos em frente. Resumo da ação?

– É a história de três pobres e castas meninas; uma delas, após um crime (adivinha qual, rapaz) torna-se mãe. Qual? – exclamou a condessa de Salignac, encarando Joseph com desdém, como se ele fosse, pessoalmente, responsável pelo drama.

– Desisto – ele respondeu, exasperado. – Senhoras, vamos fechar logo.

– Já? Só são cinco horas!

– Inventário!

Aproveitando-se dessa invasão, cujos clamores tinham abafado o tilintar do carrilhão, Victor ia se esgueirando pela loja. Quando estava chegando ao busto de Molière, Joseph o viu. Victor jogou-lhe um espanador que servia para limpar os livros, fez sinal para ele ficar quieto e foi para o primeiro andar.

O bando cacarejante foi devidamente rechaçado para a porta a grandes golpes de espanador. Joseph virou a chave, secou a testa e subiu a escada. Victor esperava-o na cozinha.

– Ora essa, senhor Legris, o senhor não para de chegar. Pena que não tenha aparecido alguns minutos antes, elas quase me mataram!

– Joseph, reflita: a que horas o mensageiro lhe entregou a carta?

– A carta? Que carta? Ah, a carta! Eu tinha acabado de tirar os contraventos, eram oito horas em ponto. Ele queria entregá-la em mãos, “é urgente”, disse. Eu lhe respondi que, urgente ou não, não poderia fazer o senhor sair de uma cartola.

– Oito horas? Tem certeza?

Joseph fez uma expressão ofendida.

– Senhor Legris, lembre-se de que abro a livraria todas as manhãs às 7h45: sou mais pontual do que um relógio, o senhor deveria saber disso! Chamei o senhor várias vezes, não houve resposta; fiquei preocupado, subi para ver: ninguém. Aí, pensei: *Joseph, se o senhor Legris teve o capricho de acompanhar madame de Valois a Houlgate, você está frito!*

– Como era esse mensageiro?

– Igual a todos os cocheiros, mal-humorado.

– Um cocheiro!

– É, um cocheiro. Seu fiacre parou em frente à loja de Sulpice Debaube.

– Tinha alguém dentro?

– Ah, senhor Legris, não tenho o dom da visão dupla, e depois, vou contar...

Victor o deixou falando e se fechou em seu escritório. Magoado, Joseph voltou à loja reclamando.

– Teria sido bom que eu dissesse o que estou sentindo, ele não vai escapar disso...

Reabriu a porta da livraria, arriscou uma olhada na rua: nenhuma mocreia à vista. Nesse caso, com ou sem patrão, a loja ficaria aberta até às dezenove horas.

Incapaz de ficar parado, Victor andava pelo apartamento falando sozinho.

– Às oito horas, Ducovitch cantava a romança na rua Notre-Dame-de-Lorette. Só sobrou Tasha para entregar a carta. É, foi ela. Ele a informou sobre o problema imprevisto nessa noite ou de manhã bem cedo. Não ouvi nada, estava dormindo, esgotado...

Transtornado, parou diante da cômoda, endireitou o quadrinho pintado por Laumier. Passava por uma emoção brutal: aquele corpo liso, os seios redondos que tinha estreitado com paixão... Seria possível que ela tivesse representado uma comédia?

Você não sabe nada dela, nada.

Na rua, um fiacre passou com grande estardalhaço. Victor fechou os olhos como se uma luz muito forte tivesse machucado seus nervos. Deu uma última olhada no quadrinho, depois voltou aos aposentos de Kenji. Esvaziou a banheira e começou a colocar no lugar os objetos largados no tapete. Fascinado pela caixa, levantou a tampa depois de um momento de hesitação. Encontrou um medalhão contendo uma miniatura de sua mãe e a foto de uma jovem, em cujo verso estava escrito: *Iris, março de 1888, Londres*. Resistindo ao desejo de abri-los, enfiou sob a ripa os dois grandes envelopes fechados com lacre e se preparou para colocar perto deles o pacote embrulhado em tecido. Mas suas mãos foram mais rápidas do que sua vontade, e o desfizeram. Estupefato, viu *Os Caprichos* de Goya. *Ele me disse que os tinha levado para o encadernador*. Ficou imóvel, o cérebro congelado, virando maquinalmente as páginas da obra até que uma água-forte chamou sua atenção: um homem sucumbido, rodeado de aves de rapina noturnas, o original da reprodução pregada na casa de Tasha!

“O sono da razão cria monstros.”

Rápido, melhor seria criar um bloqueio mental, represar o fluxo de suspeitas que arriscavam afogar sua vida e suas certezas. Esgotado, continuava a folhear o livro para manter as mãos ocupadas. Recusava-se a admitir que Kenji pudesse ser cúmplice naquilo tudo. No entanto, seria bom se render às evidências: ele estava de conluio.

Ela me espera esta noite, às vinte horas!, pensou com amargura. Teve um súbito acesso de raiva. *Quando me escreveu esse bilhete terno, sabia*

perfeitamente que seu cúmplice ia me matar! Mas... que cúmplice?

Os acontecimentos do dia se entrecrocavam dentro dele. Arrumou *Os Caprichos*, colocou a ripa e a coberta sobre o sumiê e voltou para seu quarto.

Ao pé da torre Eiffel, entre os *quais* e o caminho vazio que bordejava o Champ-de-Mars, uma cidade estranha reescrevia a história da habitação humana desde a Pré-História até a Renascença. Edificadas segundo os projetos de Charles Garnier, cada uma das seis divisões compreendia várias construções destinadas a atrair a multidão de curiosos. Mas o monstro metálico jogava sua sombra sobre as moradias típicas, e apenas alguns visitantes erravam por ali. Naquele fim de tarde, uma dupla estranha andava pelas alamedas, sob o olhar indiferente dos gerentes de bar e dos vendedores de lembrancinhas. Um homenzarrão barbudo, envolto numa pele de urso muito comida pelas traças, dava o braço a um velho africano de túnica, comentando aquele reino de madeira e cimento com gestos enfáticos.

– Evidentemente, começar pelo fim não é o mais recomendável, mas aqui, meu caro Samba, tudo é um pouco fantasioso, então, que importância tem? – observou Danilo Ducovitch. – Veja essas índias americanas que trançam cestas: por acaso você pensa que elas vêm das Adirondacks? E muito menos aquela mocinha ao lado do idiota esquisito, coroado com penas de peru: é uma dançarina espanhola que geralmente saracoteia nos cabarés do bulevar de Clichy.

Passaram pelas moradias japonesa, árabe, russa. Danilo parou em frente ao complexo do século XVI, onde moças com roupas à Henrique II ofereciam produtos de vidro de Murano.

– Um pouco anacrônicos, esses chapéus de palha da Itália. E observe esses tunisianos! E há outros entre os gregos, e outros ainda entre os persas. Existem muitos tunisianos desempregados em Paris, esse foi o jeito encontrado pra empregá-los. Não vamos passar em frente à residência hindu, está vazia, está sendo usada também como banheiro. Ah, a casa dos hebreus! Está alugada a um comerciante de tapetes da rua Taitbout. Salve, Marcel, os negócios vão bem?

– Não entendo – disse Samba. – Está escrito que esta tenda é egípcia, mas estão vendendo porcelanas asiáticas.

– Repare que o vendedor tem todo o jeito de ser tunisiano. Os organizadores acharam que o público não perceberia nada.

Sob as árvores plantadas ao longo das cabanas galo-romanas, os visitantes desembalavam suas provisões e as espalhavam sobre os tonéis de cerveja em

papier-mâché. Danilo aceitou um copo de cidra servido por uma matrona romana de traseiro arrebitado.

– Obrigado, Frieda. É uma austríaca, ela também canta – cochichou para Samba. – Mas boca fechada, não vou contar pra ela sobre a minha boa sorte, ela ficaria doente. Quer experimentar?

Estendeu o copo. Samba levou-o aos lábios, fez uma careta, depois olhou com inveja os que faziam piquenique.

– Estão comendo batatas!

– Com azeite. São famosas! – exclamou Danilo.

– Batatas, sempre batatas, e chamam isto aqui de capital da gastronomia! Seus cachorros e seus cavalos sujam o calçamento, seus imóveis encobrem o sol, suas ruas são cinzentas, e me olham com ar superior, perguntando: “Ei, o que acha de Paris, senegalês?”. Não dizem meu nome. E se eu dissesse: “Ei, francês! Ei, tunisiano! Ei, vendedora! Ei, cantor!”?

– Vão me chamar de barítono – murmurou Danilo. – Minhas preocupações acabaram, ninguém vai me atrapalhar. Fui aceito, entende o que isso significa? Aceito na audição, eu, quarenta trabalhos, cinquenta desgraças! Obrigado, Charles Garnier, por ter construído um Opéra tão belo!

Chegaram à avenida La Bourdonnais, ao lado da qual estavam agrupadas as habitações pré-históricas. Danilo observou com inveja a casa pelasgiana construída com material resistente, e também a cabana do período paleolítico; depois, parou em frente à sua caverna.

– Minha modesta habitação Cro-Magnon – anunciou.

Um visitante entrou na gruta. Danilo foi atrás e apanhou o que ele acabava de jogar no meio da alameda.

– Um talismã – disse, mostrando seu achado a Samba. – Vou saboreá-lo na noite de estreia de *Boris Godounov*! Já vejo o cartaz: apresentando Danilo Ducovtich, o sérvio com voz de ouro...

– Ah, é, pode-se dizer que é de ouro – concordou Samba, observando o anel do charuto apenas começado. – É bonito. Posso ficar com ele? Vai me servir de modelo. Também faço filigranas, aplico-as sobre bengalas e caixas, é uma das minhas especialidades.

– Tome, vou me trocar. Espere aí, vamos jantar num restaurante popular perto da Galeria das Máquinas, vamos fazer uma farra, sou eu que ofereço!

– Nada de batatas, por favor – murmurou Samba, observando-o entrar na gruta.

Com um andar jovial, Danilo chegou ao fundo do abrigo. Ao passar, cumprimentou Átila, o javali empalhado que tinha pegado emprestado dos galo-romanos para preencher sua solidão. “Salve! Permaneça casta e pura”, cantou, levantando a cortina do minúsculo vestiário disposto numa reentrância da parede. Sua cantoria descambou para um grito agudo: ele fez uma careta, levou rapidamente a mão à nuca. Alguma coisa o havia picado! Mais atônito do que amedrontado, fez um esforço para virar a cabeça. Uma silhueta escura dançou diante de seus olhos. Piscou as pálpebras. A luz vacilante da lamparina definhou. Quis reanimar a chama, estendeu o braço, deixou-o cair. De repente, ficou terrivelmente sonolento. *Você está mesmo cansado, precisa estar em forma para amanhã... Seu primeiro ensaio, nem pensar em entrar em pânico...*

Agarrou-se à cortina e começou a cair. Enquanto escorregava lentamente para o chão, tentou se agarrar a um pensamento: reviu nitidamente o soberbo peito de Tasha, que espiava, às vezes, através de um buraco na divisória. Em torno dele, as tonalidades se modificavam, as formas se atenuavam como uma bruma sob o sol. Desmoronou suavemente, levando a cortina em sua queda.

Sentado na grama com as pernas dobradas sob o corpo, Samba aguardava a volta do amigo. O almoço não passara de um cartucho de fritas muito engorduradas, estava com fome. Imaginava-se diante de uma cabaça cheia até a borda com um fumegante arroz branco com legumes picantes. Ficou com água na boca.

Um vulto delineou-se na entrada da gruta. Samba levantou-se, mas, decepcionado, constatou que se tratava de um visitante apressado.

Após um quarto de hora, não aguentou mais. Superando o medo de lugares fechados, entrou com cuidado no interior do abrigo. Na semiclaridade, distinguiu um animal imobilizado nas quatro patas. Arrepiou-se, reprimiu a emoção.

– Espécie de javali africano, você me assustou.

Depois, levantando a voz:

– Senhor Ducovitch, está aí?

Avançou passo a passo, os olhos arregalados, as mãos tensas, relutando em violar o santuário do espírito das cavernas.

Tropeçou num amontoado de roupas, perdeu o equilíbrio.

– Senhor Ducovitch?

O homem jazia no chão. Juntando suas forças, Samba curvou-se mais um pouco. Um rápido exame do rosto convenceu-o de que Danilo Ducovitch não

cantaria nunca mais. Assustado, arrepanhou seu manto. Precisava fugir daquele lugar maldito, rápido!

– Patrão! Patrão! Está me ouvindo? É importante! – gritou Joseph batendo à porta de Victor.

– O que é agora? – resmungou o outro, sem abrir.

– Uma cliente, pelo menos é o que acho, uma linda ruivinha, quer falar com o senhor, disse que senhor a conhece.

– Mande-a subir.

Puxou o ferrolho, entreabriu a porta, alisou, nervoso, o bigode. O passo ligeiro de Tasha ressoou na escada, ela entrou no apartamento. Com muita naturalidade, esboçou um beijo, mas Victor se enrijeceu e recuou. Atônita, ela ficou muda por um instante, retomando o fôlego.

– Viu meu bilhete? – acabou por perguntar.

Ele levantou a cabeça.

– Não vou estar em casa esta noite, tenho que jantar na exposição em companhia de Charles Garnier, Antonin, Marius, Eudoxie e um grupo de autoridades. Para o artigo, você sabe. É uma chatice, mas não posso escapar. Assim que soube, corri pra te avisar. Ainda tenho duas horas – concluiu, colocando as luvas e o chapéu sobre uma cadeira.

Aqueles cabelos despenteados, as faces rosadas... Não cederia ao desejo. Fingindo se interessar bruscamente pelo estado das próprias unhas, Victor observou, em tom neutro:

– Ótima ideia ter passado aqui. Uma questão me atormenta: estou curioso em saber onde a senhorita consultou os famosos *Caprichos* de Goya.

– O que é que você tem? Por que me trata por *senhorita*?

Ela caiu na gargalhada.

– Entendo! É por causa do mujique! Não se incomode, ele ficou lá embaixo.

Vendo que Victor não reagia, continuou, com voz menos segura.

– É uma brincadeira?

– Não, Tasha, só quero saber onde... Vi uma cópia na sua casa e...

Sem deixá-lo terminar, ela exclamou:

– Na casa do Ostrovski! Em troca de minhas aquarelas dos Peles-Vermelhas, ele me deixou decalcar algumas pranchas do seu exemplar. E agora vá...

– É impossível. Só foram vendidos vinte e sete volumes de águas-fortes. A Inquisição proibiu sua circulação após fevereiro de 1799.

– E daí? Você não é o único a ter um! E, aliás, é mesmo da sua conta? Que mosca te picou? Este ar gelado, esses números, este interrogatório... Está duvidando de novo de mim, apesar do que tivemos juntos!

A indignação dava à sua voz um tom doloroso. Victor perdeu a compostura.

– Tasha, vou ficar louco. Me diga a verdade, quem é você?

– Quem sou eu? A mesma, exatamente a mesma que dormiu ao seu lado. E você, quem é você? Bate à minha porta quando tem uma amante coberta de plumas e joias!

Victor franziu o cenho. Ela sentiu que acabava de marcar um ponto.

– Ontem, depois de saber da morte de Ostrovski, fiquei andando feito sonâmbula. Era impossível voltar pra casa, a angústia era muito forte, todos esses mortos... Pensei em você, queria te ver, falar com você. Vim até aqui. Vi você com aquela mulher, vocês subiram em um fiacre. Seu sócio também me viu, pode perguntar pra ele. Ele não gosta de mim não sei por quê, pode ser que tenha medo de que eu te monopolize. Pode acalmá-lo, não é minha intenção – concluiu, tornando a colocar o chapéu.

– Você não me rejeitou ontem à noite.

– Por que rejeitaria? Você é livre. Eu sou livre. Por que se privar de um prazer?

– Exato, por quê?

Fascinado pelas mechas que escapavam do seu chapéu, ele se aproximou dela e pregou brutalmente sua boca contra a dela. Tasha o repeliu.

– Deste jeito, não! – protestou.

Recolocou o chapéu, que havia escorregado.

Com gestos bruscos, terminou de se arrumar, enfiou as luvas e ficou imóvel, os braços pendentes, indecisa.

– Não vamos pôr tudo a perder – murmurou.

Será que, depois de tudo, ele lhe inspirava alguma afeição? Isso o acalmou, e encontrou forças para lhe propor, mais ou menos calmamente, uma bebida antes que ela partisse.

Na cozinha, flutuava um odor acre de repolho. Uma mancha branca atraiu sua atenção: um bilhete de Germaine informando que seu redingote negro tinha ido para a lavanderia, mas que antes ela esvaziara os bolsos. Sobre a mesa, descobriu com alívio as chaves do apartamento, que pensava ter perdido na casa de Capus, um lenço, um bilhete de entrada da exposição, um botão e uma haste metálica enfiada em um cabo afunilado de mármore, vincado por estrias

profundas e nitidamente quebrado no meio: o objeto dado por Marie-Amélie de Nanteuil!

Com a mão trêmula, encheu um copo de Málaga, voltou-se para entregá-lo a Tasha e balbuciou uma desculpa: tinha se esquecido de avisar seu empregado sobre uma encomenda.

Joseph colocava alguns livros no lugar.

– Vou fechar logo, patrão, isto aqui está o deserto de Gobi. O senhor se incomoda se eu sair quinze minutos mais cedo?

Sem responder, Victor dirigiu-se para o fundo da loja e abriu o armário onde Kenji guardava suas preciosas coleções. Pegou uma das agulhas de tatuagem trazidas do Sião e a comparou com a encontrada por Marie-Amélie: eram idênticas. As mesmas hastes metálicas de ponta aguda, o mesmo cabo. Com o coração disparado, preparava-se para fechar o armário quando reparou num papel saindo do *Voyage dans l'Intérieur de l'Afrique*. Um marcador? Puxou-o para cima e reconheceu de imediato o prospecto anunciando a grande parada de Búfalo Bill, caricaturado por Tasha no fiacre no dia em que se reencontraram. Uma frase aprendida na infância interferiu em seus pensamentos: “O coração é um músculo oco, o coração é um...” Não era mais senhor de sua mente nem de seus gestos. Amassou lentamente o prospecto, depois começou a desamassá-lo. De repente, precipitou-se em direção a Joseph:

– A mulher que acabou de subir esteve na livraria recentemente?

– Bom, esteve. Estava procurando o senhor, o senhor tinha lhe prometido um livro do Goya, mas o senhor Mori lhe disse que nós não o tínhamos. Fui dar uma olhada na reserva, ele tinha razão, nós não tínhamos. O que há de errado? Eu não devia ter deixado que ela entrasse?

– Quando foi isso?

– Espere... No dia do senhor France!

– Ontem?

– Não, na última quinta-feira, eu me lembro porque a moçreia reclamou o *Le Maître deForges* e o senhor Mori me mandou levá-lo no seu apartamento do boulevard Saint-Germain, está anotado no livro de encomendas. Por quê?

– Você abriu o armário pra moça?

– Abri, ela queria consultar um livro sobre a África.

– E você ficou com ela?

– Devo ter me ausentado dois minutos. O senhor Mori me chamou.

– Ela já tinha entrado aqui antes disso?

– Não, era a primeira vez que eu a via.

Victor correu para o primeiro andar.

– Até pouco tempo, eu ainda não queria acreditar.. Megera! – rugiu, pegando-a pelo braço com tanta violência que o copo foi parar no tapete.

Estava face a face com ela, incapaz de se dominar. Ela se debatia, mas ele a puxou para a escada, obrigando-a a descer e arrastando-a até os fundos da loja.

– Confesse, confesse que é você! Você roubou uma agulha de tatuagem daqui, roubou *curare* da casa de Ostrovski, você os matou, matou todos, e esta manhã escapei por pouco de acontecer o mesmo comigo na casa de Capus! Por quê? Mas por quê?

Soltou-a bruscamente, ela esfregou o braço.

– Você é louco... Não estou entendendo nada do que diz – articulou ela, num tom quase suplicante.

Voltando à razão, ele lhe disparou uma bofetada com toda a força.

– Adeus! – exclamou ela com um soluço.

Partiu correndo, atropelando Joseph, que chegava com um contravento nas mãos.

Esvaziado, Victor permaneceu imóvel na frente do armário. Não desejava nada além de uma coisa: não pensar em mais nada. Seus lábios deixavam escapar sons quase inaudíveis, que Joseph acabou por identificar: Kenji.

– Minha nossa, o senhor vai acabar com um parafuso a menos, patrão! Apoie-se em mim.

Depois de ter pousado o contravento, conduziu Victor para a loja e o ajudou a se sentar.

– O senhor sabe, patrão, não é da minha conta, mas é péssimo o senhor ficar neste estado, pode acabar tendo uma congestão cerebral. E depois, que ideia o senhor culpar essa ruivinha gentil! Com certeza ela não é uma ladra. Se houver um culpado nessa história, sou eu. Eu não devia ter aberto o armário do senhor Mori, mas tenho certeza de que ela não levou nenhum livro.

– Não se trata de um livro, Joseph, mas de um objeto – respondeu Victor com voz rouca, voltando aos poucos a seu estado normal.

– Quanto a isso, qualquer um poderia ter dado o golpe: seus amigos do jornal, o senhor Bonnet e o outro, vestido como um lorde inglês. Eles também ficaram sozinhos na sala há não muito tempo. E por que não a moçoila, ou sua sobrinha, ou eu mesmo, se pensar bem?!

Joseph sentiu a testa de Victor.

– O senhor está queimando, está com febre, e o senhor Mori não está aqui! Consegue se levantar? Vou ajudá-lo a subir. O melhor é o senhor se deitar.

Victor se deixou levar como uma criança: não tinha mais vontade. Joseph obrigou-o a engolir dois comprimidos para baixar a febre, fez com que se despisse e se deitasse nos lençóis frescos, que ajeitou. Enquanto isso, não parava de resmungar:

– Isto não é mais vida, trabalhar pro senhor, é o que eu digo, e depois, quem é esse sujeito que me infernizou durante horas esta manhã, esse maluco que enrola os *r*, só fala de ópera e finge que o senhor tem um trabalho pra ele? Por acaso, o senhor está pensando em contratar um segundo empregado? Porque se for isso, eu me demito! Bom, o senhor vai dormir bem direitinho, vou correndo dizer pra mamãe que vou ficar aqui pra tomar conta do senhor, volto, coloco os contraventos e... Onde é que eu durmo? No quarto do senhor Mori, imagino. A cama dele é dura como uma tábua!

No meio da noite, Victor recobrou a consciência, a cabeça pesada. A cena com Tasha tivera sobre ele o efeito de um sonho ruim. Se tudo estava realmente acabado com ela, no entanto, ele não tinha terminado com os assassinatos em série. Joseph tinha deixado, perto da cama, uma jarra de água e um copo. Bebeu longamente e foi se sentar à escrivaninha. Pegou sua caderneta e se obrigou a anotar algumas ideias. Danilo não podia tê-lo agredido na rua da Parcheminerie, porque, segundo Joseph, tinha passado a manhã na livraria. Nada impedia, contudo, que tivesse assassinado Capus na noite anterior. Então... Tudo falava contra Kenji. Mas ele não tinha nenhuma prova tangível. Não se podia dizer a mesma coisa de Tasha: o prospecto de Búfalo Bill incriminava-a. Todavia, alguma coisa não se encaixava. Tasha tinha vindo à livraria na manhã da morte de Eugénie Patinot, e pelo menos um mês depois da de Méring. Nesse caso, a agulha de tatuagem já havia sido furtada. Será que ele estava completamente enganado? Se fosse esse o caso, Tasha não o perdoaria, jamais aceitaria revê-lo.

Marie-Amélie tinha dito que um homem empurrara Eugénie Patinot antes de ela morrer. O cocheiro tinha levado um homem no fiacre, antes da morte de Ostrovski. Um homem tinha tentado matá-lo na casa de Capus. Uma vez mais, escreveu: Kenji?

Depois, pensou que qualquer leitor do *Passe-Partout* poderia conhecer seu endereço lendo seu pequeno anúncio. Capus também...

Novamente vítima de uma vertigem, voltou tropeadamente para a cama.

XIII

Sexta-feira, 1º de julho

O Champ-de-Mars despertava sob um dia desbotado, seus trajes de festa sujos pelos excessos da véspera. Um exército de varredores cercava o lugar, as carroças recolhiam as montanhas de detritos, os jardineiros rastelavam as platibandas, regavam as flores, refaziam os gramados. Eram apenas sete horas. As charretes e os caminhões dos fornecedores, sobrecarregados de produtos alimentícios, espalhavam-se pelos quatro cantos da exposição, para abastecer o insaciável apetite de um ogro de mil cabeças ainda invisível, mas já a caminho.

Uma pequena carriola sacolejava sobre as britas de uma alameda, fazendo tilintar os baldes e os balaies que transportava. Puxando-a com uma mão, uma mulher gorducha andava, com passo irregular, em direção ao habitat dos tempos pré-históricos. Passou o abrigo do período paleolítico, as cabanas da idade do bronze, da pedra polida, do ferro, e parou diante daquilo que deveria representar a cópia fiel de uma escavação natural.

Philomène Lacarelle muniu-se de um balde com água e sabão até a metade e o colocou pesadamente no chão.

– Ah, não dá pra dizer que se destaca pelo conforto e pela limpeza, este barraco! Minha pobre Philomène, é preciso ter mesmo o miolo mole pra aceitar um trabalho destes (fiz mal!) na agência de empregos. É meu décimo dia de trabalho neste circo, e nunca vou me acostumar com isto! Veja só! Cheio de turistas, semeadores de bosta!

Philomène Lacarelle recolheu preguiçosamente dois ou três papéis engordurados deixados pelo pessoal dos piqueniques e fez uma parada a alguns passos de um javali cuja cabeça comida pelas traças a encarava com maldade.

– Por que é que está me olhando atravessado? Você daria um belo tapete de quarto! Não passa de um porcão recheado de crina – murmurou, pegando sua parafernália. – Parece que nossos antepassados moravam aí dentro. Tenho certeza de que os meus se viravam melhor do que isso. A vantagem é que na

época não tinham inventado o aluguel... Cro-Magnon, é como se chamavam. Isso lá é nome! Quer dizer o quê, Cro-Magnon? Vamos, Philomène, arregace as mangas e coragem!

Enrolou um pano de chão em volta de uma vassoura que molhou no balde, e, balançando energicamente o traseiro, foi em frente, lavando a pedra. Não conseguia enxergar grande coisa ali, e do vaivém de fornecedores não ouvia senão um rumor confuso. Em contrapartida, o estalar de suas galochas ecoava lugubrememente naquela gruta estreita e profunda. Uma luz esmaecida filtrava-se por uma abertura na abóbada. O único bico de gás projetava sombras afiladas nas paredes irregulares. E se um Cro-Magnon em carne e osso, todo nu, aparecesse na frente dela? Respirou fundo e se obrigou a rir. Um pensamento absurdo acabava de lhe vir à cabeça. *Não tinha faxineira naquele tempo, eu teria feito total sucesso!*

Retomou seus afazeres, cantando:

*Ma belle-mère pouss' des cris
En r'luquant les spahis
Moi, j'faisais qu'admirer
Not' brav' general Boulanger.* [15](#)

– ...ger... ger... ger – respondia o eco.

Philomène parou e apontou a vassoura como uma baioneta. Um frio das catacumbas pesou sobre seus ombros.

– Tem alguém aí? – ela perguntou.

– ...guém aí? ...guém aí?

Abaixou a vassoura e esbarrou numa massa preta encostada na parede. Um monte de trapos? Com a respiração suspensa, Philomène viu-a desmoronar e ficou petrificada. Quis gritar. Sua grande boca aberta produziu apenas um sopro rouco. O homem de Cro-Magnon jazia a seus pés, rígido, o rosto lívido, os olhos vidrados. Uma voz aguda emitiu um uivo. Foram precisos vários segundos para que Philomène percebesse que aquela voz era sua.

Naquele final de manhã, a livraria atendia apenas um casal burguês à procura de encadernações a bom preço, destinadas a decorar sua sala.

Com o punho em movimento, a pena veloz, Víctor escrevia com empenho, não se interrompendo senão para lançar breves olhadas ao busto de Molière. Satisfeito por vê-lo novamente assíduo, Joseph absorveu-se no exame minucioso

dos jornais matutinos, à caça do que houvesse de insólito, por menor que fosse a nota. Se tivesse olhado por cima do ombro do patrão, teria constatado que ele só fingia trabalhar, pelo seguinte motivo: o vidro de tinta violeta estava fechado.

Victor tinha dormido pouco. A insônia embaralhava seu julgamento, e só pensava em Tasha. Há horas repisava a cena da véspera, sem chegar a se convencer da legitimidade de suas acusações. Seus dedos se fecharam sobre o tinteiro. Não conseguia acreditar que ela fosse culpada: haveria, com certeza, uma explicação para sua atitude. Devia ter se controlado, dado a ela uma chance de expor sua versão dos fatos; no entanto, uma vez mais, se mostrara impaciente demais, colérico, tinha estragado tudo. Deus do céu! A gente erra, pede desculpas, não é irreparável. Não, ela não o perdoaria. O tinteiro estava úmido; largou-o, esfregou a palma da mão contra a calça. Abriu sua caderneta, tentou se concentrar nas anotações. Incapaz de desembaraçar a meada de suas garatujas, levantou a cabeça, quase perdeu a paciência com Joseph, que o irritava ao virar barulhentemente as páginas de um diário, empurrou a cadeira e foi se juntar a ele.

– Você se lembra se o senhor Mori estava na livraria na sexta-feira, 24 de junho, à tarde? Eu não estava, e ele tinha que mandar as *Obras Póstumas* de La Fontaine para um cliente. Você se lembra, o de formato *in-doze* em marroquim vermelho, editado por...

– Sei, sei, por Guillaume de Luyne, 1696, vindo da biblioteca de Charles Nodier. Ainda está na prateleira.

– O cliente não veio?

– Acredito que não, patrão.

– E o senhor Mori, onde é que ele estava?

– Bom, espere... Exatamente onde o senhor estava sentado há pouco: em sua escrivaninha. Ele veio depois do almoço, juntamente com o senhor Duvernois, da livraria Champion, e os dois trabalharam até o fechamento na redação do opúsculo sobre *A arrumação de uma biblioteca*. Lembro-me disso com toda a clareza, porque foi o dia em que consegui vender a *Encyclopédie* incompleta da rua Le Regrattier, aquela que tinha cheiro de mofo. Por que o senhor está escrevendo o que estou dizendo?

– Ah, minha memória anda falhando um pouco ultimamente, cansaço – respondeu Victor, apressando-se a enfiar a caderneta no bolso.

Então, Kenji não havia deixado a livraria no dia da morte de John Cavendish!

Um rumor crescia na rua dos Saints-Pères. O casal de clientes aproximou-se da entrada da loja, e Joseph acabou se juntando a eles. Perdido em pensamentos, Victor voltou lentamente para a escrivaninha e ficou parado diante dela, com as costas voltadas para a vitrine.

O murmúrio confuso transformou-se em exclamações. Uma dupla excêntrica, um manto azul à esquerda, uniforme vermelho à direita, avançava entre duas alas de fofoqueiros.

– Vejam o soldado, está armado até os dentes! Mas de onde eles saíram? Não é Carnaval!

– Chamamos isso de *spahi*. Nunca viu um *spahi*? – berrou a zeladora do 18.

Tal qual uma rainha entre seus súditos, ela avançou no meio do público tagarela, e quando um silêncio respeitoso a acolheu, fez uma reverência para os dois homens.

– Como é que ela sabe disso? Nunca sai de casa! – resmungou Euphrosine Pignot.

– Eles vêm da África do Norte – afirmou a senhora Ballu.

– De jeito nenhum, na África do Norte vivem os árabes, os árabes não são negros! – exclamou a vendedora de frutas.

– A senhora não sabe de nada, senhora Pignot, contente-se, portanto, em vender suas peras.

– Como assim, eu não sei de nada? Eu li livros, não sou analfabeta!

– Besta, eu? Repita! Espere pra ver! É um *spahi* se-ne-ga-lês, a senhora entende francês? Ele vem do Senegal, sei um pouco sobre isso porque meu primo Alphonse foi pra lá, pro Senegal, e o Senegal, até segunda ordem, fica na África.

– É, mas na negra, não no norte! – replicou Euphrosine, que queria ter a última palavra.

As mulheres rodearam os dois homens, que não sabiam como se desvencilhar delas. Joseph veio em seu socorro:

– Circulem, não tem nada pra ver aqui! Imagine só! Fora, e rápido!

Com o espanador, afastou os curiosos, depois conduziu sua mãe para dentro da livraria, atrás dos estrangeiros que os clientes, abrigados atrás do balcão, observavam com inquietação.

– Senhor livreiro... Senhor Victor Legris – arriscou o mais velho dos recém-chegados.

Victor voltou-se e, estupefato, contemplou a dupla. Um estava vestido com uma calça larga e um paletó escarlate; usava botas, um fez, trazia um sabre na

cintura e era uma cabeça mais alto do que o que acabara de falar.

– Samba – murmurou Victor.

– Tenho coisas muito importantes pra contar pro senhor. Pedi a meu amigo Biram que me acompanhasse. Ele conhece bem a cidade, combateu entre vocês durante a guerra de 1870, mora na caserna da Escola Militar.

Biram acenou a cabeça vigorosamente, concordando com o chefe.

– Sigam-me até o primeiro andar, ficaremos mais confortáveis – disse Victor.

Samba fez sinal para que Biram esperasse. O *spahi* foi logo monopolizado por Euphrosine, que queria saber, a todo custo, se seu sabre já havia sido usado.

Victor levou Samba até a sala de jantar e pediu que se sentasse. O velho lançou olhares furtivos em torno de si e colocou a palma diante da boca, como se temesse falar muito alto.

– Trata-se do seu amigo, o cantor do Opéra.

– Danilo Ducovitch?

– Ontem, no final do dia, eu o acompanhei até a gruta, esperei que ele se trocasse, mas ele não voltava. Entrei lá dentro e o encontrei... morto.

– Como assim, morto? O senhor tem certeza?

Samba tornou a baixar a voz.

– Acho que foi morto. Creio que o assassino me viu. Não dormi à noite. Me escondi em uma das estações do trenzinho e esperei o amanhecer. Então, fui até a exposição colonial procurar Biram. O senhor é o único que pode me ajudar neste país bárbaro.

Incrédulo, Victor observava o velho, cujos traços abatidos revelavam um medo real.

– Vejamos, o senhor Ducovitch talvez tenha tido um mal-estar...

– Não! Já vi gente morta... Seus olhos fixavam alguma coisa que não podemos compreender! – exclamou Samba, que se levantara bruscamente.

– Acalme-se. Vou consultar os jornais. Se sua história for verdadeira, deve dar primeira página.

– O senhor não acredita em mim – disse Samba em tom amargo.

– Claro que sim, acredito, quero simplesmente uma confirmação.

O casal apreciador de encadernações a metro tinha escolhido as obras completas do monsenhor Félix Dupanloup, que Joseph empilhava com alegria.

– Isso vai abrir espaço no estoque – disse a Victor pelo canto da boca... – Os jornais? Estão no balcão. Não tem grande coisa nesta manhã, não catei nada de

apaixonante, a não ser o nascimento de um bezerro de duas cabeças em Allier.

– O que você esperava? – perguntou secamente Victor. – Uma outra morte?

Desdobrou os diários, folheou-os. Não havia menção a nenhum falecimento. Voltou para seus aposentos. Samba não havia se mexido.

– Não tem nada – disse Victor.

– Pode ser que ainda não tenham descoberto o corpo.

Sem responder, Victor entrou em seu escritório. Queria dar a Samba os clichês que tinha tirado dele no Palácio das Colônias. Sobre a escrivaninha, o *Dictionnaire des Drogues e des Poisons* estava aberto na rubrica *curare*. Não conseguia se lembrar se o tinha fechado ou não. Pegou o envelope com as cópias, tirou os retratos, contou-os, recontou-os, faltavam três: as fotos de Tasha na exposição colonial. Levou um susto. Será que ela as roubara na véspera, quando ele descera para comparar as agulhas? O que ela esperava? Destruir a prova de sua presença nos lugares do crime? Estúpido de sua parte, uma vez que ele possuía os negativos!

Voltou lentamente para a sala de jantar e entregou as fotos a Samba, que as recebeu sem uma palavra. No momento de descer, o velho murmurou:

– Obrigado, senhor Victor. Adeus.

– Adeus?

– Não vou ficar muito mais tempo neste país. Não quero ser a próxima vítima.

– O senhor está enganado. Se o senhor Ducovitch estiver morto, deve ter sido um acidente. Tenho certeza de que o senhor não corre nenhum risco. Joseph!

Em êxtase diante do sabre desembainhado de Biram, que acabava de cortar em quatro uma maçã colocada sobre um prato, Joseph acalmava sua mãe, inquieta com a ideia de ver o *spahi* picar em miúdos o conteúdo de sua cesta.

– Joseph! Acompanhe estes senhores ao Invalides. Tome aqui, para pagar um fiacre.

– Um fiacre! Ida e volta de fiacre! É pra já, patrão! Senhores, me acompanhem. Você vem também, mamãe?

– Vou – disse Euphrosine Pignot fazendo charme –, se o senhor Legris me autorizar...

– Isso não vai custar mais! – exclamou Joseph. – É pra já, patrão!

Victor esperou que os últimos curiosos deixassem a livraria para voltar à escrivaninha. Virava maquinalmente as páginas do livro de registros, onde estavam anotados os valores e as datas das compras. Movido pela intuição,

procurou o dia 12 de maio, dia da morte de Méring. O que fazia Kenji? Descobriu que estavam juntos no Hôtel Drouot, para assistir a duas vendas. Uma, pela manhã: livros raros e curiosos sobre esgrima, duelo, a história da espada, durante a qual tinham comprado, por quatrocentos e cinquenta francos, uma obra de Villamont. A outra, à tarde: jornais e caricaturas referentes aos acontecimentos de 1848 a 1880. Eles não tinham se separado nem mesmo durante o almoço. Sentiu-se aliviado: a inocência de Kenji era evidente, pelo menos no que dizia respeito às mortes do catador e de Cavendish. Seus pensamentos voltaram à chegada de Búfalo Bill. O que Eudoxie tinha respondido sobre isso? Não tinha sido categórica, existia uma possibilidade de que Marius, no último minuto, tivesse resolvido substituir a narrativa desse acontecimento pelo artigo sobre o parto na torre. Nesse caso, Tasha teria dito a verdade, Marius a tinha enviado para os Batignolles para fazer os croquis. Fechou o registro. Seria preciso buscar informações com Gouvier: ele não afirmara ter conversado com o médico encarregado de constatar a morte de Méring? Isso significava que estava no local, com Tasha.

As hipóteses acabaram por se confundir dentro dele sem que pudesse controlá-las. Estava como bêbado. O carrilhão pôs fim à sua deriva. Qual não foi sua surpresa quando, ao girar sobre seu assento, encontrou-se cara a cara com Samba, seguido de Joseph, muito excitado, que agitava o *L'Éclair*.

– Patrão, é uma coisa de louco! O pobre senhor Thiam está batendo os dentes. Tome!

O título enorme ocupava todo o alto da página:

O HOMEM DE CRO-MAGNON MORREU!

O HOMEM DE CRO-MAGNON FOI VÍTIMA DAS ABELHAS?

Nesta manhã, às 7h30, a senhora Philomène Lacarelle, faxineira encarregada da limpeza da seção pré-histórica na Habitação Humana, descobriu o corpo do senhor Danilo Ducovitch, residente à rua Notre-Dame-de-Lorette. A polícia investiga com...

– Então, agora o senhor acredita em mim? – sussurrou Samba.

Zonzo, Victor lia e relia o artigo.

– Droga, é o quarto! – exclamou Joseph. – Se continuar assim, vamos ganhar dos ingleses!

– Do que você está falando?

– Ué, de Jack, o Estripador.

– Ouvindo você, daria pra pensar que se trata de uma competição – disse Victor com humor.

Um cliente entrou. Joseph foi atendê-lo.

– Sem ser comigo, o senhor se abriu com alguém?

– Não. Eu simplesmente disse a Biram que estava com um problema. Pedi a seu empregado que me lesse o jornal, ele percebeu meu medo, expliquei que é porque trabalho na exposição.

– Bom, no seu lugar, eu retomaria normalmente o trabalho, sem dizer uma palavra sobre o assunto, e esperaria que isso se acalmasse.

– Mas suponha que o assassino tenha me visto?

– Ele não perderia muito tempo para procurá-lo. Vá para casa. Tome, aqui está um pouco de dinheiro, pegue um fiacre e, se precisar do que quer que seja, não hesite em me chamar.

Cheio de esperança, Joseph, desembaraçado do cliente, tinha esticado a orelha.

– Eu o acompanho, patrão?

– Inútil, nosso amigo está prestes a se tornar um verdadeiro parisiense. E depois, preciso de você aqui.

Decepcionado, Joseph subiu em sua escada e fingiu alinhar os livros encadernados. Samba segurou as mãos de Victor, chamando-o de benfeitor da humanidade, assim como o ilustre escritor do qual ele tinha o nome.

– Ah, tinha me esquecido, talvez não seja importante, mas... O homem que entrou na gruta logo antes do senhor Danilo tinha jogado isto no chão. Eu guardei, é bonito, disse pra mim mesmo que poderia usar como modelo, porque faço filigranas de prata que aplico em bengalas, caixas, cigarreiras.

Victor teve um sobressalto. Percebeu um clarão dourado sobre a palma da mão do velho homem: um anel de charuto. Seu coração batia aos saltos.

– A que horas precisamente o senhor descobriu o corpo? Reflita, é fundamental.

– Não preciso refletir, eram dezenove horas, nós devíamos ir jantar assim que ele se trocasse.

Às dezenove horas de ontem, Tasha estava aqui comigo, pensou Victor.

– Até logo – disse para Samba, precipitando-se para o primeiro andar.

Charuto, Ducovitch, Tasha...

Eu deveria ter sabido! Que investigador medíocre eu sou! Cada vez que eu acreditava ter encontrado o culpado, ele foi assassinado. Ostrovski, Ducovitch...

e agora? É a vez de quem?

Correu para o *Le Figaro de la Tour*, estudou atentamente a sucessão de nomes, depois comparou-os com os que estavam nas folhas avulsas do Livro de Ouro que tinha copiado em sua caderneta. A ordem cronológica era diferente:

1ª folha. Rosalie Bouton. Senhora de Nanteuil, aliás, Eugénie Patinot. As três crianças. **John Cavendish.**

2ª folha. **Constantin Ostrovski. B. Godounov. A caricatura de Tasha.** Guilleumos de Castro.

3ª folha. Uma sucessão de uns vinte nomes e **Kenji Mori.**

Os quatro primeiros tinham batido as botas. Restavam Tasha e... Kenji.

Atirou-se escada abaixo de quatro em quatro degraus e passou como um furacão em frente a um Joseph estupefato.

No andar térreo do *Passe-Partout*, na sala de composição, o linotipista, num longo guarda-pó preto, manobrava a máquina que fundia os blocos de caracteres. Isidore Gouvier andava de cá pra lá chupando uma ponta de charuto e supervisionando o diagramador, que fechava a prova final. Através do papelão úmido, sob a brocha que dava pancadinhas sem parar, os caracteres se destacavam, os espaços se aprofundavam, os títulos se desenhavam em relevo.

Gouvier avistou Victor e lhe fez uma saudação. O barulho da linotipo era tão ensurdecedor que ele nem mesmo tentou dar bom-dia. Com um gesto, convidou-o a subir ao primeiro andar.

– Antonin Clusel está? – perguntou Victor.

– Não, posso ajudar?

– Não é importante, mas já que está aqui... É a propósito daquele catador, o senhor sabe, aquele que morreu na estação dos Batignolles no mês passado. Noutro dia, no café, o senhor disse...

– Ah, é, crise cardíaca, enfim, foi isso que me informaram na delegacia do bairro. Hoje eu tenho dúvidas. O senhor viu? Há uma quarta vítima na exposição.

– Mas o senhor estava lá, na estação dos Batignolles?

– Estava, com a pequena Maroussia, pra cobrir a chegada do matador de bisões. Ela fez uns croquis muito lindos. Só que Marius resolveu na última hora suprimir meu artigo, talvez ele tenha se deixado influenciar pelo belo Brummel.

– Brummel?

– Clusel, o rei dos repórteres, nosso dândi de serviço. Com certeza o senhor notou, botoeira florida, gravata engomada, com um nó artístico sobre a gola

direita, ternos fashion, ele quis isso. Teve que insistir pra que seu artigo sobre esse nascimento inesperado entre céu e terra fosse publicado. Vou explicar: no dia 12 de maio, uma mulher trouxe ao mundo uma menininha num dos elevadores da torre Eiffel, o acontecimento do século! Eu, que já sou macaco velho, não dou a menor importância: o que me interessa é bisbilhotar, desencavar o insólito e inquietante; os nascimentos, mesmo acrobáticos, me parecem banais. Cada um é como é. Quanto a Clusel, cedo ou tarde vai se tornar um romancista naturalista, ele adora provocar lágrimas.

– Então a senhorita Kherson estava no local com o senhor...

– Acabei de dizer isso. Uma menina de valor, explorada pelo chefe. Ele tentou alguma coisa com ela, mas não é de seu agrado. O senhor deveria ver seus quadros, tem talento pra dar e vender, vai longe. Por que está tão curioso?

– Pretendo escrever um folhetim, então essa história me parece um ponto de partida interessante – respondeu Victor com desenvoltura. – Qual é a marca do seu charuto?

– Londrès.

– Havana?

– Sim, não é dessas guloseimas de dois soldos. Aceita um?

– Gostaria...

Gouvier entrou por uma porta, seguido por Victor.

– É melhor confessar: este pequeno mimo está acima de minhas posses. Clusel é o provedor, ele os surrupia do chefe. E não tem sentido ficar constrangido, já que ganhamos uma ninharia.

Estavam em um cômodo espaçoso, com duas escrivaninhas cercadas de prateleiras cheias de papéis. Um reservado para a toalete – pincel de barba, lâminas de barbear, sabão, pia, colocados sobre uma mesinha redonda – tinha sido providenciado atrás de um biombo. Em um canto, estava montada uma cama de campanha.

Enquanto estendia a caixa de charutos a Victor, que se serviu, Gouvier continuava a falar:

– A escrivaninha grande pertence a Marius; a secretária perto da janela é de Clusel, mas em geral ele prefere escrever seus artigos no café.

Victor avistou a parte inferior do armário que Gouvier acabava de abrir e onde tornou a colocar a caixa de charutos, antes de fechar a porta.

– Onde estão os outros? – perguntou Victor.

– Na cerimônia.

– Qual?

– A entrega da doação aos felizes genitores da recém-nascida na torre, salsicheiros do bairro do Gros-Caillou – resmungou Gouvier, levando seu toco de charuto para o outro canto da boca. – Batizaram a garotinha de Augusta-Effeline.

Riu.

– É pra rir. Effeline! Discursos, medalhas, ostentação e toda a barulheira. Ajuda de custo, *of course*.

– Onde vai ser? A que horas?

– Às dezesseis horas, na primeira plataforma. Depois, todo mundo vai descer para uma festa ao ar livre diante da fonte. Se estiver tentado, ofereço-lhe meu convite, porque pra mim, essas manifestações de multidão...

Quando Victor colocava o convite no bolso, o diagramador bateu à porta.

– Senhor Isidore, me chamou?

– Chamei. Tome, imprima isto – replicou Gouvier, entregando-lhe um papel amassado.

– Mas já está lotado! Não vamos publicar nunca, se o senhor acrescenta artigos o tempo todo!

– Eu cuido disso. Desculpe-me senhor Legris, já volto.

Victor passou um minuto sem se mexer; depois, foi até o *hall* da escada, escutou. A linotipo tinha parado de roncar, e do térreo subiam ecos de uma discussão. Voltou ao cômodo, abriu o armário, abaixou-se, examinou com atenção o que o havia desconcentrado alguns momentos antes. Sua testa cobriu-se de suor.

Ia deixar a sala de composição quando gritaram seu nome. Parou, esperando com impaciência.

– Não o tinha visto partir – disse Gouvier, ofegante. – Me esqueci de dizer: seu colega, o japonês, passou pouco antes do senhor chegar. Me perguntou exatamente a mesma coisa que o senhor.

– Sobre Batignolles?

– Não, queria saber onde estava a equipe.

Victor não entendeu de pronto o que implicava essa informação. Quando ela finalmente fez sentido, ele já corria como um alucinado atrás de um fiacre.

Um sol impiedoso castigava os participantes da cerimônia de doação, reunidos ao pé da torre Eiffel. Em torno deles, acotovelava-se uma multidão de curiosos que tinha vindo assistir à “foto de família”. À frente, apertados em roupas novas, rostos luzidios, o senhor e a senhora Monot ladeavam o carrinho

de bebê de sua filha Augusta-Effeline. Com um mês e meio e já célebre por ter saudado a vida entre a primeira e a segunda plataforma da torre, o bebê havia recebido, de toda a França, manifestações de afeto agora amontoadas em um segundo carrinho: bonecas, mamadeiras, toucas de renda, pães de mel, confeitos coloridos. Esse tesouro era velado atentamente pelo cura da igreja de Gros-Caillou.

Marius Bonnet, Eudoxie Allard, Antonin Clusel, Tasha Kherson estavam um pouco mais longe, junto com outros membros da imprensa, próximos a uma banda de metais brilhantes.

Com o olho grudado no visor, o fotógrafo immortalizou a cena. Recebeu aplausos, depois os convidados ladearam os jardins e se dirigiram para os pilares da torre e se engolfaram nos elevadores. A entrega da doação por Gustave Eiffel deveria acontecer na primeira plataforma. Eram quinze e trinta.

André Maheux estava no limite. Nem um cantinho de sombra em frente ao pilar norte, onde estava de sentinela desde o meio-dia. Sufocava-se sob o capote, que lhe grudava aos rins. O capacete enfeitado com uma pluma vermelha apertava seu crânio de tal maneira que este ia explodir; a correia do fuzil lhe cortava o ombro. “Trabalho maldito”, murmurou, seguindo com os olhos uma série de mulheres elegantes, de peito avantajado, e pensando – com satisfação – que seus espartilhos deviam imprimir marcas profundas na carne. Isso lhes ensinaria o que era ter o privilégio de comparecer ao bufê montado perto da fonte, enquanto ele devia ficar feito um poste, com a goela seca e o estômago vazio. Poderia desistir de seu almoço, porque esse tipo de festividade, geralmente, durava horas. Ia enxugar uma gota de suor que tremia na ponta de seu nariz quando notou o asiático de chapéu-coco. Ao vê-lo se aproximar com segurança, não duvidou nem por um segundo que se tratava de um diplomata pertencente a alguma delegação oriental. Assim, quando o indivíduo lhe estendeu um cartão cheio de signos cabalísticos, deixou-o atravessar o cordão sem ler o convite.

Kenji inclinou-se, enfiou no bolso o cartão de visitas da Casa Hanunori Watanabe, importadora de gravuras e bibelôs do Extremo-Oriente, e se precipitou para o elevador. Tinha passado na maior facilidade.

Assim que desceu do fiacre na altura da ponte de Iéna, Victor adotou um andar atlético para chegar à torre. O pânico, bem como a sede, grudavam sua língua no céu da boca e lhe queimavam a garganta. Estava para acontecer algo

terrível, pressentia. Sem se dar conta das investidas, abriu caminho a cotoveladas na maré humana, mantida pelas barreiras a boa distância dos pilares. Ao vozerio, mesclavam-se os ecos discordantes de instrumentos de sopro, que estavam sendo afinados pelos músicos de uma banda. Cerca de trinta guardas republicanos transpiravam em seus uniformes para assegurar a manutenção da ordem e manter uma passagem para as autoridades. Sem fôlego, Victor chegou à barreira onde os convidados deviam apresentar seu salvo-conduto. Brandiu o convite de Gouvier e se viu imprensado dentro de um dos elevadores, entre uma tuba e uma zabumba.

Em uma pequena peça situada na terceira plataforma da torre, um homem próximo aos sessenta anos dava um nó na gravata, em frente ao espelho de seu armário de toalete. Enfiou seu redingote de má vontade, colocou uma cartola e se examinou com olhar crítico, praguejando contra aquela cerimônia que o obrigava a suportar a canícula paramentado daquele jeito. Uma pena, não havia como escapar. Passou por um salão mobiliado com divãs e poltronas. Sobre uma mesa redonda, onde estavam espalhados fotos e papéis, pegou um clichê representando um homem na força da idade, sorriso aberto, e leu a dedicatória:

Caro amigo, sinto-me muito honrado em comemorar sua torre com o fonógrafo que instalaremos em pleno céu, a trezentos metros, para ali gravar o “bum” do último tiro de canhão que encerrará a Exposição Universal de 1889. À espera desse dia memorável, prossigo em minhas pesquisas sobre o aperfeiçoamento de meu cinetoscópio. Como bem sabe, a vida de um inventor é feita de 1% de inspiração e 99% de transpiração.

Sinceramente, Thomas Alva Edison

No que diz respeito à transpiração, concordo com ele, pensou Gustave Eiffel, que largou a foto na mesa e saiu para a plataforma onde um elevador o esperava.

À entrada do restaurante flamengo, estendia-se um caminho forrado de veludo vermelho. O calor era tal que os convidados encurtavam os cumprimentos para economizar saliva. Apressavam-se a avançar em direção a uma fileira de cadeiras, mas eram impedidos por garçons de uniforme verde que protegiam o santuário reservado às autoridades. Houve protestos, confusão,

chiliques, enquanto que, num segundo plano, os corajosos que não tinham recuado diante de uma subida a pé divertiam-se a nomear essa alta-roda.

– A condessa de Salignac e sua sobrinha Valentine, ótimo partido – dizia um.

– Pode até ser um bom partido, mas uma pessoa feia, com certeza! – respondeu outro.

– E aquele que enxuga a cabeça de ovo debaixo da cartola é o duque de Frioul!

– A magra alta, parecida com uma cabra, é Blanche de Cambrésis.

– E sua amiga, Adalberte de Brix. Dizem que ela enterrou três maridos!

Victor tinha se esgueirado até próximo ao palanque. Esquadrinhava o público com o olhar, desesperado para encontrar quem procurava naquele mosaico de rostos. Subitamente, avistou umas margaridas perdidas em meio aos chapéus altos. Debruçada sobre o bloco de esboços, Tasha manejava febrilmente seu carvão. Perto dali, Marius Bonnet, Eudoxie Allard e Antonin Clusel trocavam cochichos. Victor foi ao encontro dela. Uma silhueta masculina chamou sua atenção. O indivíduo estava parado atrás da equipe do *Passe-Partout*, no canto do restaurante. Os festões das bandeiras, pendurados nas *boiseries* do estabelecimento, desenhavam sombras em sua figura. Sua gravata, com um nó arredondado sobre a camisa, projetava uma mancha incongruente entre os redingotes escuros. Victor recuou lentamente, com a sensação de que uma pedra comprimia seu estômago. Apenas uma pessoa seria capaz de ostentar uma gravata de seda rosa tão chamativa: Kenji Mori.

Alguém gritou seu nome:

– Senhor Legris! Hu, hu!

Eudoxie lhe acenava ostensivamente. Marius, Antonin e Kenji viraram ao mesmo tempo a cabeça em sua direção. Um dos três homens levantou a mão, convidando-o a se juntar a eles. Victor sentiu sua respiração parar. Luvas. O homem usava luvas grossas. Quem tinha feito alusão a luvas?... Um cocheiro. O cocheiro do caso Ostrovski. *Luvas com este calor...* Luvas para se proteger!

Victor tomou consciência do perigo. Ficou paralisado pelo estupor. Ele, era ele!

Aplausos crepitaram, a fanfarra atacou os primeiros acordes da Marselhesa, Gustave Eiffel subiu à tribuna. Houve um brusco movimento da multidão. Aproveitando-se do atropelo, Victor avançou em direção a Tasha; subitamente, desviou-se para a direita, seguiu ao longo da galeria, chegou à escada norte, que levava à segunda plataforma. Subiu alguns degraus sem se dar ao trabalho de verificar se o outro o seguia, convencido de que não o perdia de vista.

Venha, sacana, vamos, venha!

Queria afastá-lo de Tasha a todo preço. Fez meia volta, desceu rapidamente os degraus para ir até a loja de lembrancinhas. Uma olhada para a vitrine: o homem de luvas tinha mordido a isca. No momento, Victor não podia contar com nada além de suas pernas. Um elevador chegava, vindo do térreo. Ele se jogou no momento em que a cabine despejava sua carga e se juntou à confusão dos visitantes.

– O mundo é pequeno, não é mesmo, caro amigo?

Victor se voltou. O homem de luvas lhe sorria, as mãos enfiadas nos bolsos. Victor obrigou-se a encará-lo.

– Gouvier me deu um convite. Ele me disse que...

Não pôde terminar a frase. O outro lhe esmagou o pé com o salto do sapato, colocando nisso todo o seu peso. Victor gritou e procurou se desviar dos curiosos, mas a dor desacelerava seus gestos. Viu que o homem segurava alguma coisa na mão dobrada. Conseguiu chegar à escadaria do pilar sul, cambaleou de encontro a uma mulher e ficou ali, esperando que entrasse em sua carne a agulha revestida de *curare*. Teve tempo de lembrar que um dia encontrara, à beira do Sena, um peixe ainda vivo, desprezado pelo pescador, o olho transtornado, o focinho perfurado.

O homem aproximou-se sorrindo. Victor jamais tinha sentido tanto ódio. Quis exprimi-lo com uma imprecação, mas parou no ato. Uma sombra acabava de surgir. Levantou um braço e, com um golpe de punho, fez rodopiar o homem de luvas, simples marionete. Victor assistiu à cena com a impressão de que cada imagem se imobilizava uma fração de segundo antes de ser substituída pela seguinte, num silêncio abafado. Uma verdadeira seção de cronofotografia: expressão incrédula do homem, traços deformados pela raiva, vigor implacável do atacante, mão desviada de seu curso, agulha de tatuagem enfiada na coxa até a guarda, através do tecido de listas finas da calça.

O rosto de Marius Bonnet exprimiu uma última surpresa. Assim como havia planejado, a morte estava no encontro, mas era a ele que ela acabava de atingir com sua luva de veludo.

Os sons foram voltando aos poucos. Victor percebeu um burburinho, gritos, deu alguns passos, quis apanhar o panamá, seus músculos recusavam-se a obedecê-lo. Contemplou o corpo ofegante prostrado no chão, depois levantou os olhos para Kenji,

– Admiro sua presença de espírito – acabou dizendo, com voz sem emoção.

[15](#) Em tradução literal: “Minha madrasta soltava gritos/ ao encarar os spahis./ Tudo o que eu fazia era admirar/ Nosso bravo general Boulanger”. (N.T.)

XIV

Sábado, 2 de julho

A condessa de Salignac havia encampado o espaço. Raphaëlle de Gouveline tinha sido designada para as prateleiras da esquerda, Adalberte de Brix e Blanche de Cambrésis, para as da direita. Mathilde de Flavignol, auxiliada por Valentine, esquadrinhava meticulosamente as prateleiras do meio.

– Rápido, olhe lá, ele está chegando! – gritou a condessa de vigia. Então, encontrou *Laquelle?*

– Nada, mas este aqui não parece ruim: *Le Viol de Lucrèce*, de William Sha... Shakes...

A porta da livraria se abriu com Joseph agitando *Le Passe-Partout*.

– Uma edição especial sobre o caso da torre!

– Deixe-me ver! Deixe-me ver! – exclamaram as mulheres.

Apossando-se de seu espanador, ele as obrigou a recuar.

– Calma! Silêncio! O artigo está assinado por Antonin Clusel, eu o conheço, ele veio aqui, é um conhecido do senhor Legris.

– E onde está o senhor Legris? – perguntou a condessa.

Na central de polícia. O inspetor Lecacheur convocou-o, junto com o senhor Mori. Que história!

Joseph instalou-se em sua escada, desdobrou o diário e leu em voz alta:

O ASSASSINO SE ABRE COM EXCLUSIVIDADE PARA OS LEITORES DO PASSE-PARTOUT

Após dez dias, várias mortes ocorridas em circunstâncias estranhas enlutaram a Exposição Universal, mergulhando os investigadores na maior confusão. Tratava-se de acidentes resultantes de picadas de abelha ou de uma série de mortes premeditadas? Antonin Clusel levanta o véu sobre esse mistério, revelando ao público a confissão escrita que lhe foi deixada por

Marius Bonnet, que ontem à tarde encontrou a morte sobre a primeira plataforma da torre Eiffel.

– Quando penso que estávamos lá, sinto arrepios! – exclamou a condessa. Abaixando o jornal, Joseph encarou-a duramente.

– A senhora quer mesmo conhecer a confissão póstuma do assassino? – perguntou, em tom agressivo.

– Claro, meu amigo, prossiga, prossiga.

– Nesse caso, quero ouvir as moscas voando, certo?

Ele se escorou em seu poleiro e atacou a leitura:

Você já passou pela sensação horrorosa de que garras de ferro rasgam o seu torso? Já se sentiu à beira da sufocação, da angústia, incapaz de reagir de tanto que está paralisado pela dor? Foi isso que senti pela primeira vez no ano passado, quando assistia à inauguração do Instituto Pasteur.

Meu médico me disse que eu sofria de uma angina do peito, que esse mal poderia me levar, se eu teimasse em ir com muita sede ao pote. Renunciar ao jornalismo, ao tempero da vida? Sem condição. Já que minha esperança de vida estava seriamente comprometida, eu ia saltar etapas e realizar imediatamente meu eterno sonho: ter meu próprio diário, ultrapassar a popularidade do Petit Journal.

Consegui convencer um financiador rico, Constantin Ostrovski. Ele me financiou por baixo do pano, concedendo-me um empréstimo a título pessoal. Assinei um documento pelo qual eu me comprometia a honrar minha dívida em 31 de dezembro de 1889. Pouco tempo depois do lançamento do Passe-Partout, em abril, ele voltou atrás e me intimou a reembolsá-lo, juros e capital, sem o que afundaria meu jornal. Quando se passa vinte anos a alimentar a histeria própria de uma comédia, acabam-se as ilusões sobre o comportamento humano. Usei de diplomacia e consegui um adiamento de algumas semanas. A única alternativa possível se impôs imediatamente a mim: livrar-me dele. Ia cometer o crime perfeito, o crime sem motivo e, ao mesmo tempo, faria explodir as tiragens do Passe-Partout, oferecendo a meus leitores um enigma tão desconcertante quanto o de Jack, o Estripador. Elaborei rapidamente um plano. Consistia em eliminar certo número de indivíduos cujo único ponto em comum seria o de

estarem presentes num mesmo lugar, num mesmo momento. Para deixar claro, Constantin Ostrovski faria parte do lote. A polícia, desnorteada, procuraria em vão uma lógica para essas mortes.

Que arma utilizar? O revólver? Barulhento demais. Arma branca? Visível demais. Então lembrei que Constantin Ostrovski era um entusiasta de objetos insólitos. Possuía, entre outras coisas, uma coleção de cabaças e de potes comprados de um traficante venezuelano. Tinha me mostrado seu conteúdo, um dia: uma substância castanha, friável, meio misturada com terra, que ele chamava de “a morte com luvas de veludo”. Ele dizia: “É o suco de uma erva que mata em silêncio, o curare, utilizada pelos índios da América do Sul”. Eu lhe tinha ressaltado o perigo de conservar aquela substância mortal sem precauções. Ele respondera: “Antes, é preciso saber prepará-la”.

Li várias obras que falam sobre esse veneno, particularmente as de Claude Bernard. Apreendi como conseguir uma solução injetável a partir de um fragmento de curare puro, fazendo-o simplesmente ferver em água destilada antes de filtrá-lo. Foi brincadeira de criança furtar um dos potes de cerâmica na casa de Ostrovski. Com o que eu iria inocular o curare? Uma seringa de Pravaz? Um trocarte? Estava em dúvida. Recorrer a uma farmácia? Muito arriscado. A sorte me sorriu. Na livraria de meu amigo Victor Legris, existe uma vitrine onde seu sócio, o senhor Kenji Mori, expõe suas lembranças de viagem. Quando descobri ali as agulhas de tatuagem trazidas do Sião, quase gritei de alegria: eu tinha a arma ideal.

– Ah, o canalha! – exclamou Joseph.

– É um mundo muito triste – observou Valentine.

– Como a senhorita diz, é melhor fugir dele – aprovou Joseph, que contemplava com ar preocupado seu universo de papel.

Continuou:

Seria preciso, agora, experimentar a virulência do meu curare em uma cobaia humana. Consulte uma nota do Figaro, datada de 13 de maio: “MORTE SINGULAR DE UM TRAPEIRO. Um catador da rua da Parcheminerie morreu de uma picada de abelha...” Uma picada de

abelha? Imagine! Fui eu! Meu método revelava-se confiável, só tinha que passar à ação.

Constantin Ostrovski tinha sido eleito Homem do Dia pela redação do Figaro de la Tour e, como tal, não deixaria de assinar o Livro de Ouro. Essa pequena cerimônia aconteceria em 11 de junho, ao final da manhã. Decidi, pois, assassinar os signatários do livro cujos nomes precedessem e seguissem o dele.

Forjei um álibi para mim. Sob o pretexto de celebrar o quinquagésimo número do Passe-Partout, convidei, para a mesma data, os membros de minha redação, bem como os senhores Legris e Mori, para um vinho no bar anglo-americano do primeiro andar da torre.

Cheguei adiantado. Misturei-me aos visitantes da segunda plataforma, observei os signatários, reparei na mulher em vermelho com as crianças. Ela precedia, na fila de espera, um sujeito grandão, usando um chapéu de caçador, logo à frente de Constantin Ostrovski. Quando desceu para o primeiro andar, eu a segui. A galeria fervilhava de gente. Aproximei-me do banco onde ela estava sentada, fingi cambalear e piquei bem na base do seu pescoço. Infelizmente, tive azar: minha luva escorregou e a agulha se quebrou. Consegui recuperar a ponta, mas foi impossível encontrar o cabo. Não podia me demorar e fui encontrar meu amigo Victor na entrada do bar anglo-americano.

Quando o corpo da mulher de vermelho foi descoberto, fui o primeiro a interrogar as crianças e a saber sua identidade. À noite, postei duas cartas anônimas, endereçadas ao Éclair e a meu próprio jornal, a fim de levar a crer que Eugénie Patinot havia sido assassinada por saber demais.

Esperteza ou prudência? O inspetor Lecacheur preferiu acreditar na tese de morte natural. Que importa? Essa explicação simplista alimentava meus artigos polêmicos, aguçava o apetite do público pelo irracional e sórdido. As tiragens do Passe-Partout explodiram.

Fui, então, levantar os nomes de minhas próximas vítimas no Livro de Ouro da torre, e descobri com espanto que minha desenhista, senhorita Tasha Kherson, encontrava-se entre os signatários de 22 de junho. Teria ela notado minha presença? Arrisquei tudo e, em tom de brincadeira, reprovei-a por ter

confundido Le Passe-Partout com o Livro de Ouro. Ela riu, achava imensamente ridículo colocar sua rubrica, sua profissão e seu endereço unicamente a fim de provar que tinha condições de gastar cem soldos para subir à torre. Se seu vizinho de andar não tivesse insistido, ela jamais teria feito aquela caricatura. Aliás, ele também havia usado um pseudônimo: Boris Godounov. Percebi que esse nome vinha em seguida ao de Ostrovski.

Tive dificuldade para encontrar o endereço de John Cavendish, o sujeito de chapéu de caçador. Mas antes de liquidá-lo, tive que furar outra agulha de tatuagem na loja de Victor Legris, o que fiz com facilidade na própria manhã do dia em que, tendo enviado um telegrama assinado “Louis Henrique”, convocava Cavendish ao Palácio das Colônias. Tudo correu sem contratempos, e o americano soltou o último suspiro no momento em que Tasha Kherson se achava no local.

– A ruivinha – murmurou Joseph pensativo, ao virar a página.

Marquei um encontro com Constantin Ostrovski para lhe restituir a soma que me havia emprestado. Decidimos concluir nosso negócio em um fiacre. Tirei um maço de notas pequenas e exigi ver meu reconhecimento de dívida. Ele obedeceu, e eu o piquei na garganta. Quando vasculhei seus bolsos, já estava inconsciente. Achei um cartão de visitas em nome de Victor Legris, o que me contrariou. O fiacre me deixou em frente às lojas do Louvre, depois seguiu caminho até o quai de Passy. Voltei a meu apartamento, me troquei e me deitei um pouco, estava cansado. No meio da tarde, juntei-me à minha equipe no terraço do Jean Nicot. Victor Legris passou por acaso e se sentou conosco. Durante a conversa, fez alusão à morte do trapeiro, Jean Méring e às dúvidas expressas por Henri Capus a respeito das abelhas.

– Méring? Fui eu quem contou sobre esse caso ao patrão. Até mesmo lhe emprestei a caderneta onde o tinha anotado! – exclamou Joseph.

– O senhor é inteligente – disse Valentine baixinho, com admiração.

Joseph corou e foi em frente:

Fiquei enlouquecido. Victor parecia sugerir que existia um vínculo entre a morte do carroceiro e a das vítimas da exposição. Victor, cujo cartão de visitas encontrava-se na carteira de Ostrovski, Victor, em cuja livraria eu roubara as agulhas. Como é que ele podia estar ao corrente daquilo que a imprensa nunca tinha mencionado? Decidi ir até a casa de Capus. Não havia a menor probabilidade de ele me identificar. No dia da chegada de Búfalo Bill, eu tinha picado Méring antes de ele chegar. Capus me contou que um colega havia passado na véspera, fazendo perguntas. Tinha anotado seu nome? Victor Legris, do Passe-Partout. Fiquei com medo, perdi meu sangue-frio: o sujeito sabia demais. Peguei um escalpelo com o qual ele dissecava um rato e cortei sua garganta.

As mulheres soltaram um grito de horror. Imperturbável, Joseph prosseguiu:

Quanto tive certeza de que estava morto, despi-o, estendi-o sobre a cama e o cobri com um lençol.

No dia seguinte, pela manhã, fiz um cocheiro de fiacre entregar na casa de Victor um bilhete assinado por Capus, ordenando que fosse à casa dele. Voltei à rua da Parcheminerie e esperei minha presa. Estava lá, na sombra, com o braço levantado, pronto pra arrebentar seu crânio, quando uma nova crise de angina me derrubou. Perdi o alvo, meu coração batia desembestado, e consegui me arrastar até o jornal.

Esperando resolver esse problema, tinha que cumprir meu plano até o final e liquidar o quarto da lista, Danilo Ducovitch – aliás, Boris Godounov, o vizinho de andar de Tasha Kherson. Conhecendo minhas relações no meio artístico, ela havia me pedido para conseguir para o amigo uma audição no Opéra. Foi assim que soube que ele trabalhava na Habitação Humana, onde encarnava os homens pré-históricos. Nada mais fácil do que surpreendê-lo em sua gruta.

Quinta feira, 30 de junho, vinte e duas horas. Só me restava me desembaraçar de Tasha Kherson, a fim de comprometer Victor Legris, abandonando a agulha de tatuagem no corpo da moça.

Aqui termina a confissão de Marius Bonnet. Seu projeto criminal fracassou graças à coragem e à sagacidade de Victor Legris e Kenji Mori. Mas seu sonho se realizou. O *Passe-Partout* está em vias de rivalizar com *Le Petit Journal*. Não me cabe julgar os atos de meu redator-chefe, não faço senão respeitar suas últimas vontades.

Antonin Clusel

Sábado, 2 de julho, fim de tarde

A volta da delegacia foi sinistra. Victor e Kenji não trocaram uma palavra. Atravessaram a livraria um atrás do outro, murmurando, ao passar, um vago “Bom dia” a Joseph. Desconcertado com a atitude dos dois, este se contentou em gritar:

– Germaine deixou uma refeição fria!

Kenji remexeu nos armários, tirou dois pratos, dois jogos de talheres, pôs a água do chá para esquentar. Diante das saladeiras com legumes frios, Victor, abatido, rolava bolinhas de miolo de pão.

– Este presunto está com um jeito esquisito – observou Kenji, sentando-se à mesa.

– Está parecido com a gente – resmungou Victor.

Finalmente, eles se atreveram a se encarar e puderam constatar os estragos das últimas horas. Pálpebras avermelhadas, faces ásperas, traços abatidos, Kenji mostrava plenamente sua idade. Quanto a Victor, privado de sono e de alimentação há muitos dias, parecia ter saído da tumba.

– Você tem razão – concordou Kenji –, não estamos na melhor forma. Mas não é apenas o físico que está afetado.

– Ah, não?

Kenji engoliu um gole de chá.

– Você desconfiou de mim. Nunca me imaginei capaz de inspirar sentimentos tão negativos em alguém que considero como um filho.

Victor suspirou aliviado. Qualquer coisa é melhor do que o silêncio. Daphné dizia isso a ele quando era pequeno: a cura dos males passa pelas palavras.

– O inspetor Lecacheur também desconfiou de você, Kenji. Desconfiou de cada um de nós. Desde 29 de junho, ele tinha os resultados da autópsia de John Cavendish e de Eugénie Patinot. Sabia que eles tinham sido envenenados com *curare*. Na verdade, sempre procurei te inocentar.

Empurrou a cadeira, foi até seu apartamento e voltou logo, trazendo uma gravura.

– Por que uma reprodução de Rembrandt? – perguntou Kenji.

– O claro-escuro. É a sombra que estimula a imaginação. Descobri recentemente que existem muitas zonas sombrias na sua vida.

– Você adora enfeitar uma história – disse Kenji, esboçando um sorriso.

– Foi você quem me fez gostar disso.

– Zonas sombrias? Explique.

– Você fingiu ter ido avaliar uma biblioteca, e em vez disso eu te vi vender uns livros raros para um livreiro e seus Utamaro a Constantin Ostrovski.

– Você me seguiu!

– Eu tinha certeza de que você ia se encontrar com uma mulher. Você é tão fechado no que diz respeito a sua vida privada! Reconheça que entrar em uma loja de artigos femininos para comprar umas bugigangas dá o que pensar...

– Você errou de vocação, poderia ter se tornado detetive.

– Coloque-se no meu lugar: o que pensaria se tivesse lido em um jornal que me pertencesse: *ENC. J.C. em 24/6 Grand Hôtel quarto 312?* J.C.: John Cavendish, encontrado morto em circunstâncias no mínimo insólitas.

– Você tem razão, é preciso ir atrás da sombra.

Kenji levantou-se, foi pegar o pote de saquê, encheu duas tacinhas e voltou a se sentar.

– Em 1858, eu tinha dezenove anos. Acabara de terminar meus estudos, falava correntemente tailandês e inglês. Conheci John Cavendish na delegação americana de Nagasaki. Ele preparava uma expedição pelo sudeste asiático, para inventariar a flora e estudar as minorias autóctones. Contratou-me como intérprete. Passamos quase três anos em Bornéus, Java e no Sião. Em 1863, fomos para Londres, onde ele me apresentou seu pai. Instalei-me na Sloane Square. Cavendish voltou para os Estados Unidos e mantivemos uma relação epistolar. Há um mês ele me mandou uma carta me avisando de sua vinda a Paris, acompanhada de um convite para uma recepção que devia ocorrer em 22 de junho, no apartamento de Gustave Eiffel. Você se lembra, naquele dia eu cheguei atrasado ao bar anglo-americano, você estava junto com a equipe do *Passe-Partout*.

– É, eu me lembro. Eu te dei um relógio pelo seu aniversário.

– Nessa recepção, reencontrei meu amigo Maxence de Kermarec...

– O antiquário da rua de Tournon?

– Ele mesmo. Alguns dias antes eu tinha proposto que ele me comprasse as duas gravuras de Utamaro. Ele não tinha interesse, mas conhecia um aficionado, Constantin Ostrovski, que estava entre os convidados de Eiffel. Maxence me apresentou a ele e resolvemos nos encontrar no dia 24 de junho no Café de la Paix, do bulevar dos Capucines. Pra mim isso era ótimo porque eu ia almoçar com John Cavendish no restaurante do Grand Hôtel. Anotei esse encontro à margem do jornal que você descobriu remexendo no meu quarto.

– Tentei me convencer de que eu estava fantasiando sobre esse encontro com Cavendish. O que me enlouqueceu foi saber que você conhecia Ostrovski, e que seu nome aparecia depois do dele na lista do *Figaro*.

– Do meu lado, eu mesmo estava inquieto com as suas ausências permanentes. Entrei no seu quarto, deixei cair um caderninho que se abriu, li e compreendi a gravidade da situação.

– Então estamos empatados.

– Estamos, exceto que meu jeito de pensar era o certo. Eu não tinha esse monte de informações que atravancavam a sua cabeça. Só tinha três fotos dessa ruiva, tiradas por você na exposição colonial no dia da morte de Cavendish, com as datas escritas no verso. A solução estava lá, ela te escapou. Reconheci entre a multidão, no primeiro plano, uma silhueta familiar. Eu tinha que tomar um trem, de qualquer jeito, para ir a Londres. Coloquei os clichês no bolso com a intenção de analisá-los no decorrer da viagem. No *hall* da estação do Norte, soube da morte de Constantin Ostrovski pelos jornais. Li o testemunho do cocheiro que o tinha conduzido, disse pra mim mesmo que intuía alguma coisa. Se esse cocheiro corroborasse minha intuição, eu teria identificado o assassino. Desisti de ir a Londres e fui ver Anselme Donadieu.

– O que você queria saber de tão importante?

– A descrição do chapéu do homem de *macfarlane*. Anselme Donadieu já não é tão jovem, mas é um observador fora de série. Me respondeu sem a menor hesitação: o cliente que ele pegou na praça Maubert usava chapéu branco, de copa baixa, fendida no meio, adornada com uma faixa preta larga. Ele me disse: “Tem um nome da atualidade, um panamá”. Pelo que sei, só uma pessoa de minhas relações usava tal chapéu: Marius Bonnet. Ele estava na torre no dia em que Eugénie Patinot morreu. Também estava no Palácio das Colônias quando Cavendish faleceu, como provam suas fotos. Estava com Ostrovski no fiacre. Por que ele tinha assassinado essas três pessoas? Uma conversa com Maxence de Kermarec me voltou à mente. Voltei a vê-lo pra saber mais. Ostrovski tinha lhe dito, no mais absoluto sigilo, que ele financiava *Le Passe-Partout*. Entendi o

motivo desse assassinato: dinheiro. Quanto aos dois outros, mistério. Resolvi ir bisbilhotar no jornal. Dei de encontro com Isidore Gouvier, que me disse que a equipe estava na torre. O resto você já sabe.

Eles se levantaram e foram para a sala de jantar, cada um com sua taça de saquê.

– Pra você, foi um chapéu que te deu a pista, mas pra mim foi um anel de charuto jogado perto do corpo de Danilo Ducovitch – observou Victor. – Mas uma vez mais eu me enganei. Estava convencido de que o culpado era Clusel. Fui até o jornal, onde cheguei pouco depois de sua saída. No armário de Bonnet, vi umas botinas amarelas de pelica. Lembrei-me da narrativa de Henri Capus sobre uma pessoa que dava orientações no momento da morte de Méring e que usava botinas do mesmo tipo. Quando Gouvier mencionou sua visita, confesso que minhas certezas foram de novo abaladas, eu não sabia mais em que ponto estava.

– Agora você sabe.

– Ah, ainda existem zonas sombrias! Por exemplo, *Os Caprichos*. Por que você inventou aquela história do encadernador?

Kenji se virou, contemplou por um instante o quadrinho de Lumier, colocado sobre a cômoda.

– A aparência é tanto a realidade quanto o pôr do sol é um incêndio.

Sorriu e esvaziou de uma vez sua taça de saquê.

Terça-feira, 5 de julho, amanhecer

Encoberta por uma capa, a claraboia deixava passar luz o bastante para desenhar os contornos dos móveis. Encostada na parede, Tasha abriu os olhos e liberou lentamente seu braço imprensado sob a nuca de Victor. Observou por um momento o homem adormecido a seu lado. Alguma coisa estava faltando nesse despertar. Bruscamente, a lembrança de Danilo Ducovitch se impôs. Nunca mais ele a despertaria com seu canto. Ficou com o coração apertado. Pobre Danilo, prestes a cantar no Opéra! Será que agora ele entoava a romança em companhia de Rossini e Moussorgski?

Victor resmungou. Ela colocou os dedos em sua coxa, onde sentiu palpitar um músculo. Ele roncava. Ela amava seu cheiro. Ele, que três dias antes tinha jurado nunca mais ver, será que a faria mais feliz do que Hans? Quando batera à sua porta, poucas horas antes, constrangido, atrapalhado, transbordando de flores, as perguntas que ela queria lhe fazer se evaporaram. Encontrou-se em

seus braços, sua boca pressionada contra a dele, seu corpo pedindo o dele, suas mãos encontrando o caminho entre os obstáculos do tecido até chegar à pele. Agora, o que aconteceria? Surgiu outro motivo de inquietação. Será que perderia seu emprego no *Passe-Partout*? Se Clusel retomasse o jornal, como tinha demonstrado intenção de fazer, continuaria com ela? O maluco furioso do Bonnet tinha querido matá-la. Agora que estava morto, será que a reduziria ao desemprego?

Victor se agitou. Reteve a respiração e se voltou para a divisória.

Aos poucos, foi recobrando a consciência e percebeu que estava a ponto de cair. Agarrou-se ao colchão estreito, com uma torção de corpo que levou seu rosto sobre o peito de Tasha. Agradeceu sem saber a quem – a Deus, à Providência –, por ter poupado os dois. Marius teria causado um belo desperdício se tivesse matado um ou outro. *Para onde vai o amor que já não encontra derivativo?*, perguntou-se. Depois, descobriu as marcas violáceas no braço da moça e se contorceu para beijar aquele lugar. O estrado protestou. Tasha agarrou-se ao braço dele.

– Acho que vamos naufragar – ela murmurou, – com mais um gesto.

Ficaram um instante imóveis, rindo como bobos. Tasha levantou-se prudentemente.

– Café?

– Quero, mas com açúcar.

– Tenho medo de não ter mais.

– Então vamos tomar fora.

– Um verdadeiro paxá, precisa de doces.

– Ou de você, por exemplo.

Ela se levantou, se espreguiçou. Ele admirou o esplendor de seu corpo flexível.

– De pé, preguiçoso!

Ele se sentou. Seus olhos deram com a edição especial do *Passe-Partout* jogada no chão.

O ASSASSINO SE ABRE COM EXCLUSIVIDADE

Por causa desse artigo, Joseph tinha passado a tarde da véspera rechaçando uma multidão de curiosos que queriam ver o armário de Kenji.

– Não posso admitir que Bonnet tenha sido louco a ponto de imaginar um plano tão diabólico. Pensei que o conhecesse, ele era dissimulado – constatou

Victor.

– Segundo Clusel, não se trata de um desequilibrado, mas de puro gênio. Eu também pensava que o tinha entendido. Nunca saberemos tudo o que lhe passou pela cabeça, o que, sem dúvida, é melhor. É engraçado, a gente vive perto das pessoas, acostuma-se com elas, apropria-se delas, e um dia a gente percebe que está ao lado de desconhecidos.

Ela lhe estendeu a cueca.

– Você não pode ir ao café assim.

– Por que, você não gosta? – ele perguntou, puxando-a para si. – Você sabe, estou muito tentado por esta experiência: viver junto de uma desconhecida, me questionar sobre ela, dia após dia, ano após ano.

Ele a sentiu retesar-se.

– Você não? – acrescentou.

– Eu não o quê?

– Você não tem vontade de compartilhar minhas... minhas zonas de sombra?

– Eu te amo.

Ela quis se soltar, mas ele a reteve.

– De verdade?

– É, de verdade, apesar da violência que você traz dentro de si. E apesar de você ter achado que eu era uma criminosa.

– Então se case comigo.

Tasha o afastou com doçura. Ele estava à sua frente, nu, avaliando-a com ar de proprietário. Ela se virou, contemplou a tela em andamento sobre o cavalete.

– Me peça o que quiser, mas isso, não.

– Por quê? Diga, por quê?

Seu tom exprimia incompreensão, orgulho ferido.

– Porque preciso de minha liberdade.

– Sua liberdade... A que consiste em frequentar amigos que não serão os meus?

A imagem de Laumier surgia na frente dele.

– Liberdade não é libertinagem. Estou falando de minha liberdade de criação – ela respondeu.

– Mas você seria livre, completamente livre comigo. Poderia pintar à vontade! Aliás, eu também amo minha independência. Preservei cuidadosamente minha vida de toda ingerência. Sei muito bem que minha proposta é pesada. Sei que a vida a dois não é simples.

– Já tentou? Eu sim.

Victor foi tomado por um acesso de ciúme.

– Laumier?

Ela deu uma gargalhada.

– Aquele bebezão bochechudo? Você está brincando? Ele se chamava Hans. Conheci em Berlim. Era um artista, um escultor reconhecido, gentil, protetor...

– Você o amava?

Sua expressão dolorosa não escapou a Tasha.

– Amei por um tempo. Você não é mais um menino, teve amantes. Eu também tive um. Hans não me propôs casamento, por um motivo: já tinha uma mulher. Ele me instalou em um quarto bonito, me comprou material, cuidou de mim. Pude matar a fome e pintar. Tudo ia muito bem até que ele começou a julgar meu trabalho: “Você devia pôr um pouco mais de verde aqui, um pouco menos de amarelo ali, e depois, no seu lugar, eu concentraria meu tema sobre este personagem e não sobre aquele... Você não acha que poderia atenuar a luz sobre estas pregas?”. Insidiosamente, ele solapava meu trabalho e a confiança que eu tinha em mim. Seus conselhos talvez fossem justificados, mas exprimiam sua personalidade, não a minha. Fui embora. Foi duro, muito duro. Retomei minha vida, vim pra Paris.

– Você fez bem – ele disse, resolvendo enfiar a cueca, aliviado pelo fato de o escultor ter sido abandonado em Berlim. – Mas você esquece um detalhe: não sou Hans.

– Eu sei, você é Victor.

Tasha ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo no canto da boca.

– Só que é rápido demais, não estou pronta. Está vendo estas cadeiras instáveis, este papel descascando, esta cama claudicante? Tive que dar duro para conseguir. Aqui, sou a rainha.

Fez uma pose imperial, um pincel entre os dentes. Victor não pôde deixar de rir.

– Confesse que um apartamento faria de você uma rainha um pouco mais à vontade. Na falta de se casar comigo na semana que vem, você poderia se instalar em outro bairro, perto da livraria. Juro solenemente jamais meter o nariz na sua vida de artista.

– A gente não pode ficar como está? A gente se veria todos os dias.

– Sou ciumento. Você não?

– Vi o quadro de Laumier no seu quarto. Enquanto você o deixar exposto sobre a cômoda, vou saber que gosta de mim o bastante para não viver na farra.

Aquela será uma prova do seu amor: minha nudez oferecida a todos, até mesmo a seu sócio, que não gosta nada de mim.

Ela terminou de se vestir. Victor ficou petrificado: Kenji! Era verdade, ele não gostava de Tasha. Seria preciso resolver esse problema. Como? Impossível receber a moça na rua dos Saints-Pères enquanto Kenji vivesse ali. Mas impossível também pedir a ele que fosse viver em outro lugar.

– Você tem razão, sem dúvida – acabou por dizer. – Vamos deixar isso para mais tarde. O importante é que nós nos amamos.

Surpresa, ela o observou de viés. Parecia perturbado. O que estaria escondendo? A mulher dos penduricalhos? Sentiu uma pontinha de decepção. Tinha triunfado rápido demais. Deveria se alegrar ou se inquietar com isso?

Pegou seu único par de botinas e se sentou para calçá-las.

– Pelo menos me deixe te oferecer calçados novos – ele disse, ajoelhando-se perto dela e acariciando a ponta dos sapatos deformados pelo dedão.

– Ah, isso eu quero, doces também. E flores, o tanto que você quiser.

– E depois...

– Depois a gente vê. Cada coisa no seu tempo.

Ela lhe entregou seu redingote. Antes de sair, contemplou com satisfação o quarto em desordem, onde a claraboia, livre de sua tampa, despejava um jorro de sol.

Posfácio

Em 6 de maio de 1889 foi inaugurada, no Champ-de-Mars, a grande festa da República: a quarta Exposição Universal Francesa (depois das de 1855, 1867 e 1878), destinada a comemorar com brilho o centenário da Revolução.

Em 1884, o presidente do Conselho, Charles de Freycinet, decidiu que o destaque seria uma torre monumental. Em consequência de um concurso que reuniu setecentos projetos (dos quais alguns extremamente fantasiosos, como a “torre-regador” para refrescar Paris nos dias quentes, ou a “torre-guilhotina”, como lembrança do Reinado do Terror), Gustave Eiffel, célebre construtor de obras metálicas (uma das mais famosas é o viaduto de Garabit), ganhou a encomenda. Sua torre ultrapassará o monumento, até então, mais alto do mundo, o obelisco de Washington (169,25 m). Será o símbolo da indústria e do poderio franceses. Os alemães empalidecerão de inveja.

A partir de 28 de janeiro de 1887, o novo campanário da capital, pintado num tom bronze que puxava para o vermelho, começa a subir aos poucos em direção ao céu, provocando a admiração de uns e a cólera de outros. J.-K. Huysmans qualifica-a de “supositório solitário”, Guy de Maupassant, de “esqueleto sem graça”. Quanto ao poeta Paul Verlaine, dá uma volta para não vê-la. Dia após dia, são montadas as sete mil e quinhentas toneladas de ferro e fusão, que representam esse Meccano gigante. Durante esse tempo, a França está a ponto de tombar na aventura “boulangista”.

Desde 1886, esse “bravo general”, imortalizado em uma canção interpretada por Paulus, *Enrevenant de la revue*, provoca sérias inquietações na República ainda tão jovem. À sua volta reúnem-se os católicos e os conservadores, chocados com o anticlericalismo do governo, bem como descontentes de toda espécie. Boulanger, ministro da Guerra em 1886-1887, bom de bico, cavaleiro elegante, é exímio em se servir da imprensa e em explorar a ideia de revanche contra a Alemanha, que, desde a derrota de 1870, ocupa a Alsácia e a Lorena. Apoiado pela Liga dos Patriotas, fundada por Paul Déroulède, o general é

levado, por um comitê chamado de “protesto nacional”, a se tornar deputado. Eleito em Dordogne e no Norte, ele reclama a dissolução da Câmara e a revisão da Constituição. A agitação boulangista chega a Paris, e em 27 de janeiro de 1889, o departamento do Sena o nomeia deputado por uma maioria acachapante. Acusado de complô contra a segurança do Estado, perante o Senado constituído como Alta Corte, Boulanger foge para a Bélgica e, em 14 de abril de 1889, é condenado à revelia à deportação em uma fortaleza. É o fim do movimento.

Também é o final da montagem da torre. Inaugurada em 31 de março de 1889, ela eleva seus 300,01 metros acima de uma sucessão de pavilhões dispostos a acolher uma multidão que se renova incessantemente. Em seis meses, 3.512.000 ascensionistas, que seguem o método de Gustave Eiffel para subir a pé, irão subir os 1.710 degraus da torre; trinta e três milhões de visitantes se acotovelarão na exposição. O presidente Sadi Carnot, que sucedeu a Jules Grévy – obrigado a renunciar em 1887, como resultado do “escândalo das decorações” – passeia sua bonomia pelas alamedas do Champs-de-Mars, como em um novo Versalhes.

À sombra da torre, o ferro francês se expõe na Galeria das Máquinas, símbolo do capitalismo nascente. Os donos das forjas e os homens do poder selaram sua aliança nos altos fornos e nos bancos. A exposição será, para o país e a capital, uma instalação segura. Os títulos emitidos nessa ocasião irão render vinte e dois milhões.

A exposição é também a oportunidade de levar os franceses a conhecer os territórios que colonizaram. A Tunísia é um protetorado francês desde 1881; o Aname desde 1883; o Camboja, desde 1884. Bamako foi ocupada em 1882. Fala-se de Madagascar, do Congo. Logo depois da abertura do Canal do Panamá, há grande interesse pela China. O criador da lata de lixo (1883), E.R. Poubelle, exclama: “Existe entre os povos da Europa uma corrida para ver quem é o primeiro a meter a mão nos territórios ainda livres. Nós demoramos muito a assegurar nossa parte, e agora temos que recuperar o tempo perdido”.

Os curiosos se acotovelam sobre a esplanada dos Invalides para admirar a reconstituição grandiosa de um dos templos de Angkor. As dançarinas javanesas despertam paixão, transita-se com facilidade da Nova Caledônia à Cochinchina, atravessa-se a vila senegalense para dar no café algeriano. Milhares de pessoas que nunca deixaram a França – e, às vezes, nem mesmo Paris – descobrem os outros povos do planeta. A Itália, a Espanha, a Hungria, a Rússia, as duas Américas, o Japão... O mundo inteiro as espera sobre o Champ-de-Mars, onde chegam percorrendo a pequena estrada de ferro Decauville.

Que progresso técnico, além dos realizados pela indústria ferroviária! Porque a exposição também é um prodigioso celeiro de invenções desse final de século, testemunha do aparecimento do primeiro submarino, do dirigível dos irmãos Renard, da bicicleta, do motor a explosão em quatro tempos. Se a Fée Électricité ainda não está muito espalhada por Paris, aqui ela brilha com todo o esplendor, e à noite a torre Eiffel se inflama, encimada por um farol tricolor que ilumina as colinas de Chaillot. No palácio das Artes Liberais, a fotografia expõe suas obras e seus aparelhos mais recentes, entre os quais a Kodak, do americano George Eastman. Sob a nave imensa da Galeria das Máquinas – 420 metros de comprimento por 45 metros de largura – as prensas rotativas Marinoni anunciam enormes tiragens de jornais, enquanto a Exposição Edison permite descobrir múltiplos aparelhos criados por esse gênio, do fonógrafo ao cinetoscópio. Quanto ao telefone, inventado em 1876 pelo americano Alexander Graham Bell, seu uso se generaliza: as primeiras cabines telefônicas públicas foram inauguradas em 1885.

A ciência triunfa, mas as belas artes também têm seu palácio, reflexo de um academicismo contestado pelos pintores sintetistas que, reunidos em torno de Gauguin, apresentam suas obras inovadoras no Café Volpini. Se certos artistas se inquietam com o progresso da fotografia, outros veem nela não uma rival, mas uma arte complementar que permite um novo olhar sobre a realidade. Outros, ainda, começam a virar as costas para o real e embarcar em viagens interiores que não tardarão a agitar a história da pintura, já em destaque, desde os anos 1850, pelo Impressionismo. As mesmas correntes agitam a música e a literatura: o naturalismo e o simbolismo têm seus adeptos ferrenhos. A própria história em quadrinhos vem à luz com *La Famille Fenoillard*, de Christophe.

Nas alamedas invadidas por riquixás e condutores de burros árabes, é possível cruzar com o príncipe de Gales, Savorgnan de Brazza, diversas cabeças coroadas, mas também com Búfalo Bill ou Sarah Bernhardt. Pode-se ouvir inglês, alemão, espanhol ou russo. Quanto aos visitantes franceses, eles tanto têm o sotaque meridional ou bourguignon, quanto o parisiense. Para os nascidos de pais estrangeiros, uma lei votada em 28 de junho de 1889 confirma o direito ao solo, o que lhes permite adquirir a nacionalidade francesa em sua maioridade.

Com menos operários do que pequeno-burgueses, o preço da entrada dessa imensa feira (cinco francos, ou seja, cem soldos, incluindo o direito de subir ao primeiro andar da torre) é elevado, quando se ganha em média não mais do que 4,80 francos por dia, trabalhando cotidianamente quatorze horas (“somente” dez horas por dia para os que têm entre treze e dezesseis anos, e onze horas por dia

para as mulheres, que recebem a metade dos homens), geralmente sem folga dominical. Nessa atmosfera de quermesse, temos tendência a esquecer as reivindicações cada vez mais violentas que agitam o mundo proletário, a ascensão do sindicalismo, o avanço do socialismo (a II Internacional acaba de ser fundada em Paris). A miséria não é exposta nos pavilhões rutilantes, mas nem por isso deixa de existir; não é preciso caminhar muito para encontrá-la em certos bairros de Paris.

Uma sucessão de aldeias, de bairros populares e de outros, reservados às pessoas afortunadas: assim é a Paris de 1889, essa Paris pós-haussmanniana, já parecida com a que conhecemos, mesmo se nela ainda circulem apenas fiacres e ônibus a cavalo. Por alguns anos mais, ouvem-se ali o barulho dos cascos sobre o pavimento de madeira e os gritos dos ambulantes; respira-se ali, às vezes, um ar quase campestre. Nela cruzamos com homens de cartola, bengala e luvas, que se sentam nos terraços dos cafés na esperança de que um golpe de vento revele o tornozelo das mulheres, martirizadas pelos espartilhos que lhes conferem uma cintura de vespa, enchapeladas com inacreditáveis jardineiras, afundadas em vestidos longos que encobrem a atraente porção inferior.

Sobre os muros, já aparecem cartazes publicitários que desnudam esses corpos cobiçados para alardear os méritos de um alvejante ou de um creme de beleza.

Algumas mulheres já se revoltam contra a condição que lhes é imposta nesse mundo masculino, reivindicam uma moda adaptada à vida cotidiana, liberdade na escolha amorosa, igualdade de direitos e de salários com os homens, direito ao voto e a se dedicar à profissão que quiserem, seja medicina ou pintura. Já se fala em feminismo.

Esse universo, ao mesmo tempo tão diferente e tão próximo do nosso, é uma época de contrastes. A um cosmopolitismo que encontra no Champ-de-Mars seu lugar de exposição ideal, de bar flamengo a restaurante anglo-americano, se opõem a xenofobia e o antissemitismo. Ao progresso das técnicas e do conforto se opõem os trinta mil desempregados existentes na capital. Não são eles que comprarão nas butiques da torre os milhares de objetos temáticos, que o comércio teve a ideia de lançar no mercado: cinzeiros, lenços, porta-plumas, peso de papel. Nasce a indústria do *souvenir*.

Uma bugiganga pontuda, cor de bronze, começa a invadir os bazares do mundo todo: essa torre em miniatura, feita com as aparas de ferro da “Torre”, é o símbolo da França e da Paris de 1889. É também o símbolo da paz tanto esperada. Mas nas fundições de Creusot se alinham os canhões das próximas

guerras. Porque, como escreveu um jornalista na *Revue Illustrée*: “Quando se atravessa as florestas de Bondy da Europa contemporânea, com os bolsos cheios de ouro, não é mais do que hora de deixar aparecer uma coronha de revólver?”.

TÍTULOS DA VESTÍGIO

.....

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas mutiladas no fundo de um lago. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas...

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio: desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado...

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar

das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de luxo, usando lingerie, e pais desesperados imploram para que Veum encontre uma garota desaparecida.

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Diane Silver é uma das melhores profilers do mundo e trabalha na base de Quantico do FBI. Caçar serial killers é para ela uma questão pessoal: sua filha, Leonor, foi torturada e morta. Apesar de ser perita em traçar o perfil de um criminoso, Diane não consegue até hoje entender como Leonor, tão desconfiada, aceitou seguir aquele que seria seu assassino.

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Sophie, uma jovem mulher que leva uma vida pacata, começa a cair lentamente na loucura: milhares de pequenos e inquietantes sinais se acumulam e, de repente, tudo se acelera. Seria ela a responsável pela morte de sua sogra e de seu marido enfermo?

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner

Crimes em série transformam livreiro em detetive

Paris, 1889, a cidade está em polvorosa com a Exposição Universal. Victor Legris, seu sócio Kenji Mori e seu amigo Marius Bonnet têm seu encontro na recém-inaugurada Torre Eiffel subitamente interrompido: uma mulher acaba de desabar vítima de uma estranha picada. A partir daí, se sucede uma série de mortes inexplicadas que vão marcar a estreia de Victor como investigador.

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Alguns garotos nunca perdoam...

Dois assassinatos perturbam a relativa tranquilidade de River Falls, que começava a se restabelecer dos sórdidos crimes de alguns meses antes. O que poderiam ter em comum um advogado brilhante, encontrado eletrocutado em sua banheira, e o cadáver de um mendigo, coberto de hematomas, resgatado do rio? É isso que o xerife Mike Logan, com a ajuda da célebre profiler Jessica Hurley, tentará descobrir.

Publicado originalmente sob o título “Mystère rue des Saints-Pères” © Éditions 10/18, Département d’Univers Poche, 2003 Copyright da tradução © 2014 Editora Nemo/Vestígio

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d’Aide à la Publication 2013 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.

Este livro, publicado no âmbito do programa de auxílio à publicação 2013 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.



Liberté • Égalité • Fraternité

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE



DIRETOR DA COLEÇÃO

Arnaud Vin

PREPARAÇÃO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Mariana Cruz

CAPA

*Diogo Droschi (Imagem: Artista desconhecido. Aspect général de l'exposition
– vue prise du Trocadéro. 1889)*

DIAGRAMAÇÃO

Waldênia Alvarenga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Izner, Claude

Assassinato na Torre Eiffel : crimes em série transformam
livreiro em detetive / Claude Izner ; tradução Elisa Nazarian. --
Belo Horizonte : Vestígio, 2014.

Título original: *Mystère rue des Saints-Pères*

ISBN 978-85-8286-052-6

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa)

I. Título.

13-13865 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

A **vestígio** É UMA EDITORA DO **Grupo Autêntica** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar,
Conj. 2301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoravestigio.com.br